



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

ESTG

A IMPORTÂNCIA DO DESIGN NA REABILITAÇÃO URBANA E RURAL
Carolina de Andrade Nogueira Ferreira

2026

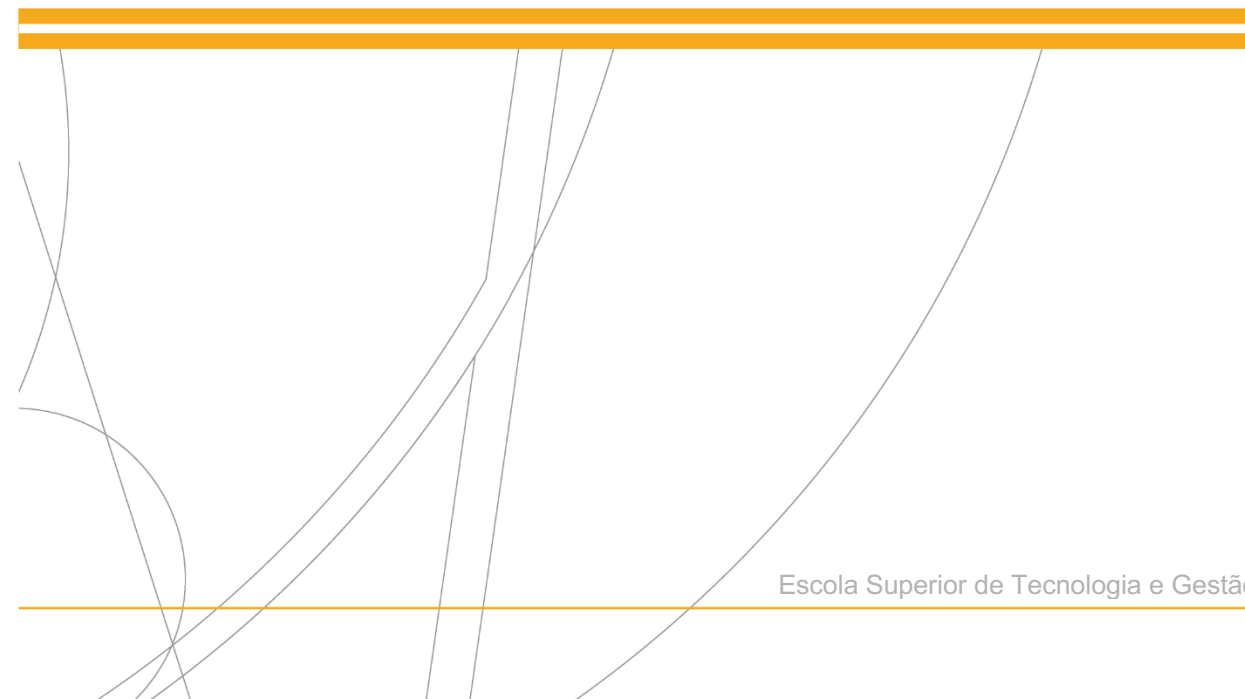
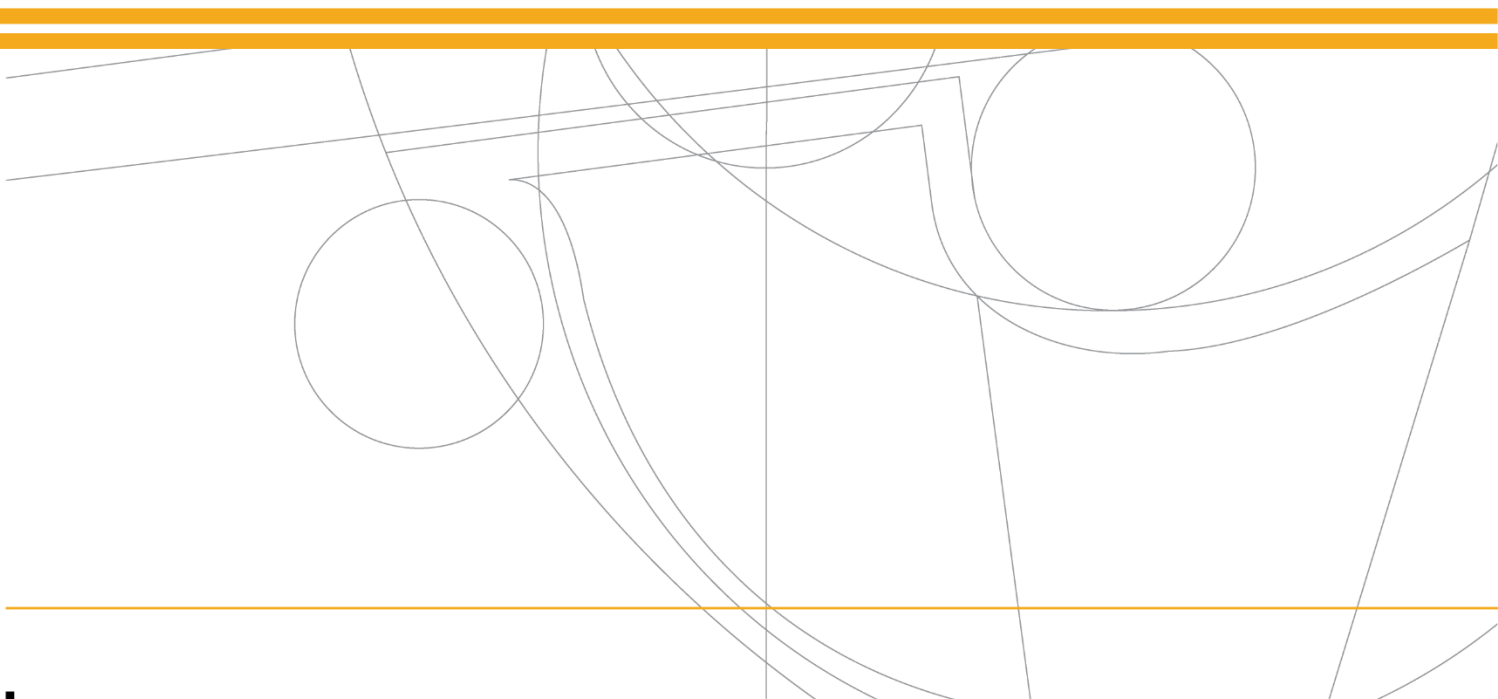


INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

A IMPORTÂNCIA DO DESIGN NA REABILITAÇÃO URBANA E RURAL

Carolina de Andrade Nogueira Ferreira

Escola Superior de Tecnologia e Gestão





INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Carolina de Andrade Nogueira Ferreira

A IMPORTÂNCIA DO DESIGN NA REABILITAÇÃO URBANA E RURAL

Nome do Curso de Mestrado
Design Integrado

Trabalho efetuado sob a orientação do(s)
Professor Doutor Luís Mota

Fevereiro de 2026

MEMBROS DO JÚRI

Presidente:

Vogal:

Vogal:

Em memória da minha melhor amiga, Cátia, que partiu antes de me ver concluir esta etapa, mas nunca deixou de iluminar os meus passos. Onde quer que estejas, espero que olhes para mim com orgulho, tal como a tua luta me deu inspiração. Este trabalho é o reflexo dos valores e força que me transmitiste.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradecer aos meus pais, que me incentivam todos os dias e sempre me incentivaram nos estudos, mais nesta etapa em especial. Obrigada por serem a minha maior inspiração, por acreditarem em mim e por todos os valores que me ensinaram, quer académicos quer pessoais, pois foi isso que me tornou na pessoa que sou hoje. Às minhas avós, à restante família e aos meus amigos, que me dão força para continuar e me alegram os dias.

Um agradecimento gigantesco ao professor doutor Luís Mota, por quem tenho uma enorme consideração e que me acompanhou e motivou desde o início até ao fim do trabalho. Agradeço-lhe do fundo do coração por toda a dedicação, disponibilidade e paciência que teve para comigo, ao longo destes anos de mestrado.

Por último e não menos importante, ao Miguel, por ser a minha metade, o meu braço direito e o meu maior apoio. Sou grata por partilhar a minha vida contigo, tanto nos bons e maus momentos. Obrigada por tudo o que fazes por mim.

Resumo

Devido à procura excessiva por habitação e à crescente dificuldade de acesso a habitações a preços razoáveis, é necessário pensar numa alternativa de fácil concretização. Perante esta escassez de ofertas no setor imobiliário, o conceito de reabilitação urbana e rural propõe-se como solução sustentável e economicamente viável, capaz de responder igualmente às necessidades contemporâneas de qualquer utilizador.

Este trabalho de investigação visa compreender o tipo de intervenção necessária a fazer no espaço escolhido, explorando conceitos como a habitação e a reabilitação de interiores, sem esquecer de analisar a importância do design de interiores e os seus fundamentos. Foi assim possível, perceber que o design não deve funcionar apenas como uma ferramenta estética, mas sim como uma disciplina que oferece funcionalidade, organização e significado a cada espaço.

Além de toda a investigação teórica, foi realizado um projeto de design de interiores, a partir de um espaço antigo localizado numa zona rural, no concelho de Penafiel, onde foram implementadas as metodologias estudadas da reabilitação e do design. Dentro do projeto, foram apresentadas soluções aplicadas à problemática a resolver, a recuperação do edifício, não esquecendo de corresponder às necessidades do cliente, trabalhando na otimização dos espaços interiores, nas peças de mobiliário eficientes e na escolha de materiais com propriedades sustentáveis. Foi através da articulação entre a investigação teórica e o trabalho de projeto, que foi estabelecido um vínculo entre o design e a reabilitação, evidenciando o seu contributo para a valorização do património existente.

Palavras-Chave

Design; Interiores; Preservação; Reabilitação; Sustentabilidade; Utilizador

Abstract

Due to excessive demand for housing and the growing difficulty in accessing affordable housing, it is necessary to consider an alternative that is easy to implement. Given this shortage of supply in the real estate sector, the concept of urban and rural regeneration is proposed as a sustainable and economically viable solution, capable of responding equally to the contemporary needs of any user.

This research aims to understand the type of intervention needed in the chosen space, exploring concepts such as housing and interior rehabilitation, without forgetting to analyse the importance of interior design and its fundamentals. It was thus possible to understand that design should not only function as an aesthetic tool, but also as a discipline that offers functionality, organisation and meaning to each space.

In addition to all the theoretical research, an interior design project was carried out, based on an old space located in a rural area in the municipality of Penafiel, where the studied methodologies of rehabilitation and design were implemented. Within the project, solutions were presented to address the problem at hand, namely the restoration of the building, while ensuring that the client's needs were met, working on the optimisation of interior spaces, efficient furniture and the choice of materials with sustainable properties. It was through the articulation between theoretical research and project work that a link was established between design and rehabilitation, highlighting its contribution to the enhancement of existing heritage.

Keywords

Design; Interiors; Preservation; Rehabilitation; Sustainability; User

Índice de figuras

Figura 1 – Vista exterior do beiral. Fonte: Carolina Ferreira	21
Figura 2 – Calendarização do projeto. Fonte: Carolina Ferreira	27
Figura 3 – Móvel multifuncional. Fonte: Pinterest	32
Figura 4 – Casa de banho acessível. Fonte: Bathroom Review	34
Figura 5 – Cozinha feita com materiais reciclados e sustentáveis. Fonte: Pinterest	38
Figura 6 – Interior da Amalienburg. Fonte: ArchDaily	42
Figura 7 – Movimento Arts and Crafts. Fonte: HAC	42
Figura 8 – Um dos três cartazes oficiais da Expo, da autoria de Robert Bonfils. Fonte: Art Deco Society	43
Figura 9 – Sala com estilo anos 2000. Fonte: Casa dos Afectos.....	44
Figura 10 – Antropometria. Fonte: Prevencion Integral	45
Figura 11 – Proxémia. Fonte: La Rioja.....	46
Figura 12 – Ergonomia numa cozinha. Fonte: Projetou	47
Figura 13 – Modulor, Le Corbusier. Fonte: Pavillon Le Corbusier	48
Figura 14 – Composição. Fonte: Freepik	49
Figura 15 – Formas no mobiliário. Fonte: Consentino	52
Figura 16 – Luz natural e sombra. Fonte: Freepik	53
Figura 17 – Luz Natural. Fonte: Freepik.....	56
Figura 18 – Luz Artificial. Fonte: Pinterest	58
Figura 19 – Esquema de iluminação em cozinhas. Fonte: Prediger.....	60
Figura 20 – Círculo Cromático. Fonte: Gettyimages	60
Figura 21 – Composição de mobiliário com cores frias e quentes. Fonte: Pinterest	64
Figura 22 – Cozinha reabilitada com elementos antigos. Fonte. Homify	65
Figura 23 e 24 – Casa reabilitada em Viana do Castelo. Fonte: Reabilitar Viana	68
Figura 25 – Cozinha reabilitada com pavimento em azulejo e teto em pedra antiga. Fonte: Pinterest	69
Figura 26 – Zona de trabalho integrada em armário. Fonte: Pinterest	75
Figura 27 – Cozinha com zona de refeição integrada. Fonte: Pinterest	76
Figura 28 – Móvel de arrumação multifuncional. Fonte: Pinterest.....	78
Figura 29 – Azulejo portugueses. Fonte: Pinterest.....	78
Figura 30 – Casas tradicionais portuguesas. Fonte: Jornal Expresso	80
Figura 31 – Ilustração de espaço de co-working. Fonte: Conexus Studio	81
Figura 32 – Piso rés do chão do beiral. Fonte: Carolina Ferreira	83
Figura 33 – Piso superior do beiral. Fonte: Carolina Ferreira	84
Figura 34, 35 e 36 – Interior e exterior do beiral. Fonte: Carolina Ferreira	84
Figura 37 e 38 – Idade e Género, gráficos dos resultados ao inquérito. Fonte: Google Forms	86

Figura 39 e 40 – Estado civil e Casa própria, gráficos dos resultados ao inquérito. Fonte: Google Forms.....	87
Figura 41 e 42 – Quantidade de pessoas a partilhar casa e a importância do espaço exterior numa casa reabilitada, gráficos dos resultados ao inquérito. Fonte: Google Forms	88
Figura 43 e 44 – Distância preferida entre a casa e a cidade e preferência de localização da casa, gráficos dos resultados ao inquérito. Fonte: Google Forms	88
Figura 45 – Maquete 1:20 em cartão. Fonte: Carolina Ferreira	89
Figura 46 e 47 – Esboços conceptuais feitos à mão. Fonte: Carolina Ferreira	89
Figura 48 – Proposta 1 do piso 0. Fonte: Carolina Ferreira	90
Figura 49 – Proposta 1: Sala e Cozinha. Fonte: Carolina Ferreira	90
Figura 50 e 51 – Proposta 1: Cozinha, Sala e Casa de banho de serviço. Fonte: Carolina Ferreira.....	91
Figura 52 – Proposta 1 do piso 1. Fonte: Carolina Ferreira	91
Figura 53 e 54 – Proposta 1: Quartos 1 e 2. Fonte: Carolina Ferreira.....	92
Figura 55 – Proposta 1 e 2: Casa de banho completa. Fonte: Carolina Ferreira.....	93
Figura 56 – Proposta 2 do piso 0. Fonte: Carolina Ferreira	93
Figura 57, 58, 59, 60 e 61 – Proposta 2: Sala, Cozinha, Casa de banho de Serviço e Quartos. Fonte: Carolina Ferreira	94
Figura 62 – Proposta 2 do piso 1. Fonte: Carolina Ferreira	95
Figura 63 e 64 – Piso 0: Hall de entrada e Escadas. Fonte: Carolina Ferreira.....	97
Figura 65 – Piso 0: Sala de Estar. Fonte: Carolina Ferreira	98
Figura 66 – Piso 0: Sala de Estar. Fonte: Carolina Ferreira	99
Figura 67 e 68– Piso 0: Cozinha. Fonte: Carolina Ferreira.....	100
Figura 69 e 70 – Piso 0: Casa de banho de serviço e lavandaria. Fonte: Carolina Ferreira	101
Figura 71 e 72 – Piso 1: Quarto principal. Fonte: Carolina Ferreira.....	103
Figura 73 e 74 – Piso 1: Quarto secundário. Fonte: Carolina Ferreira	104
Figura 75 e 76 – Piso 1: Casa de banho completa. Fonte: Carolina Ferreira	106

Lista de Abreviaturas/ Siglas

AICCOPN - Associação dos Industriais da Construção Civil e Obras Públicas Nacional

CIDECQ-UFP - Centro de Investigação e Desenvolvimento em Engenharia Civil e Qualidade

– Universidade Fernando Pessoa

CIDQ - Council for Interior Design Qualification

CM – Camara Municipal

CNN - Cable News Network

COV - Compostos Orgânicos Voláteis

DN – Diário de Notícias

EPA – Environmental Protection Agency

EPBD – Energy Performance of Building Directive

ESTG – Escola Superior de Tecnologia e Gestão

EU – União Europeia

EUA – Estados Unidos da América

HPL - High-Pressure Laminate

IIDA – Internacional Interior Design Association

INR – Instituto Nacional para a Reabilitação

IPVC – Instituto Politécnico de Viana do Castelo

LED - Light Emitting Diode

PNUMA – Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente

Índice

Dedicatória	5
Agradecimentos	7
Resumo + Palavras-Chave	9
Abstract + Keywords	11
Índice de Figuras	13
Lista de Abreviaturas/ Siglas	16
Índice	18

Parte 1 – Trabalho de Investigação

1. Introdução	21
1.1. Pergunta de investigação	22
1.2. Apresentação do problema	22
1.3. Objetivos gerais e específicos	23
1.4. Metodologia	24
1.5. Calendarização	27
2. Enquadramento Teórico	28
2.1. Design de Interiores	28
2.2. Design Universal	34
2.3. Design Sustentável	35
2.3.1. O Design e a Sustentabilidade	36
2.3.2. Papel do Designer na Sustentabilidade de um Espaço	38
2.3.3. Escolhas Sustentáveis	39
2.3.4. Soluções Sustentáveis e Não Sustentáveis	39
2.3.5. Reabilitação de Edifícios	40
2.4. História do Design de Interiores	41
2.4.1. Século XVIII	41
2.4.2. Século XIX	42
2.4.3. Século XX	43
2.4.4. Século XXI	44
3. Organização dos espaços interiores	44
3.1. Dimensionamento Humano	45
3.2. Escala e Proporção	47
4. Fundamentos do Design aplicados ao Design de Interiores	48
4.1. Composição	49
4.2. Equilíbrio	49
4.3. Simetria / Assimetria	50
4.4. Textura	51
4.5. Forma	51
4.6. Volume	52
4.7. Luz/ Sombra	53
4.8. Harmonia	54
4.9. Ritmo e Repetição	54
5. Iluminação	54
5.1. A Importância da Iluminação nos Espaços Interiores	55

5.2. Tipos de Iluminação.....	56
5.3. Esquemas de Iluminação.....	58
5.4. Controlo dos Esquemas de Iluminação	59
6. Cor	60
6.1. Perceção da Cor	61
6.2. Simbolismo da Cor.....	62
6.3. Esquemas de Cores	62
6.4. A Cor no Design de Interiores.....	63
7. Reabilitação	64
7.1. Preservação do Património e Compromisso com a Sustentabilidade	67
7.2. Papel do Design de interiores na Reabilitação	68
7.3. Desafios e Oportunidades na Reabilitação.....	70
8. Habitação	71
8.1. Tipologias de habitação	73
8.1.1. Habitação nos dias de hoje	74
8.1.2. Habitação Tradicional.....	78
8.1.3. Habitação Sustentável.....	80
8.1.4. Habitação Coletiva	81

Parte 2 – Trabalho de Projeto

1. Fase de Escolha do Projeto	82
2. Cliente	83
3. Pesquisa e Investigação sobre o Tema	85
3.1. Recolha e Análise de Dados.....	86
4. Fase Conceptual.....	89
5. Fase de Desenvolvimento	97
6. Conclusão	107
Bibliografia.....	110
Webgrafia	115
Fontes Iconográficas	119
Apêndices.....	122

Parte 1 – Trabalho de Investigação

1. Introdução

A problemática abordada ao longo do projeto de investigação é uma preocupação contemporânea, onde a reabilitação assume um papel importante tanto no desenvolvimento económico, social e cultural das cidades e zonas rurais, como no património arquitetónico. Nos dias de hoje, é também vista, como um elemento fundamental na contribuição para a melhoria da qualidade de vida da população, dos espaços e da atração de possíveis investidores e de turismo.

Para que estas intervenções tenham sucesso, é importante que seja seguido um padrão de construção sustentável no processo de reabilitação “As intervenções de reabilitação do património construído são oportunidades únicas para promover a sustentabilidade, como meio para a conservação e atualização dos recursos históricos e ambientais.” (Silva, M., 2013, p.1), assim como reduzir as intervenções necessárias, para facilitar as técnicas de construção e reduzir custos e materiais.

O caso escolhido tem como diretrizes, a transformação de um beiral em habitação para venda/aluguer, mas também a criação de condições de habitabilidade com qualidade, reduzindo os custos e privilegiando a simplicidade e funcionalidade. A casa situa-se na aldeia de Meinedo, no concelho de Penafiel, distrito do Porto. O beiral, é uma construção composta “(...) por dois pisos, (...) tendo sempre como extensão uma eira, complemento à sua fachada. A sua forma retangular é uma constante, sendo o seu aspeto estético e construtivo variável (...)” (Ribeiro, A. S., 2016, p.33).

Para que a realização deste projeto fosse concretizada, foi necessário estudar alguns pontos importantes na



Figura 1 - Vista exterior do beiral. Fonte: Carolina Ferreira

conceção do mesmo, por isso foi esquematizado todo o processo desta investigação, desde ao primeiro momento onde define o seu problema até à preparação para a produção final. Todo este processo é realizado em colaboração com o orientador e com o cliente, facilitando assim as fases de teste e o respetivo *feedback*. É importante realçar que a mestranda se sentiu capaz de prosseguir com a investigação seguida do projeto, com o intuito de estudar

e conseguir provar a importância do ramo da recuperação e reabilitação dos interiores de espaços rurais e urbanos.

Com o desenvolvimento deste projeto, espera-se ter conseguido, resultante do processo de investigação e consequente análise e crítica do problema que justifica a intervenção do design na recuperação do imóvel, uma solução de organização do espaço interior que traduza uma perspetiva contemporânea do conceito de habitar, bem como obter uma solução assente em critérios sustentáveis, viável financeira e economicamente e que potencie as características mais relevantes do espaço estudado.

1.1. Pergunta de investigação

Poderá a intervenção em design de interiores aportar mais valias ao processo de reabilitação urbano e rural?

1.2. Apresentação do problema

O gosto da mestrandia pela área do design de interiores e a preocupação com a recuperação do edificado urbano e rural das regiões portuguesas, foram tidos em consideração de forma que fosse apresentada uma solução que aporte melhoria da qualidade habitacional dos espaços abordados ao longo deste trabalho. No desenvolvimento deste projeto foi realizada uma pesquisa sustentada acerca da problemática escolhida, de forma que o tema seja compreendido e claro.

O projeto desenvolvido, apresenta a proposta de recuperação de uma casa antiga em pedra, construída para fins de agricultura e pecuária, sendo complementada por uma extensa área exterior à sua volta e por duas casas com o mesmo estilo.

Considerando que uma boa parte das cidades portuguesas é constituída por edifícios antigos que necessitam de ser restaurados e modernizados, considera-se pertinente o estudo desenvolvido sobre o contributo do design nos processos de projetos de recuperação imobiliária. Nesse sentido, e considerando a tipologia de intervenção realizada, entende-se por reabilitação urbana, “(...) um processo essencial para a revitalização de áreas urbanas degradadas (...). Este processo envolve a transformação do solo urbanizado, incluindo a construção, reconstrução e conservação de edifícios, com o objetivo de melhorar as condições de uso e preservar o carácter histórico e patrimonial (...)” (CM Penafiel), sendo necessário atuar de forma consciente, para que haja uma melhoria da qualidade de vida dos cidadãos e dos espaços.

O design de interiores caracteriza-se como uma disciplina que tem como objetivo a criação de soluções para a organização de espaços interiores que atendam aos desejos, necessidades e estilos de vida dos utilizadores e que sejam principalmente funcionais e atraentes, proporcionando uma melhor qualidade de vida, tal como refere Dodsworth

(2009), “Um designer de interiores trata com competência o planeamento do espaço e a criação de esquemas decorativos, enquanto considera grandes mudanças estruturais”. (Dodsworth. 2009. p.11). No design de interiores estão envolvidas uma grande diversidade de deveres, desde a seleção de cores até ao desenho do próprio mobiliário, sendo importante salientar, que todo o processo do design de interiores é realizado em conjunto com os clientes, para que o designer perceba os gostos, preferências e necessidades dos mesmos, e para que seja possível fazer adequações e alterações, sempre que necessário. Quando o projeto se encontra finalizado, o designer passa também a colaborar com toda a equipa de construção, supervisionando toda a produção/construção. Para que todo este processo de reabilitação ou construção se realize, os designers de interiores têm a necessidade de estar atualizados sobre temas como tendências atuais de todo o tipo de design, arquitetura, ergonomia, arte, novas tecnologias e materiais que, revertendo todo este conhecimento nas soluções que desenvolvem, possam responder às preferências, necessidades e expectativas de quem os contrata.

1.3. Objetivos Gerais e Específicos

Objetivos gerais:

- Compreender qual é o significado de habitação nos dias de hoje;
- Estudar as diferenças entre reabilitação urbana e reabilitação rural.
- Compreender qual poderá ser a contribuição do design de interiores na reabilitação urbana e rural;
- Perceber qual é a importância do design no âmbito dos espaços interiores;
- Adquirir mais conhecimento especializado sobre a área do design de interiores;
- Preparar a aluna para o futuro profissional;

Objetivos específicos:

- Criar um projeto de interiores com o intuito de reabilitar um espaço antigo;
- Compreender as necessidades e preferências do cliente para proporcionar uma boa conexão com o espaço criado;
- Estudar a problemática da habitabilidade dos espaços habitacionais na contemporaneidade, de forma a perceber qual será a melhor resposta e/ ou solução a apresentar ao cliente;
- Aprofundar conhecimentos sobre os pontos de vista e opiniões da população, à cerca da problemática escolhida;
- Estudar e desenvolver aptidões relativas ao processo de projeto específico em design de interiores;

- Acompanhar todo o processo desde as fases iniciais de contextualização da intervenção, passando pelas fases de conceção e desenvolvimento, de definição técnica, adquirindo conhecimento sobre o todo processo de criação, produção e construção de espaços interiores.

1.4. Metodologia

Para que seja possível realizar este trabalho de investigação aplicada na área do design de interiores, é necessário que se preveja e planeie todas as fases, ações e atividades que definem o desenvolvimento do mesmo. Foram definidas metodologias de investigação, organizadas através do modelo linear metodológico de Horst Rittel, através de uma “sequência linear de ações a partir da qual cada etapa dependerá sempre do resultado da etapa anterior, podendo haver realimentações pontuais no interior de cada etapa.” (Siqueira, et al., 2017, p.55). Para este trabalho de investigação, foram selecionadas como metodologias para a investigação, a intervencionista e mista, com base qualitativa e quantitativa.

A escolha pela metodologia intervencionista surgiu com a necessidade de uma recolha de dados, para que seja possível obter toda a informação sobre o objeto de estudo, sendo importante a interpretação da informação e dos resultados que são obtidos na “(...) criação de condições mais ou menos experimentais, associadas a um claro design metodológico, assim como uma avaliação sistemática e a interpretação de toda a informação, especialmente ao nível dos resultados.” (Moreira da Silva, 2010, p.88). Com isto, entende-se que com esta metodologia é possível estudar a origem e o contexto do problema, definido pelo cliente e proprietário do espaço a intervir, tal como John Creswell refere “(...) a investigação contém uma agenda de ação para a reforma que pode mudar a vida dos participantes (...). Além disso, são abordadas questões específicas que falam de questões sociais importantes da atualidade (...)” (Creswell J., 2009).

Já na metodologia mista, foram combinados os métodos qualitativos e quantitativos de pesquisa, com o objetivo de cruzar os mesmos, como menciona John Creswell, “A investigação com métodos mistos é uma abordagem de investigação que combina ou associa formas de investigação qualitativas e quantitativas. (...) utilização de abordagens qualitativas e quantitativas e a mistura de ambas as abordagens num estudo.” (Creswell J., 2009).

Assim sendo, esta investigação foi estruturada em 5 fases:

1ª FASE:

Na primeira fase da investigação, é utilizada a metodologia não intervencionista mista com bases qualitativas e quantitativas. Realizou-se uma recolha de dados inicial através de entrevistas e inquéritos.

As entrevistas foram realizadas, com o objetivo de obter dados qualitativos, como pontos de vista e opiniões, de acordo com o que refere John Creswell “Entrevistas qualitativas significam que o investigador realiza entrevistas presenciais com os participantes (...). Estas entrevistas envolvem perguntas não estruturadas e geralmente abertas, em número reduzido e destinadas a obter pontos de vista e opiniões dos participantes.” (Creswell J., 2009), e os inquéritos foram obtidos, com o intuito de recolher informação através dos resultados, de carácter quantitativo, que melhor traduzam as opiniões da amostra de utilizadores considerada.

Ainda nesta fase foi realizada uma recolha de dados bibliográficos, sobre temas e conceitos importantes para o desenvolvimento do trabalho, na medida em que “Envolve estudo e análise de fontes; análise e documentação de produtos de design; processamento de informação. Geralmente este tipo de investigação não envolve o empírico testar da hipótese.” (Moreira da Silva, 2010, p.88)

2ª FASE:

A segunda fase desta investigação, considerada intervencionista, destinou-se à elaboração de esboços, modelos de estudo, modulação 3D e consequente realização de testes dos conceitos com o cliente, estabelecendo-se sempre a interação com o público-alvo. Esta fase tem como fundamento, a base qualitativa pois vai buscar a informação dos conceitos e resultados retidos na fase anterior, para que possa cumprir com os requisitos pedidos. Nesta fase foi necessário conjugar a parte conceptual e técnica com a imaginação e criatividade para obter bons resultados, tal como é referido por Tim Brown “Esta mudança do físico para o abstrato e vice-versa é um dos processos mais fundamentais através do qual exploramos o universo, desbloqueamos a nossa imaginação e abrimos a nossa mente a novas possibilidades.” (Brown T., 2009)

3ª FASE:

Na terceira fase, a investigação teve carácter intervencionista com base qualitativa, sendo constituída pela fase do desenvolvimento técnico e formal da ideia elegida, assim como, aspetos relacionados com técnicas de produção, materiais, custos, entre outros e também a sua maquetização (modelação 3D e maquete), de forma que seja possível visualizar o projeto e as suas características beneficiando “(...) o próprio processo de criação de protótipos cria a oportunidade de descobrir ideias novas e melhores (...)” (Brown T., 2009)

4ª FASE:

Nesta fase de realização de testes, a investigação foi caracterizada pelo método intervencionista, tendo uma base qualitativa, resultante do confronto dos resultados obtidos com o cliente e a amostra de utilizadores que puderam colaborar com o estudo/projeto a

desenvolver. Foram realizados os testes finais com o utilizador, de forma que fossem feitos os últimos ajustes, antes da fase final.

A interação com o cliente e a amostra de utilizadores finais foram determinantes para perceber e confirmar o ponto de vista dos mesmos, perante o projeto e a investigação, prática igualmente defendida por Fernando Moreira da Silva: “(...) a prática tem um carácter normativo baseado nas preferências, pontos de vista e ideologia pessoais (...)”. (Moreira da Silva, 2010, p.86)

5ªFASE:

Na última fase da investigação, utilizou-se a metodologia intervencionista tomando partido das bases qualitativa e quantitativa, expressas no cruzamento de dados qualitativos e quantitativos que serviram de análise fundamentada aos resultados intermédios e finais do estudo/projeto de interiores do espaço intervencionado pela mestrandia. Esta fase constituiu-se pela preparação para produção/construção do projeto e pela definição das conclusões sobre todo o projeto e processo. Nas conclusões, analisaram-se todas as fases anteriores, revendo os pontos fortes e fracos de toda a investigação. Este projeto, para além da sedimentação da prática no âmbito do design de interiores, teve como objetivo abrir portas ao mundo do design de interiores, podendo ser uma ajuda para a integração no mercado de trabalho.

1.5. Calendarização

1. RECOLHA DE DADOS

Definição do problema;	SETEMBRO
Decomposição do problema em partes;	OUTUBRO NOVEMBRO
Recolha de dados (entrevistas, inquéritos, revisão bibliográfica, pesquisa de similares);	DEZEMBRO JANEIRO
Análise de dados.	FEVEREIRO

2. LEVANTAMENTO DE HIPÓTESES

Criação de ideias, conceitos e soluções;	MARÇO ABRIL
Estudo de tecnologias, técnicas de produção e construção, materiais, etc.;	MAIO JUNHO
Experimentação e testagem dos conceitos com o cliente	JULHO AGOSTO

3. DESENVOLVIMENTO TÉCNICO E FORMAL

Esboços e desenhos técnicos;	SETEMBRO OUTUBRO
Prototipagem em modelo físico e 3D;	NOVEMBRO DEZEMBRO
Eleição de elementos (materiais, técnicas de produção, custos, etc.)	JANEIRO FEVEREIRO

4. TESTES

Avaliação dos resultados da avaliação dos modelos, deteção de falhas no projeto com o cliente;	MARÇO ABRIL MAIO
Avaliação de pontos de vista e opiniões.	JUNHO JULHO AGOSTO

5. PREPARAÇÃO PARA PRODUÇÃO/ CONSTRUÇÃO

Análise fundamentada aos resultados intermédios e finais do projeto;	SETEMBRO OUTUBRO
Fase final da produção;	NOVEMBRO DEZEMBRO
Revisão dos pontos fortes e fracos da investigação; conclusão da tese.	JANEIRO FEVEREIRO

Figura 2 - Calendarização do projeto. Fonte: Carolina Ferreira

2. Enquadramento Teórico

2.1. Design de interiores

O conceito de design não pode ser simplificado pela multiplicidade de definições existentes. Como refere Gibbs (2009), o “papel de um designer (...) é polivalente” (Gibbs, 2009, p.8) e para que obtenha bons resultados, o designer necessita de ter boa comunicação e “(...) ser eficiente e disciplinado, possuir tanto aptidões comerciais como ser flexível, criativo e ter senso artístico.” (Gibbs, 2009, p.8). Isto porque o mundo do design de interiores tem uma conexão forte com o público a quem se destina o trabalho de design, relacionando-se não só com os clientes e utilizadores, mas também com outros profissionais que de forma direta e indireta intervêm no processo.

No âmbito do design incluem-se todos os processos técnicos e criativos relacionados com a conceção, elaboração e especificação de algo, sendo que estes processos são sempre determinados por um objetivo ou propósito. Assim, existem diversas vertentes específicas do design que estão em harmonia com o objetivo a projetar.

O design é um elemento crucial na valorização e construção de uma identidade visual, tanto como produtos, espaços, serviços ou empresas, por estar diretamente ligado à imagem dos mesmos. Claramente que entre todos os tipos de design, haverá sempre qualidades comuns e “(...) uma condição *sine qua non* é possuir um grande domínio do funcionamento do ofício (...)” (Gibbs, 2009, p.8). Para o sucesso do designer tem de haver um rigoroso domínio dos detalhes e uma habilidade rigorosa de materializar os conceitos e ideias pretendidas, pois tal como Gibbs (2009) cita Martin Waller “Grandes projetos caem rapidamente no esquecimento quando não são construídos dentro do prazo e do orçamento previstos.” (Gibbs, 2009, p.8 cit in Martin Waller). Todo o desenvolvimento de projeto está sob o cargo do design, ou seja, definir como será feito, público-alvo, o processo, com que meios ou materiais e até por quem. Pode até ser um forte aliado de várias áreas de especialidade, responsabilizando-se pela estética, funcionalidade, sustentabilidade, inclusividade, entre outros, envolvendo outras áreas do conhecimento.

Falando no design de interiores, este está inserido na vertente do design de composição e organização de espaços; isto é, o designer de interiores tem como objetivo trabalhar com a pormenorização de todos os elementos que constituem os espaços, incidindo na definição dos espaços e na especificação dos produtos/mobiliários/componentes que os compõem, para que estes possuam características, entre elas, funcionais, decorativas, inclusivas e sustentáveis.

O papel do designer de interiores passa não só por entender o espaço do habitar, as suas condicionantes, possíveis problemas, mais-valias, mas também por relacionar as características do indivíduo que o habita. Tal como é dito pela Council for Interior Design

Qualification (s.d.), o designer aplica “(...) metodologias baseadas em evidências para identificar, analisar e sintetizar informações na geração de soluções de design holísticas, técnicas, criativas e contextualmente adequadas (...)” para corresponder às necessidades e objetivos do utilizador e, promover “(...) a saúde, a segurança e o bem-estar, ao mesmo tempo que apoiam e melhoram a experiência humana.” (CIDQ, s/ data).

O designer de interiores deve partir do existente e, ao intervir sobre ele, o mesmo estará apto a aproveitar ao máximo a sua capacidade de transformar um espaço com outras finalidades. Com isto, o profissional insere-se neste mundo como um “reutilizador”, onde utiliza os traços previamente criados e deixados para desenvolver o seu projeto.

No quotidiano em que a mudança é notória, o designer de interiores é co-responsável para detetar problemas, definir estratégias e gerar oportunidades, integrando projetos multidisciplinares, isto é, o designer deve possuir “(...) de uma criatividade difusa (...) e não pode desistir da ideia de se tornar uma figura socialmente responsável para as pessoas que tentam encontrar alternativas (...)” (Deganello, 2021) para os seus problemas atuais. Com isto, pode ser equacionada a integração das tecnologias avançadas auxiliando os designers na sua metodologia e processo de trabalho, como também na criação das melhores soluções para os desafios de diversa ordem com que se depara no exercício das suas funções. O Design de Interiores, dada a sua natureza multidisciplinar, “(...) torna-se um processo projetual com objetivos relacionados com o desenvolvimento da vertente humana em conexão com uma rede social, afirmando-se como um processo de diálogo entre o projeto e o público.” (Campos, 2012, p.68). A prática de projeto em design de interiores habitacionais obriga os profissionais a conhecer e dominar características como padrões de circulação das famílias, as necessidades requeridas nas instalações elétricas, sistemas de segurança e a própria segurança infantil, entre outras.

Com o crescimento do setor imobiliário, as empresas construtoras estão conscientes de que um design de qualidade pode influenciar o sucesso dos seus empreendimentos, assim sendo, o projeto de design de interiores deixa de ser apenas um componente adicional, passando a tornar-se num serviço complexo que valoriza o espaço e serve quem o habita. Assim, estas empresas associam-se ao estilo de design que mais representa a visão dos espaços construídos, dando a oportunidade aos designers de desenvolver projetos desafiantes que aportam na melhoria das condições de cada habitação.

Segundo a Associação Internacional de Design de Interiores (IIDA), este profissional tem como objetivo “(...) criar um ambiente interior que atenda, proteja e responda às necessidades humanas (...) incorporando processos e estratégias (...) com decisões informadas sobre estilo e estética.” (IIDA). Além disso, tem a responsabilidade de fasear e formular o projeto executivo, especificando as várias fases de trabalho, sem esquecer a escolha de elementos construtivos e não estruturais. Apesar das responsabilidades de um designer de interiores, é importante salientar a necessidade da colaboração do mesmo com

outros profissionais qualificados nas áreas adjacentes, tais como arquitetos, engenheiros, eletricitas e até mesmo carpinteiros, entre outros, podendo assim facilitar a decisão das melhores alternativas e/ou soluções desde a implementação até à finalização do projeto.

Apesar de ser frequentemente confundido com o decorador, o designer de interiores pode ser colocado no ponto intermédio entre a arquitetura de interiores e a decoração de interiores. “O âmbito dos projetos realizados por designers de interiores varia, desde os puramente decorativos até aqueles que exigem grandes alterações estruturais para cumprir o briefing.” (Dodsworth, 2009, p.11). O designer interpreta o projeto de forma que possa transformar espaços, tendo sempre em atenção a relação entre a qualidade e a funcionalidade dos mesmos e a componente estética, como a disposição dos móveis, cores, aplicação de materiais e acabamentos. Introduz, assim, uma dimensão adicional ao espaço, onde a experiência dos utilizadores é aprimorada, tendo em conta o seu dia a dia, podendo atribuir também um significado ao ambiente. Esta disciplina vai para além da estética e consegue combinar aspetos práticos e até filosóficos, como verificado em abordagens como o “Feng Shui”, onde é estudada “(...) a influência do espaço no nosso bem-estar e a forma como os locais onde vivemos e trabalhamos se refletem no modo como nos sentimos.” (APFengShui, 2017). Criam-se espaços esteticamente atraentes, que representam uma análise lógica e racional da resolução e organização dos espaços, até argumentos visuais e de valor que muitas vezes procuram transformar o que é básico em formas novas e cativantes de viver a vida. Assim, o designer concentra-se na criação de ligações entre os indivíduos e os espaços que estes frequentam, isto requer que o profissional estude “(...) a forma como as pessoas vivenciam esses ambientes e como o seu design apoia as suas diferentes atividades.” (Coleman, 2002, p.11), inserindo estes fatores na estratégia de projeto como nos detalhes mais específicos.

Enquanto uma disciplina estética, técnica e funcional, o design de interiores, desempenha um papel fundamental na caracterização dos espaços e ambientes que vivemos. A interação entre o design de interiores e uma habitação vai muito além de uma mera decoração, pois “(...) torna um espaço mais fácil de compreender, e experimentar esse espaço também eleva o espírito.” (Dodsworth, 2009, p.10). Esta relação é intrínseca, pois transforma não apenas a aparência dos espaços, como também a sua capacidade de promover “(...) uma nova dimensão a um espaço.” (Dodsworth, 2009, p.10)

Cada fase de um projeto de interiores é importante, pois todas elas contribuem para a criação dos conceitos finais que não serão só esteticamente agradáveis, como serão práticos e adaptados às necessidades, desejos, características e objetivos dos consumidores finais. A interação com o cliente, pode funcionar “(...) de diferentes maneiras e não há uma fórmula para uma abordagem correta. Trata-se, essencialmente, de uma parceria em que ambas as partes contribuem, uma incentivando a outra. (Gibbs, 2009, p.42). Esta relação facilita todo o processo a seguir, de maneira que os requisitos pedidos pelo

cliente sejam de fácil implementação na parte prática do projeto. Por exemplo, a escolha de paletas de cores que caracterizam cada espaço tem influência direta em aspetos como o humor e as sensações que emanam do espaço, e que se procura traduzir no *moodboard*,¹ por norma apresentado ao cliente como forma de ilustrar o conceito pretendido.

As mudanças gerais em valores culturais, denominadas “tendências”, reproduzem no design de interiores contemporâneo, diferentes estilos que “inspiram” os profissionais desta área, interferindo na definição das soluções. Uma vez que o designer “(...) representa um papel relevante no desenvolvimento da cultura material, na medida em que abrange atividades de planeamento, decisões e práticas, que afetam direta e indiretamente a vida das pessoas (...)” (Ono, 2004, p.54), deve estar atento a todos os novos instrumentos, seja de trabalho, como de construção ou apenas estéticos, ao estudar a essência de cada tendência, para que seja possível responder aos objetivos do possível utilizador. Assim, entende-se como uma responsabilidade do designer a “(...) sua participação no processo de desenvolvimento de produtos para a sociedade, na medida em que a sua atuação é determinante na interpretação dos requisitos simbólicos, de uso e técnicos, e no desenvolvimento da cultura material.” (Ono, 2004, p.53). Isto é, pensa-se que a adaptação às mudanças da sociedade, deve ser feita a partir de uma abordagem à questão da diversidade cultural, percebendo qual é o papel do designer na ligação entre a cultura material e o design. Este papel deve analisar “(...) a pluralidade e a variabilidade de características, necessidades e anseios dos indivíduos e grupos sociais, e a necessidade de se respeitar as suas identidades e promover a autonomia, sabedoria e melhoria da qualidade de vida para a sociedade como um todo.” (Ono, 2004, p.53)

Ser culturalmente autêntico nas suas interpretações é fundamental para o designer de interiores, criar espaços que se interliguem com um público global. Apesar de ser frequentemente mencionado que o design de interiores pode ser convertido numa linguagem universal, nem sempre será apropriado criar espaços com elementos de design próprios de uma certa região, pois estes contam a história de países com diferentes culturas, costumes, climas e tipos de luz. Consequentemente, o designer deve ser cuidadoso, pois optar por uma linguagem apenas “(...) por ser original e surpreendente nem sempre é a atitude mais correta (...)” (Gibbs, 2009, p.35) sendo necessário que a identidade étnica seja considerada e respeitada.

“O design envolve um processo contínuo de aprendizagem e nunca devemos deixar de educar nossa vista através de arte, de viagens, livros, filmes e peças de teatro.”

(Gibbs cit in Unruh, 2009, p.35)

¹ É uma ferramenta de estudo usada pelos designers, para estudar inspirações de materiais, imagens, cores, texturas, com o objetivo de definir o conceito de um projeto.

A funcionalidade é uma das premissas mais valorizadas no âmbito do design de interiores, ou seja, um projeto bem pensado e desenhado que traduz os pedidos dos seus habitantes tem de garantir que cada elemento tem um significado e um propósito evidentes. Outros fatores, como a questão da sustentabilidade, têm sido uma preocupação crescente na prática do design de interiores. Espaços que integram práticas sustentáveis não só refletem uma consciência ambiental, mas também oferecem ambientes mais saudáveis e confortáveis, comprovando a importância de um design que respeita e valoriza o meio ambiente. Cuidados como a utilização de materiais ecológicos, sistemas de produção e construção menos poluentes, integração de sistemas de iluminação eficientes, são



Figura 3 - Móvel multifuncional. Fonte: Pinterest

alguns dos exemplos praticados que contribuem para a sustentabilidade sem fugir aos requisitos dos clientes, de forma eficaz.

Tudo isto, porque o consumo dos recursos naturais e energia tem vindo a aumentar nas últimas décadas como nunca, e desta forma, é necessário que haja uma grande mudança no estilo de vida, e tendo em conta “(...) que os países em desenvolvimento tendem a elevar os padrões de vida para se equiparar aos países desenvolvidos (...)” (Gibbs, 2009, p.39), as consequências negativas sobre os recursos humanos do planeta, são resultado do atual estilo de vida da população. A intensa exploração de recursos naturais para a construção, a utilização de materiais com componentes químicos e ligados à emissão de gases de efeito estufa, o uso desmedido dos sistemas de eletricidade, condicionamento e aquecimento do ar, são apenas alguns dos exemplos que constituem a lista de um péssimo usufruto dos recursos naturais. Neste sentido, o designer “(...) não deve perder a oportunidade de desenvolver projetos que respeitem o meio ambiente junto a seus clientes e colaboradores (...)” (Gibbs, 2009, p.39), criando espaços que respeitem o meio ambiente, de forma a poder amenizar este problema.

O design de interiores é uma forma de manifestação pessoal e cultural, que reflete os gostos, valores, a personalidade e os estilos de vida dos seus utilizadores. A função estética torna-se também um dos fatores a considerar, pois desempenha um papel essencial num ambiente, na medida em que contribui para fortalecer a ligação emocional do

frequentador através da linguagem visual, ou do estilo adotado na definição dos espaços. Dessa forma, o designer tem a responsabilidade de compreender qual é a essência das suas necessidades, pela definição de formas, dimensões, cores, texturas, materiais, acabamentos de superfície, tentando criar um projeto onde se transmitam os desejos e propósitos que melhor consigam corresponder às mesmas.

Nos fatores a serem considerados, introduz-se a iluminação como um dos elementos importantes que contribuem para a definição dos ambientes em espaços interiores, não se prendendo apenas a uma questão funcional da visibilidade, mas sim enquanto contributo na criação de atmosferas, de ambientes que traduzem estados de espírito e estilos de vida dos habitantes dos espaços. Como referem Chris Grimley e Mimi Love (2007) a iluminação, tanto “(...) natural ou artificial, tem impacto sobre quase todo aspecto de um ambiente interno, em termos tanto funcionais quanto emocionais, os designers precisam entender como integrá-la a seu conceito de projeto.” (Grimley e Love, 2007, p.213)

A escolha da paleta cromática é outro componente-chave. A combinação certa de cores não se cinge apenas ao gosto pessoal, sempre que “(...) utilizadas com conhecimento e cuidado, (...) podem aumentar o peso visual das superfícies, alterar as proporções básicas de um recinto (...)” (Grimley e Love, 2007, p.150), podendo influenciar o humor e o comportamento das pessoas que frequentam o espaço.

Os materiais são o fator mais importante para um projeto de design de interiores, pois é através deles, que todo o processo de desenvolvimento de um espaço, é trabalhado. A escolha destes elementos deve “(...) se basear em um processo contínuo de pesquisa (...) para se manter atualizado sobre os últimos avanços no design de materiais e produtos.” (Grimley e Love, 2007, p.154)

Para além disso, o designer de interiores não deve subestimar as peças de mobiliário. São elementos que definem zonas de uso dentro de um espaço, e um arranjo cuidadoso dos mesmos, pode facilitar a interação social ou até promover a concentração e a produtividade, dependendo das necessidades dos habitantes. O profissional deve também perceber a importância de cada tipologia de mobiliário, sendo que este é uma parte fundamental que constitui as ferramentas do design.

No entanto, o verdadeiro caráter de um espaço habitável vai para além dos seus elementos físicos. O ambiente deve ser pensado e transformado conforme os comportamentos e interações dos seus intervenientes. Essa adaptação do espaço cria uma dinâmica única, onde os elementos conjugados interagem com as necessidades e objetivos individuais, tornando-o verdadeiramente habitável e adaptável às especificações de cada espaço.

O espaço interior é resultado de uma cuidadosa interação entre elementos de projeto como a materialidade, a luz, o mobiliário e o cromatismo, expressos através de formas, dimensões, texturas, materiais, acabamentos. Assim sendo, o designer contemporâneo não

pode apenas basear-se nos fundamentos primários do design, sem considerar temáticas contemporâneas como a inclusividade, sustentabilidade, humanização do design, etc., pois é na vivência cotidiana e nas relações humanas que os ambientes adquirem a sua verdadeira identidade, onde se tornam não apenas um lugar para viver, mas sim um espaço que enriquece e se adapta às vidas daqueles que o frequentam.

2.2. Design Universal

São frequentemente desenvolvidas pelo designer de interiores soluções orientadas para um utilizador estereotipado, caracterizado pela sua normalidade cognitiva e física. No entanto, esta abordagem baseada em exemplos universais desconsidera as vulnerabilidades e limitações existentes, o que resulta em barreiras à acessibilidade para esta minoria de utilizadores que não se enquadram neste padrão estandardizado. Esta perspetiva, quando analisada apenas de forma lógica, ignora as diferentes experiências sensoriais, motoras e cognitivas que os indivíduos têm no confronto com os espaços e nas relações que com estes estabelecem, o que leva muitas vezes, à exclusão ou à insatisfação de parcelas significativas da população. As necessidades destes grupos de utilizadores específicos “(...) incluindo crianças, adultos mais velhos, pessoas com deficiência, pessoas doentes ou feridas, ou, simplesmente, pessoas colocadas em desvantagem pelas circunstâncias (...)” (Simões e Bispo, 2006, p.8) são, por vezes, esquecidas no processo de design, correndo o risco de criar ambientes pouco ou nada adequados às especificidades

destas pessoas, sendo algo ético e moralmente problemático e, em muitos casos, incompatível aos requisitos legais.

Atualmente, face à sensibilização cada vez mais constante desta problemática, as preocupações com a inclusividade dos espaços, são critérios cada vez mais presentes no desenvolvimento do projeto, não se tratando apenas “(...) de uma política assente na solidariedade pelos direitos dos outros, mas de assegurar os nossos próprios direitos para o futuro (...)” (Simões e Bispo, 2006, p.8) e que, no âmbito do design, é denominado como design universal.

O design universal, igualmente conhecido como design inclusivo, surge como uma abordagem que propõe criar algo onde são



Figura 4 – Casa de banho acessível. Fonte: Bathroom Review

incluídas as necessidades de minorias da população com necessidades especiais, mas que

também satisfaça as restantes pessoas, ou seja, esta abordagem pretende incluir a maior parte da população de forma igualitária. Assim como foi referido, o design universal ou design para todos, “(...) visa a conceção de objetos, equipamentos e estruturas do meio físico destinados a ser utilizados pela generalidade das pessoas, (...) e o seu objetivo é o de simplificar a vida de todos, qualquer que seja a idade, estatura ou capacidade (...) não só as que têm necessidades especiais, mesmo que temporárias, possam integrar-se totalmente numa sociedade inclusiva.” (INR, 2024). O objetivo desta abordagem do design passa por incluir a maior parte dos indivíduos, situando-os no mesmo patamar de importância, respeitando e valorizando a diversidade humana de forma proativa.

Deste modo, o design universal não foi criado para ser apenas uma resposta técnica, mas uma forma de promover a igualdade, garantindo que todos os indivíduos possam usufruir dos espaços com liberdade, dignidade e escolha. Este princípio, procura criar espaços que promovam a adaptabilidade de uso, contribuindo, “(...) através da construção do meio, para a não discriminação e inclusão social de todas as pessoas.” (Simões e Bispo, 2006, p.8).

Para além da dimensão ética, o design universal promove a acessibilidade como “(...) um elemento fundamental na qualidade de vida das pessoas, (...) contribuindo decisivamente para um maior reforço dos laços sociais, para uma maior participação cívica de todos aqueles que a integram (...)” (Decreto-Lei nº163/2006) e para uma sociedade mais equitativa, ao assegurar que as diferenças nas capacidades dos indivíduos não resultam em desvantagens no acesso aos espaços públicos e privados. O pensamento inclusivo desafia os designers a repensar a relação entre o espaço e o corpo humano, e a considerar a variabilidade das experiências individuais. Esta abordagem promove uma atividade de projeto de design de interiores que responde positivamente à diversidade, proporcionando a todos os utilizadores a possibilidade de experienciar os ambientes de forma plena e independente.

O desenvolvimento de um projeto realizado de forma inclusiva não se limita a uma questão de acessibilidade física, mas estende-se ao respeito pela individualidade e à promoção da autonomia de cada um. Ao adotar este fundamento, os designers contribuem para um ambiente mais justo e equitativo, onde a flexibilidade de utilização e a liberdade de escolha são asseguradas a todos, permitindo uma vivência digna e personalizada dos espaços. Em última análise, o design universal representa uma mudança de paradigma no design de interiores, orientando-se não apenas pela funcionalidade, mas pelo compromisso com a inclusão social e a igualdade de oportunidades.

2.3. Design Sustentável

O conceito de sustentabilidade é cada vez mais abordado, mas na maioria dos casos não é completamente compreendido. Embora existam diversas discussões sobre a definição

concreta deste conceito, um dos significados mais utilizados para descrever a palavra sustentabilidade é “(...) capacidade de atender às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras.” (WCED, 1987, p. 43). Esta definição revela a importância de uma relação equilibrada entre o desenvolvimento atual e a conservação de recursos para o futuro, promovendo a responsabilidade e o empenho de todas as gerações.

Apesar desta definição estar correta, a mesma expõe o conceito de forma muito vaga, sem transmitir as questões importantes em que é realmente necessário atuar. Assim sendo, a sustentabilidade obriga à transformação fundamental nos modos de vida da população, tendo como objetivo garantir a prolongação e preservação dos recursos naturais para o futuro.

Tal como é sabido, a utilização de recursos naturais tem vindo a exceder os limites ecológicos do nosso planeta, colocando em risco a sua capacidade de suportar a vida humana a longo prazo. Neste sentido, a sustentabilidade não deve ser vista apenas como algo ideal, mas sim como uma necessidade urgente para a prolongação da vida no planeta. A sustentabilidade exige que haja “(...) uma preocupação de todos face ao conjunto de oportunidades, mas também de ameaças, que afetam o (...) equilíbrio ambiental.” (Silva, 2012, p.1). Por sua vez, o design sustentável “(...) considera questões ambientais e o estudo do ciclo de vida no Design (...), procura-se equilibrar o sistema produtivo com as necessidades do bem estar social, otimizando os processos e a vida útil dos produtos, tendo como ponto de convergência a redução dos impactos ambientais.” (Cavalcante, et al., 2012, p.258). Esta preocupação pode ser vista como um compromisso prático e ético, com a durabilidade de uma vida com qualidade e bem-estar humano no planeta Terra, mitigada pela carência de mudanças significativas nas políticas ambientais, no consumo excessivo e consciência coletiva.

2.3.1. O Design e a Sustentabilidade

O desenvolvimento de um futuro sustentável está dependente da transformação fundamental dos modos de vida e das escolhas que a população adota, com especial destaque para as práticas do design que priorizem a sustentabilidade. O designer, enquanto agente da mudança, desempenha “(...) um papel fundamental na obtenção da sustentabilidade no design de interiores, pois é ele quem decide quais materiais e produtos serão utilizados e de que forma as pessoas poderão interagir ecologicamente com os espaços que as rodeiam (...)” (Haneef, 2022, p.1). Consequentemente, seguem-se a preservação e reutilização de recursos e o incentivo a práticas e estilos de vida sustentáveis por parte dos utilizadores dos espaços projetados.

Um dos pontos principais do papel do design de interiores é a escolha de materiais e métodos de construção, pois esta seleção deve sempre considerar aspetos como a

origem, o processo de produção, o impacto no ambiente e tudo o que envolve um recurso ou material. A conservação destes mesmos recursos é outro dos aspetos cruciais no design sustentável, onde não só se economizam os bens materiais, como também se contribui para a durabilidade, qualidade dos recursos e minimização do desperdício, de modo a garantir a possibilidade de utilização, mesmo sendo racional, dos materiais que a natureza nos oferece.

Esta prática sustentável deve partir da “(...) mudança e melhoria consideráveis na criação de interiores ambientalmente sustentáveis usando os métodos adequados” (Haneef, 2022, p. 86), e pode ser considerado eficiente, a partir do momento que é capaz de reduzir a quantidade de materiais necessários para um projeto, sem a necessidade de comprometer a sua funcionalidade e estética, assim como a diminuição do impacto ambiental e implementação de práticas que permitam maximizar o ciclo de vida dos recursos. É importante referir que num projeto, o designer deve analisar o comportamento dos seus possíveis utilizadores, pois este é visto “(...) como a forma como os ocupantes interagem com as suas casas, tem um impacto no desempenho dos edifícios e na utilização dos recursos (...)”, e assim, é possível perceber como os utilizadores finais se adaptam a um ambiente ou adaptam o ambiente a eles próprios, de forma a alcançar o seu conforto.” (Wismayer, 2019, p.11). No design de interiores, estes aspetos podem ser ótimas fontes de informação para se conseguir um projeto sustentável, ou seja, o mesmo não se limita a questões técnicas e escolhas de materiais, pois para alcançar um bom resultado, é necessária uma boa compreensão acerca do impacto dos comportamentos e da criação de ambientes que promovam práticas mais sustentáveis.

Com o aumento do número de países considerados desenvolvidos e a ascensão dos países em desenvolvimento, a percentagem da população que consome a maior parte dos recursos tende a aumentar significativamente, “(...) em decorrência da significativa expansão de infraestrutura em muitas partes do mundo e dos altos níveis de consumo de materiais, especialmente em países de renda média-alta e alta.” (PNUMA, 2024). O consumo acelerado dos recursos, sejam eles naturais ou não renováveis, acaba por ser insustentável, e não poderão atender às necessidades humanas por muito mais tempo.

Uma vez que a construção de um edifício e conseqüentemente o seu interior, é um processo de alto consumo de energia e recursos, este tema tem envolvimento direto com o design de interiores. Assim, é fundamental que o designer não perca a “(...) oportunidade de desenvolver projetos que respeitem o meio ambiente (...), especificando produtos que não prejudiquem o entorno natural (...)” (Gibbs, 2009, p.39).

O compromisso com a sustentabilidade não deve ser algo secundário, e sim um elemento essencial e central, desde o início até ao final do projeto. Questões como o planeamento do espaço, a acessibilidade e a gestão de recursos, a durabilidade dos materiais utilizados e a criação de um espaço interior que promova o design sustentável

devem ser consideradas pelo designer como uma prioridade e não apenas como um elemento opcional.

2.3.2. Papel do Designer na Sustentabilidade de um Espaço

Uma das principais funções de um designer de interiores deve ser a possibilidade “(...) de criar interiores de menor impacto ao longo de todo o projeto (...), tal como o planeamento do espaço, as questões de acessibilidade ou o abastecimento, e não apenas um «acréscimo» a ser considerado (...)” (Dodsworth, 2009, p.239) tendo igualmente, em atenção a seleção de materiais, mobiliário e equipamentos que viram a compor o espaço projetado. Existem várias estratégias que podem auxiliar na procura e escolha destes elementos, de modo a respeitar a sustentabilidade e a minimizar o impacto ambiental tanto na fase de produção ou construção, como na funcionalidade da habitação a longo prazo. Alguns dos métodos utilizados na seleção de materiais e elementos, é a política dos “R”, como os “(...) 3R (Reduzir, Reutilizar e Reciclar) para a sustentabilidade e redução de resíduos de construção (...)” (Mohammed, et al., 2021, p.1), o que permite alcançar melhores resultados para todo o processo do design.

Começando pelo Reduzir, Simon Dodsworth refere que não é necessário projetar um espaço repleto de detalhes, materiais, mobiliário e até acabamentos, mas sim minimizar estes elementos “(...) tendo em conta considerações de estética e funcionalidade do interior (...)” (Dodsworth, 2009, p.244). Seguindo o Reutilizar, este princípio defende que qualquer produto ou elemento que não resíduos, “(...) pode ser usado noutra parte deste projeto ou noutro projeto (...)” (Dodsworth, 2009, p.244), continuando o ciclo de vida deste material, ao oferecer um novo fim ao mesmo. Para finalizar, o Reciclar é aplicado quando nenhum dos dois critérios anteriores pode ser implementado, em que “(...) o item/material pode ser desmontado e usado em outro lugar de alguma forma, ou os materiais constituintes podem ser reciclados (...)” (Dodsworth, 2009, p.244).

Assim, o designer deve estudar constantemente a viabilidade prática e sustentável de cada elemento pensado para um projeto de interiores, assegurando sempre o seu contributo para a criação de um design sustentável.



Figura 5 - Cozinha feita com materiais reciclados e sustentáveis. Fonte: Pinterest

2.3.3. Escolhas Sustentáveis

Como referem Bragança, Vieira e Andrade (2014) “A indústria da construção civil procura produzir edifícios com o menor impacto ambiental possível. No entanto, as atividades de construção ainda afetam significativamente o meio ambiente; portanto, é necessário considerar uma abordagem sustentável para os projetos com base no seu desempenho.” (2014, p.1)

As decisões tomadas em prol da sustentabilidade, podem surgir em várias fases do projeto: desde a construção de uma estrutura para um edifício, seja ele uma nova construção ou uma reabilitação, até à seleção de materiais para o mobiliário e acabamentos, “(...) uma vez que o potencial de otimização nas fases iniciais do projeto é maior e os impactos das alterações no edifício e nos custos de construção são menores.” (Bragança, et al., 2014, p.1). Até mesmo na fase de decoração, as opções sustentáveis devem ser consideradas.

As práticas de construção das últimas décadas têm recorrido abundantemente, a materiais modernos e tecnologias cada vez mais avançadas. O desenvolvimento das tecnologias construtivas modernas foca-se principalmente na eficiência e rapidez de produção, deixando para trás a sustentabilidade, no entanto “(...) o aumento da população (...) suscita maiores necessidades a nível dos recursos naturais, da habitação e das infraestruturas, originando fortes impactos ambientais, desequilíbrios económicos e degradação das condições de vida.” (Silva, 2012, p.7). Esta falta de preocupação gera desafios significativos para as futuras construções e adaptação destes espaços a padrões mais sustentáveis. A industrialização e modernização tanto das práticas de construção como os elementos utilizados no design de um espaço interior ofereceram soluções direcionadas para a rapidez do desempenho técnico e económico, reduzindo a atenção à sustentabilidade a longo prazo. Por consequência, grande parte dos edifícios modernos existentes foi projetada e concebida com materiais de baixa qualidade e desempenho ambiental, e sem eficiência energética, limitando-os assim na adaptação a critérios contemporâneos sustentáveis.

2.3.4. Soluções Sustentáveis e Não Sustentáveis

Existem, cada vez mais estratégias para reduzir a pegada ambiental num projeto, remetendo a princípios arquitetónicos pré-industriais. A utilização de “(...) materiais que tenham um impacto mínimo no ambiente (...) serão usados para construir edifícios que, por sua vez, utilizam quantidades reduzidas de energia (...)” (Dodsworth, 2009, p.240). Aspectos como a utilização de isolamento para conservar as temperaturas, a implementação de matérias-primas de baixo impacto como as madeiras certificadas ou a maximização da entrada de luz solar na habitação, são fatores “(...) muito simples e, na verdade, remetem para ideias (...) pré-industriais como fonte de inspiração.” (Dodsworth, 2009, p.240).

A grande maioria dos materiais modernos são sintéticos, pois derivam do petróleo e por isso, não são renováveis. Possuem substâncias potencialmente tóxicas, não permitem a absorção e libertação da humidade, características estas, que a longo prazo prejudicam a saúde humana. Estes materiais, como “(...) tintas e vernizes, removedores de tinta, produtos de limpeza (...), materiais de construção e mobiliário, (...) materiais gráficos e artesanais, incluindo colas e adesivos (...)” (EPA, 2026), emitem na forma de gases, grandes quantidades de COVs², podendo expor os utilizadores a níveis altos de poluentes durante as várias tarefas domésticas.

A escolha de materiais naturais, deve ser considerada em aplicações dentro do ramo do design de interiores, devido ao seu baixo impacto ambiental e efeitos positivos no conforto interior e na vida dos utilizadores. “Neste contexto o designer de interiores deve buscar soluções frente ao alto consumo de produtos e geração de resíduos (...)” (Nishida e Damares, 2018, p.78) instruindo-se nas opções existentes dos diversos materiais sustentáveis, na hora da escolha destes elementos, tais como “(...) na concepção e especificação de móveis e artefatos, na aplicação de revestimentos, tintas ecológicas, bem como no planeamento de sistemas de captação de água pluvial, iluminação natural, ventilação entre outros e processos de construção.” (Nishida e Damares, 2018, p.78).

2.3.5. Reabilitação de edifícios

Projetar espaços em edifícios existentes permite ao designer, oportunidades para reduzir as necessidades tanto funcionais como energéticas do edifício e melhorar o seu desempenho ambiental. Na verdade, o processo de reabilitação é, “(...) por si só, muito sustentável quando comparado com a construção nova. Com efeito, relativamente a uma construção de raiz é necessária menor extração de matérias-primas, menor produção de materiais de construção e de elementos estruturais e menor necessidade de transporte de materiais.” (CIDEQ-UFP, 2022, p.40).

A grande maioria do património imóvel existente, pode ser um grande potencial para a criação de novos espaços, pois pode promover estilos de vida mais sustentáveis, “(...) mais qualidade ao produto final, melhoria da produtividade, e (...) parâmetros relevantes para o funcionamento adequado do edificado (...)” (CIDEQ-UFP, 2022, p.40). Assim, o designer de interiores deve aproveitar ao máximo, sempre que seja possível, atualizar os espaços, tanto no planeamento de novos layouts como em novas soluções decorativas. É perfeitamente possível, que os materiais utilizados em novas construções sejam aplicados em projetos de reabilitação, embora não ocorra na mesma escala que nas construções novas, os benefícios em termos sustentáveis continuam a ser significativos.

² Sigla para Composto Orgânico Volátil.

2.4. História do design de interiores

A evolução das vertentes artísticas ao longo dos anos no domínio da arquitetura e do design de interiores, é fundamental para o conhecimento e cultura pessoal de um designer, na medida em que este deve reconhecer e dominar os estilos que contribuíram para a evolução do design e assim perceber e aplicar o conhecimento adquirido, sobretudo na “leitura” que deve fazer sobre os espaços em que tem de intervir. É através do contexto histórico, social, político e económico que é possível estudar e compreender as diferentes culturas e como se relacionam com os estilos a adotar na definição dos espaços a trabalhar.

A atividade profissional do design de interiores é “relativamente nova”, devido ao seu reconhecimento enquanto atividade de projeto, pois historicamente seria chamada de decoração de interiores como uma atividade exercida por artesãos, marceneiros, arquitetos e entusiastas, não havendo necessidade de educação formal para a sua prática. Ao decorador bastava possuir, boa rede de contactos, ter conhecimento sobre os estilos históricos e dispor de bom gosto, bom senso, talento natural e autoconfiança. Historicamente, o design de interiores é marcado por várias fases e períodos, com influências culturais diferentes, verificando-se em civilizações mais antigas a preocupação com a organização dos seus espaços e as suas funções. Apesar de, na época, não ser vista como a disciplina do design de interiores, verifica-se a existência de critérios na definição dos espaços das várias fases, ilustrando assim que a sua evolução se deveu a um processo demorado e bastante faseado. Será importante referir que a prática desta disciplina era baseada nas necessidades culturais e religiosas da sociedade, onde eram refletidas as suas crenças e valores.

2.4.1. Século XVIII

No final do século XVIII deu-se a Revolução Industrial, “(...) o conjunto das transformações tecnológicas e industriais que, de forma radical, ocorreu entre cerca de 1730 e 1850 na Inglaterra, alastrando, no decurso do século XIX, ao continente europeu, América do Norte e Japão.” (Infopedia, s/d). Este marco histórico trouxe mudanças significativas para a estrutura social e económica dos países onde foram introduzidas inovações tecnológicas, como novos sistemas de saneamento, aquecimento e iluminação, com o objetivo de melhorar o conforto nas habitações.

O desejo crescente da classe média de viver melhor e mostrar riqueza, através da decoração dos espaços interiores, fomentou o desenvolvimento de diversos comércios, “(...) as grandes lojas de departamentos começaram a oferecer seções de artigos para o lar como tapetes, papéis de parede, tecidos, luminárias, vasos e outros itens de decoração (Barbosa, et al., 2023, p.131 cit in Coleman, 2002)”. Além disso, os arquitetos estavam mais focados em edifícios comerciais e públicos, interessando-se pelas estruturas e funcionalidade dos espaços.

Ao mesmo tempo, alguns membros da aristocracia que estariam em declínio económico, viram esta nova realidade como uma oportunidade para aplicar o seu bom gosto e requinte na decoração das habitações dos novos-ricos. Assim, a prática da decoração de interiores foi crescendo gradualmente, mais exercidas por mulheres, que ofereciam os seus serviços de decoradoras. A partir desta nova era, “(...) o design de interiores tornou-se acessível a um mercado mais amplo e mais fácil de ser obtido pelos cidadãos comuns do que nunca.” (JD Institute, 2022).

Ainda no século XVIII, o estilo Rococó, apesar de depender da habilidade dos artesãos profissionais na



Figura 6 - Interior da Amalienburg. Fonte: ArchDaily

criação dos espaços interiores repletos de ornamentação e requinte, este estilo destacou-se pelas “(...) salas, ornamentadas por delicadas e densas molduras, painéis e medalhões que encerravam pinturas e espelhos, eram francamente iluminadas por vãos cada vez mais elegantes.” (Infopedia, s/d). Este estilo tentou transformar a vida simplória da corte, através da criação de uma cultura mais íntima e emotiva, elegendo como base estética a prevalência da sensibilidade, de forma caprichosa e ornamentada.

O Neoclassicismo surge como reação ao Rococó a partir da década de 1750, começando em França, espalhando-se por outros países europeus. Um estilo caracterizado pela simplicidade e elegância, “(...) era racional e de uma elegância contida, caracterizado pelo uso de formas geométricas simples, decorações em superfícies planas e lineares, e ornamentos com motivos gregos e romanos.” (Gibbs, 2009, p.17).

2.4.2. Século XIX

Já durante o século XIX, a arquitetura e o design de interiores da Europa e Estados Unidos tornaram-se excessivamente ornamentados, devido à rivalidade entre os diferentes estilos. Com esta rivalidade, surgiram novos estilos mais simples e limpos, como o movimento reformista *Arts and Crafts*, onde “(...) o design honesto, o uso de materiais de qualidade, o trabalho dos artesãos e os ofícios tradicionais, e a beleza do entorno (...)” (Gibbs, 2009, p.20) eram alguns dos princípios deste movimento.



Figura 7 – Movimento Arts and Crafts, Fonte: HAC

Nomes como William Morris, Frank Lloyd Wright e Elbert Hubbard, foram alguns dos designers que lideraram este estilo artístico.

No final do século XIX, nasceu na Europa o estilo *Art Nouveau*, caracterizado pela “(...) assimetria e as formas curvilíneas próprias (...)” (Gibbs, 2009, p.20), que acabaram por influenciar o design de interiores em vários países. Nomes como Antoni Gaudi, Charles Rennie Mackintosh e Gustav Klimt, foram alguns dos defensores destacados desta vertente artística.

2.4.3. Século XX

Ao longo do período entre guerras do século XX, foi criada a *Art Déco*, uma vertente artística nomeada após a *Exposition des Arts Décoratifs et Industriels Modernes*, em Paris, entre Abril e Outubro de 1925. Este estilo espelhou o pensamento de modernidade e progresso, conciliando a inovação tecnológica com a sofisticação estética. Entre a década de 1920 e 1930, a *Art Deco* foi substituída pelo Modernismo onde nasceu a tão aclamada escola de design, a Bauhaus, fundada por Walter Gropius, que “(...) defendia o funcionalismo (...), o uso restrito de cor, ornamentos e características arquitetónicas tradicionais. Por esse motivo, era necessário possuir aptidões consideráveis em design para a obtenção de bons resultados.” (Gibbs, 2009, p.24). Um dos principais influenciadores dos princípios desta escola nos restantes países, foi Le Corbusier. O arquiteto francês, introduziu conceitos que continuam a orientar o pensamento dos arquitetos e designers modernos, como a fusão entre a tecnologia, a estética e a funcionalidade.



Figura 8 - Um dos três cartazes oficiais da Expo, da autoria de Robert Bonfils. Fonte: Art Deco Society

A profissão de decorador de interiores, surgiu efetivamente, no início do século XX, devido ao interesse pela estética e decoração doméstica, que se foi expandindo entre a classe média e alta. A decoração dos interiores, antes vista como símbolo de riqueza e poder, passou a ser uma prática comum e um símbolo de status social. Muitos dos primeiros profissionais em decoração, vinham da alta burguesia ou aristocracia, e “(...) vislumbraram a oportunidade de explorar seu bom gosto e sofisticação para ajudar os *nouveaux riches*³, que possuíam poder aquisitivo para adquirir decorações luxuosas (...)” (Gibbs, 2009, p.24). Com a Segunda Guerra Mundial, os arquitetos e designers europeus acabaram por ser afetados, paralisando as suas atividades durante duas décadas. Mais tarde, decoradores de interiores ingleses, propagaram um estilo sóbrio e elegante pelas casas de campo, e assim, o estilo rústico tornou-se popular na segunda metade do século XX.

³ Tradução do francês: novos-ricos

2.4.4. Século XXI

Foram necessárias cinco décadas, para que o design de interiores sofresse mudanças significativas e se adaptasse às exigências de cada vertente artística, progredindo de amadores com talento e criatividade para uma profissão reconhecida. Atualmente o design de interiores, “(...) é definitivo, mas totalmente atual e intemporal (...)” (JD Institute, 2022), pois combina o conhecimento técnico com criatividade, para atender às questões da atualidade, como a otimização dos espaços, uso da tecnologia, aplicação de materiais inovadores e sustentáveis.

Para responder a estas novas necessidades evolutivas, houve um progresso significativo na formação acadêmica para a qualificação desta profissão e criação de associações de design em todo o mundo. Por isso, os designers passaram a exercer “(...) a sua prática em condições profundamente transformadas, moldadas por fatores que emergiram nos últimos anos do século XX.” (Pile, Gura, 2014, p.443).

Para que o profissionalismo no design de interiores prossiga a aumentar, os designers devem adotar uma abordagem mais diligente, focando-se na incorporação das novas habilidades no percurso académico dos futuros profissionais e redefinindo “(...) os parâmetros do design, impulsionando-o por novos e variados caminhos.” (Pile, Gura, 2014, p.443).



Figura 9 – Sala com estilo anos 2000. Fonte: Casa dos Afectos

3. Organização dos Espaços Interiores

Assim como foi referido anteriormente, a fase inicial de qualquer projeto consiste na recolha e análise de vária informação, que faz parte da base onde o designer de interiores deve desenvolver as suas ideias. Os princípios fundamentais no design de interiores, permitem compreender as necessidades e objetivos específicos que são pretendidos num espaço, obrigando o designer a possuir “(...) conhecimentos técnicos (...) em determinados espaços e colaborar de forma eficiente com os diversos especialistas envolvidos nos projetos.” (Gibbs, 2009, p.70). Estes fatores, quando aplicados em conjunto com as inovações tecnológicas, não deixam de fazer a sua função habitual, “(...) criar espaços equilibrados e harmoniosos de acordo com suas funções (...)” (Gibbs, 2009, p.70)

3.1. Dimensionamento Humano

Este princípio permite que o designer de interiores consiga criar espaços funcionais e confortáveis para os utilizadores e assim para isso, deve estudar e “(...) compreender as dimensões humanas e os diferentes tipos físicos dos indivíduos (...) relacionadas ao dimensionamento humano (...)” (Gibbs, 2009, p.70). Este estudo da tipologia dos corpos humanos, avalia os tipos corporais, assim como, a influência da idade, exercícios e ambiente. A compreensão das diferentes características físicas dos indivíduos garante a aplicação dos fundamentos ergonómicos aplicados ao projeto de espaços respondam de forma eficaz às necessidades dos utilizadores. Entre elas estão três áreas importantes de estudo, a antropometria, a proxémia e a ergonomia.

A **Antropometria**, procura compreender as dimensões, movimentos e formas do corpo humano, interligando com o espaço, de maneira a “(...) projetar espaços que permitam o uso cômodo e adequado de acordo com a função — ficar em pé, sentar, deitar, circular (...)” (Gibbs, 2009, p.70). Na fase inicial do planeamento do projeto, o designer deve considerar as áreas com funções e atividades diferentes, como certos movimentos que completam o quotidiano dos utilizadores, exemplos como “(...) colocar um bebé no berço, vestir um casaco, secar-se após o banho ou arrumar uma cama (...)” (Gibbs, 2009, p.70) interligando com os acessos aos espaços, formas, dimensões, acabamentos de superfície. A implementação de peças de mobiliário e elementos com medidas *standard*, por vezes, podem não ser adequados para clientes com requisitos diferentes, o que dá responsabilidade ao designer, de sugerir a adequação e personalização destes elementos, garantindo respostas às suas necessidades, desejos e gostos. Esta abordagem requer uma análise cuidadosa das dimensões e das proporções, de modo a considerar aspetos de inclusão e de acessibilidade para todos, independentemente das características dos diferentes utilizadores.

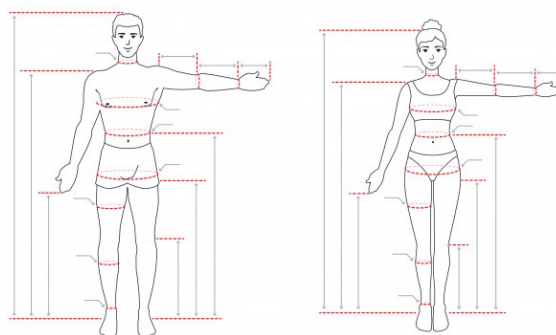


Figura 10 – Antropometria. Fonte: Prevención Integral.

Com origem inglesa “*proxemics*”, o conceito de **Proxémia** é traduzido como “(...) estudo das distâncias físicas que os indivíduos estabelecem entre si quando interagem socialmente (...)” (Infopedia). Este termo, utilizado para descrever a análise da organização dos espaços, como na gestão da relação destes espaços com os utilizadores, de forma a perceber as interações humanas. A forma como os indivíduos interagem entre si, irá mostrar no contexto interpessoal “(...) uma expressão de vários fatores culturais e sociais (...)” (Dodsworth, 2009, p.100). Segundo o antropologista Edward T. Hall, a distância social, divide-se em quatro classes: íntima, pessoal, social, pública. Considera-se espaço íntimo a distância onde é permitido o contacto físico e interações de grande proximidade, como o

toque, o abraço ou sussurros. O espaço pessoal, corresponde ao espaço não tão pequeno como o íntimo, mas ainda reduzido, permite que haja conversas privadas mantendo uma certa privacidade, e ocorre quando se verificam interações entre família ou amigos chegados. O espaço social pode ser classificado como distância intermédia, onde permite que se formem conversas e interações com outros indivíduos fora do círculo íntimo, no papel de amizade ou de conhecidos. Finalmente, o espaço público, corresponde à distância maior, onde são realizadas todas as interações mais distantes e até formais, normalmente em contextos de maior distanciamento físico e das relações que se estabelecem com pessoas desconhecidas.

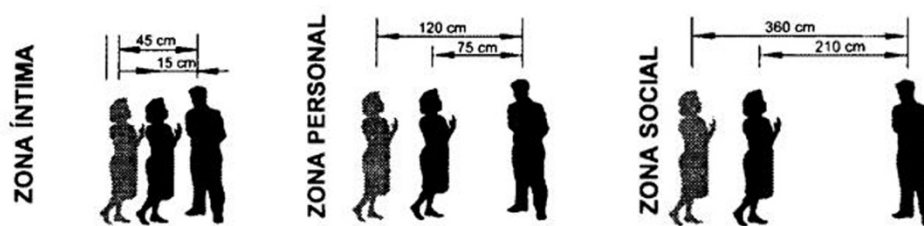


Figura 11 – Proxémia. Fonte: La Rioja

A consideração da diversidade dos seres humanos e da sua cultura, é uma etapa importante na abordagem do design de interiores, pois utilizada a proxémia como uma ferramenta importante para a garantia do bem-estar dos utilizadores.

O contributo da **Ergonomia** torna-se, particularmente, evidente pela necessidade de definir as dimensões das peças de mobiliário e equipamentos, as acessibilidades, áreas e espaços de circulação, entre outras considerações, que definem o modo de funcionamento e as vivências dos utilizadores nos espaços. Ou seja, este princípio da organização dos espaços, é tomado como “(...) uma área científica aplicada que estuda e analisa as características humanas que necessitam de ser asseguradas no desenvolvimento de um projeto (...) de maneira que as pessoas e os objetos interajam com a maior eficácia e segurança possível (...)” (Barros, 2022, p.48). Esta preocupação, tem o objetivo de evitar tensões e fadiga, e prevenir lesões físicas. Um dos exemplos mais comuns nas considerações ergonómicas aplicadas aos espaços e seus equipamentos é, a criação de mobiliário e os zonas de circulação entre estes, cuja configuração adequada pode mudar substancialmente o bem-estar das pessoas.

Para os designers de interiores, a área da ergonomia é especialmente significativa, uma vez que os seus princípios “(...) são colocados ao serviço da otimização do desempenho geral das mais variadas tarefas convertendo-se (...) num sinónimo de facilidade de execução, poupança de esforço e rentabilidade de tempo.” (Pinto, 2011, p.107). Assim como o estudo das distâncias e relações espaciais necessárias para o desempenho eficiente de atividades em diversos contextos, como habitações, espaços de trabalho, de lazer, espaços interiores ou exteriores e de domínio privado ou público.

Este campo de investigação tem o objetivo “(...) a comunicação entre homens/ máquina/ produtos/ ambiente (...)” (Siqueira, 2017, p.52) e permite criar soluções que respondam de forma eficaz às necessidades, desejos e gostos dos utilizadores, promovendo ambientes que favorecem a saúde, o conforto e a produtividade. Ao estudar o princípio da ergonomia, o designer deve procurar os elementos que melhor se adequam às necessidades ergonómicas e funcionais, defendendo um layout equilibrado e eficaz em todo o espaço.

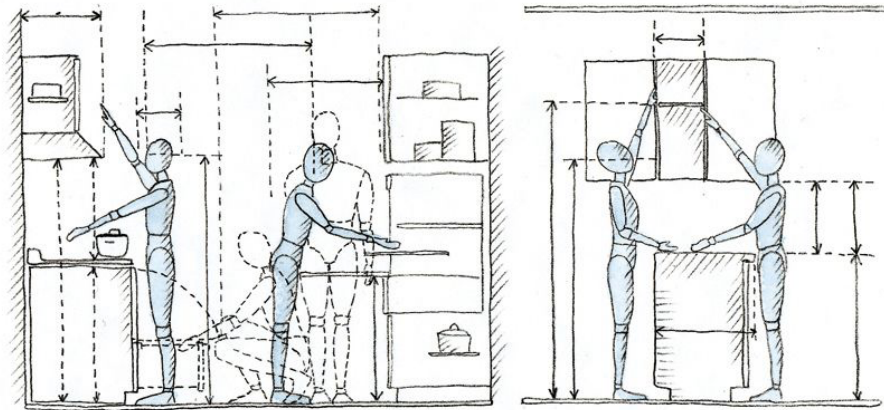


Figura 12 -Ergonomia numa cozinha. Fonte: Projetou.

3.2. Escala e Proporção

A abordagem da relação dos espaços com os utilizadores, teve, antes do surgimento da ergonomia, algumas formas de perceção baseadas em processos que procuravam relacionar o ser humano, sobretudo o corpo humano com os espaços habitados e construídos. Os conceitos de escala e proporção, relacionam-se para atingir uma medida perfeita, sendo aplicado nas várias formas de criação, desde a pintura e da escultura, à arquitetura. A escala tem em consideração a dimensão real de algo comparativamente a um padrão reconhecido, enquanto, a proporção representa a relação entre os diferentes elementos de uma composição. Durante séculos, foram desenvolvidos métodos de proporção com o objetivo de criar uma medida ideal e equilibrada, assim como o “(...) estilo clássico grego (...) foi materializado nos antigos templos.” (Gibbs, 2009, p72). Estes métodos tornaram-se num elemento de auxílio para profissionais como arquitetos e artistas, onde tinham a possibilidade de definir “(...) um conjunto coerente de relações visuais que proporcionasse equilíbrio e harmonia (...)” (Gibbs, 2009, p.72), nas suas criações. Atualmente, independentemente de outros aspetos a considerar na estruturação e definição das formas e proporções, estas continuam a ser fundamentalmente, baseadas nos sistemas de proporções clássicas.

Um dos sistemas de estudo da proporção mais conhecidos no mundo do design, o Modulor, criado pelo arquiteto Le Corbusier. Este é “(...) um sistema de proporcionamento do espaço arquitetónico baseado neste critério geométrico, e oferece toda uma gama de

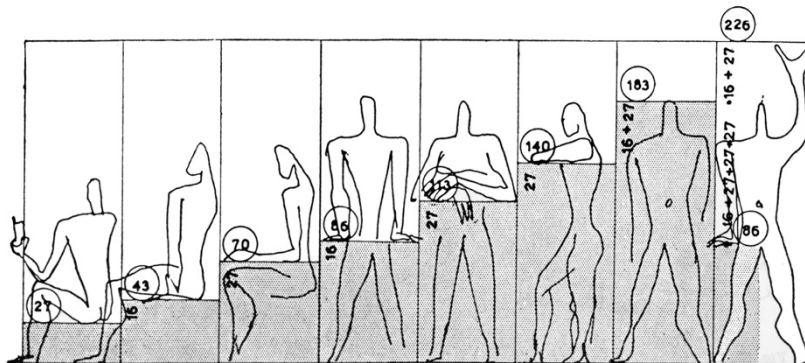


Figura 13 – Modulor, Le Corbusier. Fonte: Pavillon Le Corbusier

Originalmente, o conceito "clássico" aplicava-se à classe mais elevada de colaboradores na Roma Antiga, mas foi progressivamente, estendido à forma de autoridade superior em matéria de arte e arquitetura. O regresso ao estilo clássico esteve sempre associado ao desejo de um "(...) retorno à lei e à ordem (...)” (Gibbs, 2009, p.73), assim como, ao equilíbrio, relembrando o esplendor da Roma e Grécia antigas. Ainda que o estilo clássico esteja associado a detalhes arquitetónicos decorados, o seu fundamento essencial reside nas proporções, sobretudo no estilo clássico grego. Ao longo dos séculos, esses detalhes ornamentados foram simplificados, contudo houve uma diminuição das escalas, mas as proporções clássicas mantiveram-se como uma base sólida para a arquitetura e o design de interiores. Nos dias de hoje, ainda é recorrente a consideração dos princípios e sistemas de proporções antigos que orientam o design de interiores e ajudam os designers a pensar em espaços equilibrados, organizar layouts, organizar o mobiliário e objetos decorativos de forma harmoniosa.

4. Fundamentos do Design aplicados ao Design de Interiores

O conhecimento e o domínio dos fundamentos do design são pertinentes pela sua aplicabilidade na prática da profissão em design de interiores. Aspectos como composição, equilíbrio, contraste, ritmo, harmonia, simetria/assimetria, forma, volume, textura, luz/sombra, revelam-se pertinentes na definição e configuração dos espaços, de forma a melhor conseguir espaços funcionais e visualmente agradáveis, são aspectos considerados pelos designers no sentido de conferir aos projetos em design de interiores, condições de organização, funcionamento e visuais que melhor traduzam os princípios dos conceitos explorados e na melhor forma de responder às premissas e constrangimentos do programa de projeto.

organizacional é fundamental no design de interiores, uma vez que num espaço projetado, “cada elemento interior tem propriedades diferentes — forma, superfície (textura), cor e tamanho (...)” (Dodsworth, 2009, p.155), assim devem ser estudados e organizados com o maior cuidado, de forma que seja possível criar equilíbrio estético entre todos, assegurando assim uma distribuição estável. No entanto, o equilíbrio não implica necessariamente com a concordância de termos relacionados com tamanho ou localização dos elementos constituintes de um espaço.

Dentro deste método de organização há uma divisão que pode ser explorada no mundo do design, sendo o resultado desta repartição, o equilíbrio simétrico, assimétrico e radial. Começando pelo equilíbrio simétrico, “(...) funciona em torno de um eixo e sugere uma disposição espelhada dos elementos (...)” (Dodsworth, 2009, p.156), como por exemplo uma prateleira com livros e objetos de decoração na prateleira oposta. O equilíbrio assimétrico, “(...) refere-se ao estado de equilíbrio visual alcançado quando elementos de tamanho, forma, cor e (...) são dispostos após uma análise cuidadosa das suas propriedades.” (Dodsworth, 2009, p.156), criando espaços dinâmicos através de elementos diferentes entre eles. Por fim, o equilíbrio radial, é organizado à volta de um ponto central ou de referência, criando uma composição que transmite harmonia em todo o espaço, como por exemplo uma mesa de jantar circular, composta por cadeiras à sua volta.

4.3. Simetria/Assimetria

Nos tempos clássicos, os espaços eram pensados sempre, começando por um ponto central dos edifícios e organizados de forma simétrica. Este eixo central, desempenhava um papel essencial na criação da sensação de equilíbrio e harmonia nos espaços interiores. A simetria, conhecida por constituir “(...) formas regulares cujas metades esquerda e direita são imagens espelhadas (...)” (Wong, 1993, p.170), onde existe no meio destas uma “(...) linha reta invisível, um eixo, divide a forma igualmente (...)” (Wong, 1993, p.170). É fundamental dizer que, numa composição simétrica, o equilíbrio é baseado na disposição e repetição equilibrada dos elementos.

O princípio da simetria, permite ao designer que crie ambientes visualmente organizados e firmes, podendo ser aplicado tanto em divisões horizontais como verticais, como por exemplo um conjunto de cadeiras numa mesa retangular, onde estão colocadas em par frente a frente. Embora a simetria seja um conceito universal e descrita como algo visualmente agradável, pode haver o risco da criação de um espaço com demasiada simetria, tornando-se monótono. Para evitar esse resultado, o designer pode usar a técnica de introdução de elementos assimétricos, conseguindo quebrar esta rigidez e criar dinamismo no espaço. Em contrapartida, a assimetria apresenta uma abordagem completamente diferente, pois é introduzido “(...) um ligeiro desvio numa forma simétrica desalinhando as duas metades, sobrepondo-as ou adicionando alguma variação a uma das

metades (...)” (Wong, 1993, p.171), e assim, o equilíbrio visual é concebido através de cada elemento, apesar de todos os elementos terem diferenças de forma, dimensão ou cor. A assimetria não só possibilita a criação de composições dinâmicas, como permite uma maior flexibilidade a nível criativo, sem a necessidade de sacrificar a harmonia de todo o espaço.

4.4. Textura

A textura como fundamento utilizado no design, desempenha um papel importante na compreensão sensorial e estética dos espaços interiores. Por ser um princípio tão especial, a textura “(...) tem aspetos únicos que são essenciais em determinadas situações de design e não devem ser ignorados (...)” (Wong, 1993, p.119), pois não contribui apenas para a dimensão estética e visual de um espaço, como para a experiência tátil do utilizador, transparecendo a sensação de conforto ao ambiente. Este fundamento, afeta a maneira como algo é interpretado e sentido, por isso oferece duas experiências ao utilizador, visual e física. Ambas dispõem de características diferentes, interagindo com partes diferentes de um espaço, como a cor, a luz e a forma.

A textura visual, é bidimensional e “(...) é o tipo de textura que é vista pelo olho, embora também possa evocar sensações táteis (...)” (Wong, 1993, p.119), e pode ser explorada através de certas cores, padrões, tecidos e acabamentos, criando a ilusão de profundidade ou movimento e quebrando a monotonia estética. A utilização estratégica da textura visual no design de interiores, permite a definição de zonas dentro do mesmo espaço e até fortalecer os estilos decorativos.

A textura física ou tátil, é adquirida através da tridimensionalidade e “(...) é um tipo de textura que não só é visível a olho nu, mas também pode ser sentida com a mão.” (Wong, 1993, p.122) Este princípio aplica-se a qualquer tipo superfície real, pois pode ser sentida, devido ao tipo de material que é utilizado para este efeito. Dependendo do material que for usado, este vai proporcionar sensações diferentes ao utilizador, por exemplo materiais naturais como a pedra ou um tecido bordado, que evocam o naturalismo e rusticidade, ou materiais com acabamentos lisos como o vidro ou madeira com acabamento que transmitem equilíbrio e modernidade.

Este fundamento transmite expressividade e equilíbrio a um espaço, e deve ser bem pensado antes de ser aplicado. A sua correta ligação com o espaço envolvente, permite ao designer criar ambientes confortáveis e sensorialmente ricos.

4.5. Forma

A forma é o fundamento do design que define a aparência física e preceptiva de algo, tanto de um objeto como de um espaço, ou seja, “(...) é tudo o que pode ser visto — tudo o que tem forma, tamanho, cor e textura, que ocupa espaço, marca posição e indica direção.” (Wong, 1993, p.138). No design de interiores, a forma adquire uma particular relevância pois

determina a estrutura visual de um ambiente, influenciando a organização e funcionalidade do espaço, e sua relação com o utilizador.

A escolha e controlo da forma devem estar ligados à função, isto é, deve responder às necessidades práticas e ergonómicas do espaço envolvente, sem esquecer a parte estética. Assim, o design de interiores, procura atingir o equilíbrio entre a forma e a função, através da disposição dos elementos que constituem o espaço, sejam peças de mobiliário, têxteis ou objetos decorativos. É possível dar funcionalidades importantes às formas, dentro de um espaço, como orientar a circulação ou definir hierarquias visuais, e a sua combinação, sejam geométricas, regulares ou irregulares, dá aso a composições equilibradas “(...) positivas e independentes que ocupam espaço e se distinguem do fundo.” (Wong, 1993, p.138). Para além de equilibrar um espaço, a forma possui um papel estético, pois está relacionada com a cor, a textura e a luz. A ligação entre estes fundamentos, define a compreensão espacial de um espaço e contribui maioritariamente para o equilíbrio de um espaço interior. Ainda no papel estético, a forma pode ter várias leituras dependendo do seu tipo, por exemplo as formas curvas tendem a transmitir fluidez e naturalismo, enquanto as formas retas comunicam firmeza e ordem.



Figura 15 – Formas no mobiliário. Fonte: Consentino

4.6. Volume

Outro dos fundamentos responsáveis pela organização e equilíbrio de um espaço interior, é o volume, pois é ele que define a presença tridimensional de algo e de onde está inserido. O volume pode ser entendido como uma extensão da forma, falada anteriormente, pois determina como “(...) é construída uma forma ou como várias formas são reunidas (...)” (Wong, 1993, p.246) e transforma-as para algo que ocupa espaço.

O volume é o que dá altura, largura e profundidade a um objeto, delimitando-o através de planos, linhas ou superfícies. No design de interiores, este princípio manifesta-se na grande parte dos elementos estruturais de um espaço, tanto paredes, tetos e pavimentos como nos restantes objetos, seja mobília, eletrodomésticos, peças têxteis e elementos decorativos. É através destes elementos, que o designer manipula o volume num espaço, utilizando a escala e proporção de algo, ligando-o à funcionalidade e à circulação, pois “(...) permite-nos aproximar-nos, afastar-nos ou contorná-la; pode ser vista de diferentes ângulos e distâncias (...)” (Wong, 1993, p.138), assim como, dar-lhe uma função dependendo de qual seja o objetivo e o ambiente onde está inserido. Ademais, o volume

também possui uma dimensão preceptiva, isto é, as características deste fundamento podem sofrer alterações devido à luz e sombra, seja ela iluminação artificial ou luz natural, pois são elementos fundamentais para a leitura de algo com volume.

4.7. Luz/ Sombra

Tal como foram falados no fundamento anterior, a luz e a sombra atuam como transcendentais da função prática da iluminação, oferecendo expressão e criando ambiente no espaço. A luz, seja ela natural ou artificial, “(...) revela aos nossos olhos as superfícies e formas dos objetos no espaço (...)” (Ching, 2015, p.248) e influencia a leitura dos volumes, texturas e as cores, trabalhando também na maneira de como se irá sentir o utilizador no espaço. O controlo da intensidade, temperatura, direção e difusão, permite ao designer manipular a percepção de algo que esteja num espaço, e mais importante “(...) permitir que os utilizadores realizem atividades e tarefas com velocidade, precisão e conforto adequados.” (Ching, 2015, p.260).

O modo como a luz é distribuída num espaço, seja qual for o esquema de iluminação escolhido, deve orientar os utilizadores, ao definir as áreas de trabalho, circulação ou repouso. Para além disso, o tipo temperatura e difusão da luz pode também influenciar a parte cognitiva e emocional do utilizador.



Figura 16 – Luz natural e sombra. Fonte: Freepik

A luz natural existe num espaço quando há aberturas para o exterior pois é proveniente apenas do sol, “(...) varia consoante a hora do dia, a estação do ano e o local. Também pode ser difusa pela cobertura de nuvens, neblina, precipitação ou qualquer poluição que possa estar presente no ar.” (Ching, 2015, p.256). Já a luz artificial, é obtida através da eletricidade e é um complemento da luz natural, isto é, só passa a assumir-se como única fonte de luz quando a luz natural deixa de existir. Além disso, a luz artificial deve ser integrada “(...) com a estrutura física do edifício, o conceito do designer para o espaço interior e as utilizações funcionais do espaço.” (Ching, 2015, p.260).

Por sua vez, a sombra é onde a luz não incide e cria uma zona mais escura por conta da ausência da mesma. A sombra só é perceptível quando existe luz, seja natural ou artificial, criando assim padrões entre os dois contrastes e um “(...) interesse visual ao reproduzir a textura e a forma tridimensional dos objetos.” (Ching, 2015, p.261)

Estes dois fundamentos têm dupla importância no papel que desempenham no design de interiores. A luz, está presente como um elemento completamente funcional,

criando iluminação e profundidade nos espaços, enquanto a sombra acaba por completar este mesmo requisito, transmitindo o contraste da volumetria dos objetos e espaços.

4.8. Harmonia

No domínio do design de interiores, os conceitos de harmonia e equilíbrio assumem um papel importante na criação de composições coerentes e esteticamente agradáveis. Apesar de ambos os fundamentos tencionem alcançar a vertente visual, as suas metodologias tendem a ser um pouco diferentes, enquanto o equilíbrio procura alcançar uma uniformidade visual através da disposição preocupada de elementos que podem não partilhar as mesmas propriedades (forma, cor, entre outros), a harmonia é implementada na “(...) consonância ou combinação agradável de elementos ou partes numa composição.” (Ching, 2015, p.362) onde tenta adquirir um resultado semelhante, baseando-se na seleção consciente de elementos que partilham propriedades comuns.

Tal como refere Wong (1993), a “(...) repetição de formas unitárias geralmente transmite uma sensação imediata de harmonia.” (1993, p. 51). Esta ligação possibilita a integração coerente dos componentes, promovendo a coesão estética no ambiente onde estão inseridos.

4.9. Ritmo e Repetição

No design de interiores, o ritmo é o “(...) movimento caracterizado por uma repetição ou alternância padronizada de elementos formais ou motivos na mesma forma ou numa forma modificada.” (Ching, 2015, p.363). Isto é, tal como na música, o ritmo organiza o espaço através da reprodução de formas, cores e padrões repetido, criando espaços dinâmicos e estimulantes. Os ritmos podem ser simples, “(...) criados pela repetição de características, como móveis ou janelas, e ritmos mais complexos (...) podem ser promovidos através da semelhança de cor, tamanho, forma, etc.” (Dodsworth, 2009, p.161)

A perceção do ritmo nos espaços, contribui para a sua organização, ao ser aplicado de um modo pouco perceptível e até silencioso, e consegue orientar o movimento do olhar de quem frequenta este espaço, conferindo ao mesmo uma identidade única. A repetição pode acontecer quando os ritmos são reproduzidos igualmente, em várias áreas.

5. Iluminação

Durante uma grande parte do início da vida humana, o homem dependeu unicamente da luz natural para iluminar o seu quotidiano. O domínio do fogo representou um marco signficante, ao fornecer aquecimento, luz e auxílio na alimentação, o que foi fundamental para a sobrevivência durante as épocas mais frias. Mais tarde, as velas e

outros tipos de iluminação deste género, tornaram-se uma das primeiras fontes de iluminação artificial, permanecendo em tendência durante séculos.

Séculos mais tarde, Aimé Argand (Suíça, 1750-1803) desenvolveu melhorias na lâmpada a óleo, já antes criada. Este novo sistema, embora dependente de um meio de combustão, proporcionava uma intensidade da luz mais duradoura. A invenção da iluminação a óleo marcou uma fase importante na evolução dos diferentes tipos e tecnologias da iluminação, estabelecendo o caminho para os avanços modernos.

A consequência da evolução da tecnologia tornou essencial que se produzisse e transportasse eletricidade para o abastecimento das máquinas e iluminação dos espaços, na medida em que a “(...) origem de uma nova fonte de energia, a eletricidade, “apresentava inúmeras vantagens em relação ao gás (...) os benefícios proporcionados, o mais apreciável estava relacionado com o ambiente (...) veio transformar a área da iluminação” (Barros, 2022, p.53 cit in Cunha, 2006, p.78).

A lâmpada incandescente, criada por Nikola Tesla (Croácia, 1856-1943) e por sua vez melhorada por Thomas Edison (EUA, 1847-1931), representou um marco revolucionário na história da iluminação e eletricidade, permitindo a sua comercialização e aplicação nas habitações, escritórios e espaços públicos. A inovação desenvolvida por Tesla e Edison melhorou as condições de luminosidade e energia, dando início a uma nova era na forma como os espaços habitados são iluminados, com os devidos avanços e adaptações, ainda largamente utilizada na atualidade.

5.1. A importância da Iluminação nos Espaços Interiores

Nos projetos de interiores, o designer define o conceito de iluminação a implementar no projeto, uma vez que este planeamento técnico, deve ser considerado desde a fase inicial do projeto e não como um elemento secundário ou tardio. Os melhores resultados são alcançados quando o a definição da iluminação a utilizar tem a mesma prioridade que a estética e a organização dos espaços, resultando numa correspondência de forma harmoniosa e funcional.

No design de interiores, é essencial perceber que a “(...) luz pode ser um poderoso componente dos ambientes, dada nossa tendência inata a reagir às características de uma luz de maneira emocional e intuitiva (...) (Grimley e Love, 2007, p.214), sendo assim mais rentável e sustentável, e oferecendo qualidade e sucesso ao design de interiores com a criação de uma atmosfera entre as várias zonas dos interiores das habitações.

A iluminação revela-se como um elemento modelador de espaços, das atmosferas pretendidas e da forma de uso dos espaços que se pretende definir em projeto. Durante todo o processo de design, os vários tipos de iluminação “(...) desempenham um papel importante na definição do esquema decorativo (...) (Dodsworth, 2009, p.223), nas cores e nos acabamentos escolhidos, para que haja uma concordância na forma de como a luz irá

interagir com o ambiente, podendo ou não afetar diretamente eficiência e a estética do espaço. A escolha da iluminação certa pode ajudar o dia a dia dos utilizadores, não só na funcionalidade dos espaços que ilumina tal como destacar o estilo de design aplicado, sendo que em todo o processo da instalação destes sistemas, pode envolver intervenções que obrigam a que estas tarefas sejam realizadas por profissionais qualificados.

Cabe ao designer de interiores, fornecer especificações detalhadas e plantas com desenhos técnicos onde se definem os elementos de iluminação e eletricidade pretendidos e assim orientar estes profissionais de forma, a que os mesmos percebam e implementem no projeto os requisitos e luminárias definidos pelo designer responsável do projeto.

Na seleção dos componentes de iluminação, o designer “(...) deve considerar sua função, suas dimensões, sua aparência (pois o gosto e as exigências do cliente podem variar com o passar do tempo), seu fornecedor, seu custo e sua manutenção (...)” (Gibbs, 2009, p.88), sendo necessário assegurar a qualidade e funcionalidade dos elementos escolhidos, para que seja fácil a sua manutenção, substituição e limpeza.

5.2. Tipos de iluminação

No design de interiores, podem ser implementados vários tipos de iluminação, dependendo da sua funcionalidade e objetivo. “Como é do conhecimento geral, existem duas formas de obter luz nos espaços, nomeadamente a luz natural e a luz artificial (...)” (Barros, 2022, p.53), pois assim é possível “criar (...) ambientes iluminados que sejam confortáveis, pareçam naturais e sejam física e mentalmente bons (...)” (Barros cit in Innes, 2014, p. 37) para os utilizadores.



Figura 17 – Luz Natural. Fonte: Freepik

A Iluminação Natural, fornecida pelo sol, “(...) varia consoante a hora do dia, a estação do ano e o local (...) ou devido a (...) nuvens, neblina, precipitação ou qualquer poluição que possa estar presente no ar.” (Ching, 2015, p.256). Além disso, o impacto da paisagem exterior interfere no modo de como a luz penetra no espaço interior e deve ser analisado de forma detalhada, para que ofereça uma visão abrangente ao designer, enquanto facilita o seu trabalho na implementação dos elementos restantes de iluminação e criação de um melhor ambiente. Para garantir a presença de luz natural nos espaços, é essencial a escolha de janelas com capacidade para permitir a entrada de luz solar e iluminar o interior. Assim, os elementos que

estejam e contacto com a luz natural, devem ser de qualidade e com cores claras, para que haja uma menor absorção e maior difusão total da luz no espaço.

A incidência da luz natural pode ser regulada através de elementos que barrem a luz por completo, como as persianas opacas, *blackouts*⁴ ou estores, ou também elementos de filtragem e redireccionamento da luz, prevenindo assim a entrada direta dos raios solares, como as cortinas translúcidas ou transparentes, entre outros. Estes elementos por serem fundamentais para a criação do ambiente dentro do espaço, devem ser escolhidos conforme a estética e a funcionalidade dos mesmos na gestão da luz natural “(...) pois a iluminação tem o poder de influenciar as experiências físicas e emocionais (...)” (Barros, 2022, p.53) de qualquer utilizador.

A Iluminação Artificial, permite ao designer controlar a luz no espaço segundo as características que pretende implementar no espaço através da luz, seja para satisfazer certas necessidades práticas ou para criar pormenores decorativos. Com este tipo de iluminação é possível criar diferentes atmosferas, podendo atuar de forma autónoma ou complementar com a luz natural, tornando-se “(...) obviamente, uma necessidade se o espaço tiver de funcionar à noite.” (Dodsworth, 2009, p.224). Cada fonte de luz artificial apresenta uma tonalidade cromática diferente, o que exige atenção ao combinar diferentes fontes de luz na mesma zona, de acordo com a tipologias de espaços a trabalhar e os requisitos funcionais dos mesmos. Ao longo dos anos, os sistemas de iluminação sofreram significativas melhorias, impulsionadas pela necessidade de reduzir o consumo energético e promover a sustentabilidade ambiental.

Dentro da iluminação artificial, podem ser distinguidos dois tipos: a iluminação direta e a indireta. Ambos desempenham papéis complementares dentro dos espaços iluminados de forma eficiente.

A Iluminação Artificial Direta, “(...) é aquela que incide de forma direta nas superfícies (...), pois facilita a execução de tarefas (...)” (Barros, 2022, p.54), neste sentido, o designer sente-se mais confortável para conjugar os estilos destes elementos com o espaço em volta. Por outro lado, a **Iluminação Artificial Indireta** “(...) é aquela que não incide diretamente sobre as pessoas ou superfícies de uso, mas sim é refletida em paredes, tetos ou elementos arquitetónicos, criando uma luz suave, confortável e visualmente equilibrada.” (Westwing, s/d).

⁴ Cortina de janela, que consegue bloquear por completo, a entrada de luz natural vinda do exterior.

Contudo, para maximizar os benefícios da iluminação indireta, é necessário que as superfícies de reflexão sejam de tonalidades claras, permitindo uma maior difusão da luz no espaço.

A **Iluminação Geral**, “(...) proporciona um bom nível de luminosidade em todo o ambiente (...)” (Gibbs, 2009, p.88), e desempenha o papel fundamental para certificar a distribuição uniforme da luz. O designer deve recorrer a equipamentos de luz como focos embutidos, candeeiros de pé, de mesa ou de teto, sancas com led oculto, entre outros, cuidadosamente pensados e incluídos no design geral do projeto dos interiores, garantindo a conformidade estética e funcional. Desta forma, “(...) os componentes de iluminação devem estar harmonizados com o estilo do projeto de interiores e localizados (...)” (Gibbs, 2009, p.88) evitando situações de desconforto visual e encandeamento.



Figura 18 – Luz Artificial. Fonte: Pinterest

5.3. Esquemas de Iluminação

Os esquemas de iluminação eficazes criam espaços com personalidade, ao explorar o jogo entre luz e sombra. Não é necessário nem recomendado, iluminar totalmente um espaço; pois na verdade, tal abordagem pode resultar em ambientes monótonos e desconfortáveis. Como refere Jéssica Barros, “o ideal é conciliar (...) três tipos de iluminação com o objetivo de provocar um efeito uniforme reunindo "os requisitos técnicos, os níveis de iluminação estabelecidos e regulamentados, a distribuição harmoniosa dos brilhos directos e a limitação dos reflexos, a direcção da luz, modelando a cor da luz e as cores seleccionadas (...)" (Barros, 2022, p.55 cit in Pais, 2011, p.25).

A integração destas diferentes categorias de luz permite ao designer criar ambientes equilibrados e dinâmicos, combinando a estética, funcionalidade e conforto, tendo sempre em atenção as necessidades e gostos do utilizador final. Para que um esquema de iluminação funcione de forma eficiente, é fundamental que a instalação seja feita com as melhores condições e facilmente controlável, tendo sempre em consideração que "as diferentes posições e direcções da luz, não só mudam a forma e cor aparentes de um objeto, como também afetam a nossa percepção de sua profundidade. (...) A direcção de uma fonte

de luz e as suas mudanças de intensidade, também podem alterar o humor perceptivo de um espaço" (Lage, 2020, p. 34)" (Barros, 2022, p.55 cit in Lage).

A instalação destes esquemas de luz e seus sistemas de controlo pode condicionar as percepções sobre o espaço, o que é necessário sublinhar a importância de um planeamento bem estruturado e detalhado desde o início do projeto. Esta organização não só minimiza interrupções no projeto como também garante uma manutenção mais fácil e assegura que os elementos escolhidos são práticos e adaptados às necessidades específicas do utilizador e do espaço.

5.4. Controlo dos Esquemas de Iluminação

Um projeto de iluminação pode ganhar maior importância através da utilização de múltiplos circuitos elétricos, e "(...) deve contar com vários tipos de fontes de luz que possam ser ajustados de acordo com a função, a atmosfera ou a hora do dia." (Gibbs, 2009, p.89), assim como um circuito pode ser dedicado à iluminação de uma mesa de refeição, onde são utilizadas lâmpadas de baixa potência e podem ser posicionadas consoante as suas funções, com os seus pontos de controlo localizados em zonas estratégicas, facilitando a sua ligação imediata ao entrar no cómodo. Além disso, todos os restantes aspetos ligados à parte integrante da iluminação, como interruptores, tomadas, quadros elétricos, etc., devem ser pensados e desenhados de forma a não serem vistos como elementos destoantes de todo o design do espaço, isto é, pormenores como estes que estavam interligados, resultarão na harmonia da funcionalidade e estética.

As inovações tecnológicas mais recentes tornam possível programar previamente a iluminação de forma personalizada, ajustando "(...) critérios de quantidade e de qualidade como a iluminância, uniformidade, encandeamento, direção da luz e modelagem e a aparência da cor da luz." (Barros, 2022, p.55). Sistemas que permitam a variação cromática são particularmente valiosos, uma vez que possibilitam a transformação de um espaço, por exemplo, programar o sistema de iluminação de forma a simular a luz natural em contexto de trabalho/ tarefas domésticas ou até escolher uma iluminação mais difusa e relaxante em momentos de descanso e lazer. Adicionalmente, a alteração da forma como a luz interage com as superfícies, como paredes e tetos, permite criar efeitos de luz e cor dinâmicos e personalizados, ampliando as possibilidades estéticas e funcionais.

A iluminação, é um dos principais responsáveis pelo consumo de energia nas habitações e pode ser otimizada através de soluções simples, como o uso de lâmpadas fluorescentes compactas, sempre que possível, uma alternativa para reduzir este consumo. Contudo, existem no mercado vários modelos de dispositivos de iluminação compatíveis com lâmpadas fluorescentes, mas estas apresentam limitações, como tempos de arranque mais lentos, durante os quais a potência luminosa é reduzida. Os dispositivos LED, estão atualmente em destaque como solução de baixo consumo energético, "(...) pois apresenta

um menor custo, uma maior eficácia luminosa com um maior fluxo luminoso (...) (Silva, 2013, p.11), tanto para a iluminação geral de espaços, como para iluminar pequenos pontos ou detalhes. Por outro lado, a iluminação de baixa voltagem pode contribuir para a redução do consumo de energia, mas o uso excessivo de focos de luz embutidos, uma técnica frequentemente utilizada pelos designers de interiores, pode neutralizar este benefício.

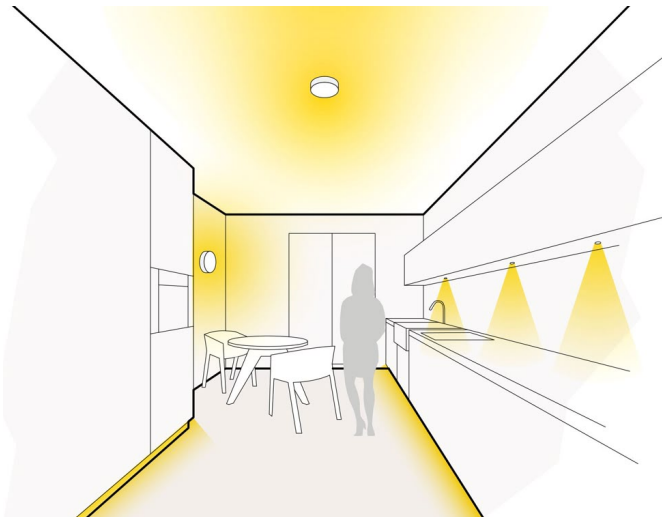


Figura 19 - Esquema de iluminação em cozinha.
Fonte: Prediger

6. Cor

A cor é a “impressão visual produzida pela luz, determinada pelo comprimento de onda dos raios eletromagnéticos perceptíveis pela visão” (Infopedia). O estudo da cor, assim como a experiência quotidiana que temos dela, remete na maior parte das vezes, para elementos da natureza, de arte e ciência. Apesar de existirem, as três cores primárias: azul ciano, magenta e amarelo, como elemento imprescindível para a criação de todas as cores existentes, estes modelos de estudo da cor analisam atributos específicos de cada cor, “(...) como matiz (a cor real de algo), saturação (quão pura é a cor em comparação com o quão cinzenta é) e brilho (quanto de branco ou preto faz parte da cor)” (Dodsworth, 2009, p.213). A partir destes parâmetros, é possível descrever e categorizar a maioria das cores de forma correta e detalhada.

A partir das cores primárias são criadas as cores secundárias, “(...) são o verde, o laranja e o violeta, derivadas da combinação de quantidades iguais das duas cores primárias (...)” (Gibbs, 2009, p.110) utilizadas para criação das mesmas, e ainda com a junção de uma terceira cor primária à adjacente, na mesma quantidade, obtêm-se as cores terciárias (laranja-amarelo, vermelho-laranja,



Figura 20 - Círculo Cromático. Fonte: Gettyimages

vermelho-púrpura etc.).” (Gibbs, 2009, p.110). Num dos lados do círculo cromático, estão as cores frias, sendo azul, verde e roxo, e do lado contrário, as cores quentes, vermelho, laranja e amarelo.

Além destas, existe também outro grupo importante, as cores neutras, que não estão representadas no círculo cromático. As únicas cores verdadeiramente neutras são o preto, o branco e o cinzento, e são utilizadas para formar “(...) uma grande variedade de matizes (...)” (Gibbs, 2009, p.111) e uma vasta gama de tonalidades, desde os cinzentos frios até aos tons quentes. Estes tons quentes das cores neutras, abrangem matizes como mel, pedra, marfim, palha e o cáqui, bem como tonalidades de branco, creme, chocolate, castanho, argila, ocre e carvão. Assim sendo, o designer de interiores pode optar por esquemas cromáticos quentes ou frios, dependendo do enquadramento pretendido e da estética desejada para o espaço, ajustando as tonalidades para conferir contraste e equilíbrio.

Embora os esquemas cromáticos neutros sejam frequentemente associados a espaços requintados e ambientes relaxantes, é importante sublinhar que, em determinadas circunstâncias, podem parecer demasiado simples e monótonos, não tendo outros elementos contrastantes, em extensas superfícies de paredes, pavimentos ou em peças de mobiliário de grandes dimensões. Além disso, um esquema cromático neutro “(...) pode ser enriquecido com a introdução de certa pontuação com cores vibrantes, que lhe conferem uma dramaticidade (...)” (Gibbs, 2009, p.114) conferindo-lhe uma mistura não muito complexa, mas com um bom contraste.

6.1. Percepção da Cor

A percepção da cor é o processo que envolve a ligação entre a luz, a cor, os objetos e o sistema visual humano (olhos e cérebro), e é influenciada por vários aspetos, o que torna esta experiência algo subjetiva, podendo variar constantemente.

Entre estes aspetos, está a fonte de luz, que pode não emitir luz completamente branca, e que produz luz relativamente quente, com tonalidades amarelas ou alaranjadas, ou ainda a luz natural que apresenta variações significativas, devido à hora do dia e localização geográfica. Para além disso, considera-se muito importante verificar (...) materiais sob as diferentes condições de iluminação nos locais onde serão aplicados, tanto de dia quanto à noite.” (Gibbs, 2009, p.117)

Outro dos fatores, são as propriedades das superfícies, sendo que os diversos tipos de materiais refletem a luz de diferentes formas, podendo ser difusa ou dura. Estas características de reflexão e intensidade da luz, têm impacto direto no modo como as cores são percebidas “(...) nos locais onde serão aplicados para garantir que as cores realmente combinem ou se harmonizem.” (Gibbs, 2009, p.119)

A interação entre as cores, é também um fator que pode alterar subtilmente a tonalidade de cada uma e assim transformar a maneira de como é interpretada. No estudo das cores, este fenómeno demonstra a influência do contexto visual nas sensações que cada cor transmite.

Estas são algumas das razões, pela qual a nossa capacidade de interpretar uma cor é ilimitada e cabe ao designer, perceber e traduzir as intenções manifestadas pelos clientes/utilizadores que este método permite garantir uma comunicação eficaz, reduzindo a ausência de esclarecimento e interpretações discordantes, promovendo resultados que sigam as ideias dos clientes e as propostas do designer.

6.2. Simbolismo da Cor

As cores possuem significados simbólicos “(...) tradicionalmente associadas a certos valores que podem determinar o projeto de interiores de um espaço (...)” (Gibbs, 2009, p.115), como o verde para a natureza, o rosa relacionado com o feminino ou o azul para o masculino. Contudo, estes significados são relativos e dependem do contexto cultural, o que pode gerar diversas interpretações, por exemplo “na cultura cristã, o vermelho simboliza o sangue de Cristo e o martírio; (...) Para os chineses, o vermelho é tradicionalmente a cor da sorte e da felicidade, enquanto para os indígenas norte-americanos e para a cultura celta é uma cor associada à morte e ao infortúnio.” (Gibbs, 2009, p.115)

Estas diferenças culturais sublinham a importância de compreender o contexto simbólico das cores ao projetar espaços interiores, especialmente em ambientes destinados a um grande número de utilizadores de diferentes origens, como o que se verifica nos espaços públicos. Assim, o designer de interiores deve abordar a escolha cromática de forma sensível e metódica, reconhecendo os significados que cada cor pode possuir, assim como as diversas interpretações enquadradas no contexto sociocultural em que se situa a intervenção do designer.

6.3. Esquemas de Cores

Um conceito visual de um espaço pode ser utilizado como guia para determinar o esquema cromático. Este método possibilita que os esquemas de cor sejam desenvolvidos a partir do briefing inicial, e por sua vez, expressos nos *moodboards*. Contudo, existem outros métodos que podem ser empregues para relacionar cores de forma a estabelecer o princípio ou inspiração de um esquema. Mesmo quando o esquema cromático é inspirado por uma fonte externa ou influência pode ser vantajoso identificar o tipo de esquema utilizado, pois “A força de uma cor precisa estar relacionada ao tamanho da superfície sobre a qual será aplicada” (Gibbs, 2009, p.120) e deste modo, é possível seguir uma estrutura predefinida resultando num esquema funcional.

Os esquemas cromáticos mais simples, são definidos pela localização das suas cores no círculo cromático. Este elemento deve ser encarado como uma indicação, onde as alterações são permitidas e não uma regra para ser seguida à risca, e assim, “(...) o designer de interiores poderá maximizar a sensação de intimidade do ambiente através do uso de cores e texturas para criar uma sensação envolvente.” (Gibbs, 2009, p.120)

Até mesmo em esquemas monocromáticos, podem ser introduzidas cores contrastantes para destaque, em pequenas quantidades, elevando um esquema simples e distinto. Desta forma, o equilíbrio continua a ser essencial assim como a sua capacidade de avaliação.

6.4. A Cor no Design de Interiores

A cor, tal como os materiais, superfícies e texturas, “(...) é uma ferramenta importante para designar as formas específicas (...)” (Blackwell, 2015, p.98) no design de interiores, desempenhando um papel essencial na criação de estilos únicos e sensações, bem como na produção de diversos efeitos visuais.

A sua influência da cor num espaço é imediata, sendo frequentemente o primeiro elemento a ser perceptível assim que se entra no mesmo e, tal como a iluminação, a cor consegue contribuir para a criação de diferentes atmosferas, conferindo personalidade aos espaços onde são inseridas. Embora nem sempre se mencione explicitamente o esquema cromático de um espaço, as suas impressões sobre o ambiente — como considerá-lo acolhedor, caloroso, convidativo, limpo, amplo, elegante ou íntimo — são, maioritariamente, uma consequência direta das tonalidades e combinações de cores aplicadas no projeto, e desta forma, a cor assume um papel central na experiência do indivíduo nos espaços interiores.

Após a conclusão do estudo preliminar de um projeto de interiores, o designer avança para a seleção de materiais, acabamentos, mobiliário, decoração e respetivas cores, com o objetivo de desenvolver o projeto decorativo de forma integrada e detalhada. Nesta etapa, os aspetos psicológicos, como a “(...) busca pela qualidade de vida, pelo conforto, bem-estar e satisfação pessoal ressalta a importância da aplicação das cores nos ambientes residenciais (...) e assim, “(...) a função do ambiente, a personalidade do usuário (...)” (Nunes, 2016, p.7) são analisados pelo designer de interiores, de forma a assegurar as necessidades do utilizador.

Para facilitar a compreensão do projeto pelos clientes, os designers de interiores recorrem frequentemente aos modelos de apresentação de ideias, painéis que permitem ilustrar de forma clara as propostas de design, incluindo muitas vezes, várias imagens de referência, assim como detalhes de materiais, acabamentos e acessórios.

Analisando os vários espaços de uma habitação, deve-se ter em atenção as diferentes funcionalidades de cada um, como as zonas públicas e sociais (sala de estar ou de jantar, cozinha), “(...) onde as pessoas permanecem por longo período de tempo, por isso deve receber uma atenção (...) especial, para que se torne agradável e aconchegante.” (Nunes, 2016, p.8), ou o quarto, destinado a zona de descanso, requer cores mais “(...) balanceadas com a personalidade do cliente, devendo atender às suas necessidades.” (Nunes, 2016, p.8).



Figura 21 - Composição de mobiliário com cores frias e quentes. Fonte: Pinterest

Como referido várias vezes, a personalidade do usuário é um conjunto de características, que pode ser um aspeto relevante na determinação das paletas cromáticas num espaço interior, pois é este conjunto que condicionará a forma de como a pessoa faça a leitura da cor que vê. Apesar de não ser uma regra, a aplicação de qualquer cor num espaço deve considerar os padrões habituais, bem como metas e objetivos do utilizador final.

7. Reabilitação

A reabilitação urbana e rural em Portugal é uma prática que tem vindo a crescer devido à enorme procura no mercado imobiliário e ao envelhecimento das áreas habitacionais, principalmente nos grandes centros históricos como Lisboa, Porto, Braga, Viana do Castelo e aldeias afastadas das cidades. Segundo a matéria publicada pela CNN Portugal, em 2025, “(...) o setor da reabilitação urbana em Portugal registou um aumento homólogo do nível de atividade de 3,8% (...) mostra a edição mais recente do Barómetro da Reabilitação Urbana, divulgada pela AICCOPN.” (CNN Portugal, 2026).

Em Portugal, esta intervenção é feita com base em dois conceitos essenciais, o conceito de área de reabilitação e o conceito de operação de reabilitação, termos retirados do Portal da Habitação português; onde refere que o conceito de área de reabilitação, “(...) designa-se a área territorialmente delimitada que, em virtude da insuficiência, degradação ou obsolescência dos edifícios, das infraestruturas, dos equipamentos de utilização coletiva e dos espaços (...) no que se refere às suas condições de uso, solidez, segurança, estética ou salubridade, justifique uma intervenção (...)” (Portal da Habitação, s/d). Seguindo para a operação de reabilitação, que é o “(...) conjunto articulado de intervenções visando, de forma integrada, a reabilitação urbana de uma determinada área (...)” (Portal da Habitação, s/d).

A reabilitação também deve ser vista como uma ferramenta essencial para a manutenção da identidade dos espaços urbanos e rurais, permitindo que se mantenham as características históricas enquanto se introduzem melhorias funcionais e de conforto. Tal como refere o Regime Jurídico da Reabilitação Urbana, aprovado pelo Diário da República (2009), estas intervenções têm como objetivo “Assegurar a reabilitação dos edifícios que se encontram degradados ou funcionalmente inadequados”, “Melhorar as condições de habitabilidade e de funcionalidade do parque imobiliário urbano e dos espaços não edificadas”, “Promover a sustentabilidade ambiental, cultural, social e económica dos espaços urbanos” (Decreto-Lei n.º 307/2009, 2009).

No entanto, a reabilitação de espaços em Portugal, enfrenta desafios particulares. Sendo um deles, a conformidade entre a adaptação das construções e preservação “(...) do existente, permitindo a realização de intervenções no edificado que, embora não cumpram (...) as disposições legais e regulamentares (...), não agravam a desconformidade dos edifícios (...) ou têm como resultado a melhoria das condições de segurança e salubridade da edificação ou (...) uma melhoria das condições de desempenho e segurança funcional, estrutural e construtiva da edificação (...)” (Decreto-Lei n.º 307/2009, 2009), que incluem uma especial atenção no que toca aos requisitos de sustentabilidade, acessibilidade, eficiência energética, como refere a Diretiva Europeia que “(...) visa melhorar o desempenho energético dos edifícios na União Europeia (UE), com o objetivo de alcançar emissões nulas no parque imobiliário até 2050. A diretiva aborda quer os edifícios novos quer os existentes, e tanto a eficiência energética de um edifício como a integração de fontes de energia renováveis. A reformulação promove, em particular, a renovação energética dos edifícios existentes, a fim de melhorar o seu desempenho energético e reduzir as emissões de gases com efeito de estufa.” (Diretiva Europeia (EU) 2024/1275 (EPBD Recast).

É também importante referir os vários regulamentos que fazem parte do setor a reabilitação em Portugal, como o Simplex Urbanístico, que “(...) contribui para o aumento dos solos disponíveis, permitindo igualmente que os custos da criação de habitação sejam



Figura 22 - Cozinha reabilitada com elementos antigos. Fonte: Homify

menores e os tempos de concretização de projetos imobiliários sejam mais reduzidos.” (Decreto- Lei nº 10/2024).

Pode-se considerar várias zonas históricas, como o Centro Histórico e a Baixa do Porto ou Bairro Alto, em Lisboa. Conhecidas pelas suas características específicas de arquitetura, estas zonas, já experienciaram a reabilitação dos seus espaços, seguindo padrões de design que respeitam o passado e oferecem um conforto moderno, em simultâneo. Tal como estes casos, são vários os edifícios que foram reabilitados, onde é notória a consolidação de uma solução estratégica e o foco é o equilíbrio entre a funcionalidade e estética moderna, correspondendo assim às necessidades contemporâneas. Ao proceder com a intervenção de reabilitação, é importante perceber que a “(...) qualidade dos nossos centros históricos (...) resulta (...) fundamentalmente o conjunto de edifícios de habitação corrente que, com uma grande unidade de linguagem e coerência construtiva, formam ruas, quarteirões e áreas urbanas que os habitantes (re)conhecem com uma identidade própria (...)” (Siqueira Lopes, 2015, p.19, cit in Lopes, 2006, p.1), de modo a que haja uma transformação nos interiores das habitações onde as necessidades e expectativas dos moradores sejam privilegiadas, sem se perder qualquer traço do valor patrimonial destes espaços. Assim, deve-se compreender “(...) os benefícios de adaptar o edificado considerado “histórico” mantendo a sua imagem e conteúdo sempre que possível (...)” (Lopes, 2015, p.55) em projetos que englobem “(...) sustentabilidade de espaços, bens e valores patrimoniais e socioculturais (...)”, contribuindo para o aumento do conforto e eficiência energética e funcional dos espaços, onde a preservação de elementos originais, como azulejos e tetos trabalhados, coexista com soluções contemporâneas de conforto e funcionalidade.

Como caso de estudo é importante também abordar mais aprofundadamente a reabilitação rural, tema principal na problemática do projeto. Devido à procura da população por zonas mais calmas e fora dos grandes centros, “(...) as aldeias e vilas do interior começaram a surgir como um plano B cada vez mais viável para quem quer viver com mais espaço, mais silêncio (...)” (Ferreira, 2025), e assim construções antigas ganham um certo interesse para este grupo de pessoas. O processo de reabilitação rural tem a mesma valorização do existente, como a reabilitação urbana, mas difere no contexto em que ocorre e nos problemas que procura resolver, onde existem diferenças no público-alvo. Enquanto nas grandes cidades se combate com uma grande densidade populacional e procura de habitação, nas zonas rurais tenta-se diminuir o despovoamento e o envelhecimento dos edifícios. Ambas trabalham para um desenvolvimento tanto populacional como territorial equilibrado, respondendo a realidades e necessidades distintas.

7.1. Preservação do Património e Compromisso com a Sustentabilidade

A reabilitação de espaços já existentes e sua adaptação para novas utilidades, tem sido para além de uma prática cada vez mais comum, uma abordagem essencial do design de interiores contemporâneo. Num contexto em que a preservação cultural e a sustentabilidade se tornam aliados e prioridade, estas intervenções expressam a necessidade de “(...) utilização de materiais ecológicos, na aplicação de sistemas e infraestruturas de baixo impacto, na procura de uma estratégia que também visa considerar (...)” (Castro, 2012, p.32 cit in Milano, 2009, p.491), a reabilitação como uma solução estratégica para equilibrar a funcionalidade moderna com o respeito pelas tradições e cultura dos espaços. A sustentabilidade é pensada em várias fases do projeto, na implementação de recursos locais e materiais ecológicos e representa uma oportunidade para os projetos de reabilitação, criando espaços mais responsáveis e incorporados nas comunidades, tanto urbanas como rurais. Esta abordagem também possibilita na redução dos vários resíduos produzidos nas construções e respetivas habitações, assim como, o aproveitamento dos recursos existentes, características fundamentais para a sustentabilidades tanto na urbanização como nas zonas rurais.

A reabilitação de espaços construídos baseia-se na premissa da continuidade e valorização do património cultural, vital para a identidade de qualquer comunidade. Em Portugal, o património natural e arquitetónico, os centros históricos das nossas cidades, vilas e aldeias são recursos económicos de valor incalculável e considerando que a riqueza arquitetónica e diversidade de estilos marcam a história do país, a preservação de edifícios históricos representa mais do que a conservação de estruturas físicas, sendo, de certa forma, a capacidade de resposta à vida contemporânea, de integrar valores sociais, ambientais e de ser economicamente visível, isto é, deve assumir uma postura sustentável.” (Castro, 2012, p.22 cit in Ramos, 2006).

Ao longo das últimas décadas, muitos edifícios foram restaurados para uso habitacional, comercial e/ou turístico, respeitando o estilo original. A preservação das fachadas e elementos característicos, como os azulejos, demonstra o compromisso com a herança cultural. A reabilitação não se limita apenas na preservação do exterior dos edifícios, “(...) implica um conjunto de esforços para que se encontre um equilíbrio, para que se responda às exigências do mundo atual e não se degenere a evolução (...)” (Castro, 2012, p.23), e assim, “casas antigas, muitas delas devolutas há décadas, passaram a ter novo fôlego (...)” (Ferreira, 2025), onde a requalificação do interior permite transformar estes espaços em algo dinâmico e culturalmente significativo, onde o passado e o presente coexistem.

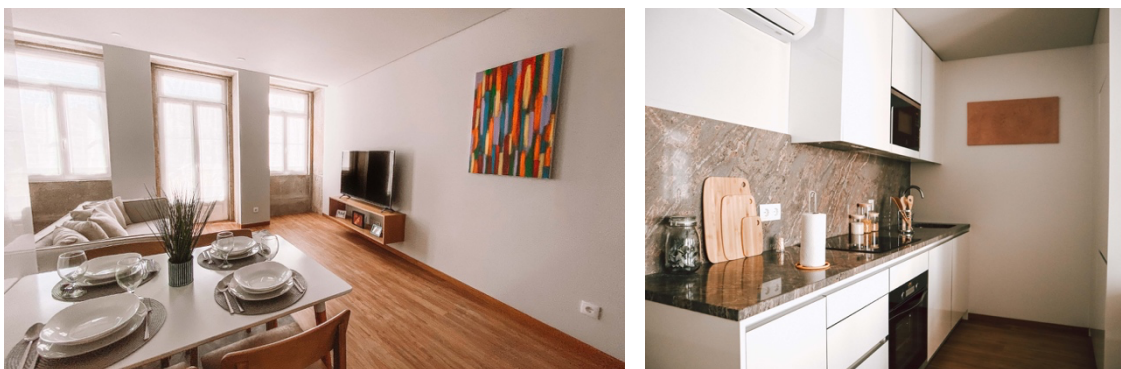


Figura 23 e 24 - Casa reabilitada em Viana do Castelo. Fonte: Reabilitar Viana

A reabilitação de interiores promove a sustentabilidade ao adaptar espaços e/ou edifícios para uso contemporâneo, onde minimiza a necessidade de novas construções e, por isso, do consumo de recursos. O conceito de sustentabilidade na reabilitação começa pela “(...) satisfação das necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas (...)” (Castro, 2012, p.70), isto é, o processo de recuperação de edifícios é já em si um fator sustentável, o que leva a estas zonas, a preferência por este tipo de intervenção nas habitações. A relação entre o design de interiores e a sustentabilidade na reabilitação é consolidada, a partir do momento em que são utilizados novos materiais e processos de construção e produção, analisando o ciclo de vida dos diversos elementos que integram esta intervenção, e assim “(...) o Design poderá auxiliar no projecto de mudanças sistemáticas voltadas para um futuro sustentável (...)” (Castro, 2012, p.113).

Assim, é possível considerar a reabilitação como um “(...) o processo de construção sustentável, (...) através da implementação de métodos de ações passivas, de processos construtivos rigorosos e detalhados, da utilização de materiais renováveis (...), visando minimizar os impactes sobre o meio ambiente, recursos naturais e consumos energéticos, e tentando sempre a promoção da qualidade do conforto interior dos edifícios (...)” (Mateus, 2012, p.9), e assegurando a revitalização urbana, o que contribui para a criação de novos polos culturais e económicos. Este processo não só preserva o valor energético inerente dos materiais originais, como evita a emissão de gases com efeito de estufa resultantes da fabricação e transporte de novos materiais. Práticas como a utilização de isolamento térmico eficiente, iluminação LED e sistemas de reaproveitamento das águas, são exemplos que podem ser aplicados nos projetos de reabilitação.

7.2. Papel do Design de Interiores na Reabilitação

O design de interiores quando bem implementado, pode desempenhar um papel essencial na reabilitação de um espaço interior, pois atua como interveniente entre a preservação do espaço existente e a adaptação aos requisitos modernos de conforto,

estética e funcionalidade. Para além disso, o design de interiores deve procurar o equilíbrio entre a intervenção no espaço e a sustentabilidade “(...) através de eficiência, reduzindo a intensidade em materiais e energia e valorizando a dinâmica ambiental (...)” (Mateus, 2012, p.10), projetando espaços com a intenção de melhorar a qualidade de vida, oferecer segurança e bem-estar e proteger a saúde dos utilizadores.

Nesta perspetiva, o profissional de design desempenha um papel fundamental na conversão dos espaços a estas novas necessidades, nunca esquecendo a integridade do património e atuando como intermediário entre o passado e o presente, ao oferecer soluções contemporâneas que respeitem o carácter e a história dos espaços, em articulação com o programa de projeto definido. A abordagem da requalificação funcional, acontece quando o designer reorganiza o espaço “(...) oferecendo respostas positivas ao cumprimento das exigências colocadas à habitação (...)” (Carvalho, 2013, p.1), podendo otimizar nas zonas de circulação, funcionalidades dos vários elementos ou aproveitamento das áreas disponíveis do espaço interior, sendo especialmente relevante no que toca a exigências atuais de habitabilidade, ergonomia e eficiência energética.

Na procura pela melhoria do espaço e bem-estar do utilizador, o design de interiores contempla aspetos como o planeamento da iluminação conforme a orientação e consumo do edifício, pensar no isolamento acústico e térmico para melhor eficiência energética, escolha de materiais, acabamentos e cores, de modo a “(...) contribuir para a visualização e criação de cenários alternativos, viáveis e aliciantes, para que nos possamos (re)ver neles, diversificar escolhas e caminhar em direcção a um novo paradigma eco-social, desejavelmente sustentável.” (Castro, 2012, p.114).



Figura 25 - Cozinha reabilitada com pavimento em azulejo e teto em pedra antiga. Fonte: Pinterest

O design de interiores, como área de intervenção capaz de entender as necessidades de um espaço e do utilizador, consegue contribuir na transformação do espaço, face “(...) às “condições” contemporâneas, fazê-lo responder à actual diversidade de necessidades.” (Castro, 2012, p.117). Deste modo, percebe-se que uma integração consciente dos elementos originais e das necessidades contemporâneas, pode resultar num espaço que é simultaneamente funcional e historicamente significativo. Ademais, é relevante salientar a possibilidade de atrair novos habitantes ou manter os já residentes, tornando estas zonas “(...) mais movimentadas,

mais vividas, e acabarão por se revitalizar quase que naturalmente.” (Castro, 2012, p.117). É a partir dos diversos elementos integrantes da paleta do design de interiores, que estes “(...) são selecionados e manipulados para se tornarem diretrizes espaciais, visuais e sensoriais (...)” podendo afetar (...)” (Ching, 2015, p.149) não apenas a função e o uso de um espaço, mas também as qualidades expressivas da forma e (...) estilo (...)” (Ching, 2015, p. 149) do mesmo. A forma como esses elementos são selecionados e manipulados para se tornarem diretrizes espaciais, visuais e sensoriais afetará não apenas a função e o uso de um espaço, mas também as qualidades expressivas da forma e do estilo.

7.3. Desafios, Oportunidades na Reabilitação

A reabilitação de espaços existentes apresenta desafios complexos, por ainda ser “(...) uma área de actuação (...) à qual está implícita um processo contínuo (...)” (Castro, 2012, p.139), desafios esses que vão desde a compatibilização entre estruturas antigas e novas instalações até a uma regulamentação exigente. No entanto, esses desafios oferecem oportunidades para inovações criativas e sustentáveis, onde permite ao designer “(...) nos processos de identificação de problemas e criação de respostas, funcionar como ponte entre ideias e “objectos”, arte e tecnologia, cultura e economia, intervindo a nível social, económico e cultural (...)” (Castro, 2012, p.139), e são desenvolvidas soluções que respeitem tanto a revitalização das zonas históricas e despovoadas quanto as expectativas funcionais.

Outro dos pontos mais desafiantes na reabilitação de espaços interiores, é adaptação dos mesmos para o cumprimento de certas normas de segurança e acessibilidade, assim como indica o Diário da República, na definição de “(...) requisitos funcionais da habitação e da edificação em conjunto, aplicáveis às operações de reabilitação em edifícios ou frações autónomas com licença de construção emitida até 1 de janeiro de 1977, sempre que estes se destinem a ser total ou predominantemente afetos ao uso habitacional (...)” (Portaria nº 304/ 2019).

Sendo muitos destes espaços e edifícios históricos construídos muito antes da implementação destas regulamentações de acessibilidade, o que significa que grande parte necessita de uma requalificação cuidadosa, garantindo a inclusão e segurança de quaisquer possíveis utilizadores. A inserção de novos sistemas, como ventilação, iluminação e aquecimento, ou materiais contemporâneos, deve ter em atenção o equilíbrio delicado entre as exigências da modernidade e o respeito pela integridade estrutural e herança histórica, pois “(...) reabilitar uma casa antiga, está não apenas a preservar história, mas também a criar um espaço único que reflete (...) personalidade e necessidades.” (Urban Obras). Por ser algo cada vez mais pensado e implementado na área do design, a reabilitação de construções existentes, poderá ser uma vertente que continuará a estar relacionada com o desenvolvimento sustentável e com a preservação cultural das zonas rurais e urbanas.

Escolhas que respeitem o meio ambiente e a paisagem tem vindo a crescer, o que acaba por estimular a reabilitação como uma abordagem prioritária, na procura destas soluções habitacionais.

Desta forma, espera-se que a reabilitação deste tipo de espaços e áreas, embora já largamente exercida, seja cada vez mais encarada como uma estratégia prioritária no setor da construção, pois vê-se fundamental para a transformação de edifícios antigos em espaços eficientes e autossuficientes, respondendo às exigências e requisitos da sociedade contemporânea e criando ambientes que combinem a funcionalidade, a inclusividade e o significado histórico, não esquecendo considerações importantes como a “(...) viabilidade económica – pois, sem ela, não haverá quem queira arriscar num projeto; qualidade arquitetónica e de construção; sustentabilidade ambiental e inclusão social.” (Martins, 2025). Sendo que o “(...) objetivo é recuperar a alma dessas casas, concedendo-lhes uma “segunda vida” enquanto se preserva a sua identidade única.” (Urban Obras)

8. Habitação

Um dos temas que foi estudado para a concretização da fase de projeto, é a habitação. O que é a habitação? Será que a o conceito de habitação é igual para todos? A habitação é, segundo o Diário da República “(...) a unidade na qual se processa a vida de um agregado residente no edifício, a qual compreende o fogo e as suas dependências (...)” (Decreto-Lei n.º 307/2009) sendo que, tem como significado recorrente, qualquer tipo de espaço destinado ao abrigo humano, seja ele um apartamento, uma casa ou outro tipo de moradia. Ou por outras palavras, “Habitar significa, entre outros sentidos dos quais o termo pode estar revestido, abrigar-se, como um ato de dirigir-se para o interior de um invólucro e nele permanecer.” (Vitruvius).

Este espaço tem como objetivos básicos fornecer segurança, conforto e privacidade aos seus ocupantes, protegendo-os das intempéries e oferecendo um ambiente estável para o desenvolvimento das suas atividades diárias. O conceito de habitação pode ser interpretado de várias formas, tendo como base a simples ideia de um espaço físico para viver. A partir deste termo base, são tomados diferentes caminhos com base na interpretação de cada pessoa, aí são formados as rotinas e os hábitos de cada um, podendo também variar consoante o país, culturas, crenças religiosas e sociedade em que estão integradas, e assim é possível encontrar uma infinidade de soluções habitacionais que, desde as épocas mais remotas em que o homem sentiu necessidade de se abrigar tem vindo a evoluir. Relativamente às diferentes formas de habitar espalhadas pelo mundo, analisar por exemplo a habitação europeia, desenvolvida em torno do núcleo familiar, com habitações organizadas para “(...) vários hábitos, desde os superficiais, liberais e de

serviços; dentro destes hábitos encontram-se: comer, dormir, estudar, conversar, trabalhar (...)” (Gonçalves, 2017, p.12), já a habitação japonesa está ligada com a natureza e com a transformação dos espaços, permitindo “(...) diferentes formas de ocupação, geralmente associadas a diferentes funções ou organizações, sem qualquer necessidade de ajuste na composição e disposição dos elementos físicos.” (Pereira, 2022, p.11).

O ato de habitar, bem como o conceito de habitação, possui uma dimensão que transcende a simples ideia de residir num espaço físico, pois “(...) implica uma reflexão sobre as alterações socioculturais registadas - novas tipologias familiares, novos ritmos de vida e de trabalho, novas relações interpessoais, novas relações entre o espaço e o tempo que originam modificações na forma de uso dos espaços (...)” (Castro, 2012, p.32 cit in Milano, 2009), e esta visão ampla do que significa habitar revela a complexidade e a multifacetada natureza da vida humana.

A distinção entre trabalhar e habitar, evidencia que os nossos locais de trabalho e residência são frequentemente separados, onde se desempenha “(...) uma actividade profissional num local externo à habitação, a casa é um lugar quotidiano de “retorno” (...) os indivíduos passam a maior parte do tempo diário fora da sua residência (...)” (Castro, 2012, p.33), e assim trabalha-se num lugar e vivemos noutro, apesar de que, nos tempos que correm, o teletrabalho já é abrangido por muitas empresas, possibilitando a união e integração destes dois espaços, num só. Esta separação refere que o nosso quotidiano não está confinado a um único espaço, mas sim na distribuição de vários ambientes onde desempenhamos diferentes papéis e atividades. É importante sublinhar que nós não só habitamos, o que indica que a nossa vida seria limitada se apenas habitássemos, indicando sinonimo de preguiça e ociosidade. Portanto, a vida humana é vista como um conjunto de ações e responsabilidades que vão além do simples morar.

A vida moderna exige que as pessoas tenham profissões, realizem negócios, e frequentemente se desloquem de um lugar para outro. Viajam, e no meio dessas atividades, habitam em diversos locais. Este constante movimento e a multiplicidade de atividades demonstram que habitar é apenas uma parte do dia a dia, uma atividade que se intercala com muitas outras. A ideia de habitar, portanto, não é isolada, mas está inserida em um contexto mais amplo de ações humanas.

O termo “construir algo”, no seu sentido mais profundo, significa criar um espaço para habitar, tendo como inspiração os objetivos, gostos e influências e necessidades de cada utilizador, e não se circunscreve apenas a criação de um abrigo físico.

Como refere Camelles (1968): “A habitação não é simplesmente uma forma, uma estrutura arquitetónica: se a sua missão passiva é a proporcionar abrigo ao homem, a sua função ativa radica na criação de um contexto adaptado ao modo de vida, de maneira que a construção do lar humano converte-se num fenómeno cultural e, como tal, a sua estrutura (interior e exterior), as suas dimensões, a distribuição dos espaços, o mobiliário, os

utensílios e toda a sua natureza simbólica não são o resultado de fatores casuais únicos, sendo o conjunto de fatores socioculturais o que decide da sua composição. Mais do que qualquer outro edifício, a casa, a habitação, entendida no sentido individual e coletivo, é um claro expoente do modo de vida". (Camelles, 1968, p.216)

Habitar é uma parte essencial da nossa vida, mas é apenas uma peça de um todo que define a nossa existência. Através da construção e do movimento entre diferentes espaços, das experiências e vivências que aí ocorrem, criamos um sentido de lar e identidade que é fundamental para o nosso bem-estar e desenvolvimento pessoal.

A reflexão sobre o conceito de habitar pode ser feita através da ligação linguística e conceitual com o termo "hábito", principalmente naquelas de origem latina, o vocábulo habitar liga-se ao vocábulo hábito. Esta relação sugere que o ato de habitar um espaço está profundamente ligado à formação de hábitos, uma vez que a repetição de atividades cotidianas no mesmo ambiente contribui para o desenvolvimento de comportamentos automáticos e rotineiros.

O termo "habitar" origina-se do latim "Habitare", que significa "(...) "viver em, morar", relacionado a HABERE, "possuir, ter, manter" (Origem da Palavra, 2006). Por outro lado, "hábito" deriva de "habitus", que se refere à "condição, estado, maneira de ser". Embora essas raízes etimológicas não indiquem uma ligação direta, a análise do comportamento humano dentro do espaço habitado sugere que essas atividades repetitivas moldam hábitos. Quando vivemos num espaço, muitas das nossas ações diárias tornam-se automáticas através da repetição. Por exemplo, acender o fogão para cozinhar não é pensado como uma complexa operação físico-química, mas como uma rotina simples e automática. Esta repetição diária de atividades num ambiente específico transforma ações conscientes em hábitos, moldando a nossa maneira de ser.

O espaço que habitamos influencia diretamente os nossos comportamentos e o modo como organizamos o nosso lar, os objetos que usamos diariamente e a disposição dos móveis não são apenas reflexos do nosso gosto pessoal, mas sim o molde dos nossos hábitos e rotinas diárias. A repetição dessas ações dentro de um espaço habitado reforça a ideia de que habitar é, de facto, possuir hábitos. A relação entre habitar e hábito é bidirecional: da mesma forma que o espaço molda as nossas rotinas, os nossos hábitos influenciam como organizamos e percebemos o ambiente que habitamos.

8.1. Tipologias de habitação

Como foi referido ao longo desta investigação, o conceito de habitar é multifacetado, pois abrange uma diversidade de tipologias e modos habitacionais, como um "(...) dos aspectos mais importantes do domínio dos nossos estudos; (...) modo como os homens vivem (...)” (Freire, 2013, p.4 cit in Aldo Rossi), e estes diferentes aspetos, refletem nas

variáveis sociais, económicas e culturais de cada época e região. Ao longo dos tempos, visto que “(...) os modos de vida mudaram e se diversificaram (...)” (Castro, 2012, p.33), foi claramente “(...) necessário flexibilizar a oferta de soluções residenciais (...)” (Castro, 2012, p.33), adaptando as habitações à “(...) forma de vida e respectivas necessidades dos seus habitantes.” (Castro, 2012, p.33). O design de interiores relaciona-se neste ponto, tendo como objetivo adaptar as características do espaço às especificidades do habitar, o que resulta em ambientes esteticamente agradáveis, confortáveis e acima de tudo funcionais.

O ato de habitar transcende a mera ocupação física de um espaço; é o estabelecimento de uma relação íntima entre o homem e o ambiente que o cerca. Esta relação manifesta-se em quatro modos fundamentais: o habitar coletivo, o habitar público e o habitar privado, cada um proporcionando uma experiência única de interação humana com o mundo construído.

O conceito tipológico de habitação “(...) vai variando consoante a cultura, o seu lugar, o seu tempo (...). E, por isso mesmo, acreditamos que a habitação será infinitamente variável, à semelhança do próprio ser humano.” (Freire, 2013, p.5). As habitações unifamiliares e plurifamiliares são as mais comuns, com destaque nas moradias isoladas e apartamentos em edifícios de grandes alturas, muito característicos das áreas urbanas.

A distinção entre uma habitação unifamiliar e plurifamiliar não se limita a refletir a questão da densidade populacional, pois implica diferentes abordagens do design de interiores, onde se deve considerar fatores como a privacidade, a identidade e a adaptabilidade dos espaços. Nas casas unifamiliares, os espaços interiores favorecem uma organização mais aberta e flexível, e “(...) é por definição a casa que alberga uma só família (...)” (Utopia), ou seja, um espaço adaptado às necessidades de um agregado familiar específico. Já nas habitações plurifamiliares, o designer de interiores enfrenta desafios ligados à potencialização dos espaços e da privacidade, deste modo, a casa plurifamiliar abrange a habitação de várias famílias no mesmo edifício, garantindo a privacidade de cada uma, ou seja, este tipo de habitação “(...) contem partes comuns a todos os proprietários e que os servem igualmente a todos. Ao mesmo tempo, existem parcelas ou frações que são propriedade de cada condómino.” (Utopia).

8.1.1. Habitação nos dias de hoje

Dentro das grandes áreas metropolitanas, como Porto e Lisboa, a densidade populacional, promove a grande procura de habitação. “Apesar dos preços elevados, a procura mantém-se forte (...). O interesse nas periferias é impulsionado por preços mais acessíveis comparados aos centros urbanos, embora também estejam a aumentar (...)” (Braga, 2026, Dinheiro Vivo – DN). Sendo assim, as habitações procuradas tendem a ser, a maior parte, de carácter multifamiliar, compostos por áreas interiores normalmente, um pouco reduzidas, para que haja a maior otimização e funcionalidade do espaço disponível.

Em apartamentos com espaços reduzidos, soluções de design como uma boa disposição das áreas, como a integração de espaços multifuncionais, mobiliário versátil, cores que transmitam a sensação de mais espaço, iluminação estratégica, podem ser ótimos ajudantes na criação de um ambiente confortável e multifacetado para o dia a dia de uma família.

Tal como foi referido anteriormente, a modernização e o crescimento tanto urbano como populacional, deu aso a novos modos de habitar, onde passaram a incluir habitações em lotes de apartamentos e condomínios fechados, sendo estes uma mais-valia para a organização e aproveitamento do espaço nestas zonas habitacionais. Os condomínios fechados, tal como o nome indica, são conjuntos “(...) de edifícios ou construção isolada que se encontra no interior de um lote privado com acesso restrito e condicionado por parte dos proprietários. Normalmente resulta assim de um contexto urbano menos favorável e incorpora no seu interior algumas valências para os condóminos.” (Utopia). Desta forma, o design de interiores contemporâneo recorre, com frequência, a soluções modulares e funcionais para que o espaço seja aproveitado ao máximo, sempre com o objetivo de responder à necessidade de flexibilidade destes espaços.



Figura 26 – Zona de trabalho integrada em armário.
Fonte: Pinterest

O aparecimento de novas práticas e hábitos, como o teletrabalho ou trabalho remoto, tem vindo a influenciar igualmente o design dos novos projetos de interiores, uma vez que este modo de habitar se enquadrou em várias famílias e no seu quotidiano. Com a pandemia do COVID-19, “(...) algumas empresas optaram por funcionar com recurso ao teletrabalho (...)” (Barros, 2022, p.11) e surgiu a necessidade de criar espaços que combinassem o conforto doméstico com a funcionalidade dos espaços de trabalho, assim como a adaptação dos mesmos a soluções que garantam a eficiência e ergonomia, tornou-se uma prioridade na organização das áreas domésticas, uma vez que “(...) que muitas empresas ainda continuam a recorrer ao teletrabalho (...)” (Barros, 2022, p.11).

No mundo contemporâneo, as expectativas em relação ao espaço habitável evoluíram significativamente. O "habitante" moderno não procura meramente um abrigo físico, mas um ambiente que seja versátil, dinâmico e multifuncional, capaz de se adaptar às suas necessidades e aspirações ao longo do tempo. Essa requisição pela flexibilidade e adaptabilidade reflete “(...) a importância tanto como

mecanismo para atender à incerteza da primeira ocupação do imóvel como às modificações pretendidas (...)” (Castro, 2012, p.39) diariamente e ao longo do percurso da vida. A versatilidade de um espaço habitável implica a capacidade de se transformar conforme necessário, este conceito é essencial para atender às necessidades diárias dos moradores, que podem incluir desde trabalhar remotamente, praticar atividades físicas, ou apenas momentos de lazer e descanso. Um espaço que hoje serve como escritório em casa pode, no futuro, transformar-se num quarto de hóspedes ou uma sala de jogos, conforme mudam as circunstâncias e as prioridades dos habitantes. Além disso, a adaptabilidade de um espaço não se limita à sua funcionalidade, a estética e o design também devem ser flexíveis, permitindo que os moradores ajustem a decoração e a disposição de toda a mobília para refletir as suas preferências e estilos de vida em constante evolução. A utilização de móveis modulares, paredes móveis e soluções de armazenamento inteligentes são algumas das estratégias que podem ser empregues para criar um ambiente que se ajuste às necessidades variadas dos moradores. A polivalência do espaço habitável moderno também é um reflexo das mudanças nas dinâmicas familiares e sociais. Com o aumento do trabalho remoto e das atividades de lazer em casa, os ambientes precisam de ser projetados para suportar múltiplas funções simultaneamente, como uma sala de estar pode ser transformada num local de reuniões virtuais durante o dia e num espaço de entretenimento à noite.

Desde os primórdios da civilização, que a casa representa desde sempre, o espaço onde o ser humano se instala, projete a sua existência e satisfaz as suas necessidades básicas. No entanto, a noção contemporânea de habitação vai muito além desta função primordial.

Na atualidade, a casa assume-se não apenas como um local destinado à satisfação das necessidades físicas e funcionais dos seus habitantes, mas também como uma extensão da sua identidade, valores e modos de vida. A habitação pode ser vista como um espaço multifuncional, onde “(...) permite alterar os usos dentro dela, ocupá-la de maneiras variadas, distribuindo as funções diferentemente (...)” (Castro, 2012, p.40 cit in Rosso, 1980, p.9), desde a educação até ao entretenimento, passando pelo trabalho e a socialização, pode ser um lugar onde “(...) se pode trabalhar, descansar ou dormir em qualquer quarto, pois cada quarto excita a imaginação do morador para que ele o use da maneira que quiser (...)” (Castro, 2012, p.40 cit in Rosso, 1980, p.9). A preocupação tanto dos



Figura 27 - Cozinha com zona de refeição integrada. Fonte: Pinterest

profissionais como dos utilizadores, tem vindo a evoluir consoante o passar do tempo, tal como refere Luís de Camões “Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades (...)” (Citador cit in Camões) estando em sintonia com todas as mudanças a nível técnico, económico, social e cultural da sociedade, sendo que “(...) todo o mundo é composto de mudança, tomando sempre novas qualidades.” (Citador cit in Camões). As residências domésticas são, cada vez mais, pensadas e projetadas em função das preferências individuais e dos estilos de vida dos seus ocupantes. Para atender a essas expectativas, os princípios do design precisam de evoluir.

É necessário discutir e implementar alternativas que permitam a criação de espaços domésticos mais dinâmicos e versáteis. Isso inclui a consideração de materiais sustentáveis e tecnologias inovadoras que facilitem a transformação dos ambientes, assim como a incorporação de elementos de design que promovam a funcionalidade polivalente. O desenvolvimento das tecnologias tem sido uma mais-valia para a mudança de paradigma, como por exemplo na introdução do conceito de "casa inteligente", onde existem “(...) vários aparelhos conectados entre si e que respondem à distância, ou seja, são controlados remotamente, por exemplo, através de um smartphone, que pode controlar, entre outras coisas, a iluminação ou a temperatura de uma casa e, assim, permitir um consumo mais eficiente da energia.” (Repsol, 2025). Este tipo de evolução na habitação permite uma integração harmoniosa nas rotinas diárias dos seus utilizadores, oferecendo-lhes maior comodidade e uma melhor qualidade de vida.

Contudo, o verdadeiro valor da casa não se manifesta apenas pela sua funcionalidade ou avanços tecnológicos incorporados. A habitação continua a ser, acima de tudo, um espaço de conexão emocional e socialização, onde são criadas memórias, o fortalecimento de relações e partilha de experiências, “(...) é um mundo ao qual nos conformamos e que faz parte de nós, que o compreendemos como sendo nosso.” (Freire, 2013, p.20). É o lugar onde os indivíduos encontram intimidade, refúgio e conforto, permitindo de se distanciar do mundo exterior, e onde podem realmente sentir-se "em casa". A habitação representa um papel fundamental na qualidade de vida dos seus utilizadores, pois influencia significativamente diversos aspetos do quotidiano, assim como as expectativas e possibilidades para um desenvolvimento futuro. O conceito de qualidade nas habitações, está ligado não só à qualidade de construção e o próprio conforto dos espaços interiores, mas também todas as condições destes espaços, tanto dos espaços públicos como zonas de convívio mais privadas.

Desta forma, a estética, funcionalidade e eficiência, são três dos aspetos mais valorizados num espaço habitacional moderno, sendo que estes estão cada vez mais desenhados com o objetivo de tornar “(...) possível a diversidade de modos de vida actuais (...)” (Castro, 2012, p.40 cit in Brandão & Mahlmann Heineck, 2003, p.10). Porém, existem



Figura 28 – Móvel de arrumação multifuncional. Fonte: Pinterest

outros atributos essenciais para a satisfação das necessidades diárias dos utilizadores, isto é, começando pela adequação do espaço ao tipo de estrutura e dimensão familiar, a facilidade de circulação para qualquer tipo de pessoa, a instalação do mobiliário, conforto tanto acústico, visual como térmico, exposição solar e as próprias vistas exteriores, a funcionalidade dos vários elementos, escolha dos materiais usados, etc.

8.1.2. Habitação Tradicional

A habitação tradicional portuguesa representa a ligação direta entre a herança cultural e os modos de vida antigos. Pode-se ver este tipo de habitar como um estilo que “(...) estilo nasce do povo e da terra com a naturalidade duma flor, e povo e terra encontram-se presentes no estilo que criaram em muitas gerações (...)” (André, 2016, p.119), que deu aso as diversas casas de pedra do Norte ou moradias térreas do Sul, refletindo as características de cada região, onde a tradição e a riqueza cultural se misturam de forma



Figura 29 - Azulejo português. Fonte: Pinterest

harmoniosa. Elementos desde “(...) materiais de construção (granito, xisto, calcário, mármore, arenito, argila, madeira), à composição e organização interna da casa (com indicação da funcionalidade de cada “compartimento”), à forma e materiais da cobertura (...)” (André, 2016, p.110), ou como as decorações em azulejos, o mobiliário robusto em madeira maciça, com detalhes

trabalhados, as cores quentes e acolhedoras, são visíveis na rica herança cultural portuguesa. Deste modo, a casa tradicional portuguesa, ao ser criada com “(...) elementos

tradicionais, vernaculares e eruditos (...)” criou “(...) uma linguagem própria e uma obra singular.” (Mascaro, et al., 2012, p.53).

O design de interiores contemporâneo em habitações tradicionais propõe a preservação do carácter histórico e cultural destes espaços, enquanto os adapta e utiliza elementos, “Desde a estética, funcionalidade e preservação em casas de pedra, passando pela riqueza dos azulejos portugueses (...)” (ArchDaily) enquanto adapta os espaços, para que satisfaça os padrões de conforto modernos.

O conceito de habitação em Portugal tem sido profundamente marcado tanto a nível cultural como histórico, pois retrata “(...) uma interessante mistura de elementos tradicionais e modernos, refletindo a rica herança cultural e histórica do país (...)” (ArchDaily), assim como a evolução das práticas na vivência ao longo dos séculos. A casa portuguesa constitui-se como um repositório de influências históricas, desde a ocupação romana, passando pela presença árabe, até às correntes estéticas e funcionais contemporâneas; construída através “(...) dos materiais locais (...) tal como a natureza os apresenta ou, quando muito, com um ligeiro afeiçoamento, e por processos alheios a conceitos tecnicistas e que requerem apenas uma ferramenta básica elementar.” (Teixeira, 2019, p.84 cit in Oliveira e Galhano, 1992, p.361), técnicas estas que se foram manifestando com clareza nas várias construções tradicionais, através por exemplo das casas de pedra nas zonas rurais, onde era representada a simplicidade e robustez necessária para a vida agrícola nas comunidades mais pequenas e isoladas. Por outro lado, as grandes cidades portuguesas, como Lisboa e Porto, sendo estas consideradas um palco do desenvolvimento habitacional urbano e moderno, acompanhando todas as mudanças demográficas e a própria modernidade. O contraste entre o urbano moderno e o ambiente tradicional e rural, não só ilustra a variedade arquitetónica de Portugal, como manifesta a frequente adaptação das várias tipologias habitacionais às diversas necessidades socioeconómicas e culturais da população.

A casa portuguesa é, acima de tudo, uma expressão de pertença, uma manifestação tangível da nossa herança cultural, onde existe uma “(...) relação com correntes arquitetónicas do passado e novas exigências e possibilidades da modernidade (...)” (Mascaro, et al., 2012, p.54), nunca esquecendo a tradição e a ruralidade. Esta herança tão rica e tradicional do nosso país, vai evoluindo consoante os novos estilos de vida e exigências vão surgindo, o que proporciona o equilíbrio na relação entre a preservação do nosso património e adaptação das necessidades modernas e diferentes.

Nas aldeias tradicionais portuguesas, é possível perceber a representação de um modo de vida com ligação forte à comunidade e à terra, devido ao papel essencial na “(...) riqueza e diversidade do património natural, cultural e paisagístico.” (Aldeias Históricas de Portugal). A habitação em Portugal pode ser descrita com o reflexo histórico-cultural do país, visto que se molda para atender às necessidades modernas e respeitar a herança material, em simultâneo. Esta adaptação da modernidade e da tradição tanto pode ser vista na relação da reabilitação de residências antigas com o design de interiores, onde é revelado o esforço da preservação do património material e cultural, ao mesmo tempo em que as condições de vida e dos espaços são trabalhadas para alcançar a qualidade das habitações portuguesas. Assim o design de interiores e a reabilitação urbana e rural, são dois fortes aliados como processos que complementam o desenvolvimento da população e suas devidas habitações, assim como a preservação do valor histórico.

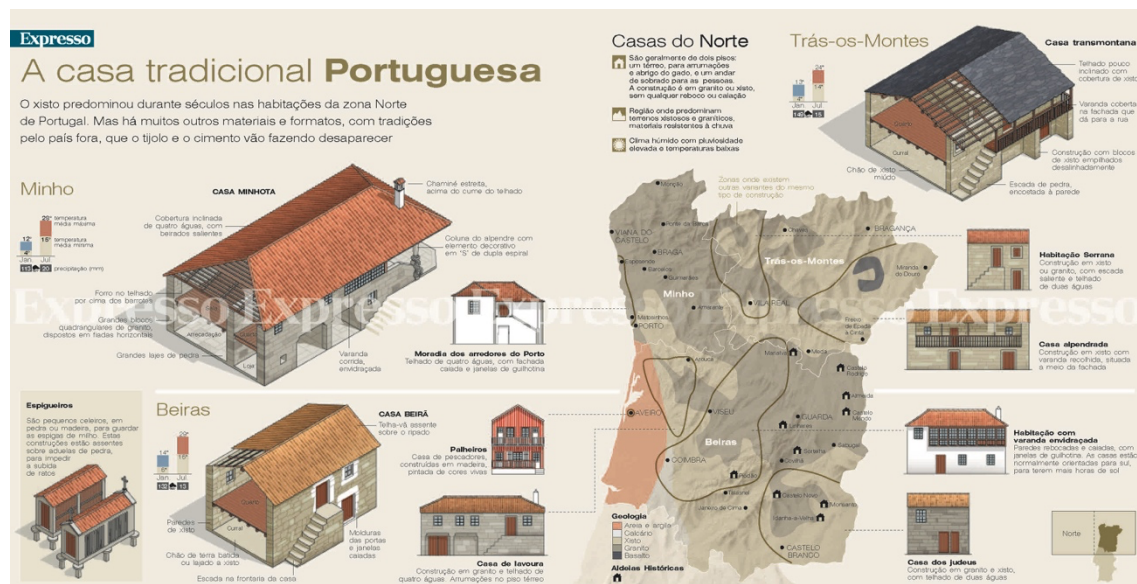


Figura 30 - Casas tradicionais portuguesas. Fonte: Jornal Expresso

8.1.3. Habitação Sustentável

De forma, a complementar o estudo sobre a sustentabilidade e por sua vez, o design sustentável, é importante perceber o modo de habitar sustentável. Esta prática tem crescido em grande escala, nos últimos anos, onde procura integrar soluções ecológicas nas habitações modernas e práticas que satisfaçam “(...) as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das futuras gerações de satisfazer suas próprias necessidades.” (Cavalcante, et al., 2012, p.253 cit in Brian, 2008, p.20). A consciência ambiental e a sustentabilidade são temas cada vez mais relevantes no campo da habitação, promovendo a projeção de habitações que respeitem o meio ambiente e economizem recursos. O papel do design de interiores para a sustentabilidade, “(...) uma prática de design, educação e pesquisa (...)” (Cavalcante, et al., 2012, p.260 cit in Vezolli, 2010, p.45) que dá uso à “(...)

sua interdisciplinaridade, sem a pretensão de estabelecer limites em um conceito (...)” (Cavalcante, et al., 2012, p.260), e passa por considerar várias questões ambientais e procurar o equilíbrio do “(...) sistema produtivo com as necessidades do bem-estar social, otimizando os processos e (...) tendo como ponto de convergência a redução dos impactos ambientais.” (Cavalcante, et al., 2012, p.259). Assim, o design de interiores projeta conceitos que explorem “(...) uma nova maneira de conceber, considerando todas as etapas do ciclo de vida de um produto ou serviço (...)” (Cavalcante, et al., 2012, p.256), sem esquecer a redução de custos energéticos e de saneamento, utilização de materiais naturais, incorporação de sistemas de isolamentos térmico e ventilação natural, podendo assim privilegiar a eficiência destes recursos.

Com isto, com a habitação ecológica assim como a valorização a incorporação dos espaços exteriores com os interiores, originando uma conexão com a meio natural envolvente. Diversos projetos modernos introduzem exemplos sustentáveis como, varandas e jardins verticais, para que seja permitido aos utilizadores desfrutar das áreas verdes, mesmo em contextos urbanos densamente ocupados. Esta abordagem procura tanto melhorar a qualidade de vida dos moradores, como contribuir para a biodiversidade urbana.

8.1.4. Habitação Coletiva

A habitação coletiva, como o *co-housing* ou *co-living*, representa uma tipologia habitacional moderna, na qual os moradores partilham espaços comuns, como cozinhas, áreas de lazer e jardins, enquanto dispõem de unidades privadas, como um quarto ou apartamento. Este modelo, mais comum nos países nórdicos, nasceu “(...) em Londres no início da década de 2010 e é definido como uma pluralidade de soluções habitacionais



Figura 31 – Ilustração de espaço de co-working.
Fonte: Conexus Studio

concebidas pela indústria imobiliária (...)” (Azevedo, 2025, p.29), devido à elevada densidade populacional e quantidade de ofertas de trabalho. Tem sido adaptado no contexto das necessidades contemporâneas, especialmente voltados para os jovens estudantes ou trabalhadores, assim como para qualquer faixa etária em regime laboral, com o propósito de valorizar “(...) muito a flexibilidade, a acessibilidade financeira e a conexão dentro de uma comunidade.” (Azevedo, 2025, p.29).

O *co-living* tem vindo a ganhar popularidade nas grandes cidades, sendo uma solução que promove a redução de custos habitacionais e a interação social sem

comprometer com a autonomia dos moradores, “(...) oferecendo soluções de vida flexíveis, focadas na comunidade e convenientes.” (Coliving.com). Exemplo disso são as áreas de co-working integradas nas habitações de co-living, “(...) dedicadas com mobiliário ergonómico, internet de alta velocidade e zonas silenciosas ajudam os trabalhadores remotos a manterem-se concentrados (...)” (Coliving.com) e possibilitando os residentes de partilhar não apenas o espaço habitacional, mas também o local de trabalho, promovendo um estilo de vida dinâmico. A configuração destes edifícios residenciais, privilegia os espaços partilhados, contribuindo para a redução do isolamento dos seus utilizadores e a interação entre os mesmos, vendo a criação de conexões como uma mais-valia do co-living.

Esta abordagem destaca o papel do design de interiores na criação de espaços privados com áreas amplas de uso coletivo, que integram trabalho e lazer de forma coerente, promovendo o sentido de comunidade. O design de interiores deixa assim, de pensar apenas na função estética ou funcionalidade tradicional, passando a desenvolver espaços com papel social, com mobiliário versátil, zonas lounge e cozinhas abertas, estratégias estas que atraem os moradores de co-living.

Parte 2 – Trabalho de Projeto

1. Fase de escolha do projeto

A escolha do presente projeto de reabilitação de um espaço inabitável, resultou de uma reflexão detalhada acerca da importância da preservação do património urbano e rural, combinando as necessidades modernas dos diferentes estilos de vida dos utilizadores com questões como a sustentabilidade, a qualidade e funcionalidade dos espaços. A reabilitação deste tipo de espaços, uma eira em pedra antiga, é “(...) considerada a abordagem mais ecológica para a conservação de edifícios históricos (...)” (Bullen, Love, 2011, p.2) e nasce como uma oportunidade de valorizar as construções tradicionais do nosso país, evitando a sua degradação e divulgando a sua transformação e inclusão na vida moderna, ou seja, não comprometendo a sua identidade histórica e adaptando-a às questões do quotidiano.

A motivação principal que está por trás deste projeto, revela a vontade de recuperar um espaço com um forte valor histórico, respeitando a sua estrutura e materialidade. Com isto, o objetivo de conceber uma reabilitação responsável deste elemento, vem também para contrariar, a desconsideração das construções novas pelos recursos já existentes, enquanto se preserva a memória arquitetónica da própria eira e do território envolvente. Para além disso, a reabilitação deste tipo de construções, “(...) é considerada uma forma de desenvolvimento sustentável, uma vez que facilita o prolongamento da vida útil do edifício e incentiva a reutilização da energia incorporada.” (Bullen, Love, 2011, p.2)

No projeto de interiores, a funcionalidade e otimização do espaço surgem como princípios orientadores, procurando a melhor organização entre divisões com o máximo de praticidade de todos os elementos pensados para o espaço e respondendo às necessidades quotidianas dos possíveis utilizadores. Para além destes princípios, a qualidade dos materiais e acabamentos escolhidos assume também um papel importante no desenvolvimento do projeto, sendo que privilegia soluções duradouras, compatíveis com a construção original do edifício e com baixo impacto ambiental.



Figura 32 - Piso rés do chão do beiral. Fonte: Carolina Ferreira

A motivação pela escolha deste projeto, vem do interesse em transformar o “velho” em algo “novo” sem eliminar a sua essência

original, neste caso uma construção antiga sem qualquer interesse estético ou funcional, em algo inovador e habitável, preservando a sua memória e os elementos que a caracterizam. Um outro aspeto que motiva a aluna a escolher este projeto, é a oportunidade de criar elementos que sejam funcionais, desde a mobília a todos os constituintes do espaço interior projetado. Para além, é de seu interesse conseguir conciliar a parte dos acabamentos, tecidos, materiais, decorações e até esquemas de iluminação, e criar um interior repleto de praticidade, harmonia e conforto, pois “(...) a noção de conforto em casa está incorporada na noção de habitabilidade (...)” (Mahimkar, et al., 2018, p.209).

Deste modo, a escolha deste tema reflete um duplo objetivo: por um lado intervir de forma minuciosa numa construção antiga considerada património rural e tradicional, com tendência a ser esquecido, e por outro propor uma solução de projeto, recorrendo aos princípios do design de interiores que traduza os valores de eficiência e estética, ligando-os aos temas contemporâneos da sustentabilidade e reabilitação.

2. Cliente

A escolha do cliente para o desenvolvimento do presente projeto, surgiu de forma natural e esporádica. O cliente é o atual proprietário da eira em pedra e o contacto inicial ocorreu por intermédio de outra pessoa com alguns conhecimentos na área do design, a quem o cliente manifestou o seu interesse em contactar ou conhecer um profissional em design de interiores.

Dado que a aluna se encontrava em fase de escolha de um caso de estudo para o seu projeto final deste mestrado em Design Integrado, esta conexão revelou uma oportunidade pertinente e mutuamente benéfica.

Na fase seguinte, houve uma breve apresentação dos objetivos do projeto, onde o cliente demonstrou total disponibilidade para colaborar, reconhecendo o grande potencial do possível resultado. Esta fase de primeira comunicação com o cliente revela-se bastante importante pois “(...) os clientes muitas vezes acham mais fácil descrever os seus problemas referindo-se a soluções existentes que conhecem (...)” (Lawson, 2005, p.48), sendo um ótimo auxílio para que a aluna perceba quais são os propósitos do cliente.

Posteriormente, a proposta foi apresentada ao orientador de mestrado, que considerou o tema adequado e interessante, validando a sua relevância académica e prática. Com o consentimento do cliente, foi feita uma visita ao local, com o objetivo de realizar um levantamento fotográfico da eira, assim como uma análise preliminar do estado da construção existente. Apesar de ser uma visita breve, foi possível identificar todas as características do espaço e obter uma “(...) acumulação e ordenação de informações gerais (...) relacionadas com o problema em questão(...)” (Lawson, 2005, p.34), como base para o desenvolvimento do projeto de reabilitação.



Figura 33 - Piso superior do beiral. Fonte: Carolina Ferreira



Figura 34, 35 e 36 - Interior e exterior do beiral. Fonte: Carolina Ferreira

3. Pesquisa e investigação sobre o tema

A fase de pesquisa e investigação sobre o tema é um dos alicerces de todo o projeto e constitui um momento fundamental para a conceção de possíveis ideias que possam ser integradas no resultado. Para além disso, permite compreender de forma detalhada os princípios teóricos e práticos que sustentam o design de interiores e a reabilitação de um edifício.

Este processo inicia-se com a leitura e definição do tipo de metodologia, sendo que é “(...) importante que esta etapa seja realizada (...) atentando-se a identificar fontes de informação relevantes para o tema (...)” (Pocinho, et al., 2022, p.6) que poderá enquadrar-se melhor no tema do projeto, de acordo com os objetivos estabelecidos pela aluna.

Após o estudo sobre os tipos de metodologias disponíveis, a opção pela metodologia intervencionista resultou da necessidade da recolha de dados, obtendo informação sobre o objeto de estudo. Esta abordagem implica a análise e interpretação de todos os dados recolhidos, de maneira que seja possível conectá-los a todo o processo de investigação. Para além desta metodologia, foi utilizada a metodologia mista com métodos qualitativos e quantitativos de pesquisa, onde a sua abordagem combina ambas as abordagens neste estudo.

A fase seguinte inicia-se com uma análise aprofundada sobre o conceito de design de interiores e a sua evolução ao longo dos anos, de modo a estabelecer uma relação entre os valores históricos e culturais entre as diversas vertentes artísticas e o design da atualidade. Este tema, tal todos os outros que abrangem o design nesta dissertação, “(...) representam análises de diferentes aspetos do projeto (...)” (Lawson, 2005, p.212), sendo o design o mediador entre eles. A importância do estudo do design neste projeto, foca-se maioritariamente na adaptação de espaços antigos a novos contextos habitacionais, como a experiência e necessidades do utilizador, a funcionalidade e a sustentabilidade.

Posteriormente, vêm os temas ligados com o design de interiores: a organização dos espaços, os fundamentos do design, a iluminação e a cor dos espaços interiores. Com o estudo destes temas, tem-se como objetivo “(...) analisar os dados recolhidos (...), de forma a refletir sobre os mesmos e trazer avanços para a problemática da pesquisa.” (Pocinho, et al., 2022, p.26). Desta forma, é possível reconhecer se estes fatores estudados fornecem as bases necessárias para fundamentar o projeto, da forma mais completa possível.

De seguida, vem a pesquisa e investigação sobre a reabilitação, que implica uma reflexão os diversos tipos de reabilitar, assim como os desafios e oportunidades, e os impactos que este tipo de intervenção pode ter nas construções já existentes. Além disso, foi necessário estudar a relação da reabilitação com o design de interiores, para que fosse possível perceber a memória do espaço e de que forma, pode ser feita a adaptação das novas funções e modos de habitar, promovendo a longevidade da habitação.

A fase de investigação e pesquisa do projeto termina com o estudo do conceito de habitação, desde a sua definição no passado até aos tempos modernos. Para complementar os vários significados, foi importante conciliar a tradição e a inovação, definindo assim as diretrizes do projeto e respondendo às necessidades de habitabilidade. Assim os aspetos centrais da escolha de materiais de qualidade e sustentáveis, a eficiência da habitação e a valorização do passado, tornam-se aspetos centrais na investigação e ótimas ferramentas para o projeto.

3.1. Recolha e análise de dados

Uma das etapas fundamentais dentro da fase de pesquisa e investigação, é a recolha e análise de dados proveniente de um inquérito ou questionário. Como refere Oppenheim (1992), é importante “(...) pensar no questionário como um importante instrumento de pesquisa, uma ferramenta para a recolha de dados.” (Oppenheim, 1992, p.100)

A integração desta forma de estudo deve ser reconhecida como um método eficiente para recolher informação fidedigna, através de dados quantitativos e qualitativos que são fornecidos por potenciais utilizadores. Como consequência, a análise de todos os dados recolhidos, permite por sua vez, que toda a informação seja organizada de forma a identificar certos padrões e possíveis relações entre comportamentos, necessidades e preferências.

O inquérito realizado é constituído por 42 perguntas às quais se obteve 156 respostas, começando por questionar dados quantitativos como a profissão, idade, género, estado civil, número de pessoas com quem partilha casa, se possui habitação própria, entre outros. Dentro desta informação, foi possível analisar que a idade com maior aderência no inquérito, foi entre os 51 e 55 anos, seguido dos 20 aos 25 anos e dos 46 aos 50 anos, sendo que, foram obtidas respostas de pessoas entre 20 aos 80 anos.

Também foi possível verificar que o género mais aderente, foi o feminino, com uma percentagem a rondar os 70%, sendo a reflexão dos meios de comunicação e propagação utilizados deste inquérito, neste caso as redes sociais.

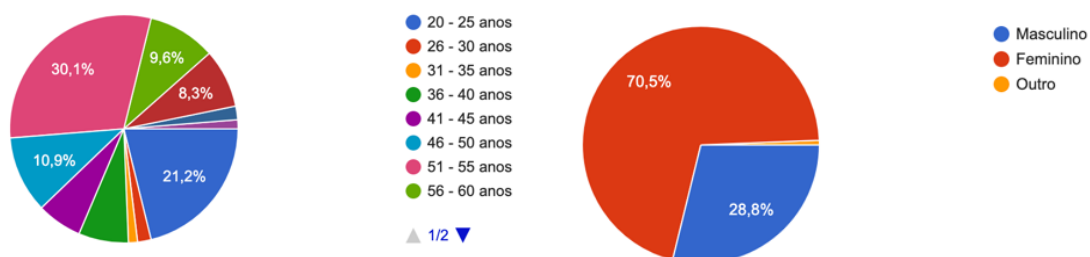


Figura 37 e 38 - Idade e Género, gráficos dos resultados ao inquérito. Fonte: Google Forms

Na questão do **estado civil**, é possível analisar que quase metade dos inquiridos são casados estão com uma maioria de 47,4%, constituindo o grupo predominante. Este

resultado sugere que esta percentagem de pessoas, pode ser associado a necessidades e preferências no domínio da dinâmica familiar. A segunda maior percentagem corresponde às pessoas solteiras (30,1%), um resultado igualmente significativo que pode evidenciar aspetos, como estilos de vida e escolhas mais individualizados. Se seguida, estão as pessoas que se identificaram como divorciadas, podendo estar um pouco interligado aos aspetos dos inquiridos solteiros, por outro lado, é possível estudar a procura de novos estilos de vida e conforto emocional, por parte dos inquiridos divorciados. Para além destas percentagens maioritárias, obteve-se respostas de pessoas cujo estado civil, se identificava como acompanhado/a e viúvo/a, sendo também dois grupos interessantes de estudo e de inserção no âmbito do projeto.

Para facilitar o estudo das respostas obtidas, foi importante questionar aos participantes, se estes possuíam **casa própria**. Os resultados indicaram que mais de metade das pessoas inquiridas (64,1%), afirmaram possuir habitação própria, enquanto os restantes (35,9%) referiram não ter habitação própria. Estes dados reforçam a necessidade de análise dos vários graus de relação dos utilizadores com o espaço, assim como, os diferentes modos de viver.

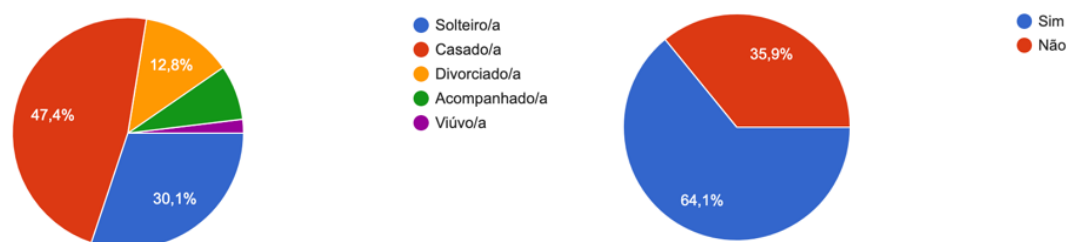


Figura 39 e 40 – Estado civil e casa própria, gráficos dos resultados ao inquérito. Fonte: Google Forms

Ainda nas perguntas quantitativas, foi questionado aos participantes **com quantas pessoas partilham a habitação**. Nos resultados com maior percentagem, foi possível ver que há uma situação mais representativa entre as 3 pessoas, 2 pessoas e 1 pessoa com quem os participantes partilham a sua casa. Para além destes resultados, mesmo com valores residuais, as categorias menos representadas afirmaram que há participantes a partilhar habitação com 4 pessoas e 5 pessoas, e ainda participantes que vivem sozinhos.

De forma geral, esta questão evidencia a diversidade de estilos de vida, sublinhando a importância de uma abordagem flexível e centrada no utilizador e suas preferências. Sendo este inquérito, uma ferramenta de investigação à cerca da reabilitação urbana e rural, foi crucial questionar os utilizadores se o espaço exterior seria um aspeto importante, caso os mesmos comprassem uma casa remodelada. As respostas mostraram que uma grande maioria absoluta (88,5%), tem em atenção o espaço exterior de uma habitação reabilitada.

A interpretação deste dado, é fundamental para a parte conceptual do projeto, podendo influenciar na parte estética da habitação.

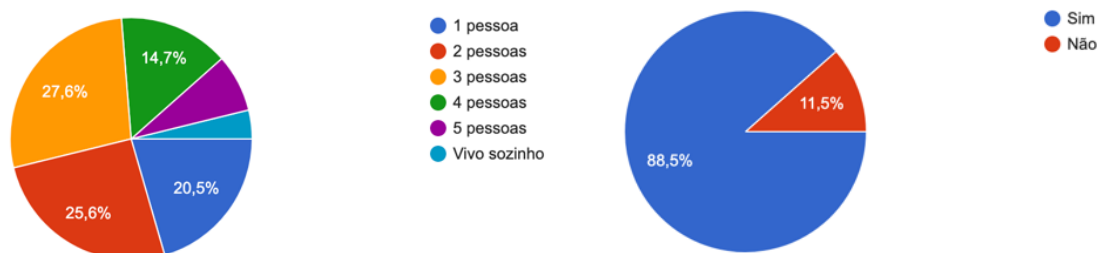


Figura 41 e 42 – Quantidade de pessoas a partilhar casa e Importância do espaço exterior numa casa reabilitada, gráficos dos resultados ao inquérito. Fonte: Google Forms

Dentro dos dados sobre a habitação, metade dos inquiridos respondeu que prefere uma casa que esteja localizada a uma distância máxima de 5km da cidade, enquanto o restante afirma escolher entre os 5km e os 20km, dividindo-os em 3 grupos com percentagens diferentes. Ainda sobre as preferências habitacionais, foi possível verificar que mais de metade prefere optar por uma casa localizada numa zona rural, ao mesmo que o restante dá prioridade a uma casa na zona urbana. Este resultado transparece as necessidades pessoais e costumes dos utilizadores, assim como, a ligação entre os modos de habitar e a vida rural ou urbana.

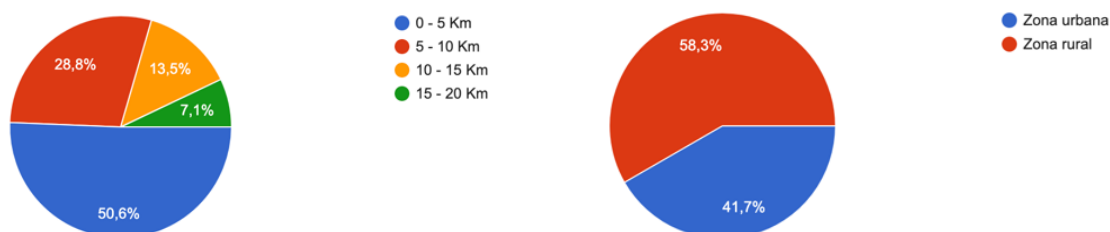


Figura 43 e 44 – Distância preferida entre a casa e a cidade e Preferência de localização da casa, gráficos dos resultados ao inquérito. Fonte: Google Forms

Ao longo do inquérito, foram feitas questões mais específicas à cerca das preferências e necessidades pessoais e habitacionais, sendo possível evidenciar quais são os aspetos que os possíveis utilizadores valorizam. Questões como “Que tipo de equipamentos acha que são necessários na sua casa?”, “Qual é a divisão da casa onde passa mais tempo?”, “Quantas refeições faz em casa?”, “Na arrumação de roupa, acessórios, etc., quais são os elementos necessários?”, “Que tipo de piso prefere na área de estar?”, ofereceram resultados capazes de mostrar a diversidade de formatos familiares e diferentes níveis de envolvimento com a habitação, sendo possível sustentar conceitos que privilegiam aspetos introduzidos no inquérito e por consequência no projeto, como a funcionalidade, adaptabilidade, conforto, escolha de materiais e elementos.

A nível metodológico, esta fase “(...) é entendida como (...) uma análise retrospectiva dos métodos adotados para a investigação, dos contributos dos diferentes estudos analisados previamente (...)” (Pocinho, et al., 2022, p.23) e, de forma geral, passou pela valorização dos inquiridos na escolha de habitações com identidade, comodidade e qualidade de vida, indo além de escolhas meramente técnicas.

4. Fase Conceptual

A fase conceptual é dos momentos mais relevantes em todo o projeto de design de interiores, na medida em que são definidos os princípios conceptuais e de orientação do projeto, através de considerações teóricas, funcionais, significativas e estéticas. Nesta fase procurou-se explorar hipóteses de solução do problema sobre a reabilitação de um espaço de beiral.



Figura 45 - Maquete 1:20 em cartão. Fonte: Carolina Ferreira

Metodologicamente, o processo desenvolveu-se segundo uma abordagem segmentada de resolução das partes que constituem o todo, como referem Kilmer, R., & Kilmer, W. O.

(2014), “à medida que as partes individuais são analisadas, muitas vezes é possível encontrar relações gerais que levam à resolução do problema ou dão sentido a todos os dados recolhidos.” (Kilmer, et al., 2014, p.183).

Nesta fase, foi estipulado o desenvolvimento de dois conceitos diferentes de reabilitação deste espaço, com o objetivo de apresentar ao cliente propostas distintas, mas que fossem de acordo com o objetivo deste projeto, para escolha e aprovação final, e transformar este espaço de armazenamento em uma solução habitável, determinado por uma organização de espaço equilibrada, ergonómica, funcional e esteticamente agradável.

A apresentação destas duas propostas foi complementada por um *moodboard* (ver em Apêndice C) com algumas inspirações relacionadas ao design de interiores, como texturas, cores, organização de espaços

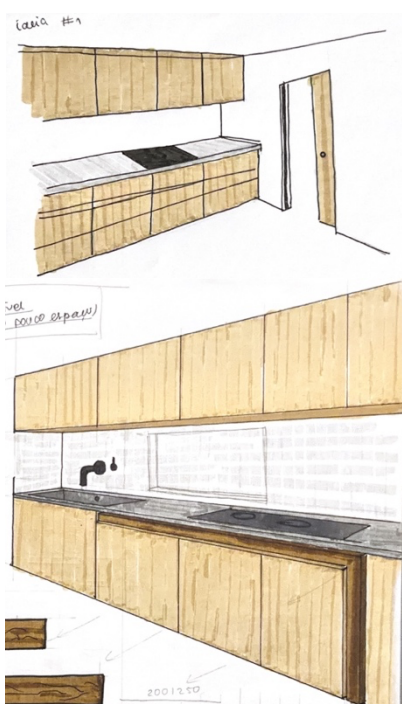


Figura 46 e 47 - Esboços conceptuais feitos à mão. Fonte: Carolina Ferreira

e diversos tipos de mobília. Dentro deste *moodboard*, para além de referências conceituais, foram apresentadas também algumas ideias de materiais a utilizar, assim como as suas características estéticas, técnicas e marcas/empresas representantes.

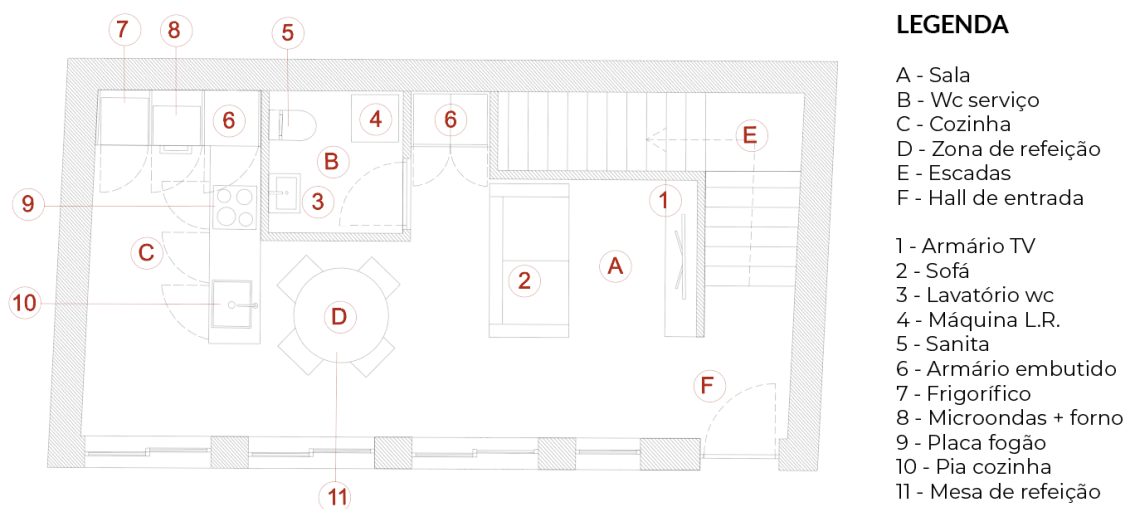


Figura 48 – Proposta 1 do piso 0. Fonte: Carolina Ferreira

Entre estes materiais, foram expostas sugestões como cerâmico para os pavimentos e revestimentos de paredes, azulejo para a zona da cozinha, revestimentos para as casas de banho, sugestões de materiais para as bancadas da cozinha e casas de banho e até alguns RAL para a pintura das paredes e tetos.

Assim, segue-se o primeiro conceito apresentado onde é sugerida a organização da sala e cozinha num só espaço, e as escadas (E) para o piso superior no canto mais próximo da entrada (F), permitindo a circulação entre zonas. A cozinha (C) é a zona mais distante da entrada e é constituída por uma bancada com arrumação inferior, uma pia (10) e uma placa de indução (9) com sistema de exaustão no teto; na lateral foi idealizada uma dispensa com armários altos (6), frigorífico (7), micro-ondas e forno embutidos (8), de modo a oferecer o máximo de ergonomia e arrumação possível. A zona de refeição (D) está próxima da zona de confeção para facilitar a circulação entre as duas zonas, na hora de refeição; é importante referir que a escolha da forma da mesa (11), sendo esta circular, proporciona uma ilusão de espaço mais fluido devido à ausência de cantos na mesma. Do lado desta área foi sugerida



Figura 49 - Proposta 1: Sala e cozinha. Fonte: Carolina Ferreira

a casa de banho de serviço/ lavanderia (B), apenas com lavatório (3), sanita (5) e espaço para uma máquina de lavar (4) que, apesar do espaço reduzido possui o necessário para este compartimento. Para dar apoio a este piso, no espaço disponível na parte inferior das escadas, está um pequeno arrumo constituído por um armário embutido (6) com duas portas facilitando o alcance e por sua vez, a organização.

A zona de estar (A), é apenas constituída por um sofá (2), encostado às escadas e posicionado de forma a poder usufruir da luz natural proveniente do exterior, um aparador com televisão (1) e uma prateleira superior, disponível para dar apoio também a alguma arrumação que possa ser necessária.

Para este piso, foram propostos tons mais escuros como o preto com alguns veios cinza para bancada da cozinha, revestimento na parede frontal em mármore nos mesmos tons e um RAL cinzento-escuro na cozinha. Para complementar a



Figura 50 e 51 - Proposta 1: Cozinha, Sala e Casa de banho de serviço

paleta cromática, foi utilizado um tom de madeira tipo nogueira com alguma saturação, nos móveis e portas, pois assim foi possível perceber que certos “(...) contrastes de iluminação entre claridade e escuridão podem (...) enfatizar certas características dentro de um espaço ou em objetos.” (Kilmer, et al., 2014, p.337).

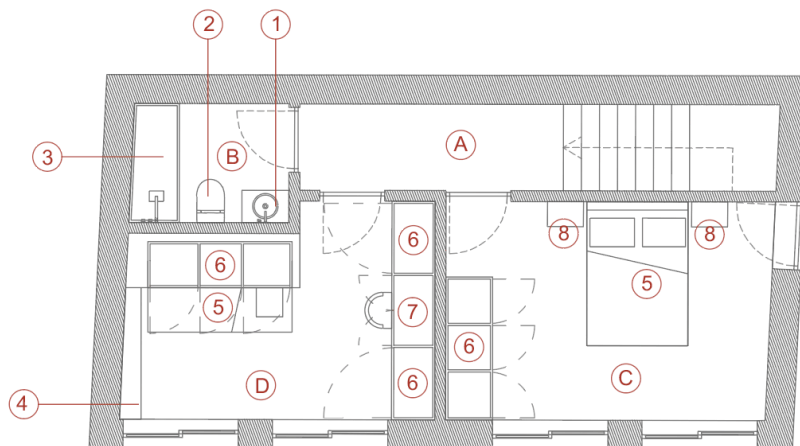


Figura 52 – Proposta 1 do piso 1. Fonte: Carolina Ferreira

LEGENDA

A - Hall/ corredor piso 1
B - Wc completa
C - Quarto principal
D - Quarto secundário

1 - Lavatório wc
2 - Sanita
3 - Base de chuveiro
4 - Prateleira
5 - Cama
6 - Armário embutido
7 - Secretária
8 - Mesa de cabeceira

Passando para o piso superior, este é constituído por dois quartos, o principal (C) e o secundário (D), e uma casa de banho completa (B). O quarto principal, foi pensado para aproveitar a luz natural, com uma cama de casal (5) posicionada de frente para a fachada e apoiada por duas mesas de cabeceira (8) de cada lado; na parede que faz a divisão entre quartos, foi desenhado um armário/roupieiro (6) de três portas, de forma a oferecer a arrumação necessária neste compartimento. A organização deste espaço facilita não só a circulação dentro do mesmo, mas também desde a porta de entrada até à porta da varanda lateral.

No quarto secundário (D), fica a sugestão de uma área funcional e ao mesmo tempo, bem organizada; sendo composta por um móvel com cama de solteiro rebatível (5 e 6), posicionado igualmente de modo a beneficiar da luz natural. Na parede contrária é possível observar um armário a todo comprimento (6) e altura da parede, de modo a eliminar cantos desnecessários e oferecer arrumação, e integrando uma pequena zona de trabalho (7) no meio, ideal para um espaço limitado como este. A composição desta divisão, permite assim a libertação da área central do espaço e garante a circulação fluida, possibilitando vasta funcionalidade, podendo ser um quarto para um filho/ familiar, um quarto de hóspedes ou apenas um espaço de trabalho.

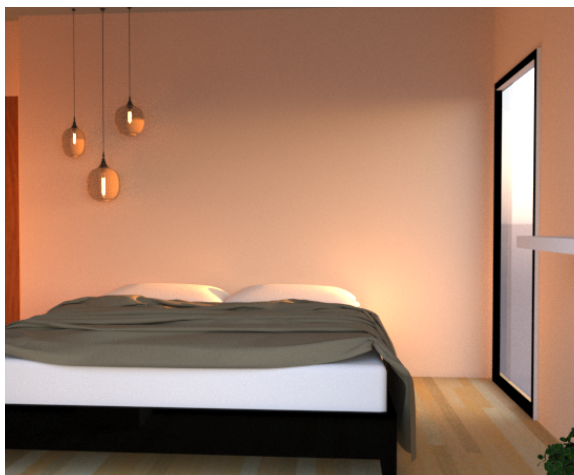


Figura 53 e 54 - Proposta 1: Quartos 1 e 2. Fonte: Carolina Ferreira

No que respeita à escolha das cores e texturas, esta foi pensada de forma harmoniosa e simples, com base em tons naturais, como a cor mais viva da madeira dos móveis e uma cor mais clara para o pavimento, contrastando com o papel e a tinta de parede em tons frios e crus. Estas cores, por estarem “(...) na sua forma mais pura e colocadas lado a lado, parecem mais intensas do que quando vistas separadamente, porque contrastam umas com as outras (...)” (Kilmer, et al., 2014, p.161), assim sendo, esta paleta cromática favorece o espaço, onde “(...) a luz de cores quentes tende a ser alegre, e a luz de cores frias, repousante.” (Kilmer, et al., 2014, p.337)

Devido ao facto de o compartimento destinado para a casa de banho ser reduzido, a proposta da organização para este espaço acaba por ser limitada, sendo assim, foi

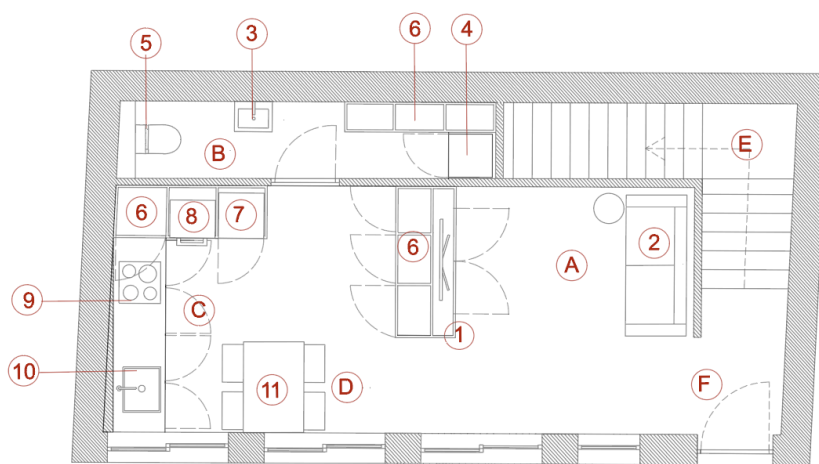
sugerida apenas uma ideia em comum para as duas propostas para o projeto, podendo sofrer alterações caso o cliente assim o que pretendesse.

A casa de banho completa, dá apoio aos dois quartos deste piso, o que obriga a conter todas as características necessárias a uma divisão com esta tipologia. Esta é constituída por um móvel com lavatório integrado, a sanita e uma base de duche com um resguardo de vidro. Tal como foi dito anteriormente, sendo este espaço reduzido, todos estes elementos foram pensados para serem dispostos na mesma lateral, de forma que a circulação fosse facilitada e acessível a qualquer utilizador.



Figura 55 - Proposta 1 e 2: Casa de banho completa.
Fonte: Carolina Ferreira

Para esta proposta, foram consideradas cores e materiais como características específicas, como o cerâmico de cor clara no revestimento das paredes e chão, para dar a sensação de um espaço maior, por este compartimento não ter qualquer tipo de luz natural. A cor da madeira foi pensada também de acordo com as restantes cores, com o objetivo de não haver um contraste exagerado e cansativo.



LEGENDA

- A - Sala
- B - Wc serviço
- C - Cozinha
- D - Zona de refeição
- E - Escadas
- F - Hall de entrada
- 1 - Armário TV
- 2 - Sofá
- 3 - Lavatório wc
- 4 - Máquina L.R.
- 5 - Sanita
- 6 - Armário embutido
- 7 - Frigorífico
- 8 - Microondas + forno
- 9 - Placa fogão
- 10 - Pia cozinha
- 11 - Mesa de refeição

Figura 56 – Proposta 2 do piso 0. Fonte: Carolina Ferreira

Em seguida, foi feita uma outra proposta para o projeto de design de interiores, onde a organização dos espaços foi pensada de uma forma diferente. O piso inferior foi desenhado também com ideia de espaço aberto entre a cozinha e a sala de estar, mas com uma diferença, que tivesse um móvel entre os mesmos, que diferenciasses as zonas sem fechar por completo os espaços. A parede mais distante da entrada deste piso, é constituída pela cozinha (C), com uma bancada equipada com pia (10), placa de indução (9) e arrumação com portas inferiores; no seu lado direito está apoiada com um armário com altura total (6), frigorífico (7), forno e micro-ondas (8) embutido, ainda com a opção de



prateleiras no espaço existente superior à bancada. A zona da refeição (D) está integrada na área da cozinha, junto à janela para maior aproveitamento de espaço e luz natural. O móvel que faz a separação entre espaços, foi desenhado para desempenhar o papel de dispensa com 3 portas (6), do lado da cozinha e aparador com televisão (1) do lado da sala de estar; além disso, este móvel é um pouco mais baixo que o pé-direito, para dar a sensação de maior amplitude ao espaço. Ainda na sala, as ripas de madeira nas costas do sofá (2), fazem a separação entre a zona do percurso para as escadas e a área de estar da sala (A).

As escadas (E) desta proposta, foram igualmente colocadas no canto mais próximo da entrada da habitação; no seguimento das mesmas foi pensado o compartimento da casa de banho de serviço (B), com o intuito de não existirem cantos em demasia, dispondo de uma zona de lavandaria com um armário para arrumação (6) e máquina de lavar a roupa (4), e a zona de casa de banho, com um lavatório embutido num pequeno móvel (3) e a sanita (5) no fundo da divisão. Esta disposição foi pensada consoante o espaço estreito desta zona, de modo a facilitar a circulação e não perder a funcionalidade de cada elemento. Neste piso foram integradas cores claras e naturais, de modo a proporcionar uma sensação de expansão; a fusão entre a madeira do pavimento e a madeira dos móveis é suave, com o intuito de transparecer a sensação de conforto.

Já no piso superior, este também é composto por dois quartos e uma casa de banho completa. No quarto principal, a disposição é idêntica à primeira proposta, onde a cama foi disposta no seguimento da porta de entrada do quarto; do lado da parede que vez sem portas. A disposição desta divisão é simples, mas responde às necessidades básicas para a tipologia da mesma. O quarto secundário, é igualmente focado na funcionalidade e versatilidade, onde foi pensada uma organização do espaço que pudesse abranger várias funções, já faladas na proposta anterior; um móvel que integra secretária, móvel de arrumação e cama, facilitando

Figura 57, 58, 59, 60 e 61 - Proposta 2: Sala, Cozinha, Casa de banho de serviço e Quartos. Fonte: Carolina Ferreira

também a circulação e a sua utilização. A escolha de acabamentos, materiais cores e texturas veio dar ênfase à procura de um design universal e funcional. Os tons claros e naturais foram escolhidos de modo a ser possível dar vida à habitação, oferecendo uma sensação de bem-estar a qualquer utilizador.

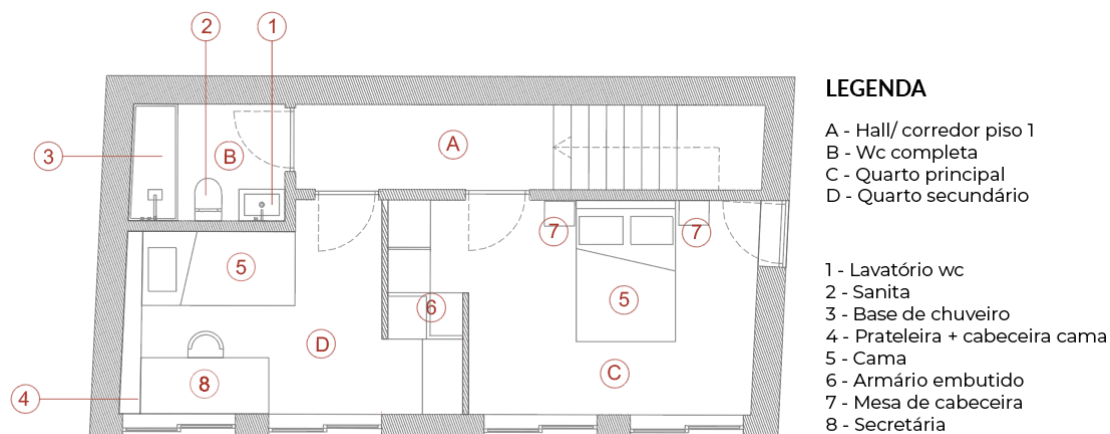


Figura 62 - Proposta 2 do piso 1: Fonte: Carolina Ferreira

Nesta fase do projeto, é importante comparar as propostas desenvolvidas, não apenas de forma a eleger um conceito final, mas também para perceber se o mesmo responde aos requisitos básicos de habitabilidade na reabilitação de um espaço como este. Necessidades como a definição clara das zonas e suas funções, promovendo uma organização eficiente e apropriada, como por exemplo na área da cozinha, devem ser pensados considerando aspetos ergonómicos para a confeção e refeição. Da mesma forma na divisão da casa de banho, obter espaço suficiente para a utilização dos vários elementos, como a sanita, duche e lavatório; a eliminação de obstruções físicas com a integração de condições seguras de circulação entre zonas, dando a possibilidade de transformar o espaço mais inclusivo, como por exemplo as cadeiras de rodas, e adaptável caso seja necessário; a escolha de materiais de construção e acabamentos tanto duráveis como sustentáveis, como a pedra natural nas bancadas ou tintas e vernizes com componentes naturais para o revestimento de paredes, criando um ambiente saudável e assegurando o bem estar dos utilizadores.

Comparando estes dois conceitos, é possível perceber uma diferença notória na organização dos elementos do piso inferior, onde na primeira proposta existem mais cantos e interseções de divisórias e na segunda proposta, é mais linear e a divisão é feita maioritariamente por elementos de mobília. A escolha de materiais também diferencia muito a estética deste piso, onde as cores escuras e tons de madeira da primeira proposta proporcionam formalidade e elegância, mas tornam o espaço mais pequeno, já na segunda proposta foi sugerido um tom de madeira mais claro com tons claros nos restantes elementos, de forma a dar a sensação de amplitude do espaço. Contudo, também é possível perceber que na segunda proposta os elementos de arrumação como móvel dispensa/

aparador TV, móveis de apoio à lavandaria, são mais abundantes devido à organização deste espaço, enquanto na primeira proposta estes elementos são reduzidos, devido a disposição das divisões.

No piso de cima, apesar da organização das divisões ser muito similar, existem elementos que diferenciam e acabam por sobressair, como a divisão entre quartos, destinada para a inserção de armários/ roupeiros; na primeira proposta para o quarto secundário, este móvel era composto por zona de arrumação e zona de trabalho, e no quarto principal foi pensado num roupeiro standard; já na segunda proposta, foi pensada numa divisão onde a parede ultrapassa a delimitação de cada quarto, e são implementados assim os roupeiros tipo *walk-in closet*⁵; além disso, a zona de trabalho dos quartos secundários são bastantes distintas, onde uma por estar inserida no armário, acaba por ter um espaço e luz natural reduzida, já na outra, aproveita o espaço e a luz natural da melhor forma, mas interdita essa janela de qualquer tipo de manutenção e limpeza.

Estando assim os dois conceitos finalizados foi realizada uma reunião com o cliente com o objetivo de se validar a solução a concretizar, onde o mesmo aprovou e elegeu a segunda proposta explicada, seguido de algumas sugestões de mudança a serem acrescentadas ao conceito final. Esta proposta foi assim considerada como a solução mais adequada, por vários fatores, tanto na organização dos espaços e seus elementos, onde a mestranda, o orientador e o cliente discutiram que seria a melhor alternativa tendo em conta aspetos como por exemplo a amplitude criada pelo móvel central do piso inferior, formando uma divisão nem ser necessário uma parede, assim como as ripas de madeira nas escadas; a organização dos elementos na zona da cozinha, a bancada e armário com os eletrodomésticos instalados e vários tipos de arrumação; os materiais escolhidos como meio de criar a sensação de clareza e fluidez, transmitindo uma certa calma e bem-estar; a divisão entre quartos no piso superior com os roupeiros oferece a estas áreas mais espaço de circulação e dimensão.

Nesta etapa, é importante perceber “(...) como o conceito selecionado se enquadra no orçamento, nas necessidades, nos objetivos e nos desejos do cliente (...)” e de que forma é possível “(...) produzir uma solução funcional e empolgante para o problema (...)” (Kilmer, et al., 2014, p.189), conseguindo também colocar em prática as sugestões dadas pelo mesmo.

Sugestões foram equacionadas na realização do conceito final. Considerações como o aproveitamento do espaço inferior das escadas onde o cliente sugeriu não ser uma parede com altura total e sim alinhada com a inclinação das escadas, assim como a inserção de prateleiras, de forma a criar mais amplitude e arrumação. Outro ponto falado pelo cliente, foi a utilização das janelas traseiras para uma possível abertura de um rasgo com maior

⁵ Espaço ou compartimento que permite a entrada e circulação, para organizar e escolher vestuário, acessórios, calçado, etc.

dimensão, possibilitando a entrada de luz natural na zona das escadas e corredor do piso superior. No quarto principal, foi discutida a hipótese de implementar uma pequena varanda acessível pela porta lateral da divisão, integrando o espaço interior com o exterior.

5. Fase de Desenvolvimento

Uma vez escolhido um conceito a seguir para o resultado, entramos assim na fase de desenvolvimento do projeto, “(...) na qual os desenhos e as seleções de materiais tornam-se mais específicos, para determinar o carácter, o tamanho e os detalhes de todo o projeto.” (Kilmer e Kilmer, 2014, p.600). Para além disso, no desenvolvimento do projeto, é essencial fazer uma análise profunda do espaço a trabalhar, de forma a considerar todos os fatores abordados na fase de investigação, sejam eles a ergonomia, a funcionalidade, a sustentabilidade, entre outros, assim como “Acabamentos, móveis e acessórios adequados são estudados e coordenados no conceito do projeto.” (Kilmer e Kilmer, 2014, p.600).

Tal como já foi referido no capítulo anterior, foi escolhida a segunda proposta de reabilitação deste espaço. Olhando para o piso inferior, este foi pensado para combater as divisões frias e desnecessárias nas habitações, onde a circulação é a melhor amiga de qualquer utilizador deste espaço. Para considerar a cozinha, sala, zona da entrada e escadas como um todo, todo o pavimento foi pensado para ser revestido com materiais o mais naturais possível, de forma a criar a ligação entre o conceito rural com a reabilitação e design de interiores modernos. Este revestimento em soalho Tarkett Pure – Carvalho Nature Plank, “(...) celebra a autenticidade da natureza ao realçar e preservar o carácter intemporal dos pavimentos de madeira (...)” (Tarkett PT), simultaneamente oferecem estabilidade duradoura, facilidade de limpeza, isolamento acústico e térmico. Ainda dentro desta

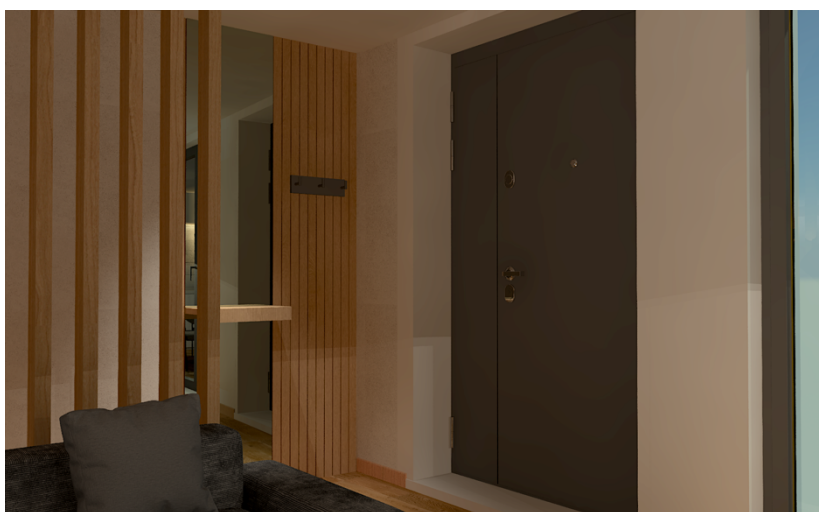


Figura 63 e 64 - Piso 0: Hall de entrada e Escadas. Fonte: Carolina Ferreira

integração com o meio rural, a parede que segue as escadas foi considerada com a pedra original da eira sem qualquer revestimento estético, com o intuito de valorizar a vertente natural e rústica do espaço e, por sua vez, do seu meio envolvente.

Ao entrar neste piso, deparamo-nos com o hall de entrada, uma pequena área onde, tal como o nome indica, funciona como um elemento/espaço de transição tanto do exterior para o interior, mas também permite a passagem de um piso para o outro. Para ser acessível a qualquer utilizador, assim que entra neste espaço, foi criado um elemento de apoio composto por um espelho com a altura total, com a funcionalidade normal de um espelho e permitindo criar a sensação de um espaço maior, devido ao reflexo; neste elemento foi colocada uma prateleira, pensada para a função de “despeja bolsos”, onde o utilizador pode pousar elementos como a chave de casa, do carro, a carteira, entre outros; ainda dentro da funcionalidade, ao lado do espelho está um conjunto de três cabides de parede, para arrumação de roupa ou acessórios. Para complementar a estética geral dos elementos, os painéis ripados acústicos da marca Walleu, em tons de carvalho natural, servem não apenas de base para fixação dos cabides em aço inox pretos (JNF IN.14.300.3.14. TB), como absorvem o som, diminuem o eco e por sua vez, tornam o espaço mais acolhedor.

Entrando na zona da sala, esta é delimitada por vários elementos sem necessitar de ser uma divisão fechada, um conjunto de ripas de madeira, em cerejeira US (Balbino Faustino CER005), apesar de criar a noção de demarcação deste espaço, não o fecha completamente nem o sufoca, devido aos intervalos entre ripas; tal como a parede de gesso cartonado pintada a #0501 Branco (CIN) posicionada na direção das escadas, mas não por completo devido às restantes ripas que estão na direção dos patamares das escadas,



Figura 65 - Piso 0: Sala de Estar. Fonte: Carolina Ferreira

criando também a sensação de amplitude; um outro elemento que demarca esta área é o móvel central em carvalho, com dupla funcionalidade, onde um lado dá apoio à área de estar, com armário integrado na parte superior e inferior da zona da televisão, para além disso proporciona a sensação de organização e simplicidade, pois é desenhado com ripas de madeira tendo a função de um móvel de arrumação e dando continuidade à

estética dos elementos já falados. Como elementos principais nesta zona, vê-se um sofá de três lugares, com a possibilidade de *chaise long*⁶; este modelo apesar de ser apenas uma

⁶ Sofá ou poltrona com extensão que permite ao utilizador, estender as pernas.

representação conceptual, serve como exemplo na escolha deste móvel tanto para o utilizador como para o profissional responsável pela decisão das peças de mobiliário, para além disso aconselha-se que o sofá escolhido, não ultrapasse demasiado o comprimento da divisão conseguida pelas ripas de madeira, de forma a não comprometer a zona de circulação adjacente. Para complementar este espaço temos dois constituintes que auxiliam na formação da estética do espaço, as prateleiras também em gesso



Figura 66 - Piso 0 - Sala de Estar. Fonte: Carolina Ferreira

cartonado inseridas na parede das escadas, como forma de aproveitamento do espaço inferior existente, com a possibilidade de arrumação de elementos de decoração como livros, molduras, etc.; ainda na zona do sofá, foi adicionada uma mesa de apoio redonda para quebrar as linhas retas dos restantes elementos e oferecer alguma organicidade, sem cortar por completo a circulação, a mesma foi pensada com uma cor mais escura, em folheado de nogueira, de modo a contrastar com os tons claros já existentes. O candeeiro posicionado nesta parede ilumina o lado do sofá mais próximo das prateleiras, com a possibilidade de atribuir a função de “canto de leitura” ou apenas como iluminação de apoio à zona de estar.

Passando para a zona da cozinha, esta é apenas delimitada pelo móvel central já referido, contendo deste lado, três portas que dão acesso a várias prateleiras de arrumação, com a função de dispensa para alimentos e qualquer tipo de acessórios para a cozinha, para além disso, este móvel dispõe da possibilidade de integração de gavetas, facilitando a organização dos vários tipos de mercearia, etc. A disposição linear da zona de trabalho, começa por ser integrar toda a arrumação criada pelos armários inferiores revestidos com HPL laminado na cor Blanc Absolu B170 (Polyrey), onde existe a possibilidade de instalação de máquina de lavar loiça ou caixote do lixo de porta ou para interior, sem esquecer de toda a arrumação restante; inclui a área de confeção com espaço disponível para uma placa de indução, sendo que esta oferece maior eficiência energética, facilidade de limpeza e maior segurança, o exaustor de parede integrado na caixa de gesso cartonado existente na parte superior, com a função de remoção dos odores da cozinha e promover a higiene do espaço, assim como toda a parede incorporada com revestimento em azulejo porcelânico (Terrazzo Marfim 20x20), que acrescenta o fator de limpeza, através das suas propriedades que permitem a redução de manchas e bactérias; a área de preparação integra uma bancada



Figura 67 e 68 - Piso 0: Cozinha. Fonte: Carolina Ferreira

ampla (Silestone Lime Delight), com “(...) superfície híbrida composta por minerais e materiais reciclados (...)” (Consentino PT), resistente a manchas, riscos, impactos e ácidos; e área de lavagem com uma cuba e escorredor integrado, “(...) composta por 80% de pedra de quartzo de alta qualidade + 20% de resina. Possui alta dureza, resistência a impactos, resistência ao desgaste, resistência à corrosão e resistência a altas temperaturas.” (LeroyMerlin PT), com uma misturadora retrátil e bico móvel,

permitindo melhor limpeza. A composição destes elementos resulta de uma leitura e organização do espaço eficiente, revelando uma clara otimização na circulação e utilização.

A zona de refeição funciona como elemento principal e é estabelecida por um conjunto com mesa de jantar e cadeiras, onde o formato cápsula da mesa em tons de carvalho escuro (móvel desenhado por Carolina Ferreira) entra em união com o metal preto e o tecido Bouclé em tons de areia das cadeiras, oferecendo uma componente orgânica ao estilo desta habitação. A proximidade entre a zona de trabalho e a de refeição reforça a necessidade de ligação entre as funções de cozinhar e conviver, onde fomenta uma composição mais dinâmica deste espaço. Os armários verticais em madeira de carvalho, ao lado da zona de confeção, têm maior presença visual e criam um contraste controlado com os restantes elementos, evitando a sensação de desorganização e excesso; além disso, a funcionalidade é a sua maior característica, pois é neles que estão os eletrodomésticos de necessidade básica para uma cozinha, o frigorífico (Samsung), o forno e o micro-ondas (Teka), instalados à altura ideal conforme as regras da ergonomia e acompanhados de diversas prateleiras e arrumação, com a eventualidade de ser instalado algum tipo de pequeno eletrodoméstico – chaleira elétrica, torradeira, máquina de café, etc.). A tonalidade e naturalidade da madeira nos módulos verticais com o revestimento simétrico e padronizado do cerâmico na parede da bancada, concebe ritmo a toda a divisão e remete

para separação da funcionalidade de cada área: cor de madeira natural nos móveis altos para arrumação, cor escura para a zona de convívio e cores claras para zona de confeção; a iluminação linear em fita LED embutida, sob a bancada, guia o olhar ao longo do espaço e oferece uma sensação de tranquilidade. Já as lâmpadas de teto, como iluminação suspensa colocada acima da mesa de refeição, na cor bege-creme, reforçam esta tranquilidade, ao mesmo tempo focam e definem funcionalmente esta zona. A mistura entre as cores neutras – compostas por tons brancos, madeira clara e escura, beges e escuros - e das texturas procedentes dos materiais, confere uma harmonia visual a todo o espaço e reforça, de certa forma, a linguagem moderna e contemporânea.

Na divisão ao lado da cozinha, está a casa de banho de serviço, com zona de lavandaria, otimizando ao máximo o espaço existente até à zona das escadas. Este compartimento evidencia uma organização simples, mas eficiente, na disposição de elementos básicos – sanita (Duravit) e respetivos acessórios – entre eles o piaçaba (Bruma 134 001 4NS), porta rolo (Bruma 177 000 7NS) e balde do lixo (5L Brabantia) – e móvel com lavatório redondo (Round 40 Sanindusa), misturadora (Bruma 108 840 1NS), espelho e toalheiro (Bruma 177 000 2NS) – seguindo uma composição que facilita a utilização de cada elemento. A sanita é suspensa num pequeno patamar feito para otimizar a passagem de esgotos e saneamentos, melhorando a circulação, o conforto do utilizador e, se necessário, a manutenção deste elemento. As linhas retas e contidas do espaço e do móvel difundem-se com as formas redondas do lavatório, sanita e espelho, o que garante uma coerência estética, suaviza toda a organização do espaço e evita



Figura 69 e 70 - Piso 0: Casa de banho de serviço e lavandaria. Fonte: Carolina Ferreira

uma possível rigidez visual. Nesta divisão foram optadas cores mais neutras, dominadas pelo cinza tipo cimento das paredes e pavimento revestidos a cerâmico com reforço de fibra e com propriedades antibacterianas, e a tonalidade branca das louças, onde se interligam com a cor natural da madeira no móvel e o inox preto nos restantes acessórios. Esta paleta cromática acaba por ser complementada pelas texturas, ao introduzir experiência sensorial através dos diversos materiais e valorizada pela iluminação suave em formato de focos led vinda no teto, assim como a iluminação pontual do candeeiro retangular sob o espelho, garantindo as condições adequadas para a execução das tarefas destinadas a esta zona.

Ainda nesta divisão, foi definida no lado das escadas, uma zona de lavandaria e arrumação, cujo objetivo focou-se na funcionalidade e otimização do espaço reduzido. A criação de vários elementos, tanto acima do espaço destinado para a máquina de lavar roupa, como os armários de pé perpendiculares, destinados para maximizar a arrumação e organização, garantem a sua utilização prática e intuitiva. Além disso, esta zona encontra-se moderadamente delimitada, sem interferir com a zona da casa de banho, e com a possibilidade de integração de uma porta de correr, dividida em duas partes, rebate no armário quando aberta e fecha por completo este espaço caso o utilizador optar por ocultar o mesmo.

A escolha da cor branca em HPL laminado na cor Blanc Absolu B170 (Polyrey), vai de encontro com a ideia de expansão, onde é refletida pela iluminação e amplia a área, ao mesmo tempo cria uma diferenciação visual dos elementos, onde há uma marcação clara da zona da lavandaria apenas com a utilização de um tom. Esta abordagem deve ser considerada, de forma que a funcionalidade seja acompanhada pela sensação de organização, limpeza e conforto tanto técnico como visual.

Como elemento de ligação ao piso superior, as escadas assumem um papel estrutural no espaço, ao mesmo tempo cumprem com a sua função de circulação entre pisos. A utilização do mesmo tom em madeira de carvalho, atua igualmente como elemento de ligação, tanto nas próprias escadas como no corrimão, interligando a funcionalidade, ergonomia e a componente estética. A presença de iluminação integrada ao longo do corrimão, acompanha o percurso das escadas e aumenta a segurança. Esta iluminação indireta contribui também no destaque de volumes, sombra e texturas sem comprometer a circulação de qualquer utilizador.

Assim passamos para o piso superior, pensado como zona privada, com dois quartos principal e secundário, e uma casa de banho completa. Devido à área reduzida, a organização dos espaços foi de encontro à funcionalidade de cada divisão conforme as necessidades básicas do utilizador, sem comprometer tanto ergonómica como esteticamente. Assim como foi referido para o piso inferior, todo o pavimento desde as escadas, hall dos quartos e respetivos quartos, principal e secundário, foi revestido igualmente com o soalho da marca Tarkett, devido às suas propriedades de uso.

Começando pelo quarto principal, a disposição central da cama de casal, funciona como elemento principal do espaço, transparecendo conforto e acolhimento. Esta tipologia de cama foi especialmente escolhida, de forma a oferecer a maior comodidade para o utilizador, com uma cabeceira acolchoada e a sua estrutura estofada em tom cinza-claro, sendo destinada tanto para uma pessoa solteira como para um casal. Nas laterais da cama, estão colocadas duas mesas de cabeceira em HPL laminado cor G116 Gris Halo (Polyrey)



Figura 71 e 72 - Piso 1: Quarto principal. Fonte: Carolina Ferreira

com gavetas para facilitar a arrumação de pequenos objetos, ao mesmo tempo serve de apoio para o utilizador quando está a usufruir da cama. Ainda na parede da cama, uns painéis com o mesmo acabamento das mesinhas, à altura da cabeceira com iluminação pontual em fita LED, que de certa forma, criam algum ambiente e harmonia no espaço, tornando-o mais convidativo e podendo substituir a iluminação de teto, de modo a não causar tanta confusão visual ao usuário, principalmente quando anoitece.

Como elemento principal de arrumação, o roupeiro pode ser considerado uma espécie de walk-in closet, onde a porta abre na direção da parede, tapando-a quando está completamente aberta. Este roupeiro oferece arrumação em formato de gavetas, prateleiras e varão, para os vários tipos de roupa e têxteis necessários a acomodar, de forma a otimizar ao máximo a utilização deste móvel. Este elemento sendo construído com madeira de carvalho, tendo como base a otimização do espaço existente entre divisões e na circulação dentro do quarto, remetendo para o equilíbrio entre todos os elementos, tanto na utilização de tons e materiais semelhantes. É relevante referir que, a configuração deste móvel, facilita a sua manutenção e limpeza, devido à simplicidade do mesmo.

Para complementar o espaço, um toucador/ móvel de apoio suspenso à parede revestido igualmente com o HPL cinza-claro, foi implementado de maneira a não só aproveitar o canto disponível, como também a iluminação natural vinda das janelas frontais

e lateral. Este móvel dispõe de uma dimensão que permite várias abordagens do utilizador, como trabalhar por curtos períodos (não aconselhado para trabalho de longas horas, devido ao conforto do utilizador), maquilhagem e cuidados pessoais ou apenas como móvel de arrumação e apoio.

Esta divisão está assim centrada na valorização da penetração de uma grande quantidade de luz natural, onde toda a disposição do quarto vai de encontro a este aspeto. Para além disso, este quarto tem a opção de incluir uma pequena varanda acessível através da porta de vidro existente ao lado da cama. A restante iluminação artificial, tanto de teto como pontual, garante eficácia na utilização da divisão e promove um ambiente confortável e equilibrado. No seguimento dos elementos que compõe o espaço, foram escolhidas cores suaves, como os tons de cinza (G116 Gris Halo), bege e a madeira, que acabam por criar uma atmosfera serena e acolhedora, especialmente onde a função do espaço é maioritariamente o descanso.



Figura 73 e 74 - Piso 1: Quarto secundário. Fonte: Carolina Ferreira

Em seguida está o quarto secundário, concebido para ter várias funções, entre elas como quarto para um membro da família ou filho, como quarto de hóspedes, ou até apenas como espaço de trabalho. Esta divisão também faz proveito da luz natural através das duas grandes janelas, podendo ser filtrada pelas cortinas translúcidas, o que contribui para a suavização do ambiente e traz a sensação de amplitude do espaço, ao mesmo tempo a iluminação artificial auxilia na funcionalidade dos restantes elementos, sem cansar o bem-estar visual do utilizador.

A peça de mobiliário embutida revestidas com a mesma tonalidade do quarto principal, na parede oferece várias funcionalidades, começando pelo canto da janela, uma pequena zona de trabalho ou estudo, para que toda a luz natural seja utilizada na execução destas tarefas, apoiada por prateleira e armário superiores. Na sua continuidade, o armário com altura total e prateleiras

integradas, assegura mais alguma arrumação e faz a separação entre a zona de trabalho da zona de descanso. Sendo esta no seguimento do móvel, com uma cama de solteiro, embutida no espaço disponível, com uma cabeceira em ripas de madeira acústicas, isolando o som e tornando-o mais acolhedor, assim como contrastam com o tom neutro dos móveis. Como apoio à zona de descanso, um pequeno módulo de armário e uma prateleira com focos de luz embutidos, com a possibilidade de arrumar pequenos objetos, como livros ou molduras, e de forma a facilitar o alcance do utilizador, em qualquer situação. Conforme o walk in closet do quarto principal, foi criado um módulo semelhante para qualquer tipo de arrumação em madeira de carvalho, seja de vestuário, têxteis ou outros pertences, igualmente em gavetas, prateleiras e varão, com a opção de o reservar através da porta de correr.

Esta configuração do espaço, liberta a área central do quarto, garantindo uma circulação fluida e fácil limpeza ou manutenção. É importante referir a ligação desta organização com a harmonia criada pela paleta cromática neutra e natural, onde todos os elementos de mobiliário de cor neutra contribuem para a sensação de amplitude e serenidade, assim como os tons de madeira dão um pouco de vida a toda a divisão, devido à reflexão dos vários tipos de iluminação. Um outro aspeto a considerar na componente mais neutra da estética deste espaço, é a versatilidade que oferece de decoração e estilo que cada utilizador quiser adotar para complementar o quarto.

Por último, a casa de banho completa que conclui com a organização do piso superior e oferece suporte aos dois quartos. Revestida em todas as suas paredes e pavimento com cerâmico em acabamento mate com propriedades resistentes à mancha e à acumulação de lixo, antiderrapante, facilidade na limpeza, resistente ao alto tráfego e maior durabilidade (LoveTile Ceramics – Balance Light Grey 600x600x7mm), foi projetada de acordo com a limitação do espaço existente, sem comprometer a circulação dentro da mesma. A nível dos componentes principais, um móvel para lavatório, com torneira de parede (Bruma 108 840 1NS), como forma de aproveitamento de espaço para executar as várias tarefas no lavatório, com uma pequena zona inferior de arrumação concebida por uma prateleira. Ainda nesta parede, o espelho que abrange a zona do lavatório e vai até ao resguardo do duche, além de integrar a torneira do lavatório e um aplique retangular com lâmpada LED, para dar a iluminação correta ao utilizador quando está a usufruir do lavatório ou do espelho, a sua dimensão cria amplitude na divisão e previne a sensação de espaço apertado. No seguimento deste compartimento, temos a sanita suspensa (Duravit) e todos os seus acessórios necessários, porta rolos (Bruma 134 001 4NS) e piaçaba (Bruma 177 000 7NS), dentro da mesma linha que os restantes acessórios, misturadora e chuveiro, com um sentido estético mais organizado e apurado.

Para separar a restante área da zona de banho, existe um resguardo em vidro temperado (8mm espessura) fixo à base de duche, com largura e altura suficiente para proteger o pavimento cerâmico da água vinda do chuveiro, ao mesmo tempo é acessível para pessoas com dificuldade motora, com alguma deficiência ou para que um adulto possa auxiliar a criança durante o banho. Ainda na zona de banho, a base de duche (Duravit Sustano) sustentável e “(...) fabricada com o material mineral reciclável DuroCast® Nature (...)” (Duravit), foi pensada com o objetivo de facilitar a tarefa de duche com resistência ao deslizamento, danos e sujidade. Como apoio aos produtos necessários nesta zona, o nicho no canto do duche, oferece funcionalidade, arrumação e fácil limpeza, sendo muito importante numa zona húmida como esta. Também em termos de aproveitamento do espaço e organização, as barras para toalha de duche e mãos (Bruma 136 000 1NS + Bruma 136 000 2NS), estão dispostas na parede livre da casa de banho, assim como os cabides fixos (Bruma 136 001 0NS) atrás da porta, para auxiliar a experiência do utilizador.

Nesta divisão a paleta cromática foi pensada considerando as características do espaço e as propriedades dos materiais instalados, de modo a gerar equilíbrio entre os tons e todos os tipos de iluminação. Deste modo, os tons neutros e claros, fundem-se com os pormenores da madeira na prateleira e contrastam com os acessórios pretos, oferecendo bem-estar visual ao utilizador. A iluminação geral indireta, concebida através de focos instalados no teto, ilumina totalmente o espaço nos pontos cruciais, a zona da entrada, a zona da sanita e a zona de banho; bem como a iluminação direta no espelho, para proporcionar as condições ideais nas tarefas destinadas ao lavatório.



Figura 75 e 76 - Piso 1: Casa de banho completa. Fonte: Carolina Ferreira

6. Conclusão

Ao olhar em retrospectiva para a crescente pressão sobre o mercado imobiliário, é possível perceber que, a reabilitação urbana e rural, funciona como a melhor estratégia de intervenção para combater a escassez de oferta de habitações acessíveis, daí ter sido um dos conceitos chave desta investigação. A grande quantidade de habitações antigas sem ocupação, acabam por desarmonizar por completo a paisagem urbana e rural, pelo seu aspeto abandonado tanto no seu exterior como interior, podendo contribuir para o desprezo de possíveis moradores, principalmente nas zonas rurais onde existem diversos elementos naturais.

A reabilitação de espaços interiores é também vista como uma opção mais sustentável de intervenção, devido à menor quantidade de recursos, materiais e processo que são necessitados, comparando com uma habitação construída do zero, “(...) trata-se também de reutilizar o já construído, poupando recursos e energias (...)” (Castro, 2012, p.22 cit in Paiva, Aguiar & Pinho, 2006, p.1). Para além de ser a alternativa mais sustentável de recuperação, acaba por ser mais acessível monetariamente, devido aos fatores falados anteriormente, a economia de materiais e recursos. Neste estudo foi possível perceber de forma detalhada, como a reabilitação de um espaço interior consegue influenciar tantos outros pontos importantes, sendo a sustentabilidade, a regeneração urbana e rural e até mesmo, a valorização do património. Ainda assim, esta intervenção não pode ser apenas uma “limpeza” ou recuperação no seu conjunto urbano ou rural, e é aí que o design de interiores assume relevância conceptual e prática.

O design de interiores, enquanto disciplina de projetos centrados na relação entre o espaço e o utilizador, contribui para a adaptação funcional dos espaços interiores conforme as necessidades contemporâneas, promovendo conforto, funcionalidade, eficiência e consciência ambiental. Esta área do design de interiores, envolve a organização de um espaço de modo a responder igualmente tanto às exigências funcionais e técnicas, sem nunca esquecer a vertente estética. Quando integrado no processo de reabilitação, o design de interiores é muito mais que uma mera renovação superficial, pois está presente na reorganização espacial e na valorização do património já existente.

Para além disso, o design de interiores assume um papel fundamental e multidisciplinar, no “(...) exercício crítico de cariz intelectual que abrange o projectar do mais variado tipo de espaços e equipamentos, como a colaboração na gestão de programas de definição (...)” (Castro, 2012, p.139), dando aso a todo o desenvolvimento do projeto, sendo aqui o ponto de ligação entre a reabilitação de espaços e o design de interiores.

Sendo o objetivo de regenerar estes espaços históricos, é necessário que o designer estude “(...) os processos de definição, criação e implementação de uma habitação e de um habitar sustentável (...)” (Castro, 2012, p.139), tornando se capaz para aplicar os fundamentos e processos do design, e conseguir resolver os problemas que vão surgindo

ao longo do projeto. Além disso, o profissional de design de interiores, deve fazer um estudo ligado às diferentes necessidades e objetivos dos modos de habitar contemporâneo, às tipologias dos espaços que pretende intervir, optando sempre por soluções e meios que abranjam um maior número de possíveis utilizadores. Dentro da disciplina do design de interiores, foi importante estudar todas as vertentes essenciais na reabilitação de interiores, tanto inclusivo como sustentável, adicionam carácter aos interiores, ao mesmo tempo corresponde com os vários requisitos do espaço.

O projeto de reabilitação de interiores proposto para a recuperação da eira antiga, foi o resultado de uma investigação teórica, dos conceitos chave deste trabalho, tais como o design de interiores, a reabilitação e a habitação, onde existe uma relação relevante neste projeto. Esta relação evidencia o potencial que o espaço degradado possui, capaz de potenciar acessibilidade, eficiência, harmonia e qualidade de vida, através de uma organização de espaços bem pensada e estruturada, alinhando-se aos princípios da sustentabilidade e funcionalidade.

Apesar da crescente importância atribuída ao design universal, tanto nesta investigação como no contexto da reabilitação do património rural, o mesmo não foi considerado como um critério facilmente aplicável na intervenção do espaço, devido às várias limitações pertencentes à natureza do edifício, como a dimensão reduzida dos espaços e a preservação das características construtivas.

O presente trabalho de investigação pode assim, contribuir para a integração da disciplina do design de interiores na valorização da reabilitação urbana e rural, e na promoção de espaços polivalentes, otimizando áreas e redefinindo usos e materiais, passando assim, a ser muito mais do que um método de transformação estética, e mostrando a possibilidade de valorizar qualquer espaço descuidado, ao prolongar o seu ciclo de vida.

Bibliografia

1. Wismayer, A. (2019). The impact of occupant behaviour on passive environmental design strategies in heritage buildings: A case study of San Anton Palace, Malta.
2. Azevedo, B. (2025). Co-living no futuro: Design de soluções modulares adaptáveis, sustentáveis e inteligentes para espaços orientados por serviços.
3. Barbosa, P. G., Safar, G. H., & Rezende, E. J. C. (2023). Interior design trajectory from the perspective of professionalization. *Convergences – Journal of Research and Arts Education*, 16(31), 129–138.
<https://doi.org/10.53681/c1514225187514391s.31.165>
4. Barros, J. J. S. (2022). Repensar a organização dos espaços interiores num contexto pós-pandemia [Trabalho de projeto de mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa.
5. Blackwell, W. (2015). *The handbook of interior design*. John Wiley & Sons.
6. Bragança, L., Vieira, S. M., & Andrade, J. B. (2014). Early stage design decisions: The way to achieve sustainable buildings at lower costs. *The Scientific World Journal*, 2014, Article 365364.
7. Brown, T. (2009). *Change by design: How design thinking transforms organizations and inspires innovation*. HarperCollins.
8. Bullen, P., & Love, P. (2011). A framework for sustainable adaptive reuse: Understanding vacancy and underuse in existing urban buildings. *Frontiers in Sustainable Cities*, 2, Article 985656.
9. Campos, A. (2012). *Da utopia ao utopismo: Design e processo na cidade moderna*. ESAD Matosinhos.
10. Castro, C. S. M. (2012). [Re]habitar: O designer de interiores na reabilitação habitacional do edifício histórico do Porto [Dissertação de mestrado, Escola Superior de Artes e Design de Matosinhos].

11. Cavalcante, A. L., Preto, S., Fialho, F., & Figueiredo, L. (2012). Design para a sustentabilidade: Um conceito interdisciplinar em construção. *Projetica*.
12. CIDECQ-UEP. (2022). *Manual de inovação e sustentabilidade: Conforto e sustentabilidade na reabilitação 4.0*. Centro de Investigação e Desenvolvimento em Engenharia Civil e Qualidade, Universidade Fernando Pessoa.
13. Ching, F. D. K. (2015). *Interior design illustrated*. John Wiley & Sons.
14. Coleman, C. (2002). *Interior design handbook of professional practice*.
15. Creswell, J. W. (2009). *Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches* (3rd ed.). SAGE Publications.
16. Design Council. (2007). *Eleven lessons: Managing design in eleven global brands*. Design Council.
17. Dodsworth, S., & Anderson, A. (2009). *The fundamentals of interior design* (2nd ed.). Bloomsbury.
18. Freire, J. (2013). *Flexibilidade na habitação: Conceito, estratégia, projecto*.
19. Gibbs, J. (2009). *Design de interiores: Guia útil para estudantes e profissionais*. Editorial Gustavo Gili.
20. Gonçalves, I. M. P. (2017). *Arquitetura para hoje e novas formas de habitar: Esboço de ensaio(s) teórico-prático(s) na cidade da Guarda [Dissertação de mestrado, Universidade da Beira Interior]*.
21. Grimley, C., & Love, M. (2007). *Cor, espaço e estilo*. Rockport Publishers.
22. Haneef, S. (2022). Environmental sustainability in interior design. *International Journal of Engineering Research & Technology (IJERT)*, 10(03).
<https://www.ijert.org/environmental-sustainability-in-interior-design>
23. Kilmer, R., & Kilmer, W. O. (2014). *Designing interiors* (2nd ed.). John Wiley & Sons.

- 24.** Lopes, A. L. S. (2015). [Re]construir o futuro modelando o presente [Dissertação de mestrado, Escola Superior de Artes e Design].
- 25.** Mahimkar, S., Ketaki, A., & Ashwini, A. (2018). Indoor comfort in dwellings: An exploratory study of diverse design approaches. *International Journal of Recent Trends in Engineering and Research*.
- 26.** Mascaro, L., Bortolucci, M., & Lourenço, J. (2012). Raul Lino: Uma leitura dos projetos das “casas portuguesas”. *Oculum Ensaio*.
- 27.** Mateus, R. D. M. (2012). Construção sustentável [Dissertação de mestrado, Universidade Nova de Lisboa].
- 28.** Mohammed, M., Shafiq, N., Elmansoury, A., et al. (2021). Modeling of 3R (reduce, reuse and recycle) for sustainable construction waste reduction: A partial least squares structural equation modeling (PLS-SEM). *Sustainability*, 13, 10660.
- 29.** Moreira, F. (2010). Investigar em design versus investigar pela prática do design: Um novo desafio científico. In *GEPRO – Inovação, Gestão e Produção*.
- 30.** Nishida, A., & Carvalho, D. (2018). Design de interiores como ferramenta para sustentabilidade. *Mix Sustentável*, 4, 77–87.
- 31.** Nunes, M. (2016). Utilização das cores em ambientes residenciais. *Blucher Design Proceedings*. <https://doi.org/10.5151/DESPRO-PED2016-0420>
- 32.** Ono, M. M. (2004). Design, cultura e identidade no contexto da globalização. *Design em Foco*, 1(1), 53–66.
- 33.** Oppenheim, A. N. (1992). Questionnaire design, interviewing and attitude measurement. *Continuum*.
- 34.** Parnell, K., Banks, V., Wynne, R., Stanton, N., & Plant, K. (2023). The design process.
- 35.** Pereira, C. E. S. C. (2022). Habitação flexível e evolutiva [Dissertação de mestrado, Instituto Superior Técnico].

- 36.** Pile, J., & Gura, J. (2014). *A history of interior design* (4th ed.). Wiley.
- 37.** Pinto, S. P. (2011). *Casa deLuxe* [Dissertação de mestrado, Universidade do Porto].
- 38.** Pocinho, M., & Matos, F. R. (2022). Metodologias de pesquisa e de investigação.
- 39.** Possebon, E. (2004). O Modulor de Le Corbusier: Forma, proporção e medida na arquitetura. *R. Cult.: R. IMAE*, 5(11), 68–76.
- 40.** Ribeiro, A. S. (2016). *O beiral, o espigueiro e a eira: Formas, usos e contextos*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- 41.** Silva, M. (2012). *Reabilitação sustentável*. ESAD.
- 42.** Silva, N. F. V. (2013). *Iluminação LED – Avaliação económica e ambiental* [Dissertação de mestrado, Universidade do Porto].
- 43.** Simões, J. F., & Bispo, R. (2006). *Design universal: Acessibilidade e usabilidade em produtos, serviços e ambientes*. Centro Português de Design.
- 44.** Siqueira, O. A. G., Cunha, L. S., Pena, R. S. F., Corrêa, B. S., & Amorim, M. E. (2017). Metodologia de projetos em design, design thinking e metodologia ergonômica: Convergência metodológica no desenvolvimento de soluções em design. *Cadernos UniFOA*, 9(Esp.), 49–66.
[https://doi.org/10.47385/cadunifoa.v9.n1\(Esp.\).1112](https://doi.org/10.47385/cadunifoa.v9.n1(Esp.).1112)
- 45.** Wong, W. (1993). *Principles of form and design*. John Wiley & Sons.
- 46.** World Commission on Environment and Development. (1987). *Our Common Future*. Oxford: Oxford University Press.

Webgrafia

1. Aldeias Históricas de Portugal. (n.d.). *Percursos*. Disponível em: <https://aldeiashistoricasdeportugal.com/oferta-turistica/percursos/>
2. ArchDaily Brasil. (n.d.). *Casas portuguesas: 10 projetos que misturam tradição e contemporaneidade*. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/998982/casas-portuguesas-10-projetos-que-misturam-tradicao-e-contemporaneidade>
3. Associação Portuguesa Feng Shui. (n.d.). *O que é Feng Shui?* Disponível em: <https://www.apfengshui.pt/feng-shui/o-que-e>
4. Câmara Municipal de Penafiel. (n.d.). *Reabilitação urbana*. Disponível em: https://www.cm-penafiel.pt/resultados_pesquisa?search_terms=reabilita%C3%A7%C3%A3o%20urbana
5. Citador. (n.d.). *Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades – Luís Vaz de Camões*. Disponível em: <https://www.citador.pt/poemas/mudamse-os-tempos-mudamse-as-vontades-luis-vaz-de-camoes>
6. CNN Portugal. (n.d.). *Reabilitação urbana cresceu 38%*. Disponível em: <https://cnnportugal.iol.pt/m2/cnn-tv/atualidade/reabilitacao-urbana-cresceu-38/>
7. Coliving.com. (n.d.). *Coliving*. Disponível em: <https://coliving.com/>
8. Conselho Internacional de Design de Interiores (CIDQ). (n.d.). *What is interior design?* Disponível em: <https://www.cidq.org/about-cidq/what-is-interior-design/>
9. Consentino. (n.d.). *Silestone. Lime Delight*. Disponível em: <https://www.cosentino.com/pt-pt/cores/silestone/lime-delight/>
10. Deganello, P. (n.d.). *Radical imaginaries: If architecture fails, can technology liberate us?* Disponível em: <https://www.paolodeganello.it/copia-di-intervista-arts-design-medias>
11. Diário da República. (2006). Decreto-Lei nº 163/ 2006. Disponível em: <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/163-2006-538624>
12. Diário da República. (2024). Decreto-Lei nº 10/ 2024. Disponível em: <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/decreto-lei/10-2024-836222484>
13. Diário da República. (2009). Decreto-Lei n.º 307/2009. Disponível em: <https://diariodarepublica.pt/dr/legislacao-consolidada/decreto-lei/2009-34511675>
14. Diário da República. (2019). Portaria nº 304/ 2019. Disponível em: <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/portaria/304-2019-124642993>
15. Ferreira, F. M., Diário Imobiliário. (n.d.). *Reabilitar o interior de Portugal*. Disponível em: <https://diarioimobiliario.pt/Reabilitar-o-interior-de-Portugal>
16. Dinheiro Vivo. (2025). *Procura por habitação disparou nas periferias de Lisboa e Porto em 2025*. Disponível em: <https://dinheirovivo.dn.pt/imobiliario/procura-por-habitao-disparou-nas-periferias-de-lisboa-e-porto-em-2025>

17. Duravit. (n.d.). Sustano. Disponível em: <https://www.duravit.com/en-en/products/all-series/sustano/>
18. Martins, F. Jornal Expresso. (2025, setembro 25). *Queremos mais habitação e precisamos de construir o futuro*. <https://expresso.pt/opiniaao/2025-09-25-queremos-mais-habitacao-e-precisamos-de-construir-o-futuro-a79266da>
19. Infopédia – Dicionário da Língua Portuguesa. (n.d.). *Composição*. Porto Editora. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/composicao>
20. Infopédia – Dicionário da Língua Portuguesa. (n.d.). *Cor*. Porto Editora. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/cor>
21. Infopédia – Dicionário da Língua Portuguesa. (n.d.). *Proxémica*. Porto Editora. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/proxémica](https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/proxemica)
22. Infopédia. (n.d.). *Revolução industrial*. Porto Editora. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/artigos/\\$revolucao-industrial](https://www.infopedia.pt/artigos/$revolucao-industrial)
23. Infopédia. (n.d.). *Rococó*. Porto Editora. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/artigos/\\$rococo](https://www.infopedia.pt/artigos/$rococo)
24. Instituto Nacional para a Reabilitação. (n.d.). *Design universal*. Disponível em: <https://www.inr.pt/design-universal>
25. International Interior Design Association. (n.d.). *What is interior design?* Disponível em: <https://iida.org/about/what-is-interior-design>
26. JD Institute of Fashion Technology. (n.d.). *History of interior designing*. Disponível em: <https://www.jdinstitute.edu.in/history-of-interior-designing/>
27. Origem da Palavra. (n.d.). *Habitar*. Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/palavras/habitar/>
28. Parlamento Europeu, & Conselho da União Europeia. (2024). *Diretiva (UE) 2024/1275 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 24 de abril de 2024, relativa ao desempenho energético dos edifícios (reformulação) (Texto relevante para efeitos do EEE)*. EUR-Lex. Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/ALL/?uri=CELEX:32024L1275>
29. Portal da Habitação. (n.d.). *Área de reabilitação urbana*. Disponível em: <https://www.portaldahabitacao.pt/area-de-reabilitacao-urbana>
30. Repsol. (n.d.). *Casas inteligentes*. Disponível em: <https://www.repsol.pt/particulares/assessoramento/casas-inteligentes/>
31. Tarkett. (n.d.). Madeira. Pure – Carvalho Nature Plank (1-strip). Disponível em: https://casa.tarkett.pt/pt_PT/cole%C3%A7%C3%B5es-C000190-pure/carvalho-nature-plank-1-strip
32. U.S. Environmental Protection Agency. (n.d.). *What are volatile organic compounds (VOCs)?* Disponível em: <https://www.epa.gov/indoor-air-quality-iaq/what-are-volatile-organic-compounds-vocs>

33. UNEP – United Nations Environment Programme. (n.d.). *Países ricos usam seis vezes mais recursos naturais*. Disponível em: <https://www.unep.org/pt-br/noticias-e-reportagens/comunicado-de-imprensa/paises-ricos-usam-seis-vezes-mais-recursos-naturais-e>
34. Urban Obras. (n.d.). *Reconstrução: Dicas*. Disponível em: <https://www.urbanobras.pt/blog/reabilitacao/reconstrucao-dicas>
35. Utopia – Projetos e Licenciamento. (n.d.). *Habitação – Tipos de usos*. Disponível em: <https://www.utopia-projectos.com/licenciamento/tipos-de-usos/habitacao/>
36. Vitruvius. (n.d.). *Arquitextos*. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/browse/arquitextos/08.091>
37. Westwing Brasil. (n.d.). *Iluminação indireta*. Disponível em: <https://www.westwing.com.br/guiar/iluminacao-indireta/>

Fontes Iconográficas

Figura 3 – Disponível em: <https://pt.pinterest.com/pin/697776536066553350/>

Figura 4 - Disponível em: <https://bathroom-review.co.uk/stunning-shower-design-for-any-space/>

Figura 5 - Disponível em: <https://pt.pinterest.com/pin/16255248651308103/>

Figura 6 - Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/1009594/ornamento-e-beleza-entendendo-o-estilo-rococo>

Figura 7 - Disponível em: - <https://hca-d.blogspot.com/2011/03/o-movimento-arts-and-crafts.html>

Figura 8 - Disponível em: - <https://artdecosociety.uk/l-exposition-internationale-des-arts-decoratifs-et-industriels-modernes-1925-paris-copy/>

Figura 9 – Disponível em: - <https://deborahbasso.wordpress.com/2015/05/14/do-fundo-do-bau-projetos-dos-anos-2000/>

Figura 10 – Disponível em: <https://www.prevencionintegral.com/ca/actualidad/noticias/2021/11/10/disenio-espacial-puestos-trabajo-antropometria>

Figura 11 – Disponível em: <https://blogs.larioja.com/ganas-de-vivir/2016/12/18/conocemos-los-limites/>

Figura 12– Disponível em: <https://www.projeto.com.br/posts/ergonomia-na-arquitetura/>

Figura 13 – Disponível em: <https://eguide.pavillon-le-corbusier.ch/en/objekt/modulor/>

Figura 14 – Disponível em: https://www.freepik.com/premium-photo/creative-flat-lay-composition-interior-designer-moodboard-with-textile-paint-samples-panels-cement-tiles-beige-grey-green-color-palette-copy-space-template_29305885.htm

Figura 15 – Disponível em: <https://www.cosentino.com/pt-pt/blog/ukiyo-the-japanese-trend-sweeping-the-interior-design-industry-2/>

Figura 16 – Disponível em: https://br.freepik.com/fotos-premium/uma-planta-esta-na-frente-de-uma-janela-com-o-sol-brilhando-atraves-das-persianas_244610432.htm#fromView=keyword&page=2&position=39&uuid=c4987912-b5b4-43e9-a451-23edfc46a78c&query=Sombra+parede+sala

Figura 17 – Disponível em: [https://br.freepik.com/imagem-ia-gratis/ai-gerado-de-entrada-de-estilo-](https://br.freepik.com/imagem-ia-gratis/ai-gerado-de-entrada-de-estilo-moderno_58598588.htm#fromView=search&page=1&position=21&uuid=5c535dbe-59e8-425e-bb38-5411fec27f88&query=luz+natural+design+de+interiores)

[moderno_58598588.htm#fromView=search&page=1&position=21&uuid=5c535dbe-59e8-425e-bb38-5411fec27f88&query=luz+natural+design+de+interiores](https://br.freepik.com/imagem-ia-gratis/ai-gerado-de-entrada-de-estilo-moderno_58598588.htm#fromView=search&page=1&position=21&uuid=5c535dbe-59e8-425e-bb38-5411fec27f88&query=luz+natural+design+de+interiores)

Figura 18 – Disponível em: <https://pt.pinterest.com/pin/703756187841587/>

Figura 19 – Disponível em: <https://prediger.de/lichtberatung/lichtszenen/lichtszene-beleuchtung-kueche.html>

Figura 20 – Disponível em:

<https://www.gettyimages.pt/detail/ilustra%C3%A7%C3%A3o/color-wheel-with-graduation-to-white-ilustra%C3%A7%C3%A3o-royalty-free/525330939>

Figura 21 – Disponível em: <https://pt.pinterest.com/pin/4503668374033223/>

Figura 22 – Disponível em: <https://www.homify.pt/projetos/157086/apartamento-lisboa>

Figura 23 e 24 – Disponível em: <https://reabilitarviana.pt/pt/produtos/praca-da-republica/praca-da-republica-1>

Figura 25 – Disponível em: <https://pt.pinterest.com/pin/14707136279422609/>

Figura 26 – Disponível em: <https://pt.pinterest.com/pin/5418462047>

Figura 27 – Disponível em: <https://pt.pinterest.com/pin/2955556003368899/>

Figura 28 — Disponível em: <https://pt.pinterest.com/pin/31032684929360937/>

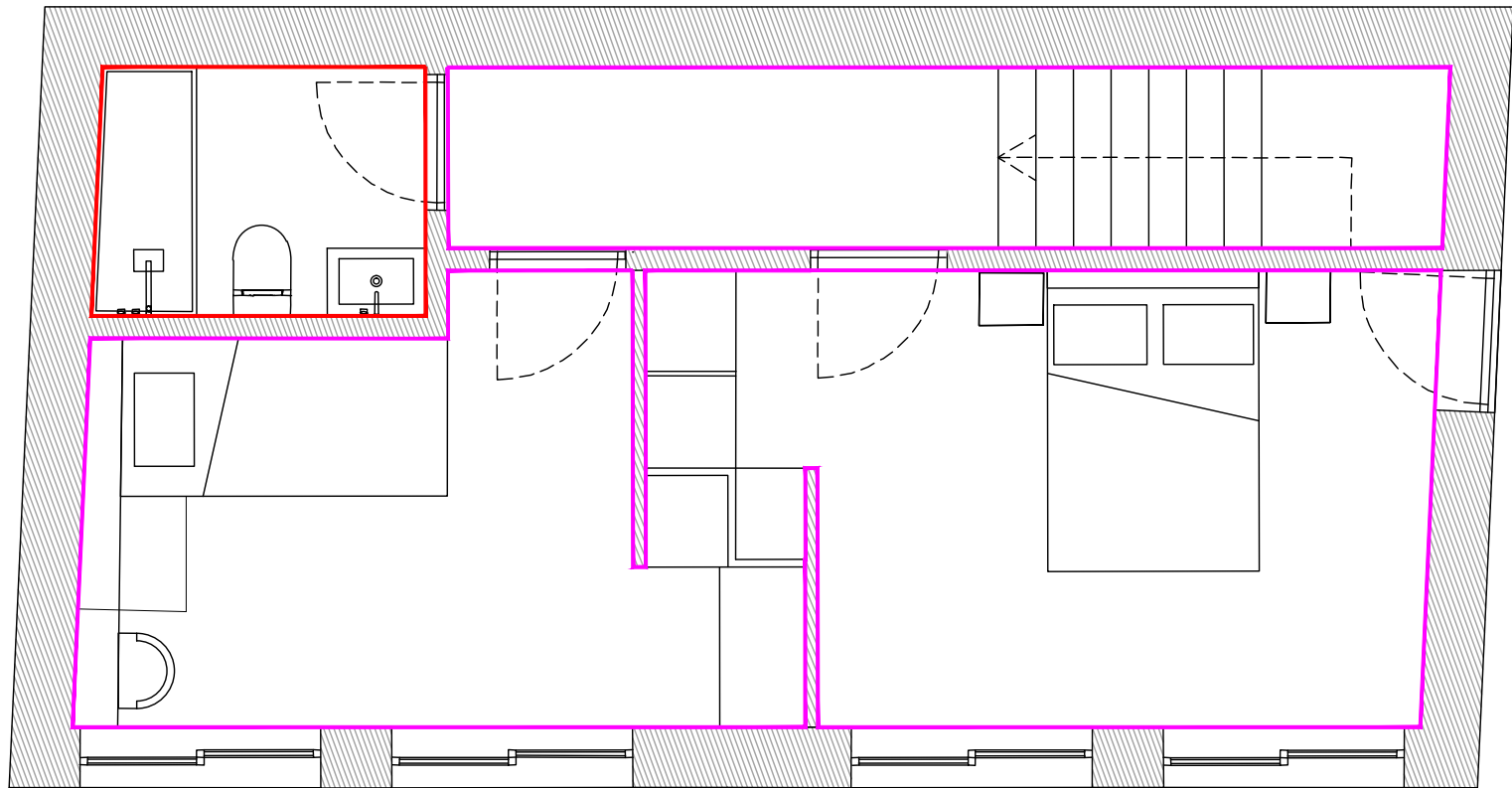
Figura 29 — Disponível em: <https://ar.pinterest.com/pin/449585975321158421/>

Figura 30 – Disponível em: <https://operadordecad.wordpress.com/wp-content/uploads/2010/06/casas-do-norte.pdf>

Figura 31 – Disponível em: <https://www.globenewswire.com/news-release/021/12/03/2345570/0/en/Conexus-Studio-Releases-Hybrid-Office-Design-Playbook-for-the-Future-of-Work.html>

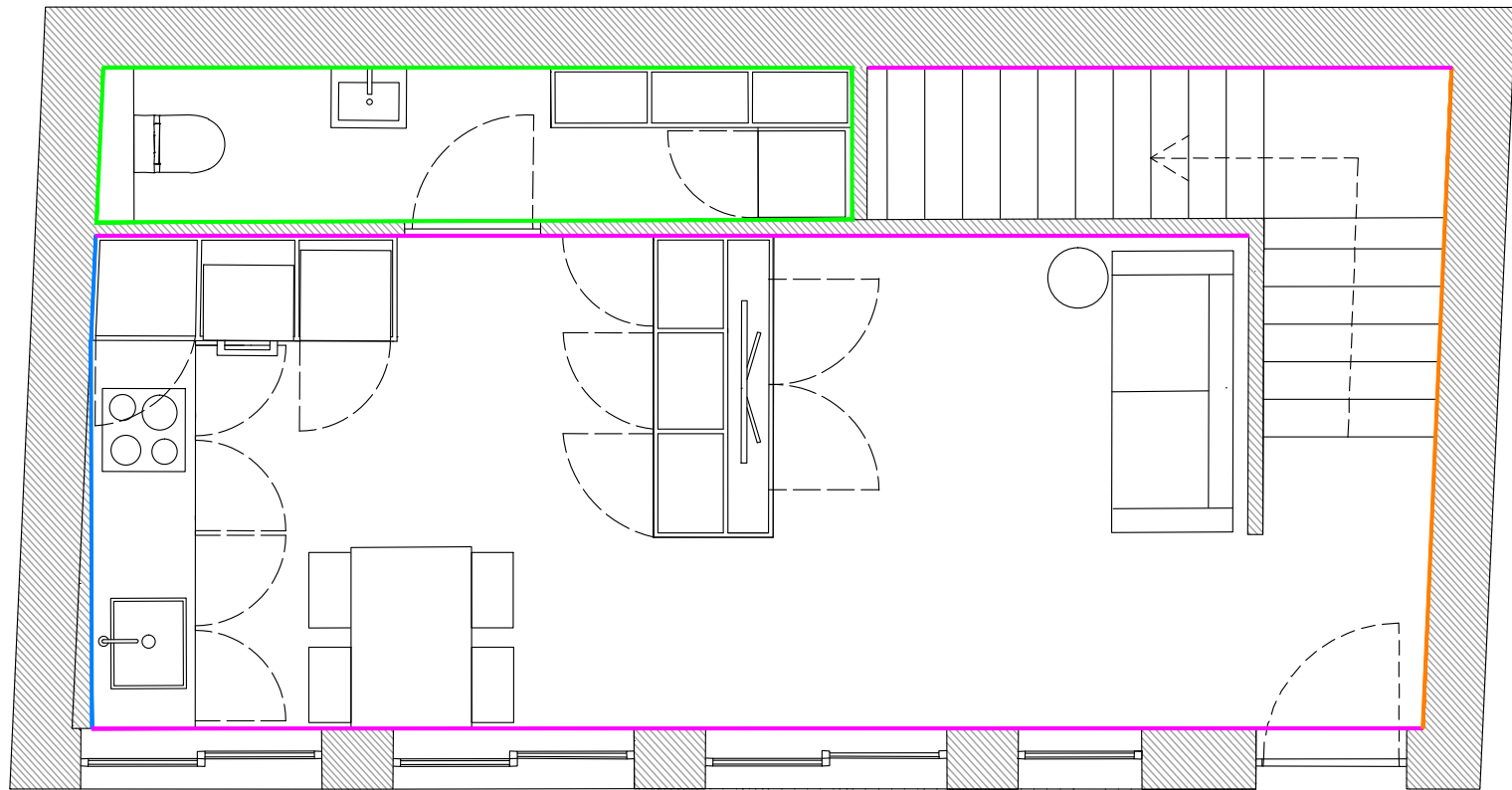
Apêndices

- (A) Plantas Técnicas
- (B) Moodboards
- (C) Inquérito
- (D) Esboços
- (E) Apresentação Propostas 1 e 2



LEGENDA

- Love Tiles - Balance Light Grey
600x600x7mm
- Magres - Kerlite cement project color 20
100x100mm
- Terrazzo Marfim 200x200mm
- Tinta parede (CIN - RAL 0501 Branco)
- Parede em pedra



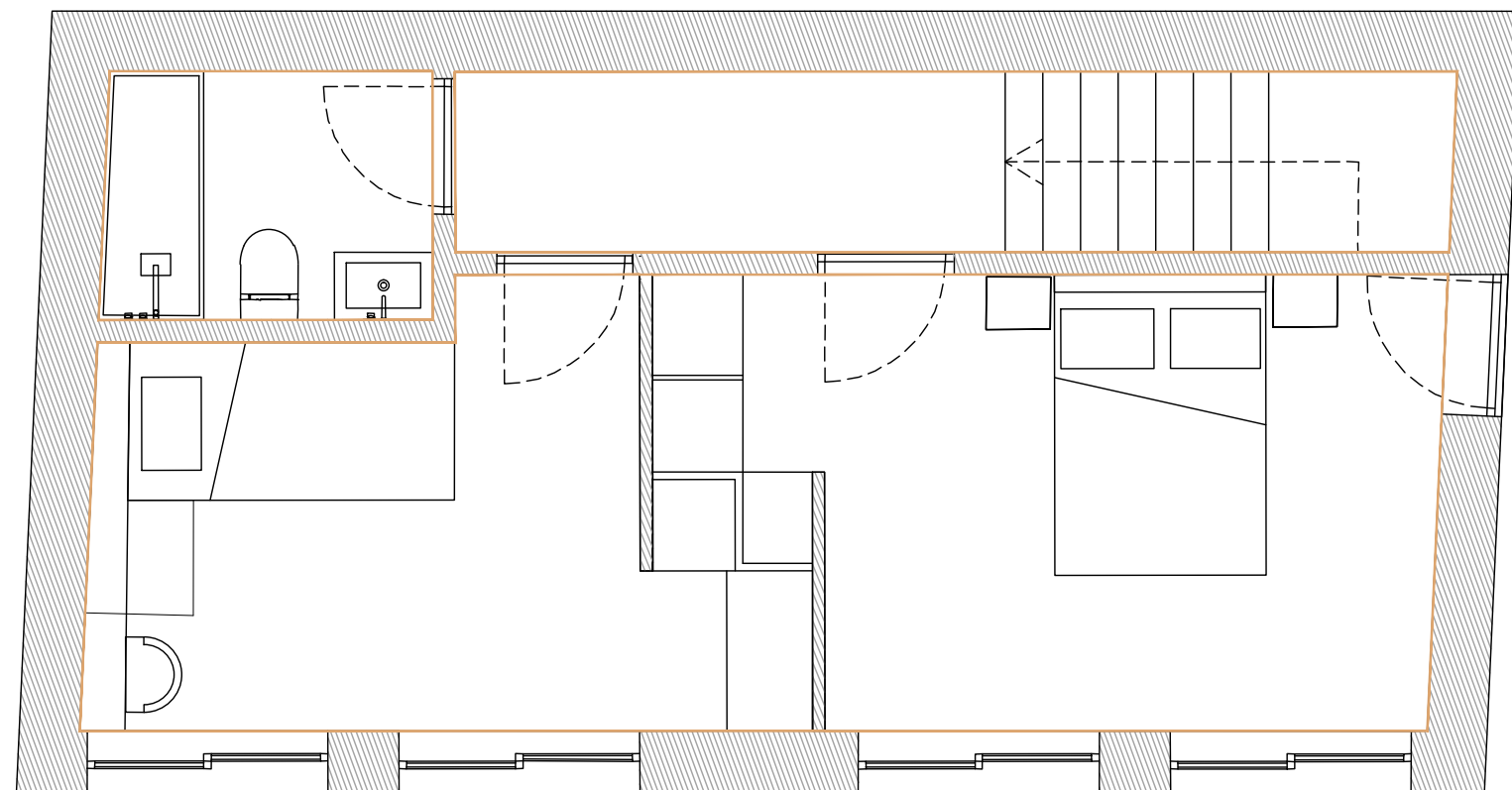
Trabalho:
Projeto de Design de
Interiores (Reabilitação)

Cliente:
[Personna]

Local:
Penafiel, Porto

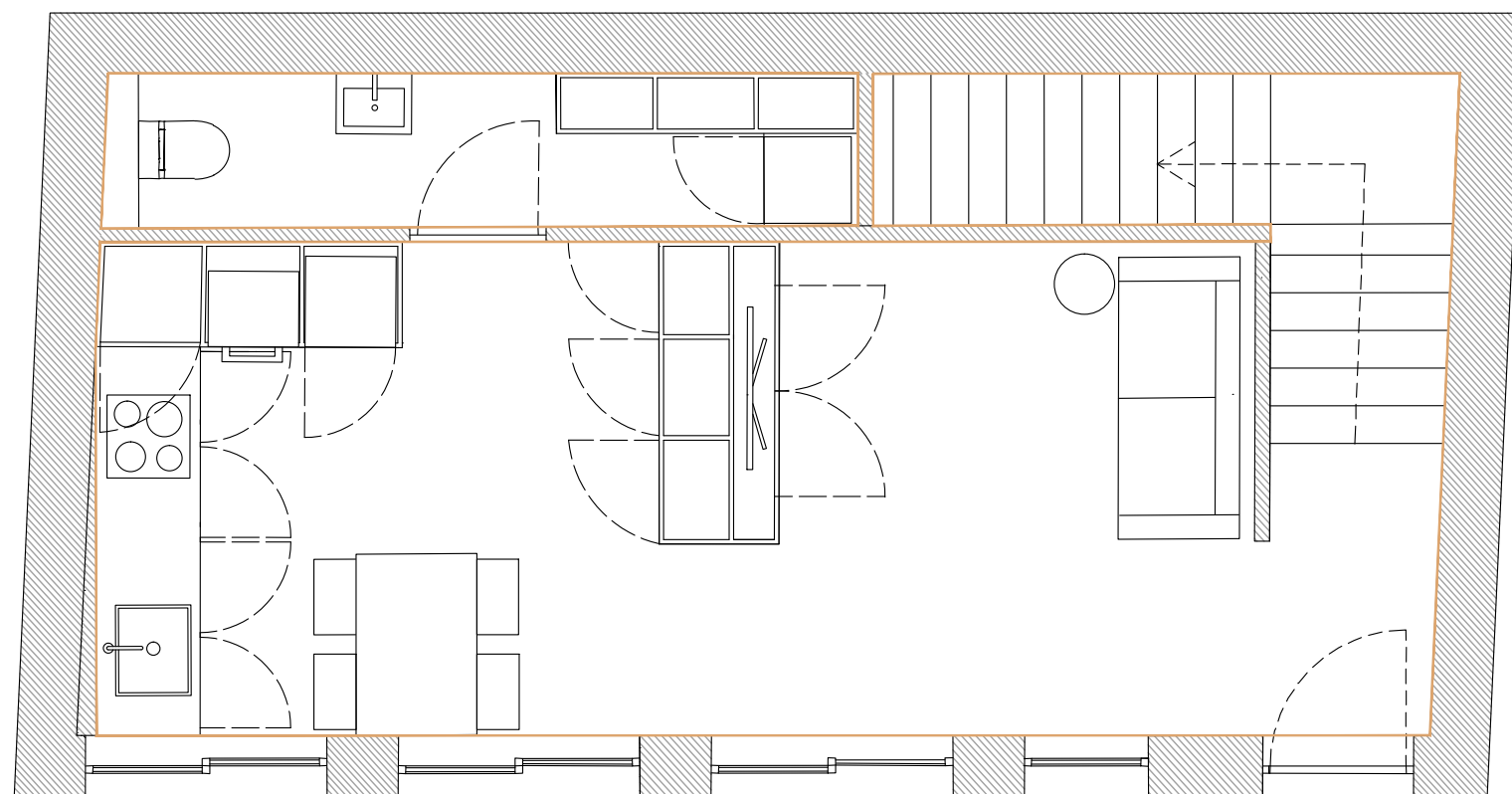
Desenho:
Planta Acabamentos Paredes

Escala:
1:50



LEGENDA

- Gesso cartonado (tipo pladur)
- Acabamento RAL 0501 Branco



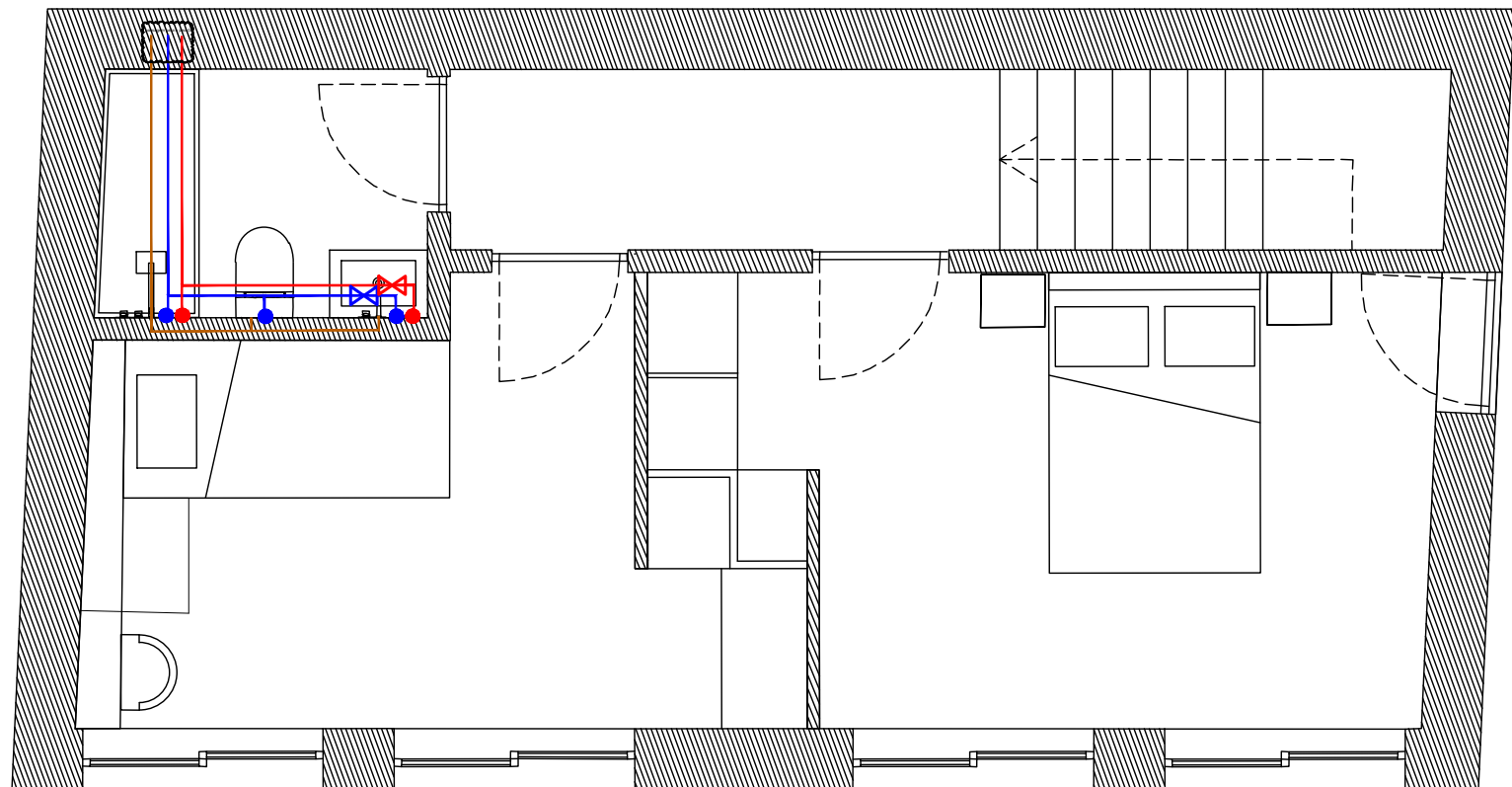
Trabalho:
Projeto de Design de
Interiores (Reação)

Cliente:
[Personna]

Local:
P

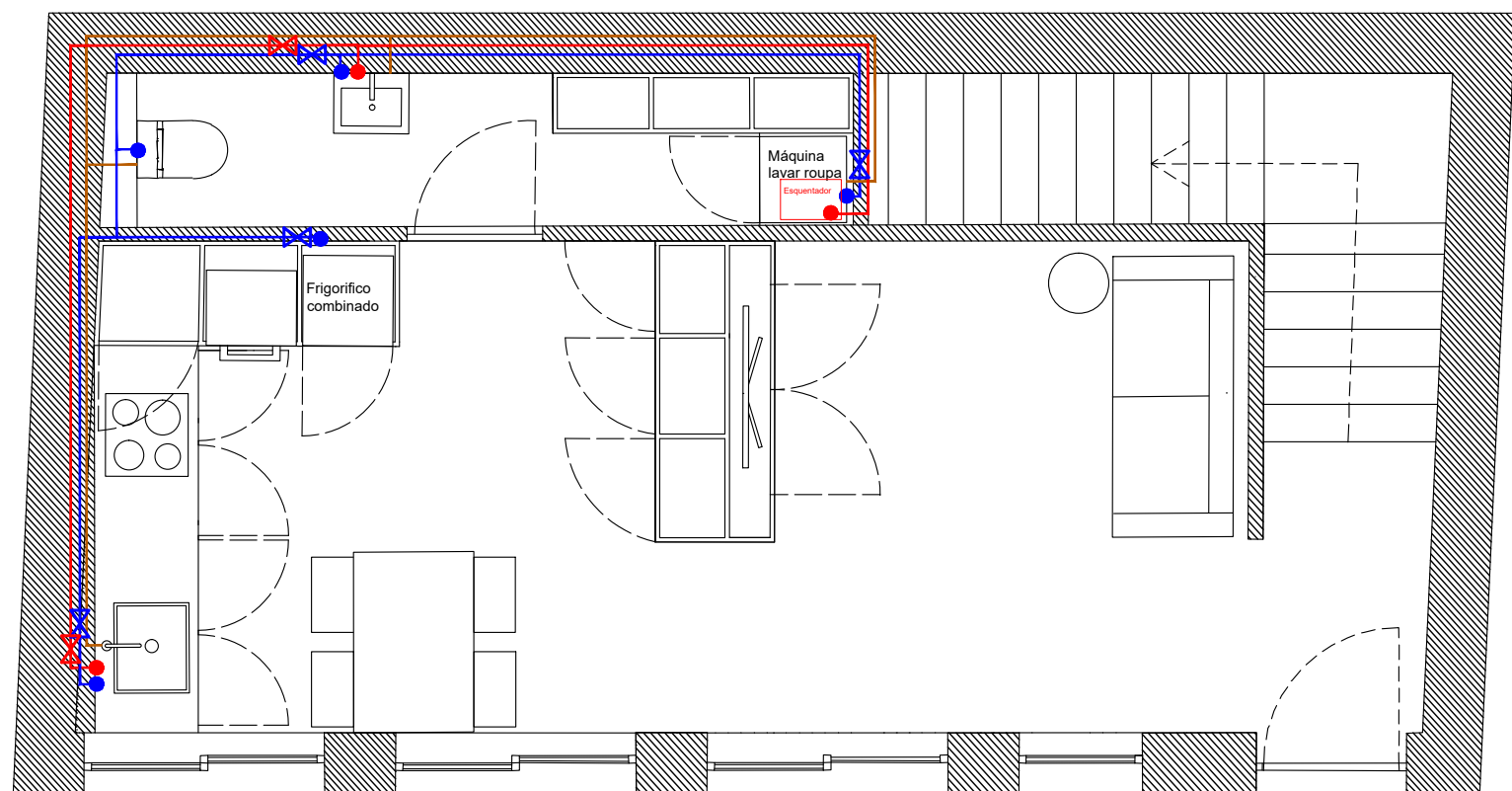
Desenho:
Planta Acabamento Teto

Escala:
1:50



LEGENDA

- Tubagem água fria
- Tubagem água quente
- Tubagem esgoto
-  Válvula de corte
- ● Sidas/entradas de água



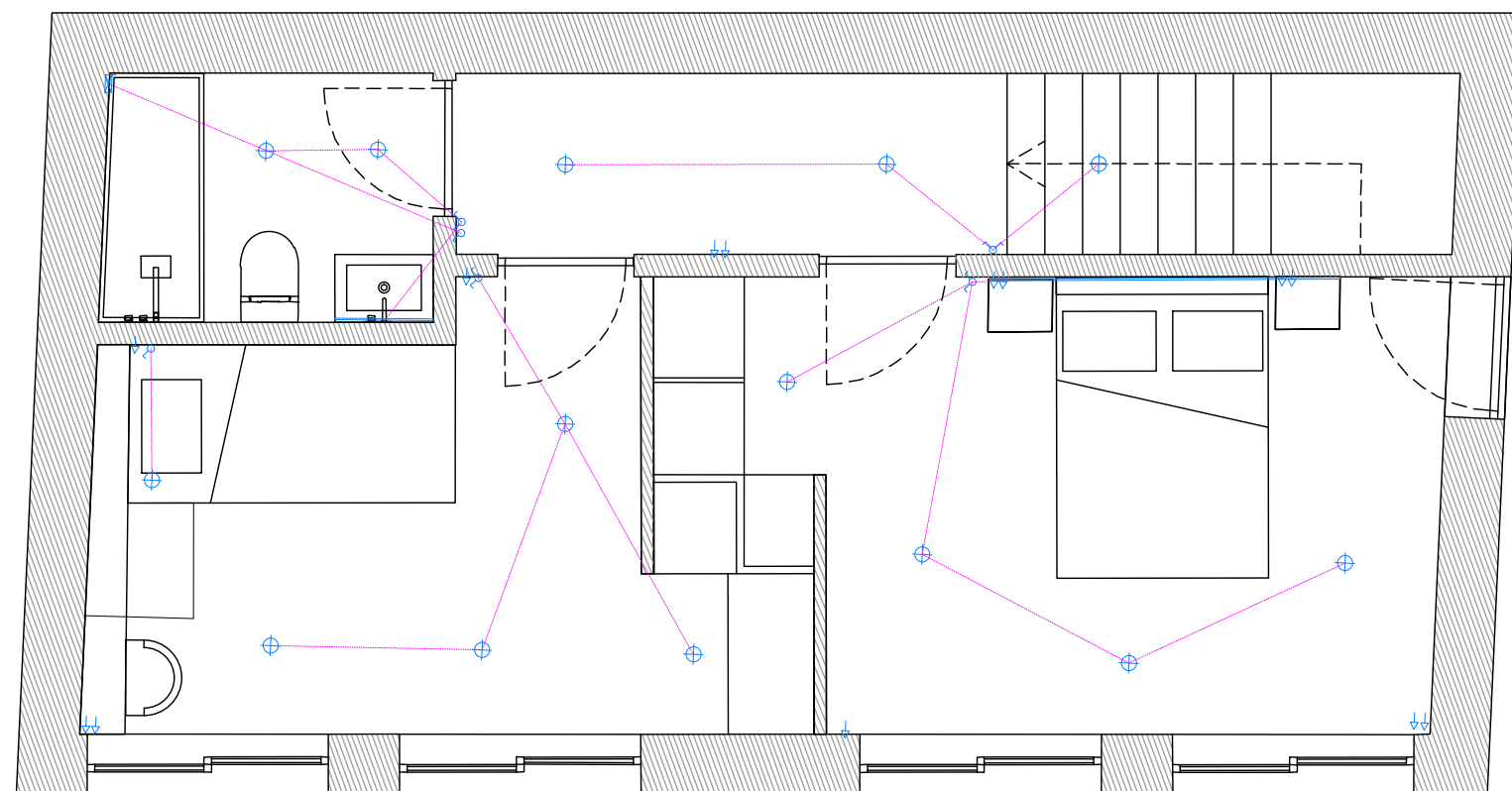
Trabalho:
Projeto de Design de
Interiores (Reabilitação)

Cliente:
[Personna]

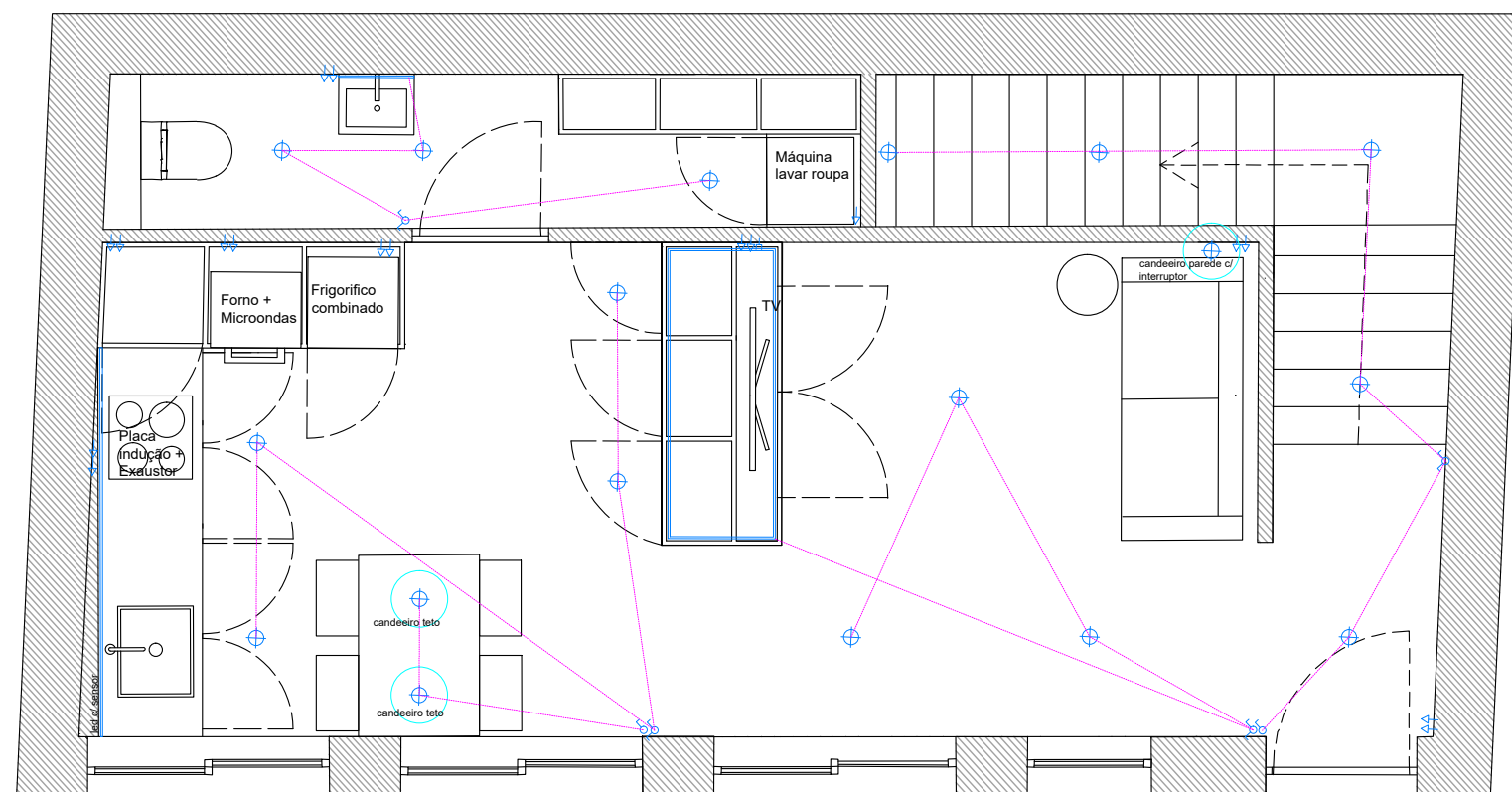
Local:
P orto

Desenho:
Planta Encanamentos

Escala:
1:50



- LEGENDA**
- Interruptor simples
 - Interruptor duplo
 - Tomada 220v
 - Tomada cabo rede
 - Foco Led
 - Tira Led
 - Extrator de vapor



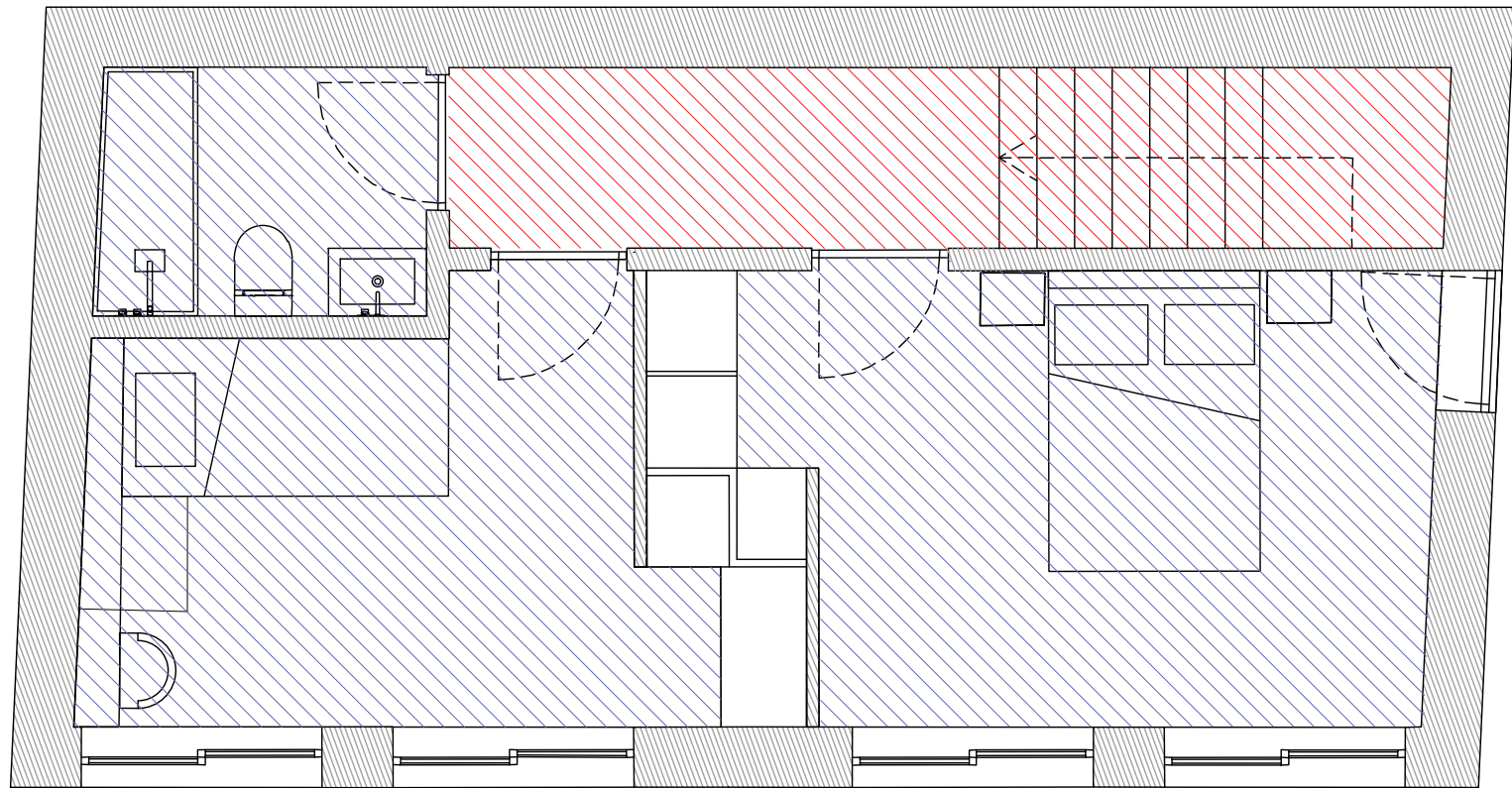
Trabalho:
Projeto de Design de
Interiores (Reabilitação)

Cliente:
[Personna]

Local:
P orto

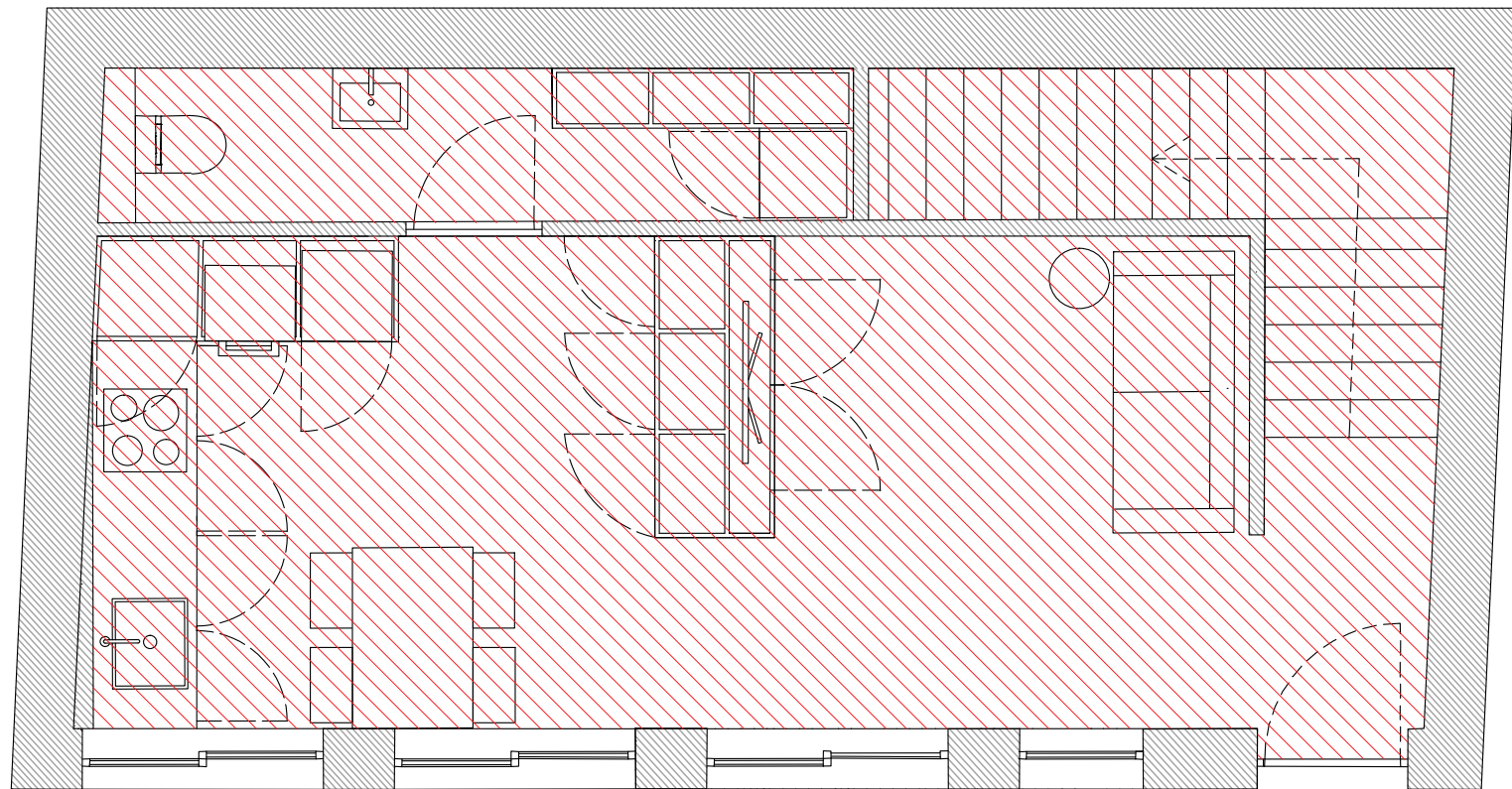
Desenho:
Planta Eletricidade

Escala:
1:50



LEGENDA

- Zona Privada
- Zona Pública



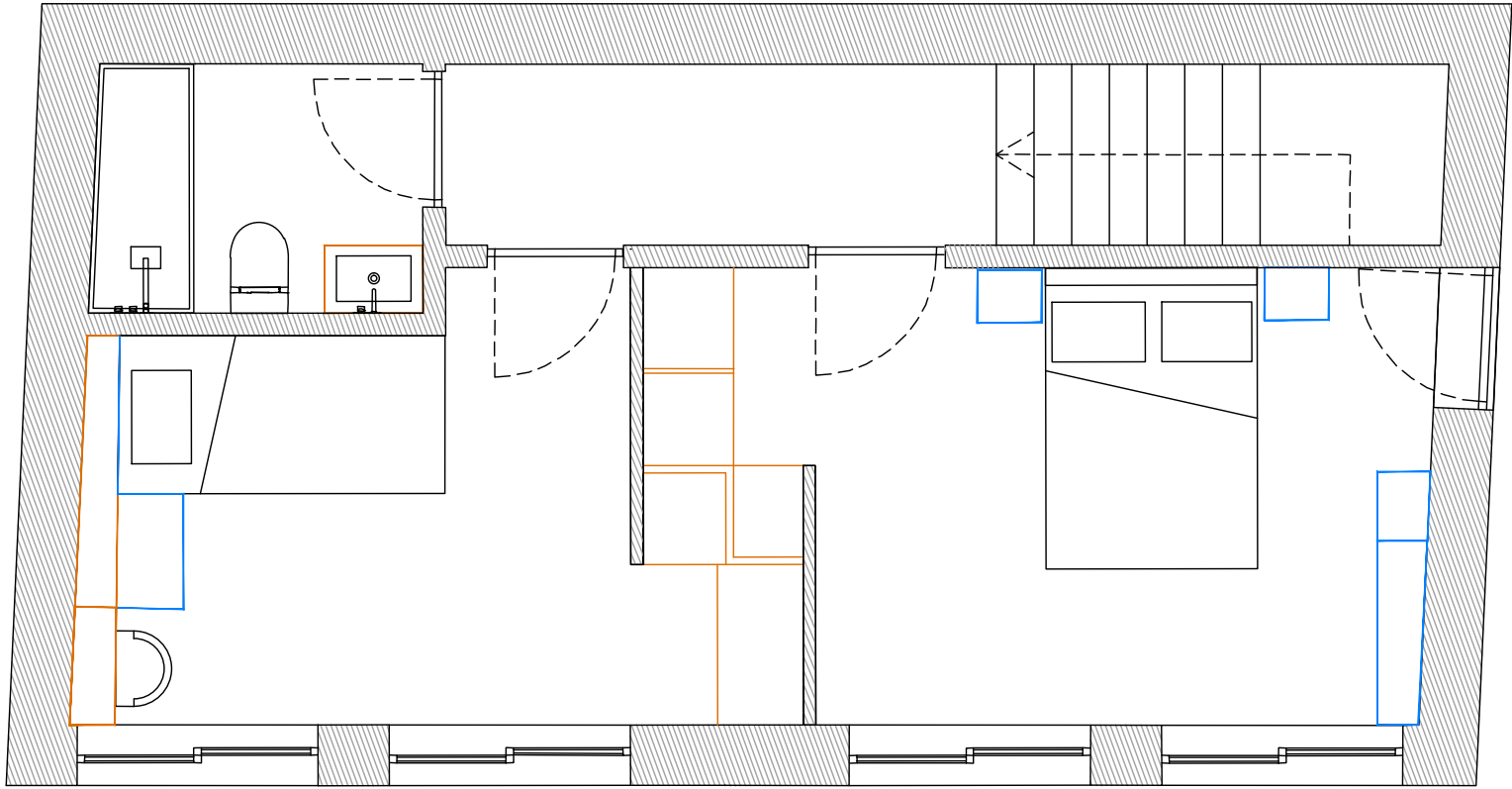
Trabalho:
Projeto de Design de
Interiores (Reabilitação)

Cliente:
[Personna]

Local:
P orto

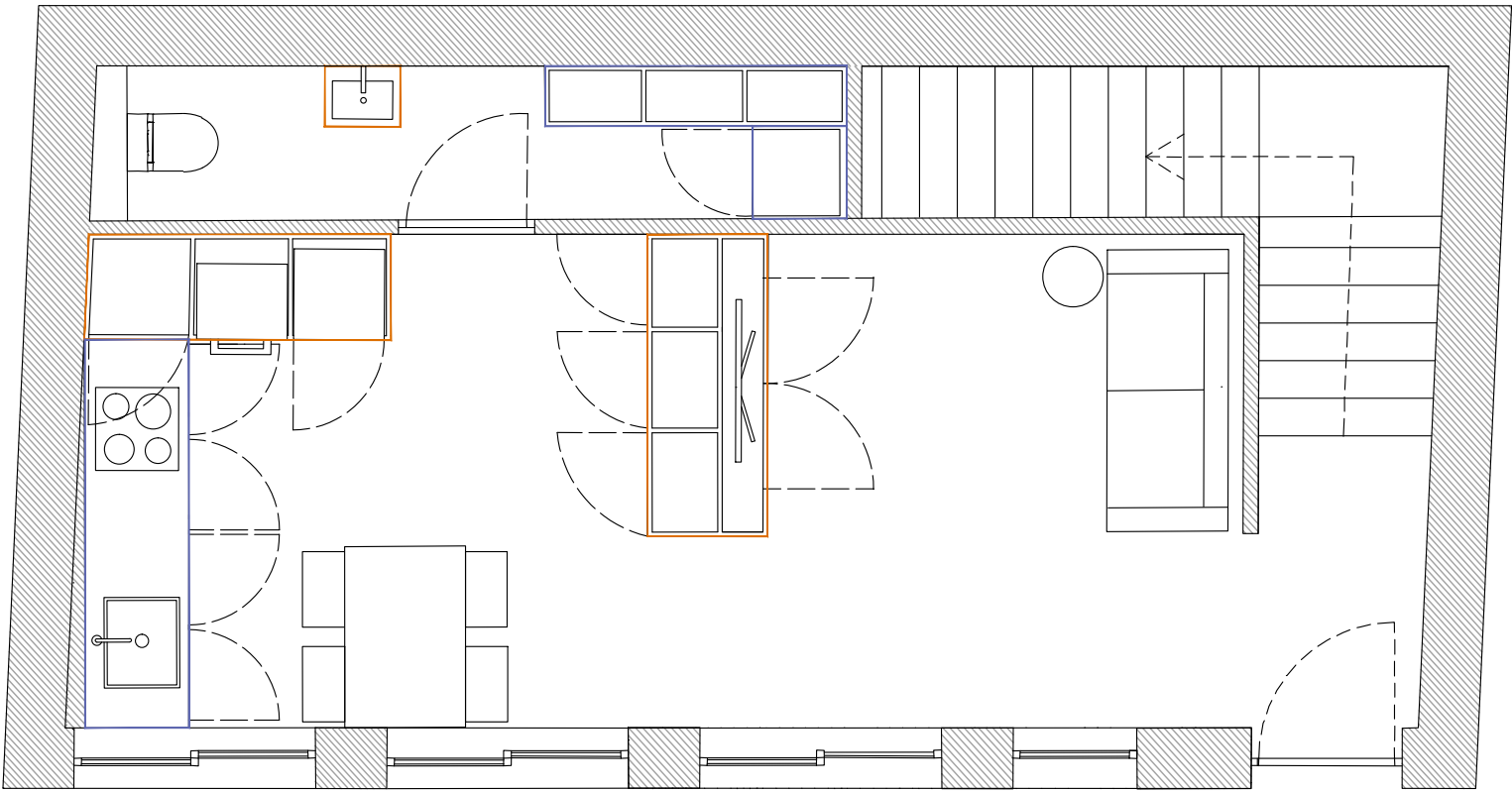
Desenho:
Planta - Zonas

Escala:
1:50



LEGENDA

- Carvalho Rústico c/ verniz incolor
- HPL Polyrey B170 Blanc Absolu (acabamento mate)
- HPL Polyrey G116 Gris Halo (acabamento mate)



Trabalho:
Projeto de Design de
Interiores (Reabilitação)

Cliente:
[Personna]

Local:
P orto

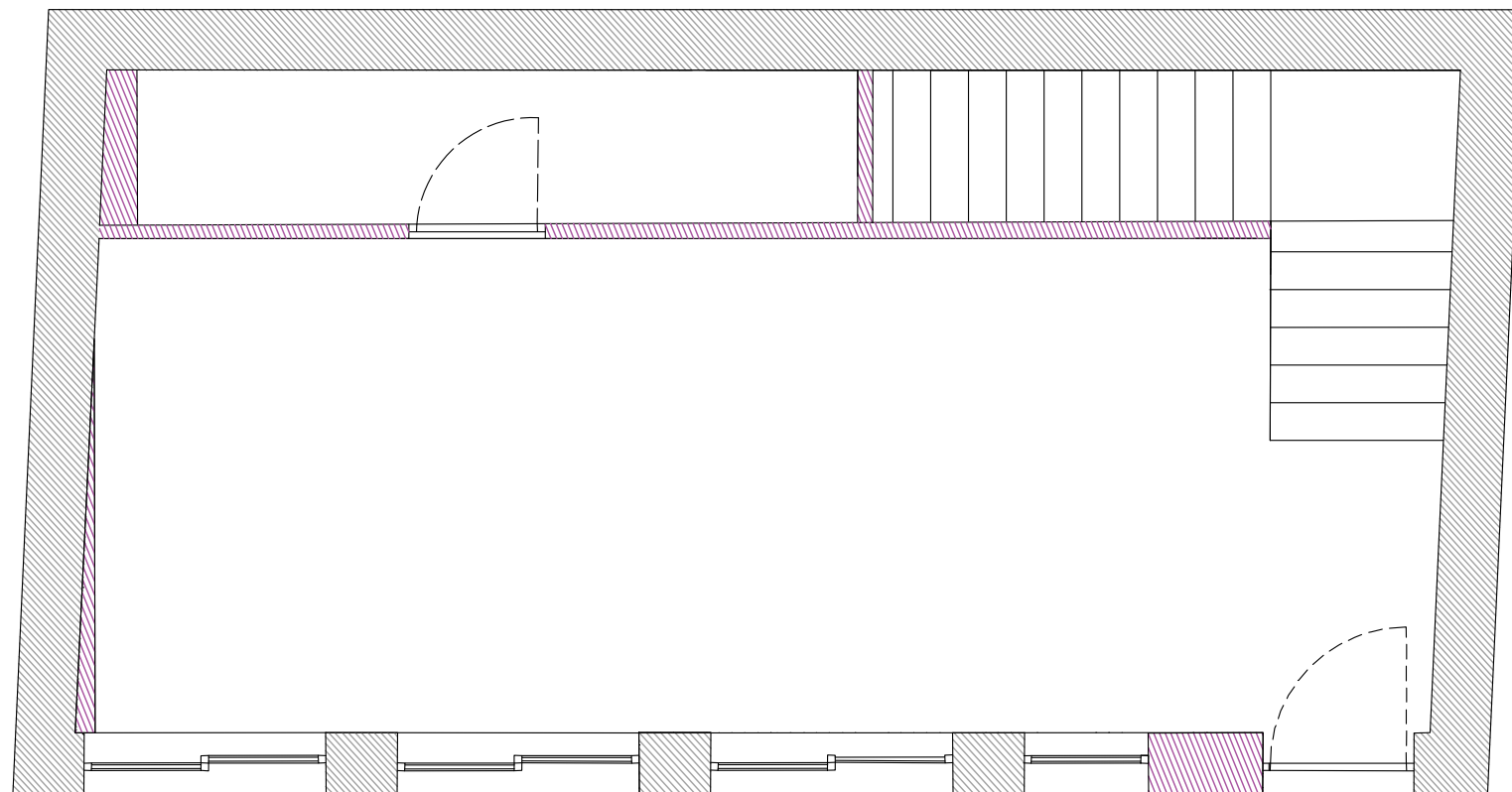
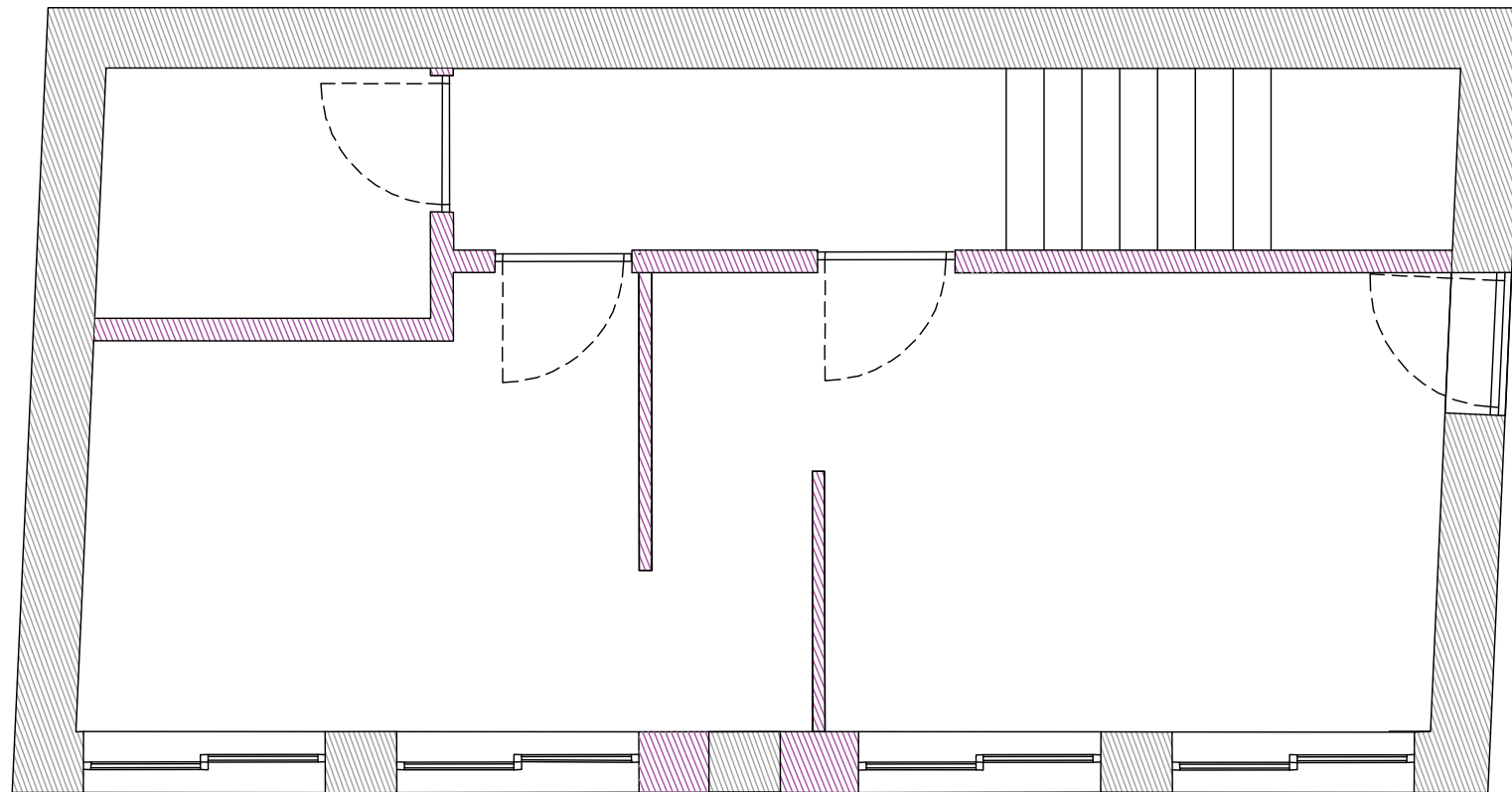
Desenho:
Planta - Acabamentos
Mobiliário

Escala:
1:50

(A)

LEGENDA

Construção



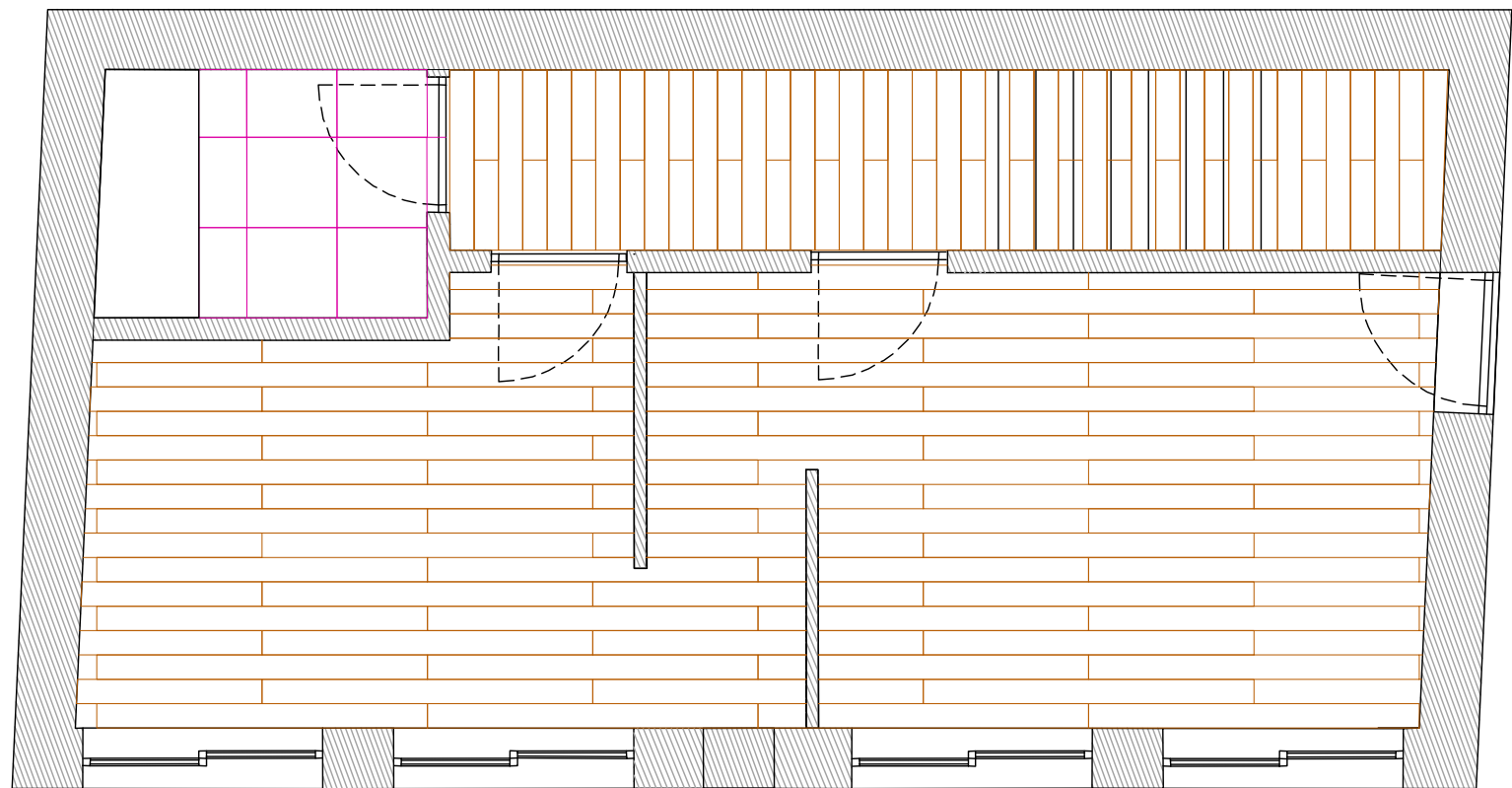
Trabalho:
Projeto de Design de
Interiores (Reabilitação)

Cliente:
[Personna]

Local:
P orto

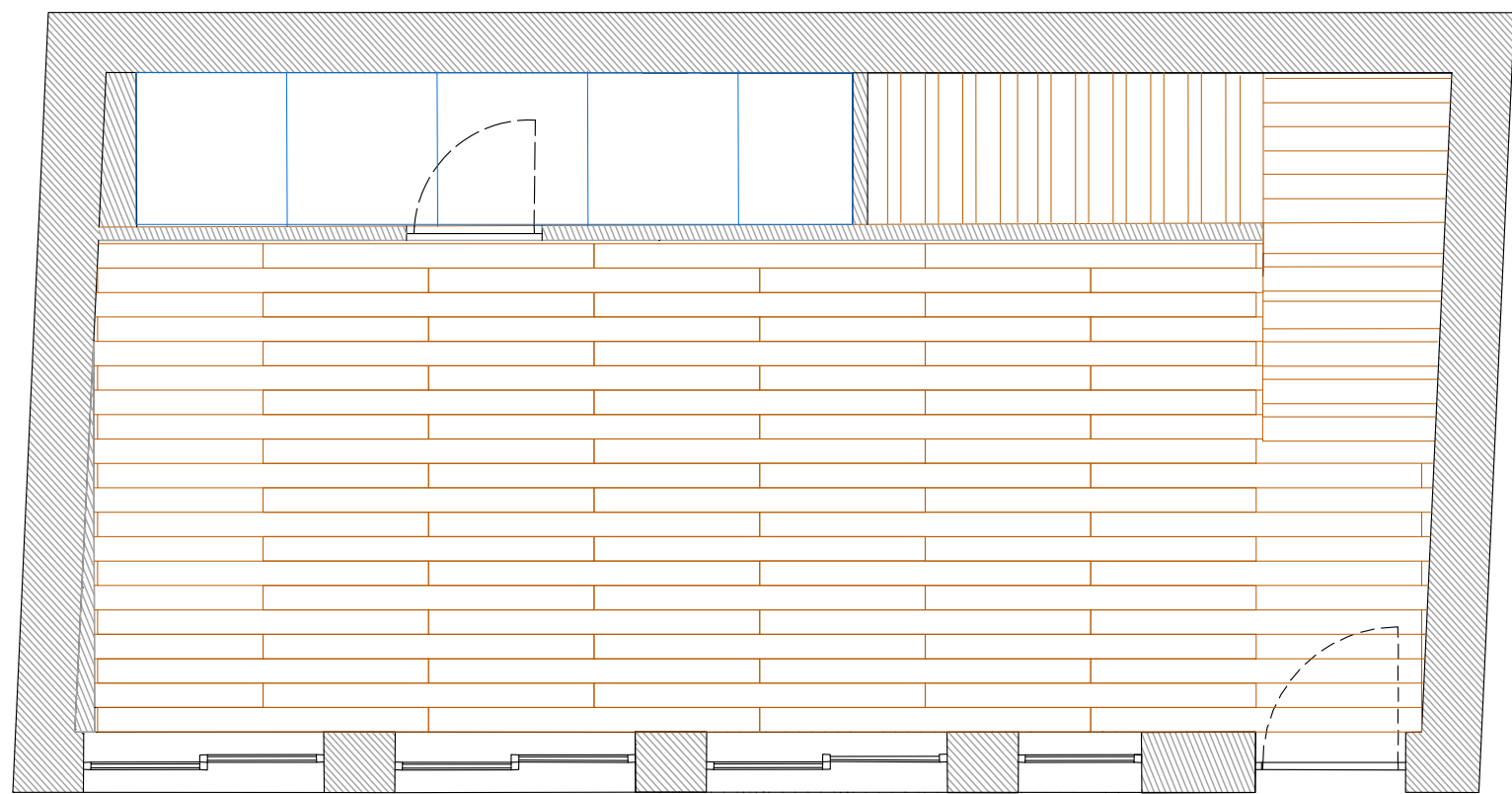
Desenho:
Planta - Demolição e
Construção

Escala:
1:50



LEGENDA

-  Tarkett - Pure Carvalho Nature Plank
220x162cm
-  Love Tiles - Balance Light Grey
60x60cm
-  Magres - Kerlite Cement project color20
100x100cm



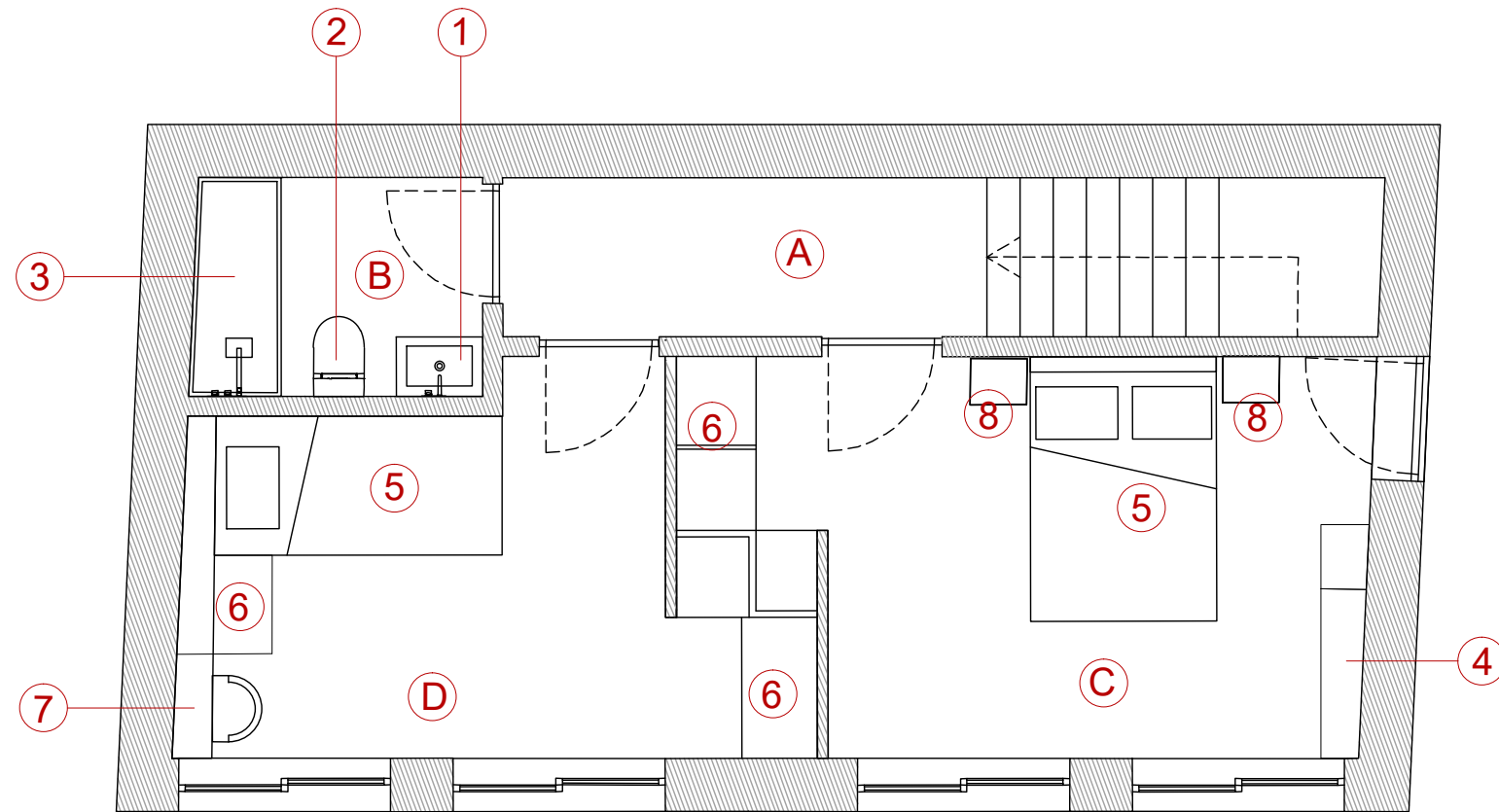
Trabalho:
Projeto de Design de
Interiores (Reabilitação)

Cliente:
[Personna]

Local:
P orto

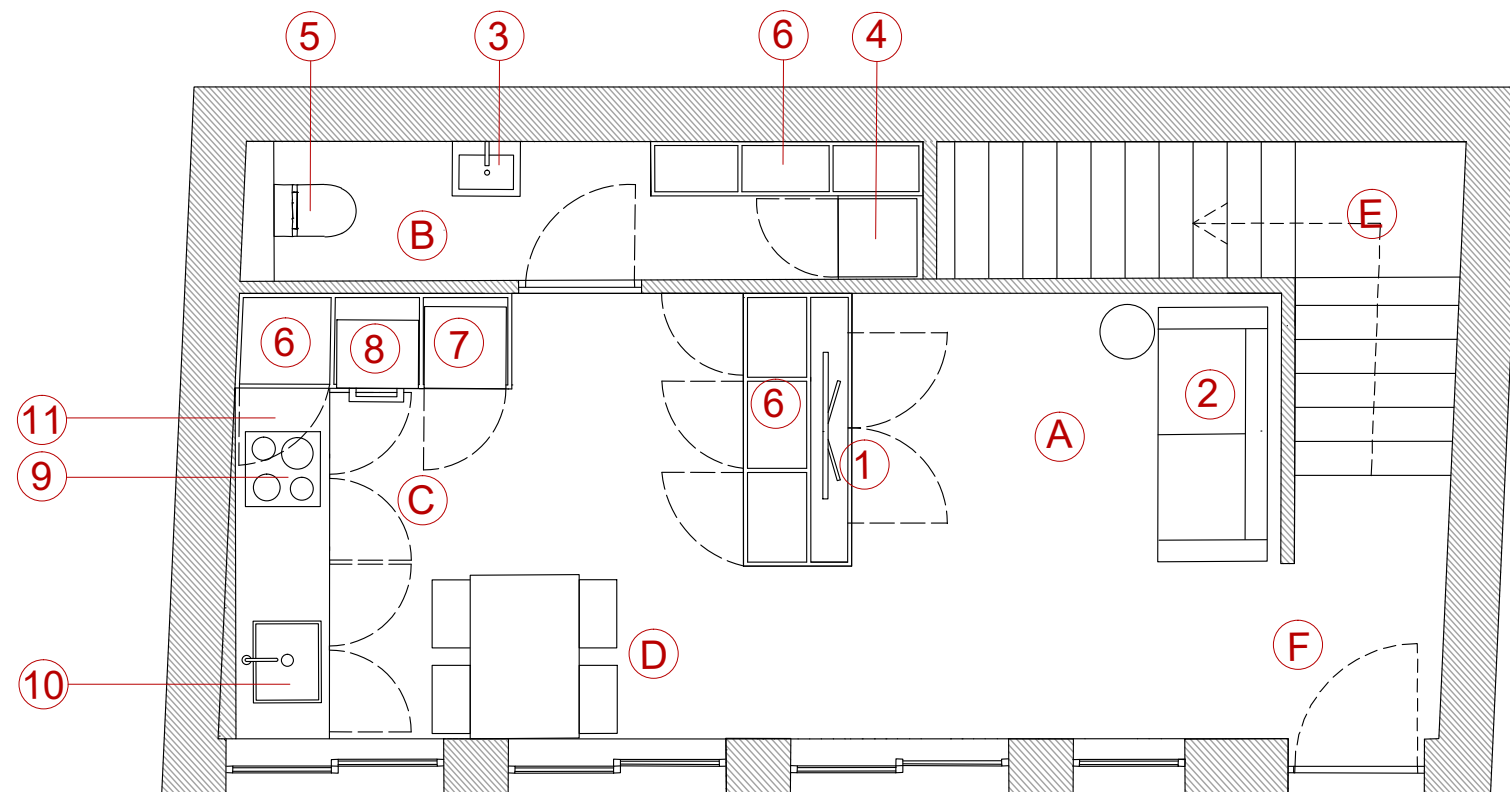
Desenho:
Planta - Pavimento

Escala:
1:50



Legenda:
A - Hall/ Corredor
B - WC Completa
C - Quarto principal
D - Quarto secundário

1 - Lavatório wc
2 - Sanita
3 - Base de chuveiro
4 - Toucador
5 - Cama
6 - Armário embutido
7 - Secretária embutida
8 - Mesa de cabeceira



Legenda:
A - Sala
B - WC
C - Cozinha
D - Zona de refeição
E - Escadas
F - Hall de entrada

1 - Tv
2 - Sofá
3 - Lavatório wc
4 - Máquina L.R.
5 - Sanita
6 - Armário embutido
7 - Frigorífico
8 - Microondas e forno
9 - Placa fogão
10 - Pia cozinha
11 - Exaustor

Trabalho:
Projeto de Design de
Interiores (Reabilitação)

Cliente:
[Personna]

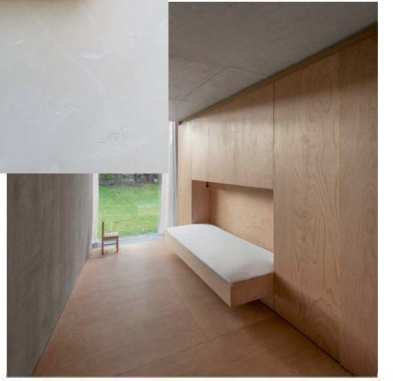
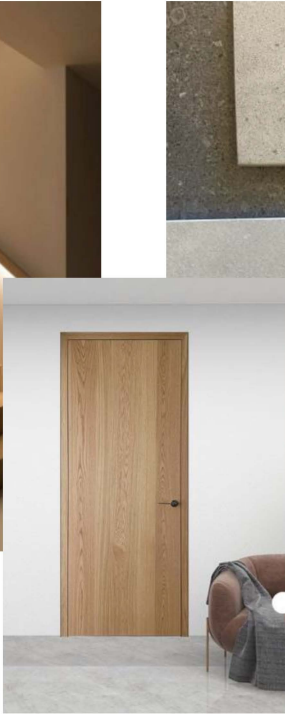
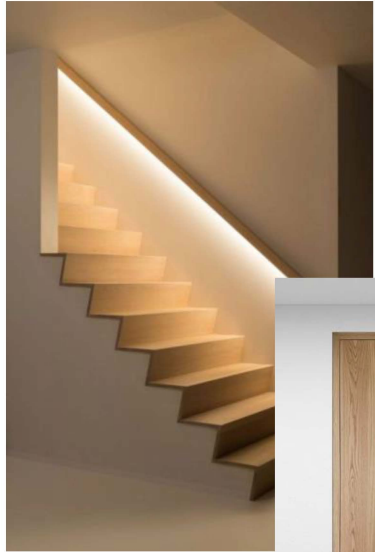
Local:
Porto

Desenho:
Planta Básica

Escala:
1:50



(B)



MARGRES

C E R A M I C T I L E S

GROVE



APLICAÇÃO
Pavimento e revestimento



TECNOLOGIA
Produto com gráfica
totalmente digital



DIN EN 16165 - ANEXO B
Resistência ao
Escorregamento



ANSI A137.1
Destonalização

OUTDOOR
EXTRA THICK

TECNOLOGIA
Espessurado



TIPOLOGIA DO PRODUTO



DIN EN 16165 - ANEXO C
Resistência ao
Escorregamento



MÉDIO TRAFEGO

Descrição comercial do produto	
Marca	Margres
Coleção	Grove
Cores	White, Beige, Grey, Tortora, Light Brown, Brown
Formatos	40x120 (E ASR)* _ 20x120 (N, AS)
Acabamento - Superfície	Natural (N) _ Antiderrapante (AS, E ASR)
Acabamento - Aresta	Retificado _ Não Retificado
Espessuras	20mm (40x120) 8mm (20x120)

1.



2.



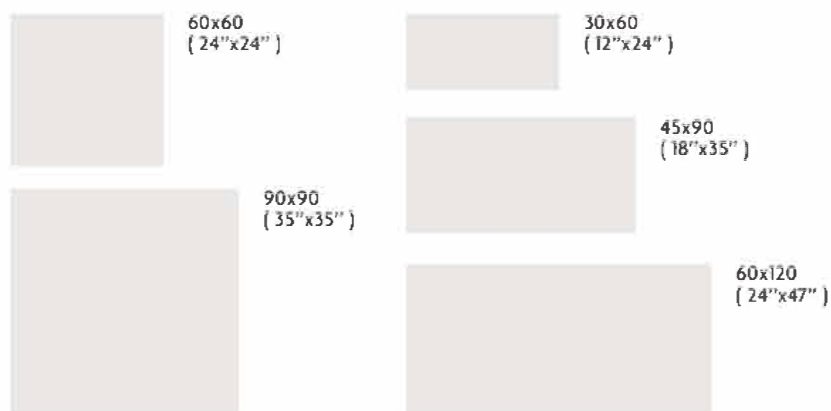
(B)

- 1. Grove LightBrown EASR 2
- 2. Grove Grey EASR 1

revigres

Cityzen

Revestimento e Pavimento



MATT RECT · ANTISLIP RECT



CITYZEN OFFWHITE

60x60	MATT RECT	[59,2x59,2x0,85 cm]	P87
	ANTISLIP RECT	[59,2x59,2x0,85 cm]	P87
90x90	MATT RECT	[88,9x88,9x1,05 cm]	PI01



Tipologia

full body porcelain tiles



Espessura

9.8mm



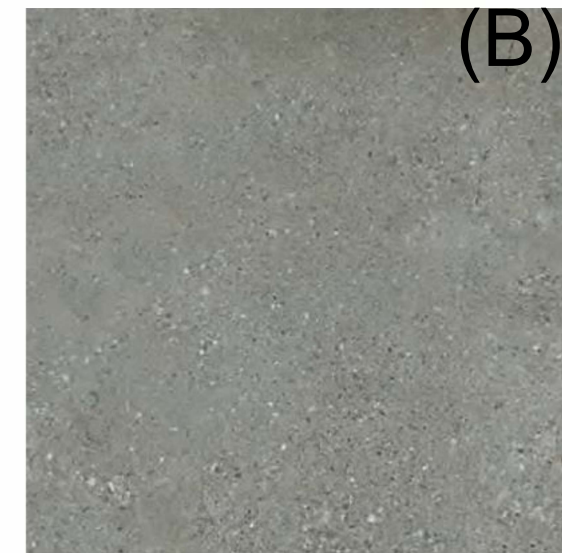
Unidade Stock

m2



Superfície

mate



CITYZEN GRIS

60x60	MATT RECT	[59,2x59,2x0,85 cm]	P87
	ANTISLIP RECT	[59,2x59,2x0,85 cm]	P87
90x90	MATT RECT	[88,9x88,9x1,05 cm]	PI01



Variação Tonalidade

Média



Nível de tráfego

Muito forte



Nº Desenhos

9

MARGRES

C E R A M I C T I L E S

METROPOLIS



APLICAÇÃO
Pavimento e revestimento

PR()TECT[®]
Antibacterial for Life.

TECNOLOGIA
Antibacteriano



TIPOLOGIA DO PRODUTO



MÉDIO ALTO TRAFEGO

TECHNICAL
FULL BODY
PORCELAIN

TECNOLOGIA
Grés Porcelânico Técnico
Toda a Massa

R10 R11

DIN EN 16165 - ANEXO B
Resistência ao
Escorregamento



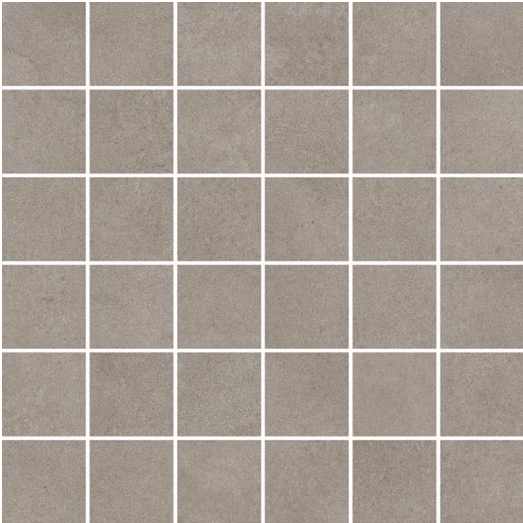
ANSI A137.1
Destonalização

Descrição comercial do produto	
Marca	Margres
Coleção	Metropolis
Cores	White, Beige, Terracota*, Light Grey, Grey
Formatos	120x120 (NR) _ 60x120 _ 90x90 (NR, TC, A, ASR) _ 60x60 (NR, TC) _ 30x60 (NR)
Acabamento - Superfície	Natural (NR) _ Touch (TC) _ Amaciado (A) _ Antiderrapante (ASR)
Acabamento - Aresta	Retificado
Espessuras	9mm (120x120) _ 9,5mm (60x120, 90x90) 8,5mm (60x60, 30x60)

1. Metropolis Mosaic Grey
2. Metropolis Mosaic White

(B)

1.



2.



COSENTINO®

Acabamentos disponíveis

Grip+

Tratamento inovador e de ponta que garante superfícies antiderrapantes

Mate

Cor sólida e acetinada

Espessuras

— 0,8 cm

— 1,2 cm

— 2,0 cm

— 0,4 cm

Formato

Padrão:

323 x 145 cm

327 x 147 cm

326 x 146 cm

Resistente às manchas

As bancadas de Dekton resistem às manchas mais difíceis, permitindo uma fácil limpeza e manutenção.

Resistência ao fogo e ao calor

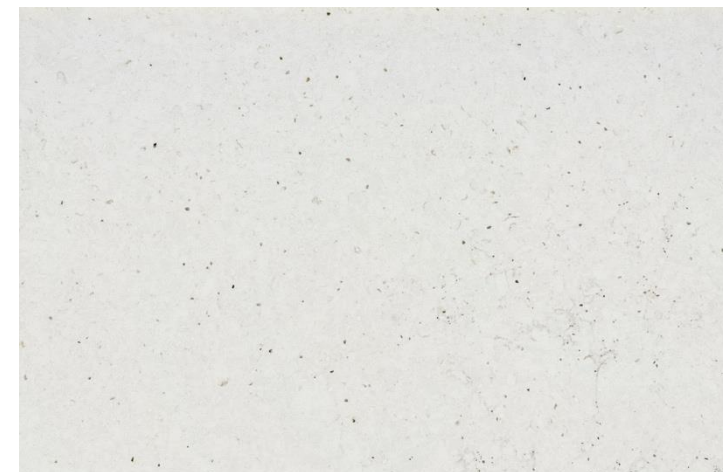
Dekton resiste a temperaturas elevadas evitando danos na sua superfície.

Elevada resistência a riscos

Os utensílios de cozinha não riscam Dekton.

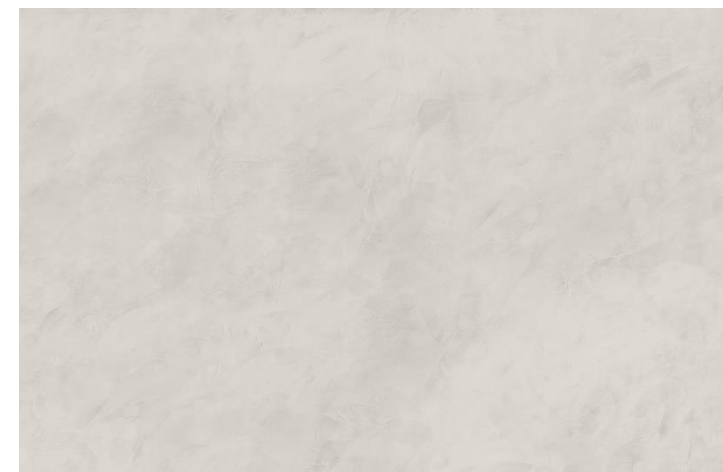
 **silestone®** (B)

1.



 **DEKTON®**

2.



1. Silestone Lime Delight
2. Dekton Albarium

#0501 WHITE	#0503 WHITE	#0504 WHITE	#0700 CLOUDY WHITE	#E684 LINEN
#D784 CAMELLIA WHITE	#D785 CREAM WHITE	#D787 PURE WHITE	#E502 INFINITE WHITE	#E503 NATURAL WHITE

A importância do design na reabilitação urbana e rural - Tese de Mestrado em Design Integrado

Pretende-se com este inquérito obter informações sobre a forma de como as pessoas habitam, os seus gostos e necessidades. Tem também, como objetivo auxiliar a realização de uma tese sobre o design de interiores, com o apoio de um projeto de interiores de uma reabilitação.

Todas as respostas obtidas serão apenas para o auxílio da investigação a ser feita.

Aluna: Carolina Ferreira

Curso: Mestrado de Design Integrado

Escola Superior de Tecnologia e Gestão - Instituto Politécnico de Viana do Castelo

* Indica uma pergunta obrigatória

1. Escreva a sua profissão. *

2. Escreva a sua idade. *

3. Escreva o seu género. *

4. Escreva o seu estado civil. *

5. Com quantas pessoas partilha a habitação? *

6. Tem casa própria? Se não, sente-se á vontade como se fosse sua? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Sinto-me á vontade

7. O que significa "LAR" (no sentido de casa ou habitação) para si? *

8. Escreva 5 características/condições que considera importantes e necessárias a ter na sua casa. *

9. Se comprasse uma casa remodelada/ reabilitada, qual seria a primeira coisa que acharia importante verificar? *

10. Se comprasse uma casa remodelada/ reabilitada, o espaço exterior seria um aspeto importante? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

11. Para si, qual é a relação entre a casa e a cidade, que importa? *

Marcar apenas uma oval.

☐ 0 - 5 Km

☐ 5 - 10 Km

☐ 10 - 15 Km

☐ 15 - 20 Km

12. Prefere uma casa localizada na zona urbana ou zona rural? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Zona urbana

☐ Zona rural

13. Quais são as divisões necessárias a ter na sua casa? *

14. Que tipo de espaços comuns são necessários na sua casa? *

15. Qual é a divisão da casa onde passa mais tempo? Porquê? *

16. Que tipo de equipamentos acha que são necessários na sua casa? *

17. Gostaria de ter uma cozinha e sala de estar em área conjunta (estilo open space) ou divisões separadas? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Open space (cozinha + sala)

☐ Divisões separadas

18. Na divisão da **cozinha**, a zona de lavagem, requer que tipo de elementos? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Pia com uma cuba

☐ Pia com 2 cubas

☐ Torneira móvel

☐ Torneira fixa

☐ Máquina de lavar a loiça

☐ Escorredor de louça móvel

☐ Escorredor de louça fixo

☐ Balde do lixo comum instalado dentro do balcão

☐ Balde do lixo comum fora do balcão

☐ Balde do lixo comum + reciclagem

19. Na divisão da **cozinha**, a zona de preparação de alimentos, requer que tipo de elementos? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Frigorífico + congelador
- ☐ Arca congeladora
- ☐ Área de preparação junto á pia
- ☐ Área de preparação junto ao fogão
- ☐ Balcão em pedra
- ☐ Balcão em madeira
- ☐ Balcão em acrílico/ laminados plásticos/ pedra artificial

20. Na divisão da **cozinha**, a zona de confeção de alimentos, requer que tipo de elementos? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Fogão com forno (cooktop)
- ☐ Placa de fogão
- ☐ Forno embutido no balcão
- ☐ Mini forno sob o balcão
- ☐ Exaustor que recicle o ar através de filtro de carvão ativado
- ☐ Exaustor que remova o fumo produzido para o exterior
- ☐ Exaustor colocado na parte inferior do armário, por cima do fogão
- ☐ Exaustor embutido no balcão ao nível do fogão
- ☐ Exaustor independente

21. Na divisão da **cozinha**, a zona de armazenamento de alimentos e utensílios, requer que tipo de elementos? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Despensa aberta em divisão separada
- ☐ Despensa fechada em divisão separada
- ☐ Despensa em armários, na divisão da cozinha
- ☐ Despensa com os alimentos, mercearia, etc.
- ☐ Despensa apenas com os utensílios de cozinha
- ☐ Despensa com todos os elementos utilizados na cozinha
- ☐ Armários superiores na cozinha, como armazenamento de certos alimentos
- ☐ Balcões na cozinha, como armazenamento de certos utensílios

22. Na divisão da **cozinha**, a zona de refeição, requer que tipo de elementos? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Zona extensiva da cozinha
- ☐ Zona dentro da área de estar/ comum
- ☐ Zona separada

23. Quantas refeições faz em casa? *

24. Com quantas pessoas costuma fazer as refeições? *

25. Para quantas dessas refeições cozinha? *

26. Com que frequência recebe visitas para se juntarem às refeições? *

27. Tem empregada doméstica? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

28. Na área de estar, que tipo de elementos, acha importantes? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Sofá de 2 lugares

☐ Sofá de 3 lugares

☐ Sofá de 4 lugares

☐ Poltronas separadas

☐ Mesa de centro

☐ Mesa de apoio

☐ Arrumação em prateleiras/ estantes

☐ Arrumação em aparadores ou armários

☐ Televisão fixa na parede

☐ Televisão sob aparador

29. Que tipo de material prefere no sofá? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Pele efeito cabedal

☐ Pele efeito camurça

☐ Pele sintética

☐ Tecido

30. Que tipo de piso prefere na área de estar? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Madeira

☐ Cerâmica

☐ Azulejo

31. Na zona de descanso, quais são os elementos necessários? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Cama de solteiro
- ☐ Cama de solteiro grande
- ☐ Cama de casal
- ☐ Cama de casal grande
- ☐ Cama queen size
- ☐ Cama king size
- ☐ Mesa de cabeceira juntas com a cabeceira da cama
- ☐ Mesa de cabeceira separadas da cama
- ☐ Poltrona ou bancos de apoio
- ☐ Televisão
- ☐ Toucador para maquilhagem, produtos de cuidado pessoal, beleza, etc.
- ☐ Espelho
- ☐ Cabide

32. Na arrumação de roupa, acessórios, etc., quais são os elementos necessários? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Armário embutido feito á medida com gavetas, prateleiras e cabide com cruzetas
- ☐ Roupeiro com pés
- ☐ Comoda com gavetas
- ☐ Sapateira
- ☐ Estantes

33. Na sua área de descanso, é necessário uma zona destinada ao trabalho? *

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não

34. Partilha o quarto com alguém? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

☐ Outra: _____

35. Na casa de banho, que tipo de elementos acha necessários? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Base de duche com chuveiro

☐ Banheira

☐ Bidet

☐ Radiador/ aquecedor de toalhas

☐ Ventilador de extração de vapor

☐ Toucador

☐ Lavatório com 1 pia

☐ Lavatório com 2 pias

36. Quantas casas de banho tem na sua casa? Quantas são completas e quantas de serviço? *

37. Quantas casas de banho acha necessário ter na sua casa? Porquê? *

38. Lavandaria numa das casas de banho de serviço ou numa divisão á parte? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Na casa de banho

☐ Divisão á parte

39. Vive com alguém que tenha incapacidade ou dificuldade em tomar banho sozinho? *

Marcar apenas uma oval.

☐ Sim

☐ Não

40. Que tipo de utensílios ou elementos, guarda na casa de banho? *

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google.

Google Formulários

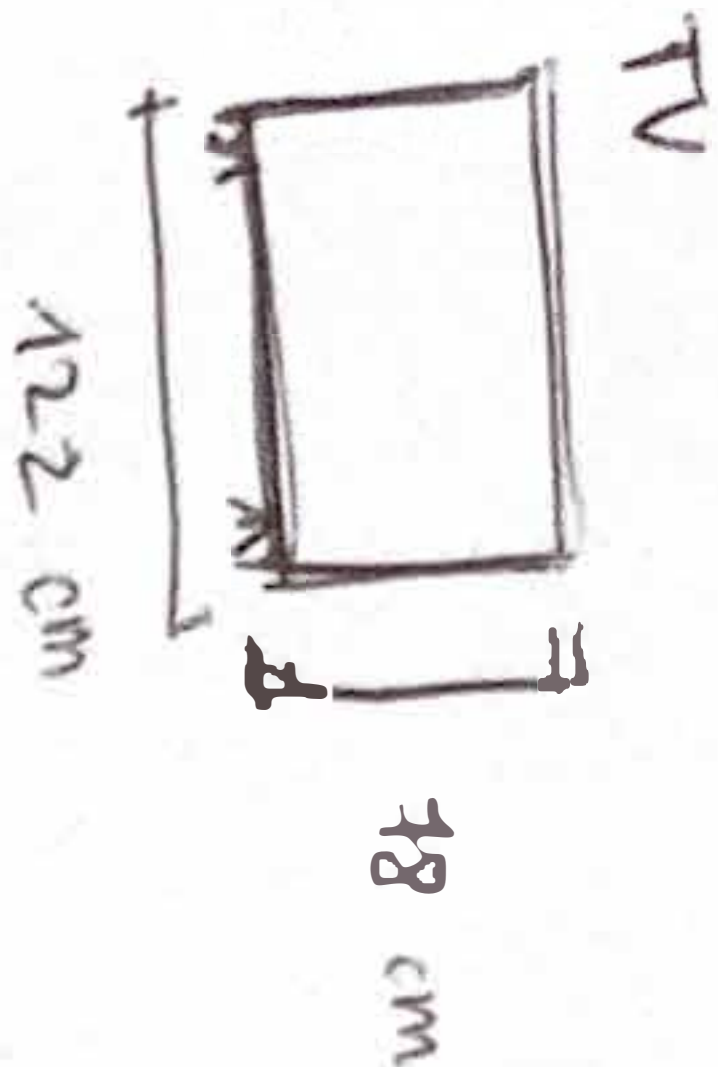
(D)

CLOSET

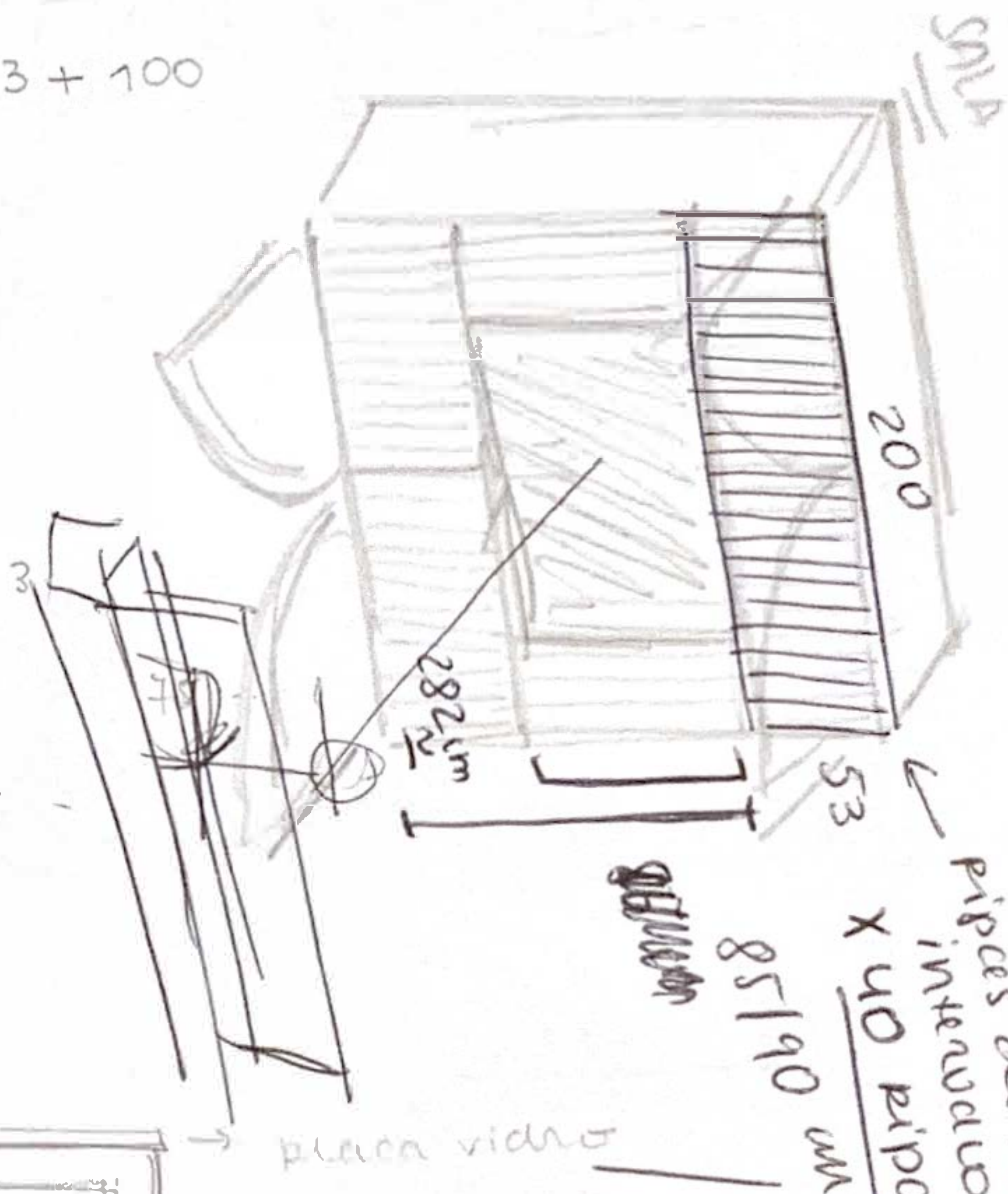
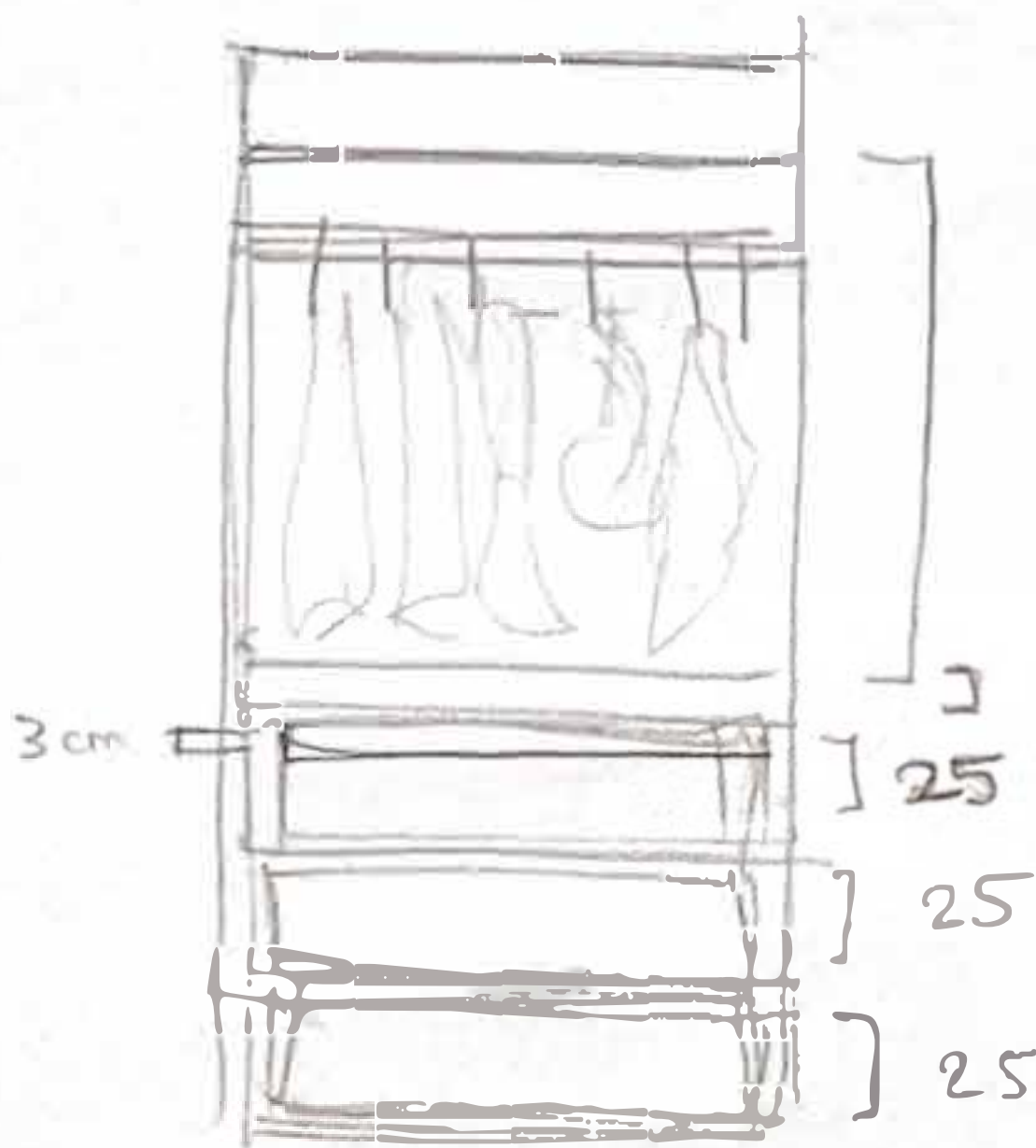
casido
p/ encaixetas

visão da
cama

2,7915



82 + 3 + 100



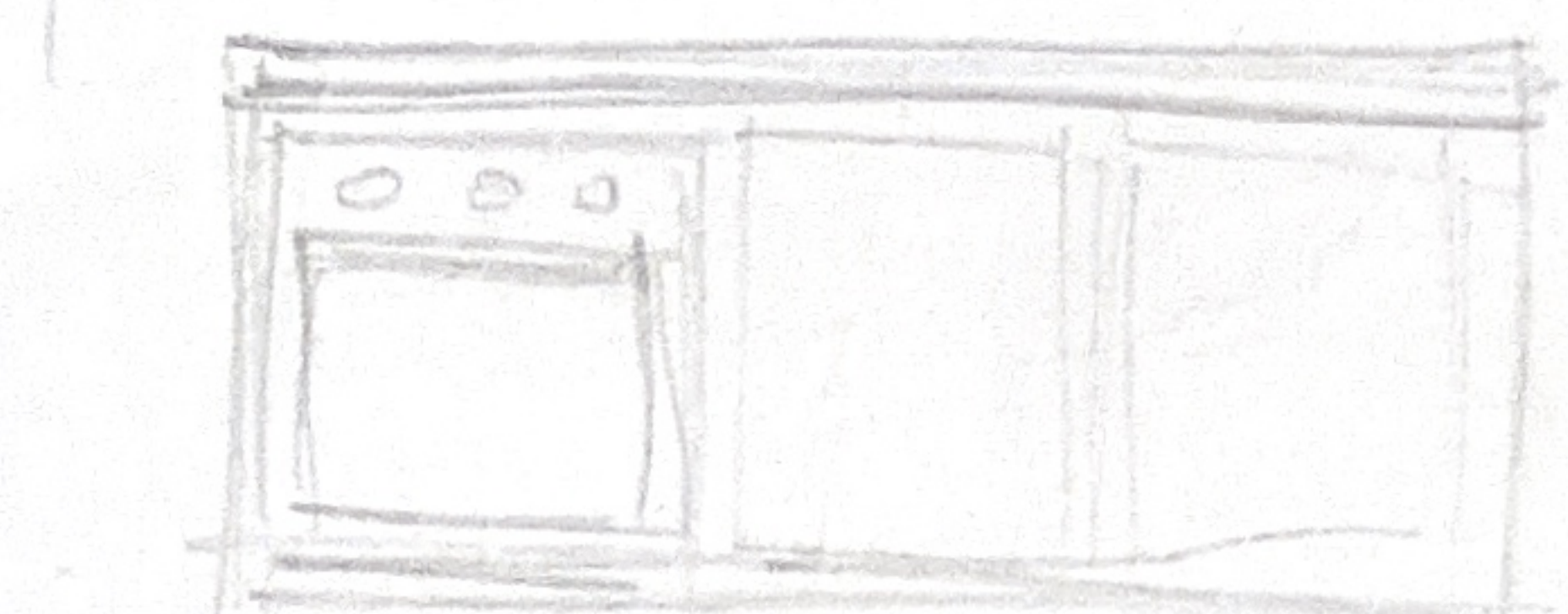
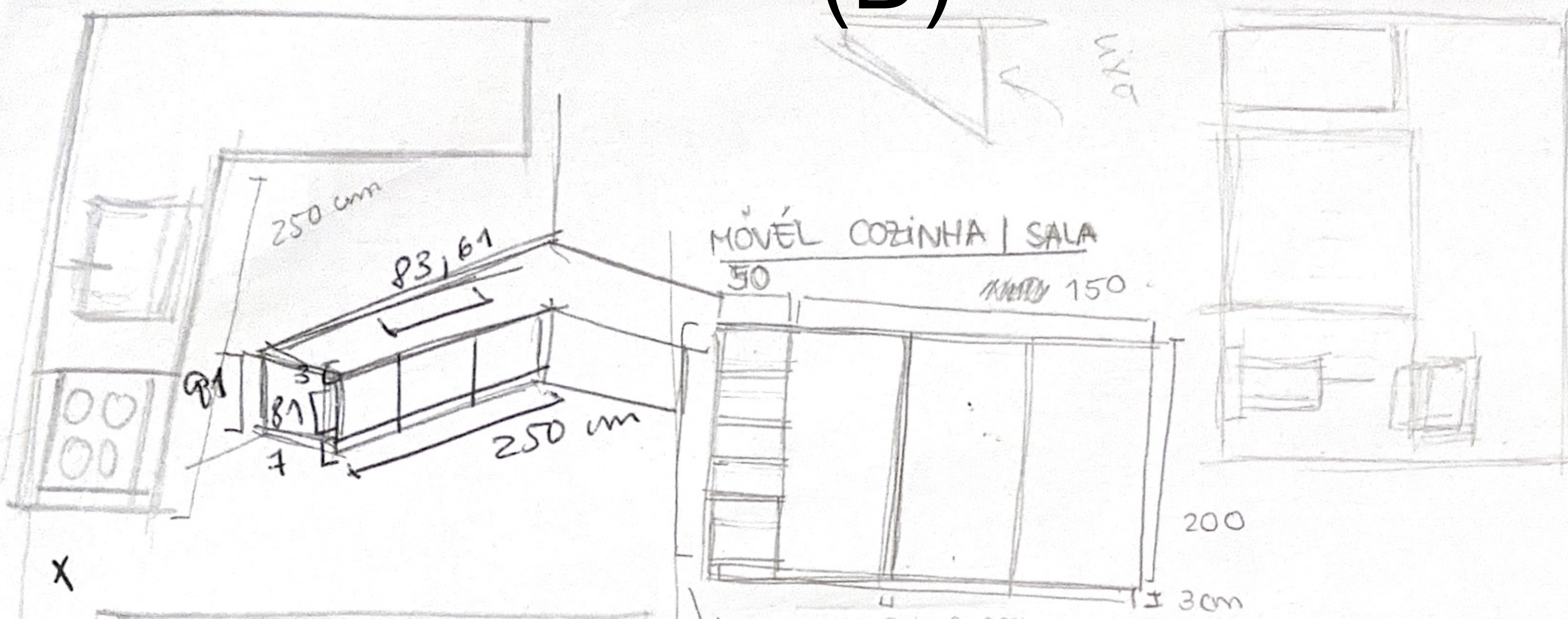
85190 cm
X 40 ripas c/ 5 cm + 3 mm
ripas de madeira
interrado de 3 mm

placa vidro

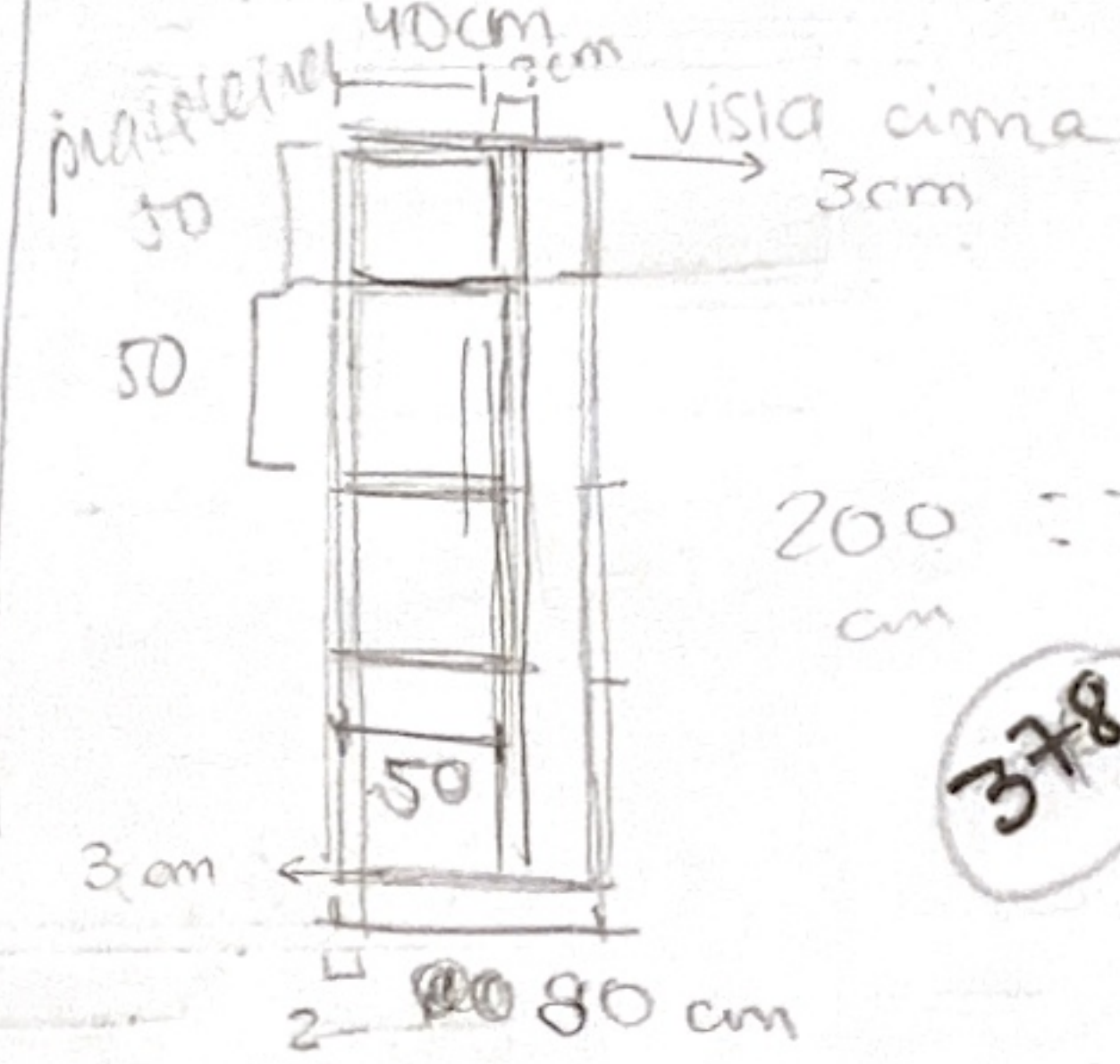
cabeira

lateral

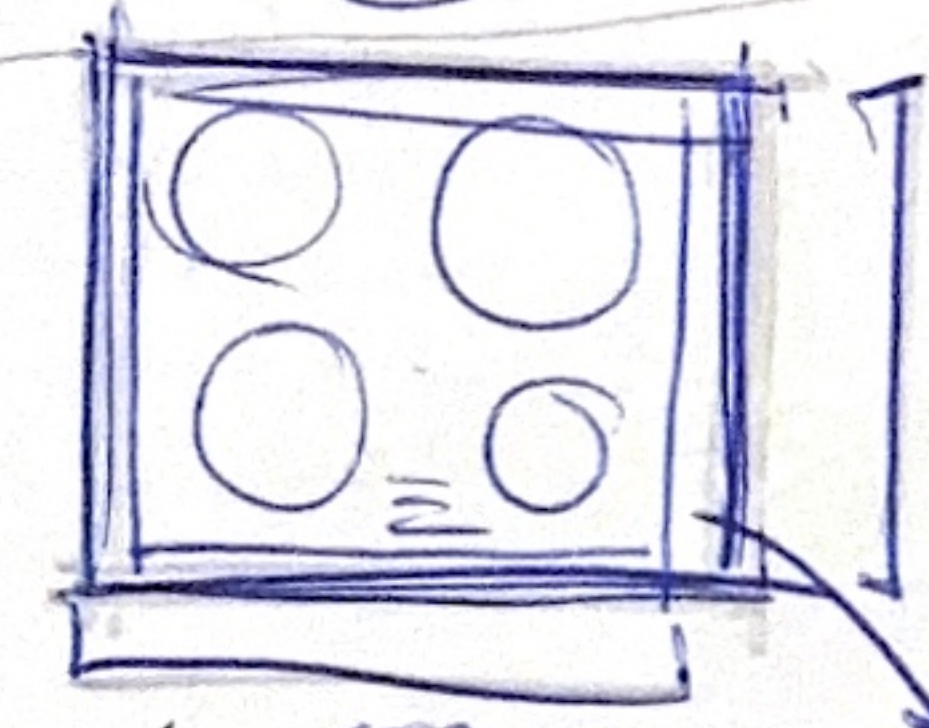
COZINHA | SALA (D)



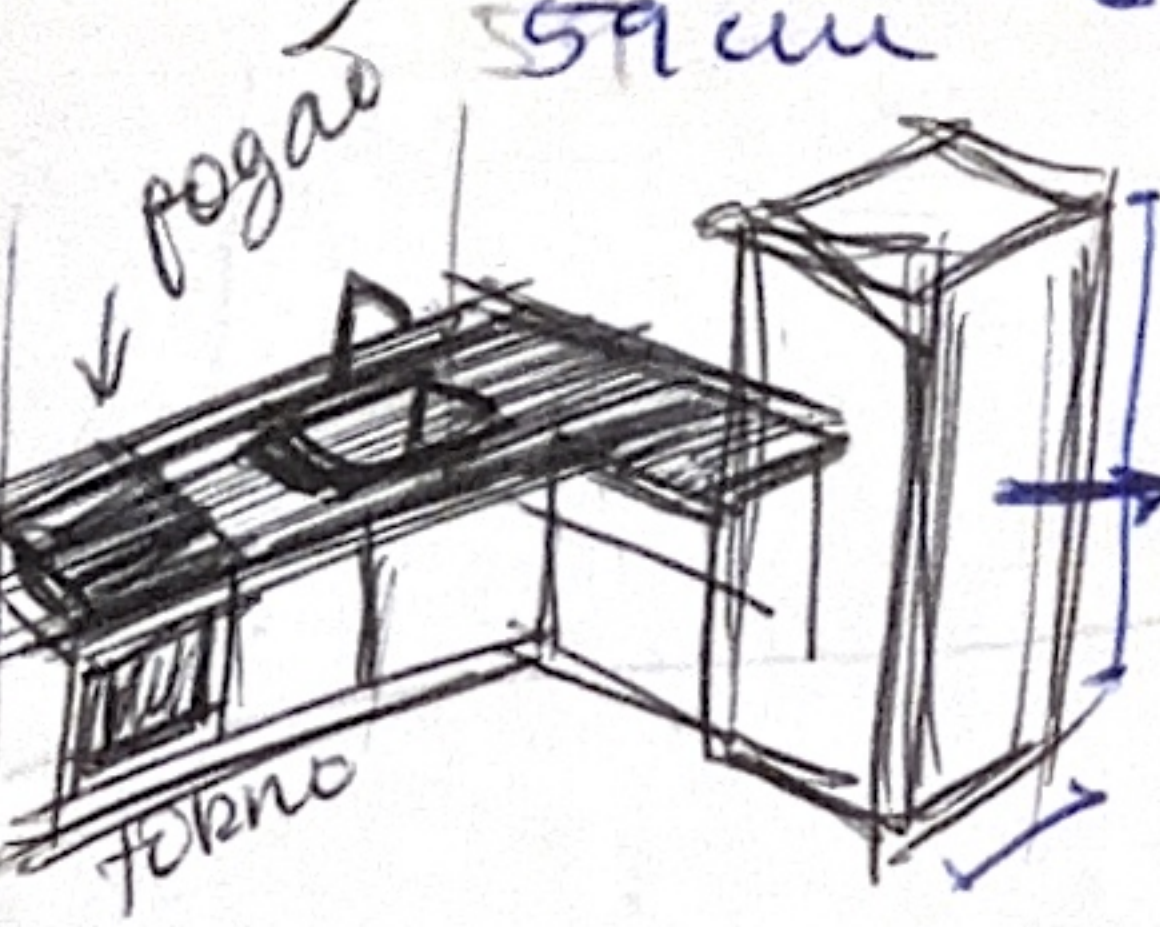
20 cm grossura
40 cm pl prateleira
38 cm espaço
+ 2 cm prateleira



placa vitro cerâmica
59 cm
31,8 cm altura



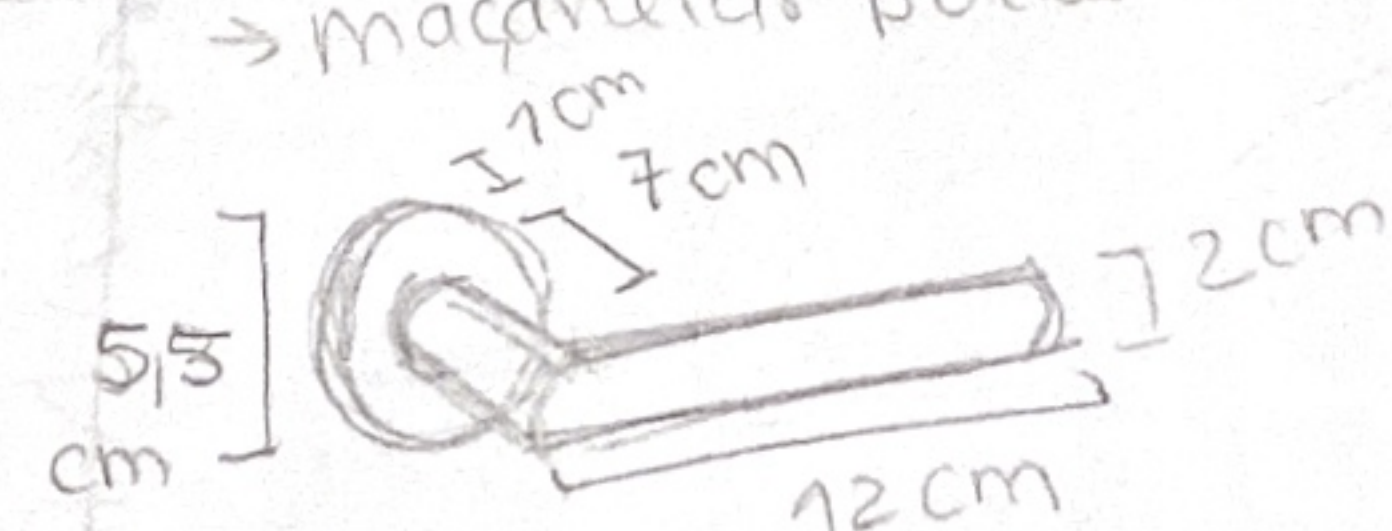
52 cm
caixa pl branco
46 x 53 cm
freguesia



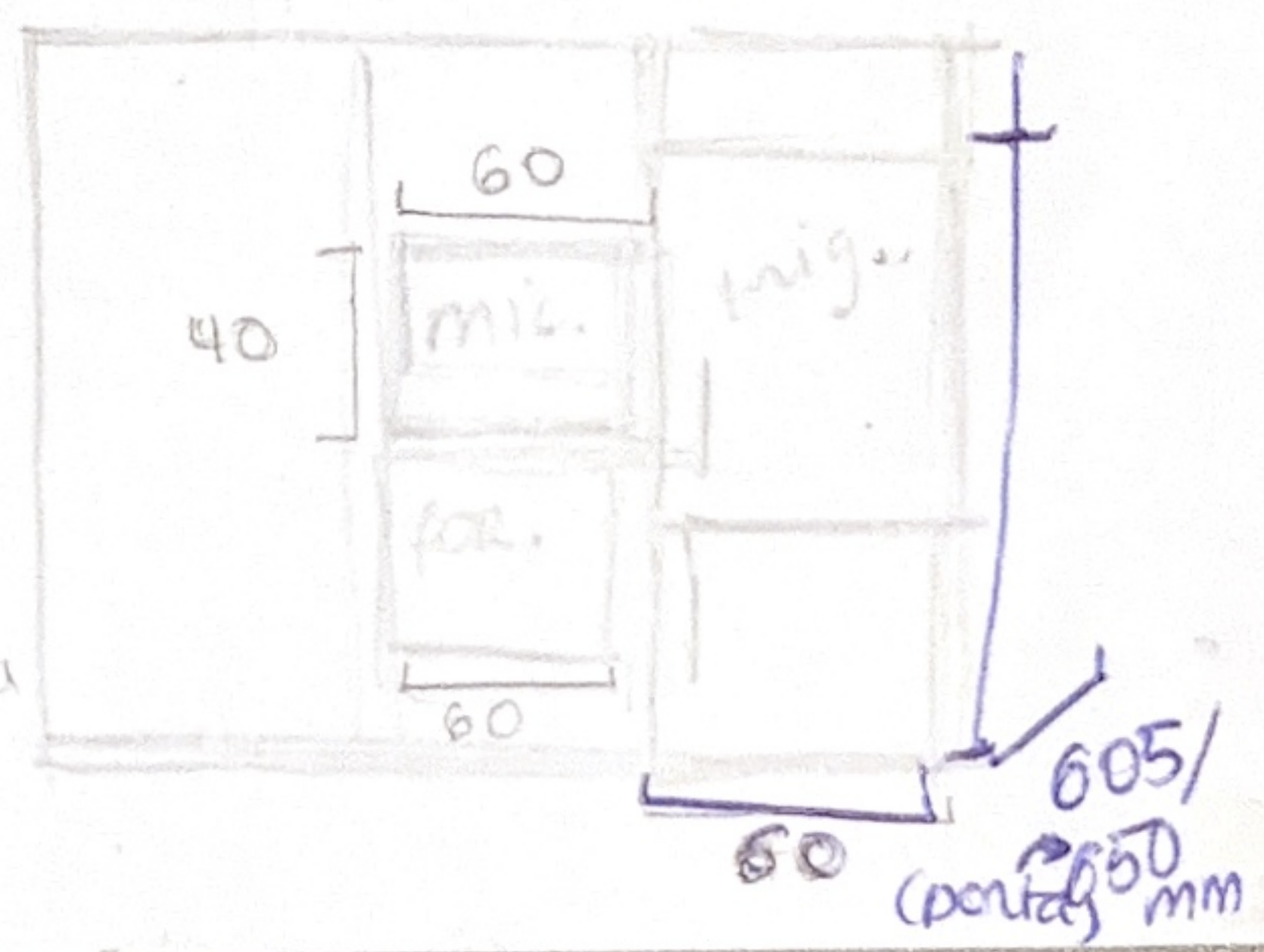
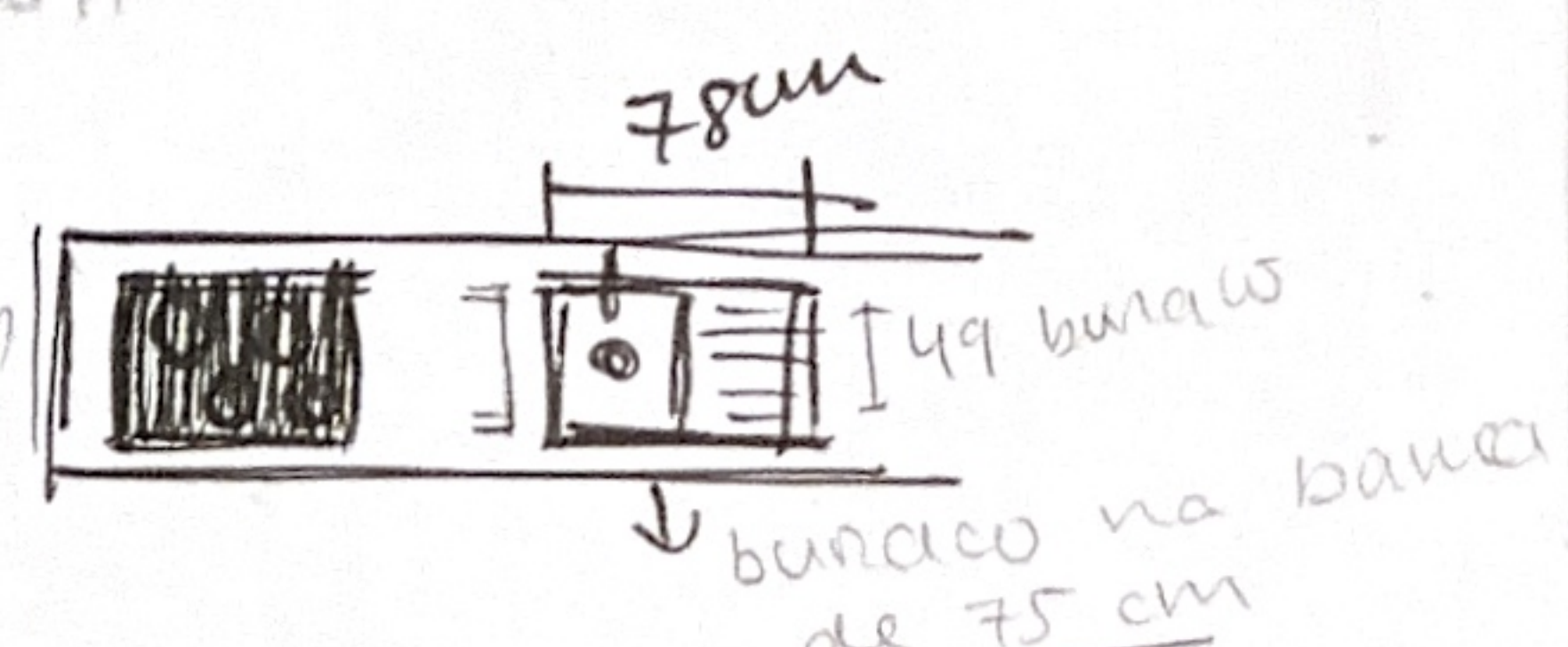
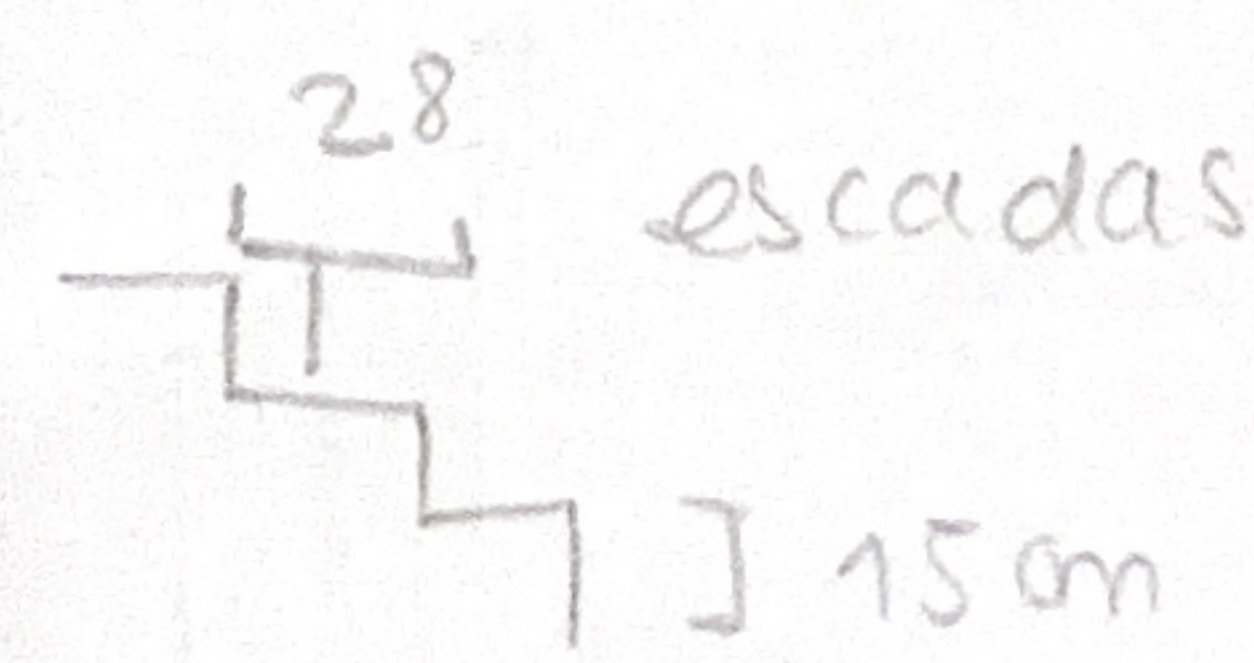
12 cm grossura total armário paredes

188 cm
espaço portas
47 cm por espaço

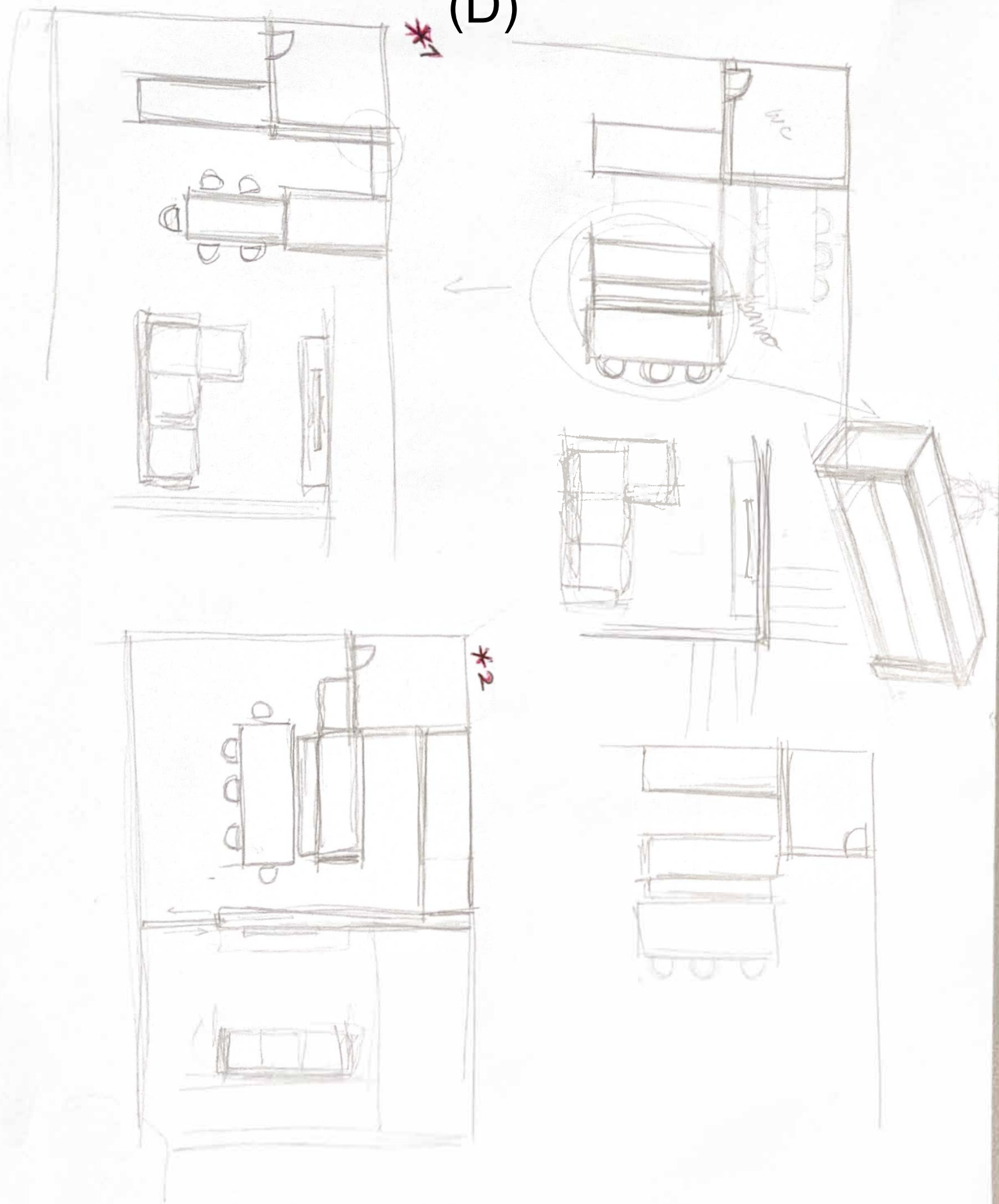
600 x 1715 x 709
647
→ maçanetas portas interiores



3
2
2
2
3
profundidade
micro 60

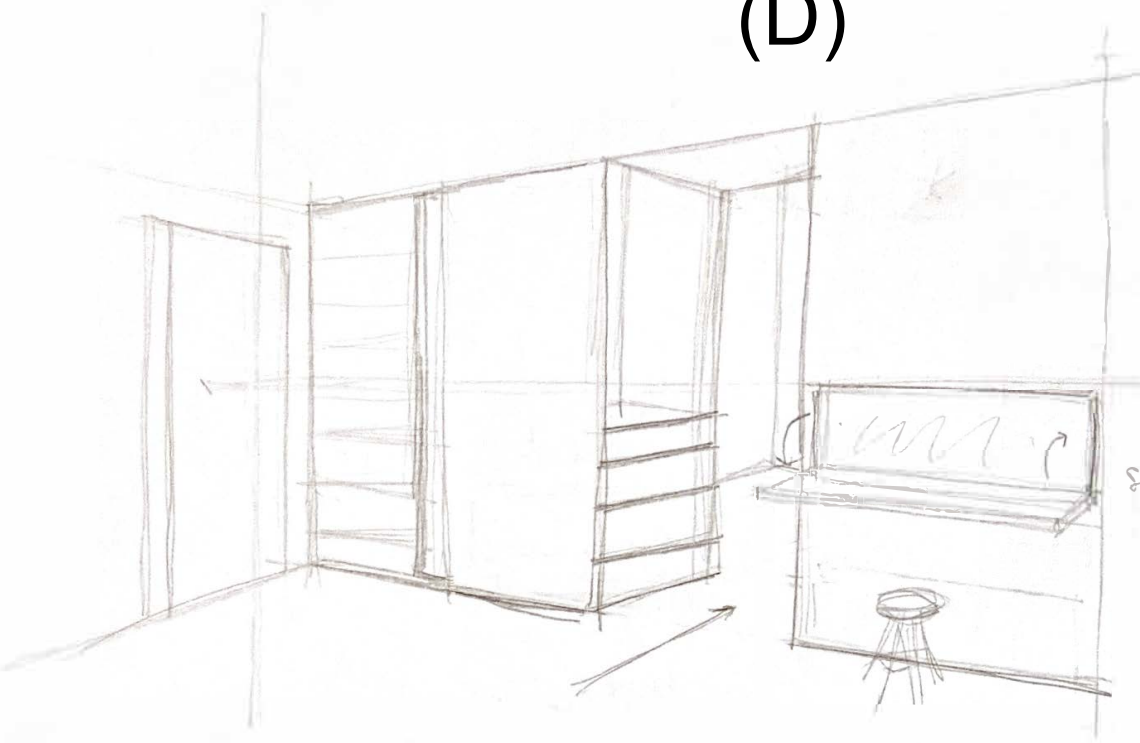


(D)



(D)

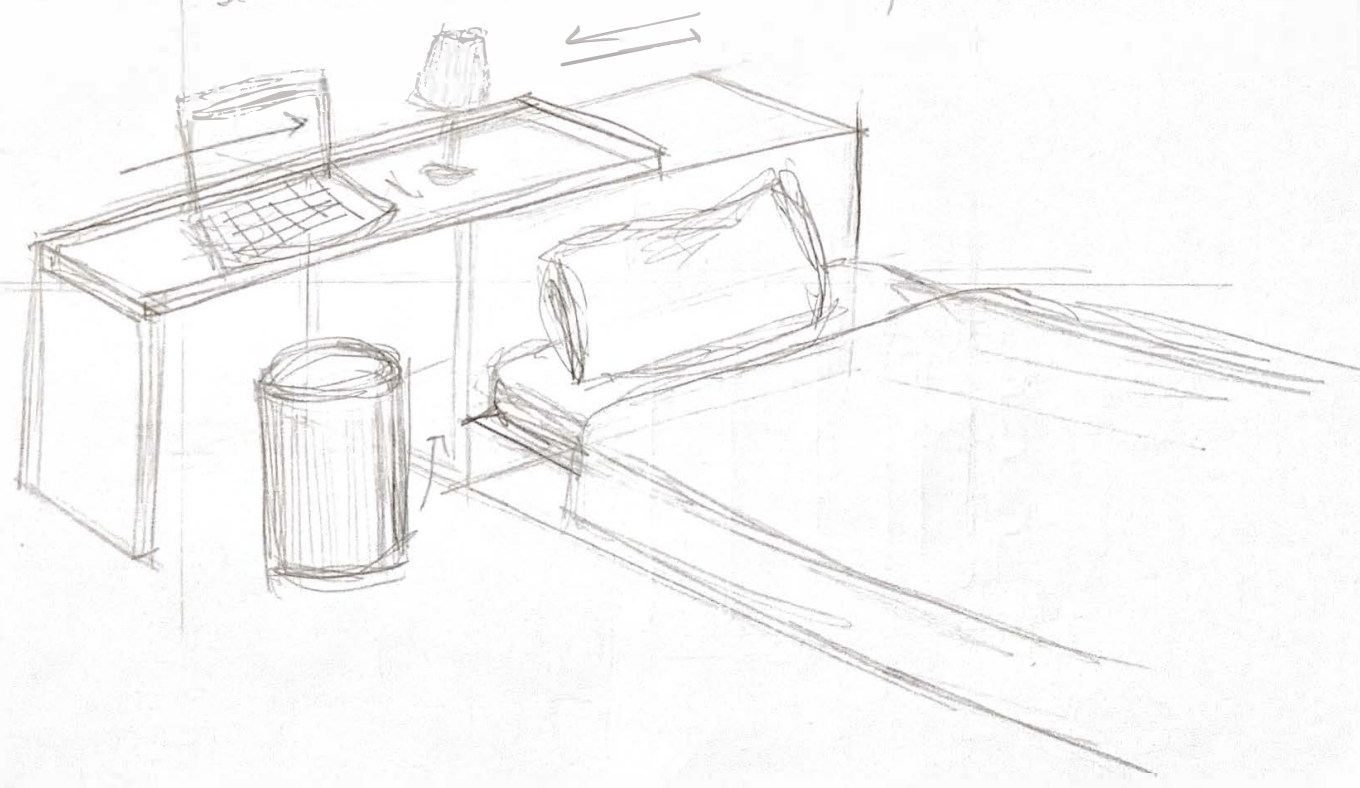
closet
divisor de
quartos



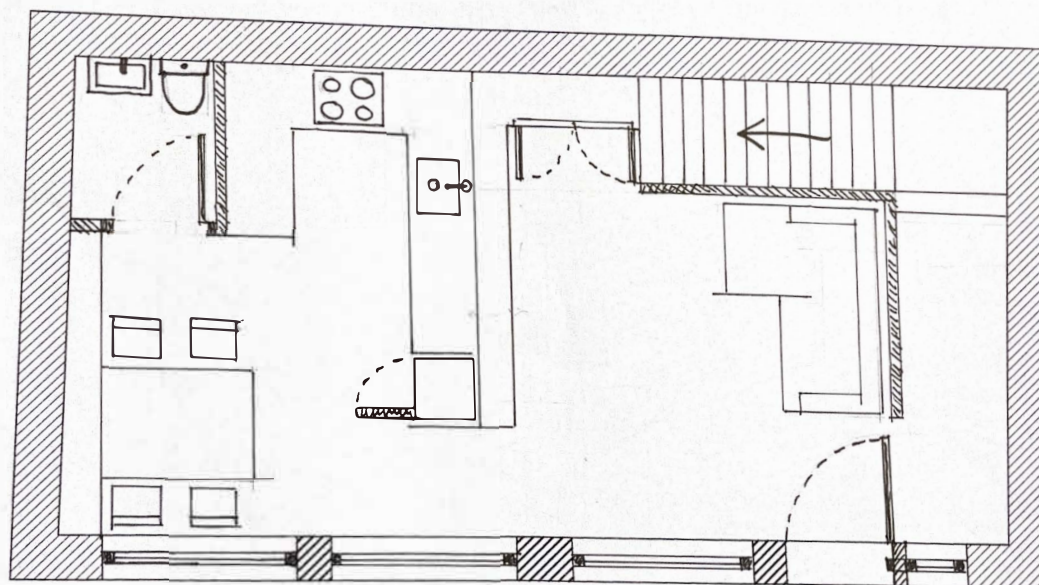
Secretária ou
tocado

Secretária /
tocado / etc

quarto
ideal #



(D)



Localização: Lugar de Mexide, Freguesia de Meinedo, Concelho de Lousada

01 PLANTA PISO R/C

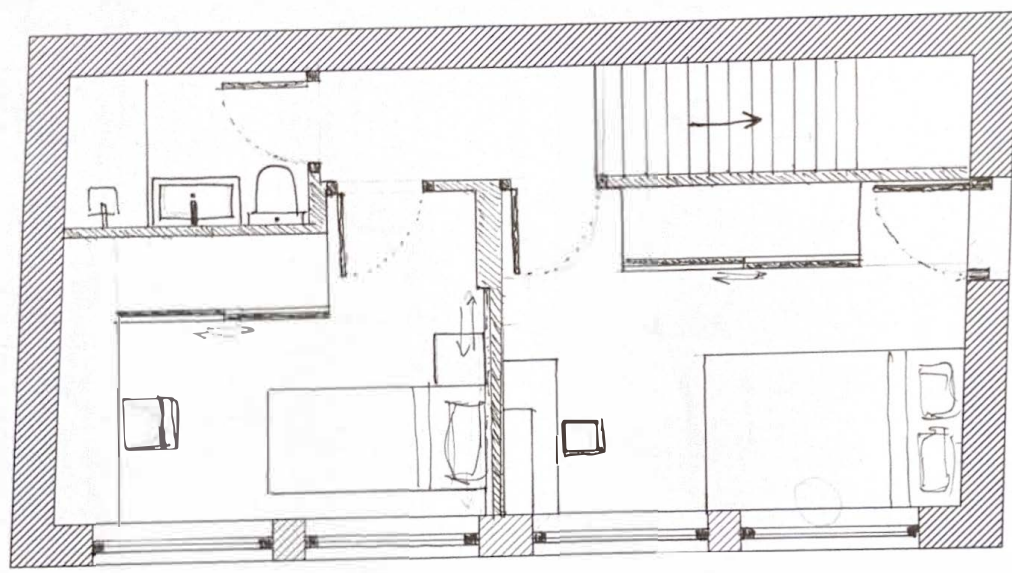
ESCALA: 1:50

ALUNA: CAROLINA FERREIRA DATA: 6 NOVEMBRO 2023

MESTRADO DE
DESIGN INTEGRADO

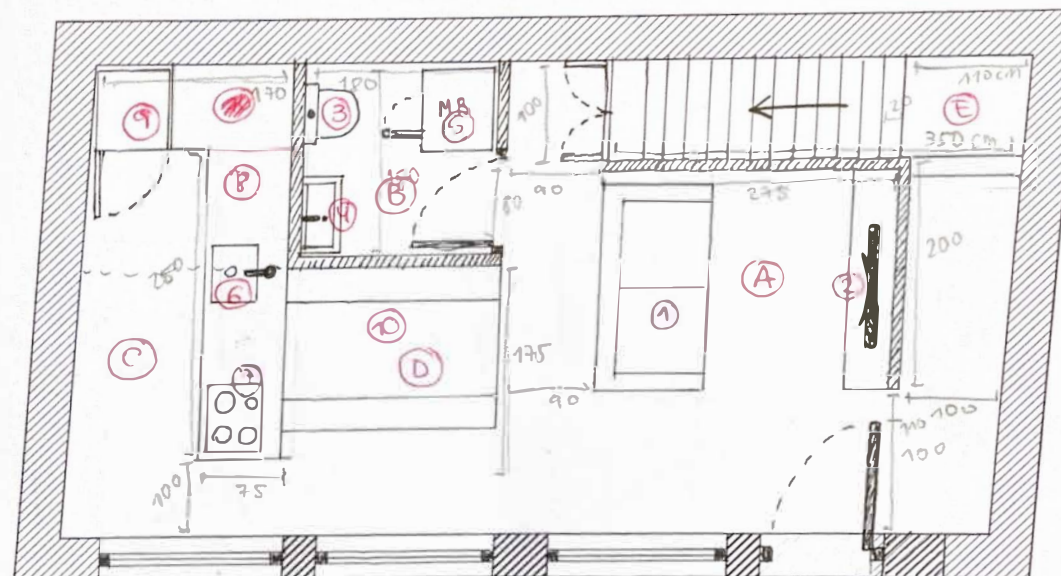
ESTG IPVC

(D)



Localização: Lugar de Mexide, Freguesia de Meinedo, Concelho de Lousada	
02 PLANTA PISO 1	ESCALA: 1:50
ALUNA: CAROLINA FERREIRA	DATA: 6 NOVEMBRO 2023
MESTRADO DE DESIGN INTEGRADO	ESTG IPVC

PCONPLA WNER

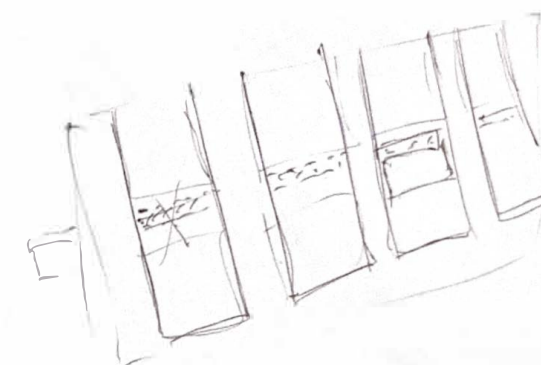


01 PLANTA PISO R/C

ALUNA: CAROLINA FERREIRA

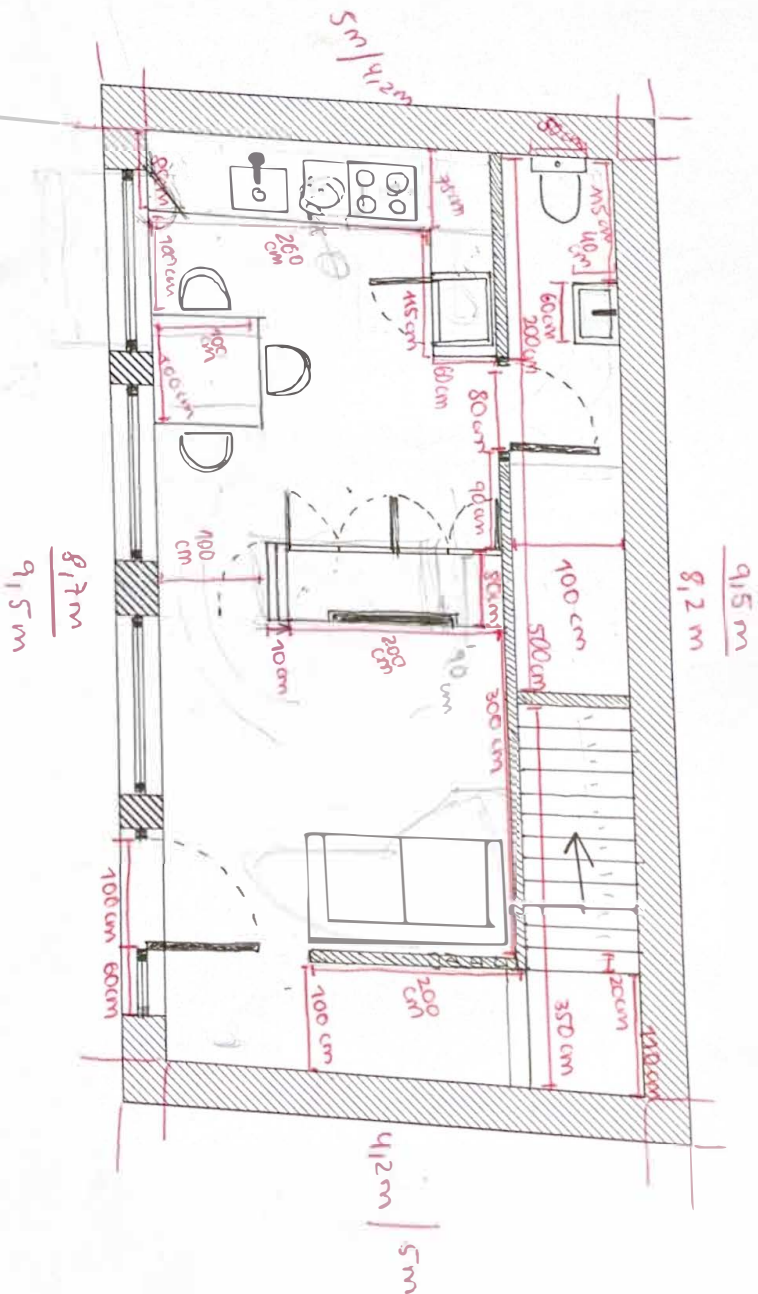
MESTRADO DE
DESIGN INTEGRADO

ESTG IPVC



ESTG IPVC

(D)

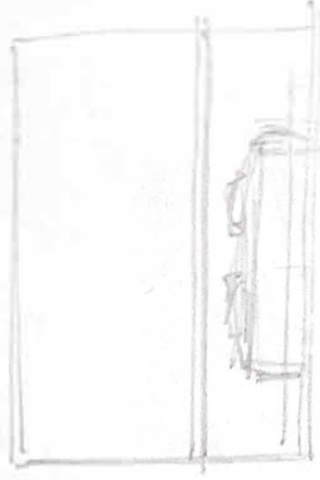


pr. cozinha 2,50 m
0,30 m
quase

VEN. ex. ESCADA

Localização: Lugar de Menda, Freguesia de Mendo, Concelho de Loureda	
01 PLANTA PISO R/C	ESCALA: 1:50
ALUNA: CAROLINA FERREIRA	DATA: 6 NOVEMBRO 2023
MESTRADO DE DESIGN INTEGRADO	ESTG IPVC

QUARTO 2

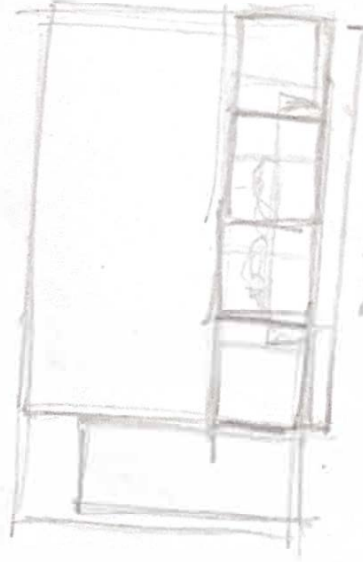


led

planta - balcão

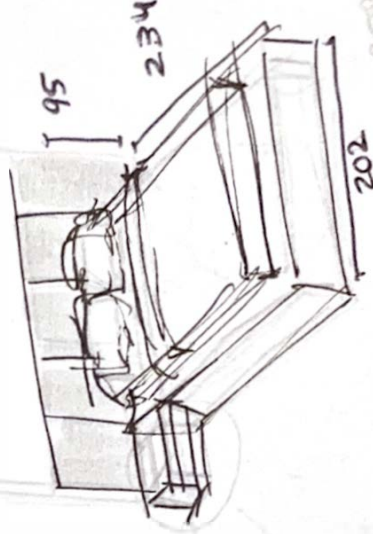
60 cm

QUARTO 1



352 cm

x 4 painéis



95

234

202

202 = 190

50 s



147 cm

132

132

132

132

132

132

132

132

132

132

132

132

132

132

132

132

132

janelas

170

1800 x 2500 mm

1800 x 2500 mm

620 mm

450 mm

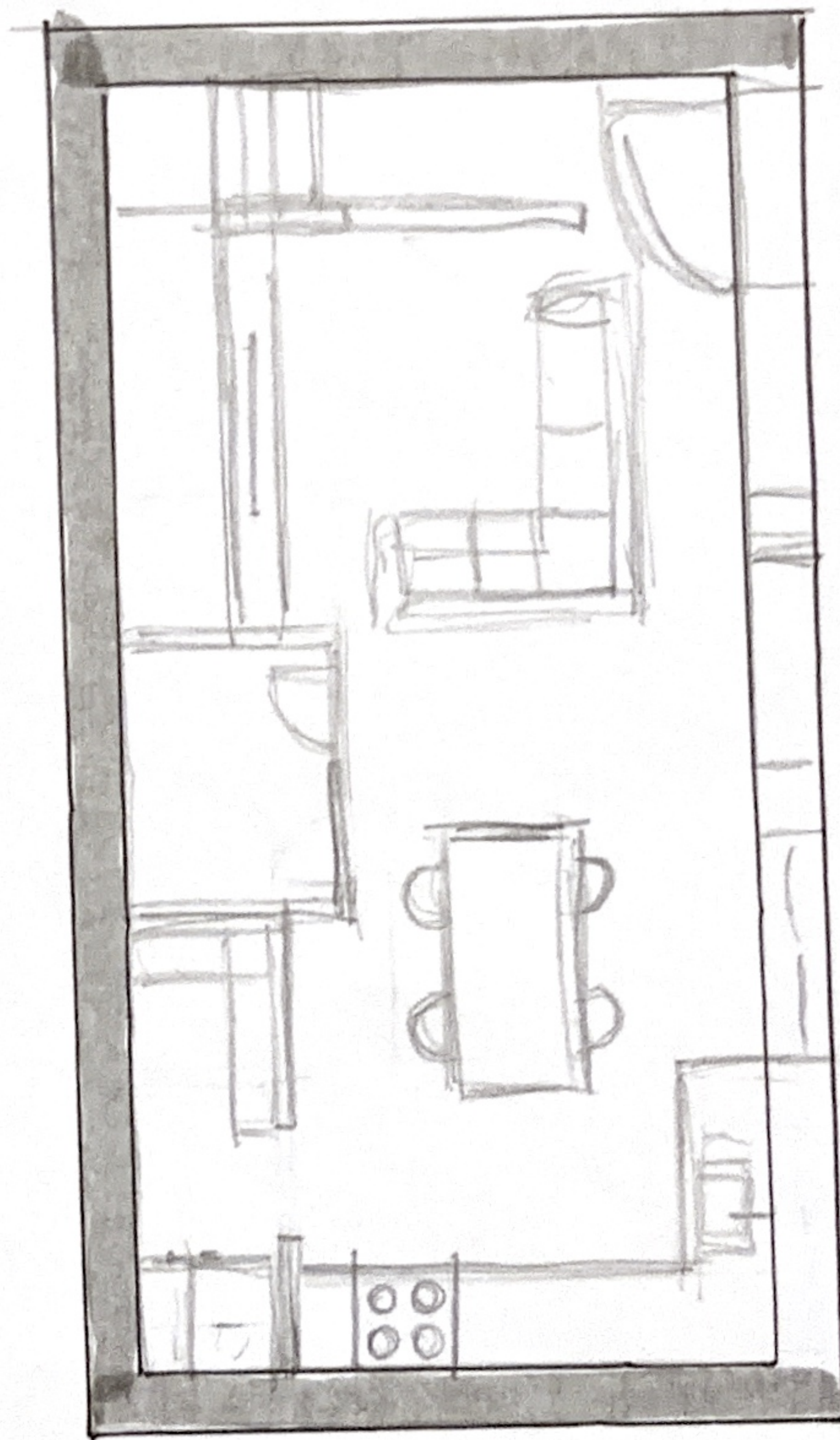
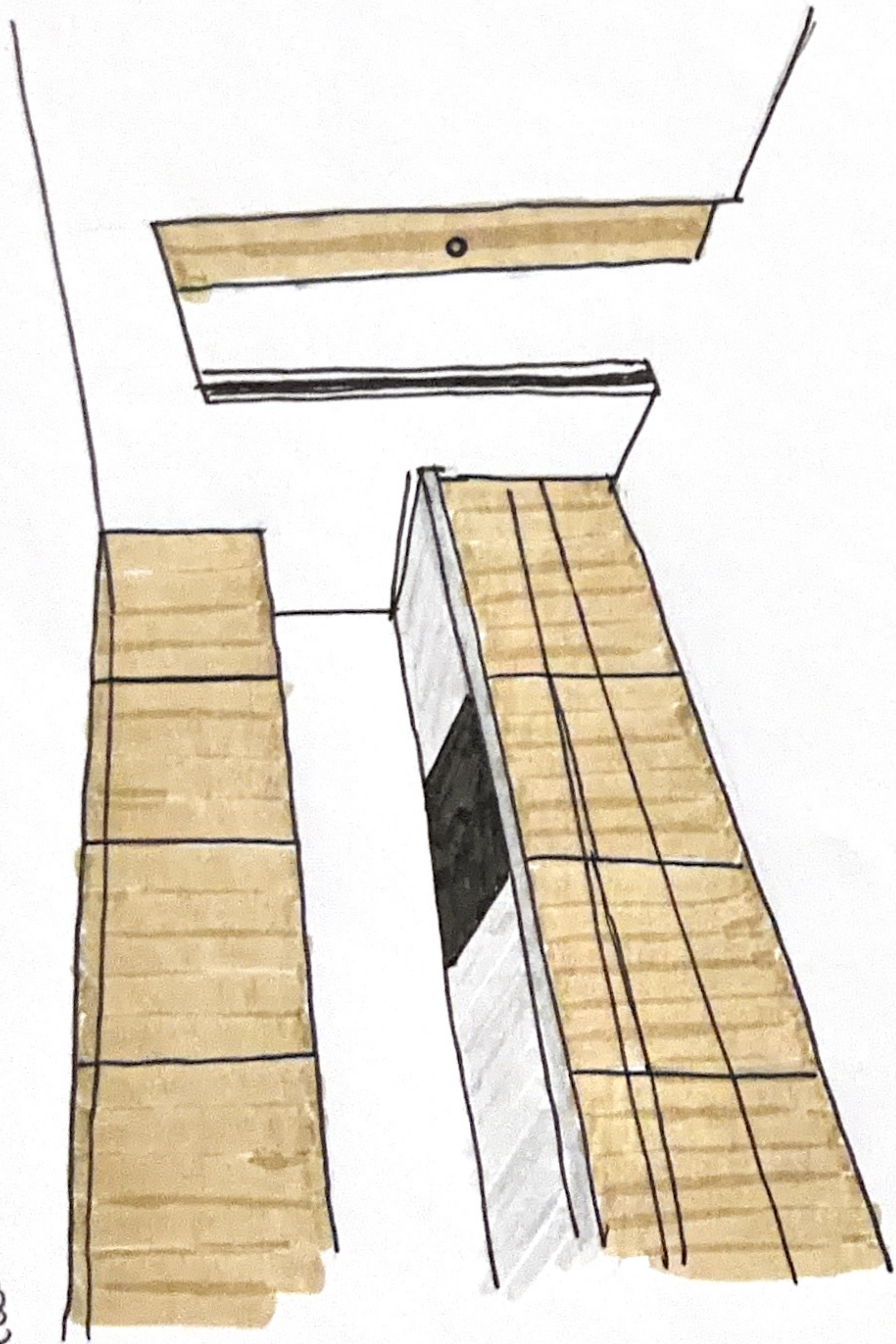
380

145

(D)

511125

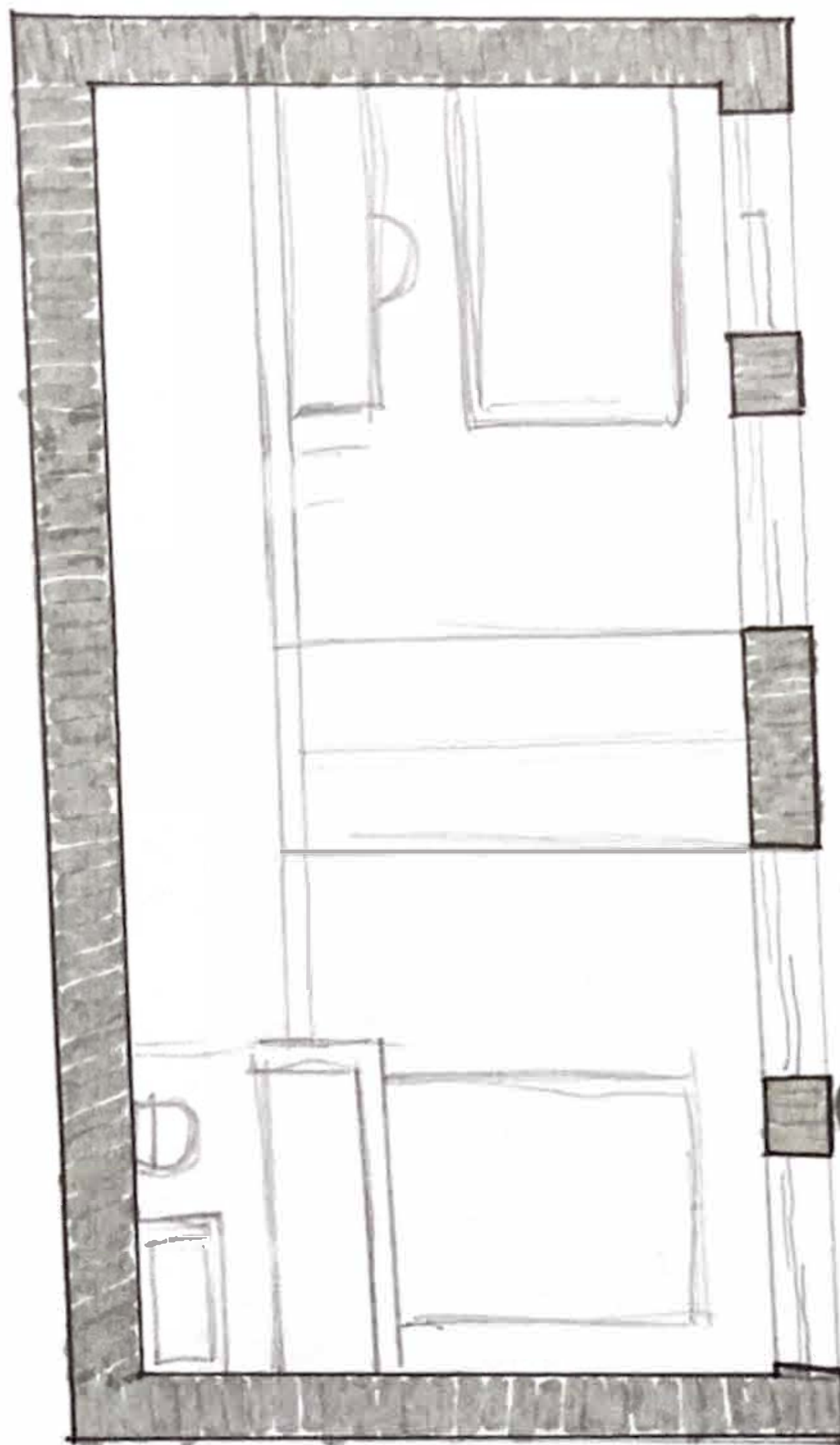
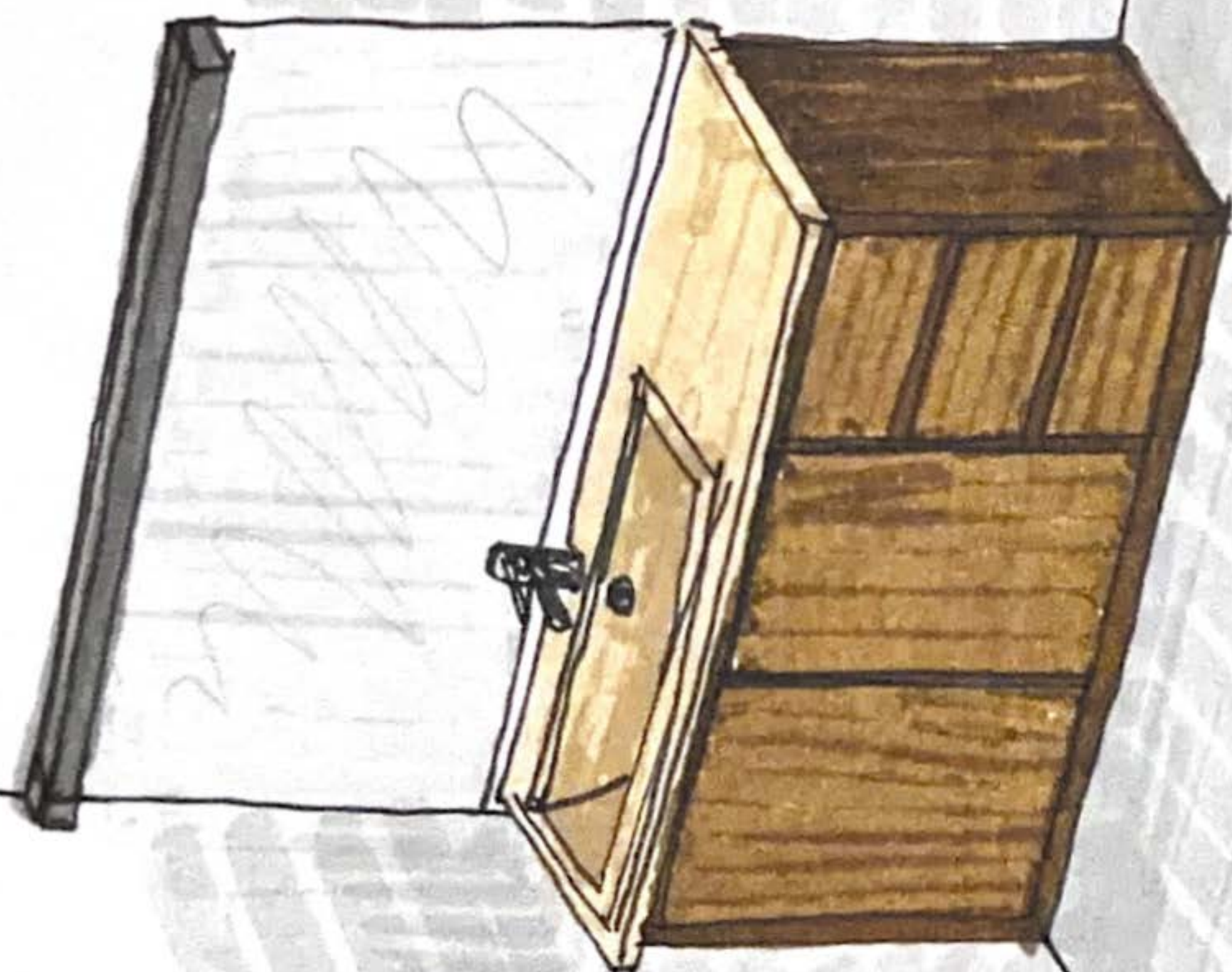
2150 0
area #1



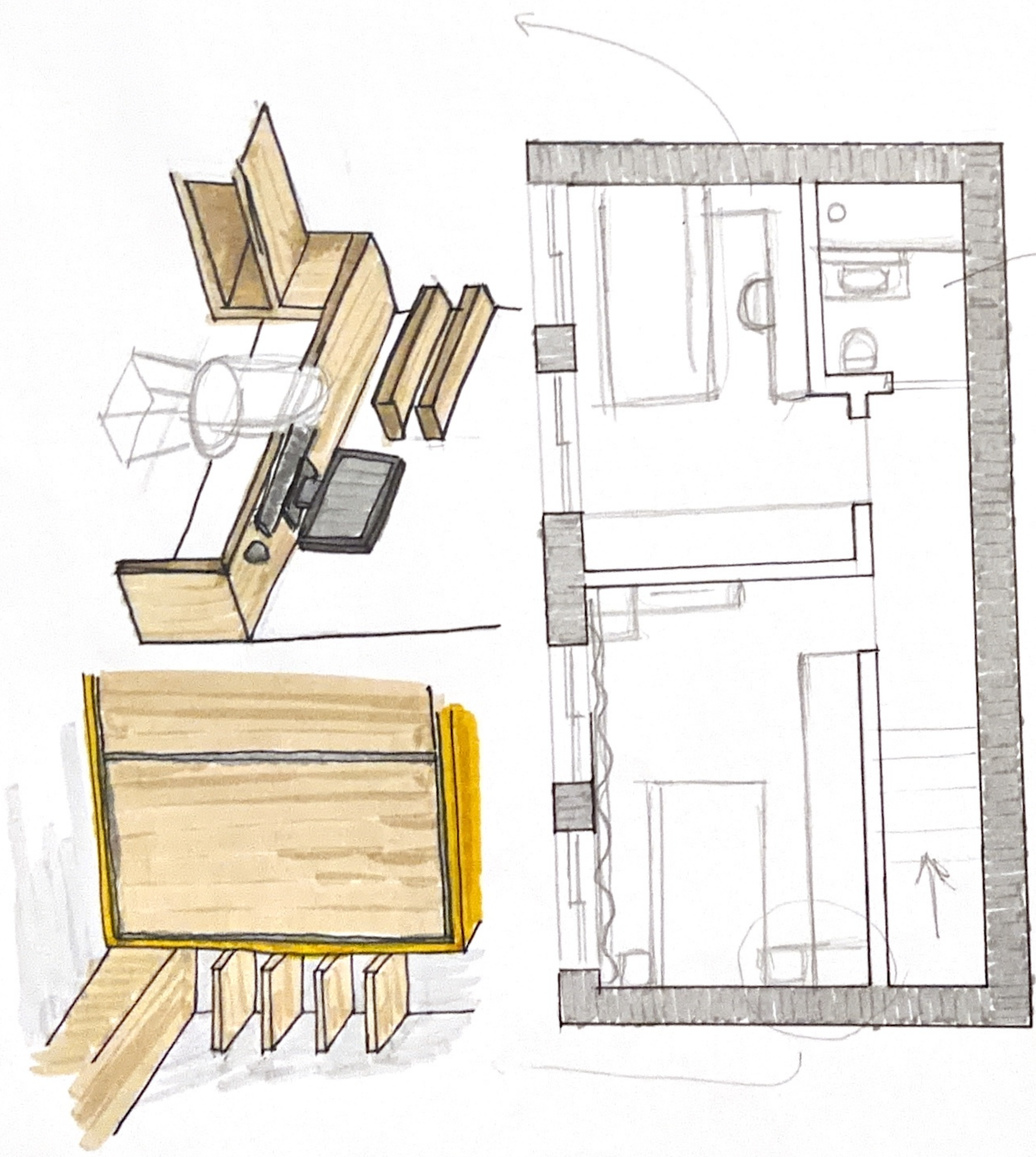
(D)

(D)

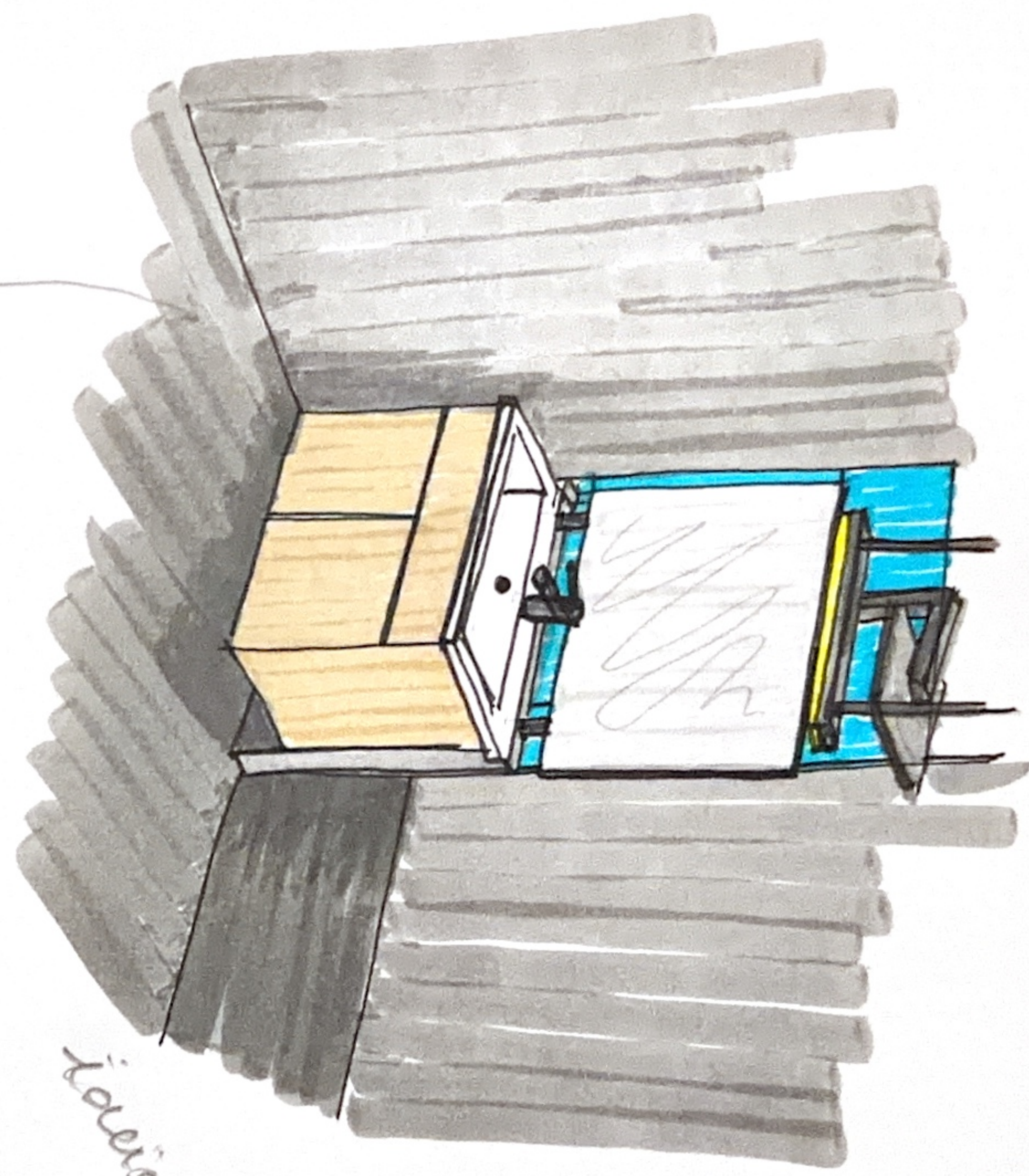
#2 2nd



(D)



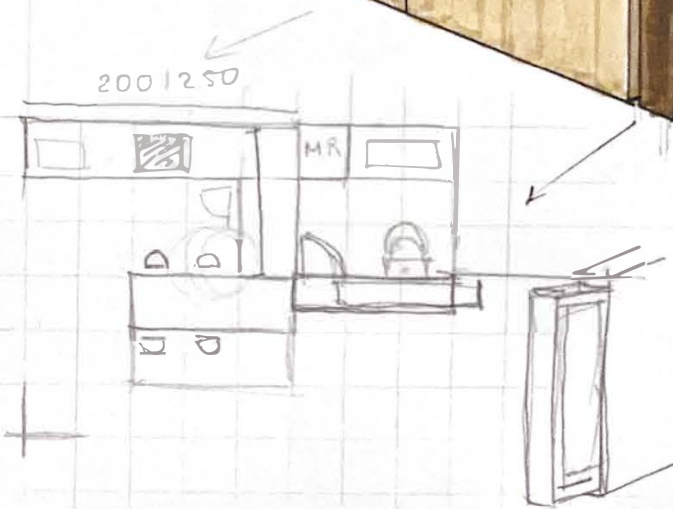
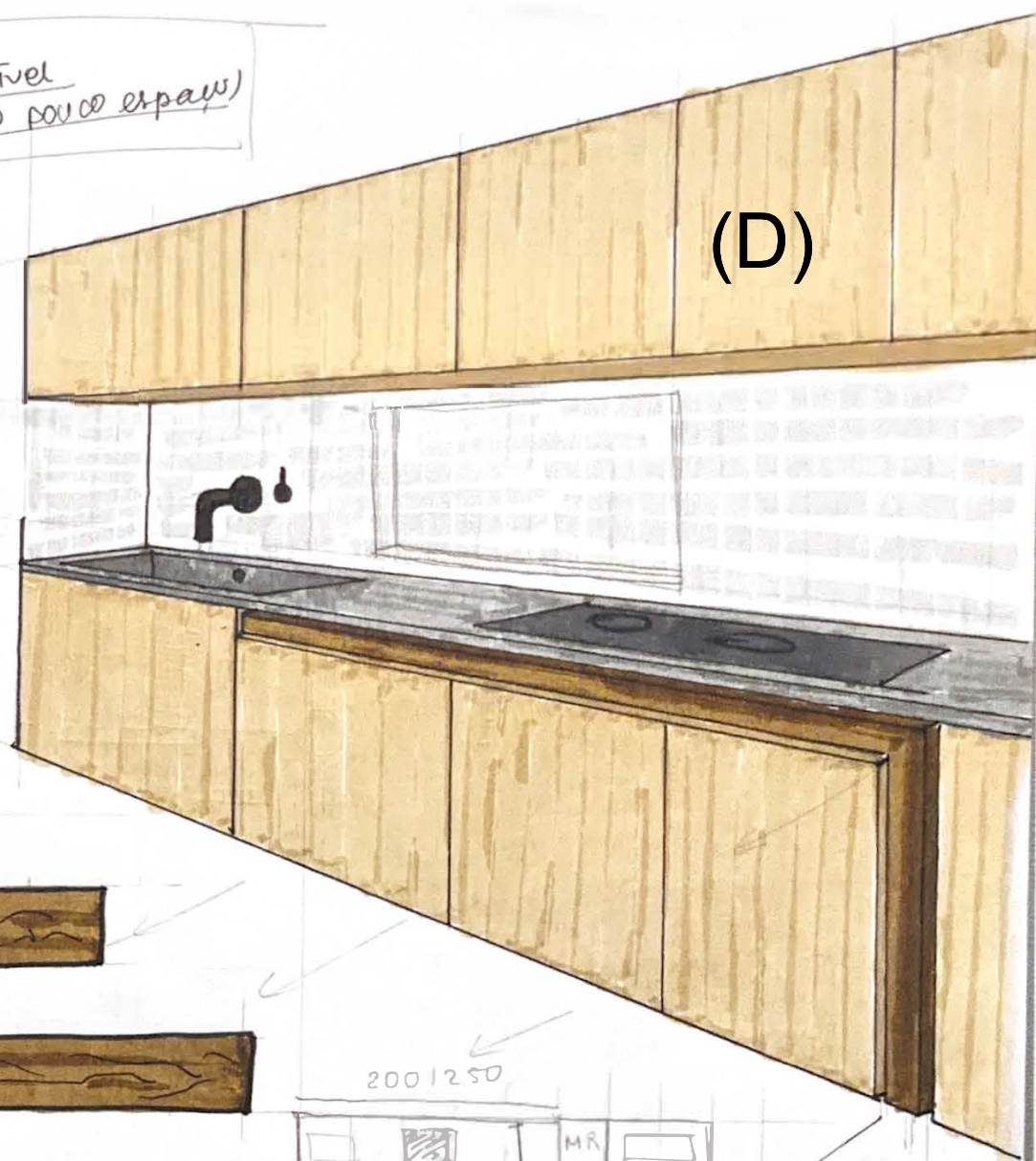
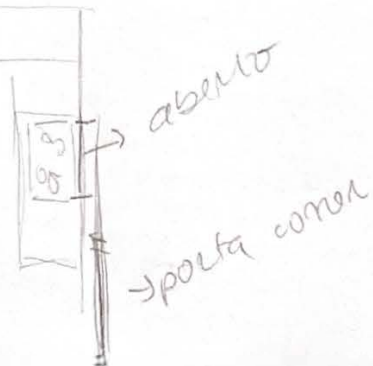
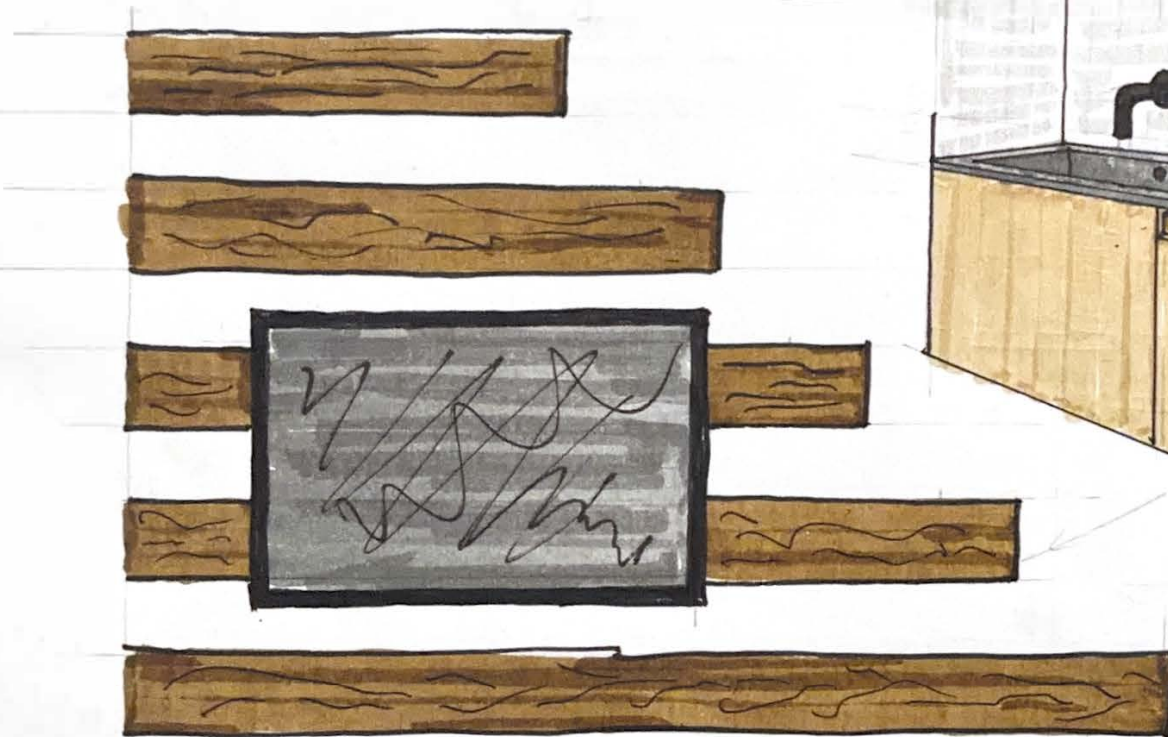
*3



lucia #1

ideia sala

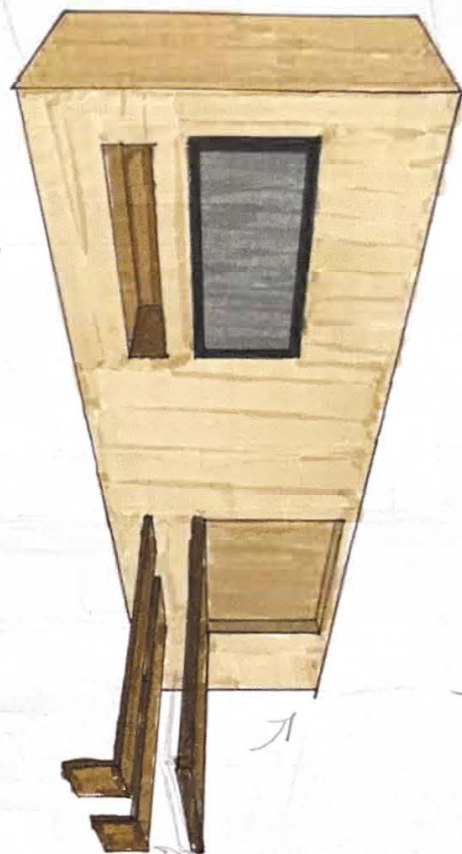
- escadas com patamares apertados (caso seja possível devido ao pouco espaço)
- televisão suspensa nas escadas
- cabos e ligações todas portas



(D)

1100 cm

2710 1300 cm

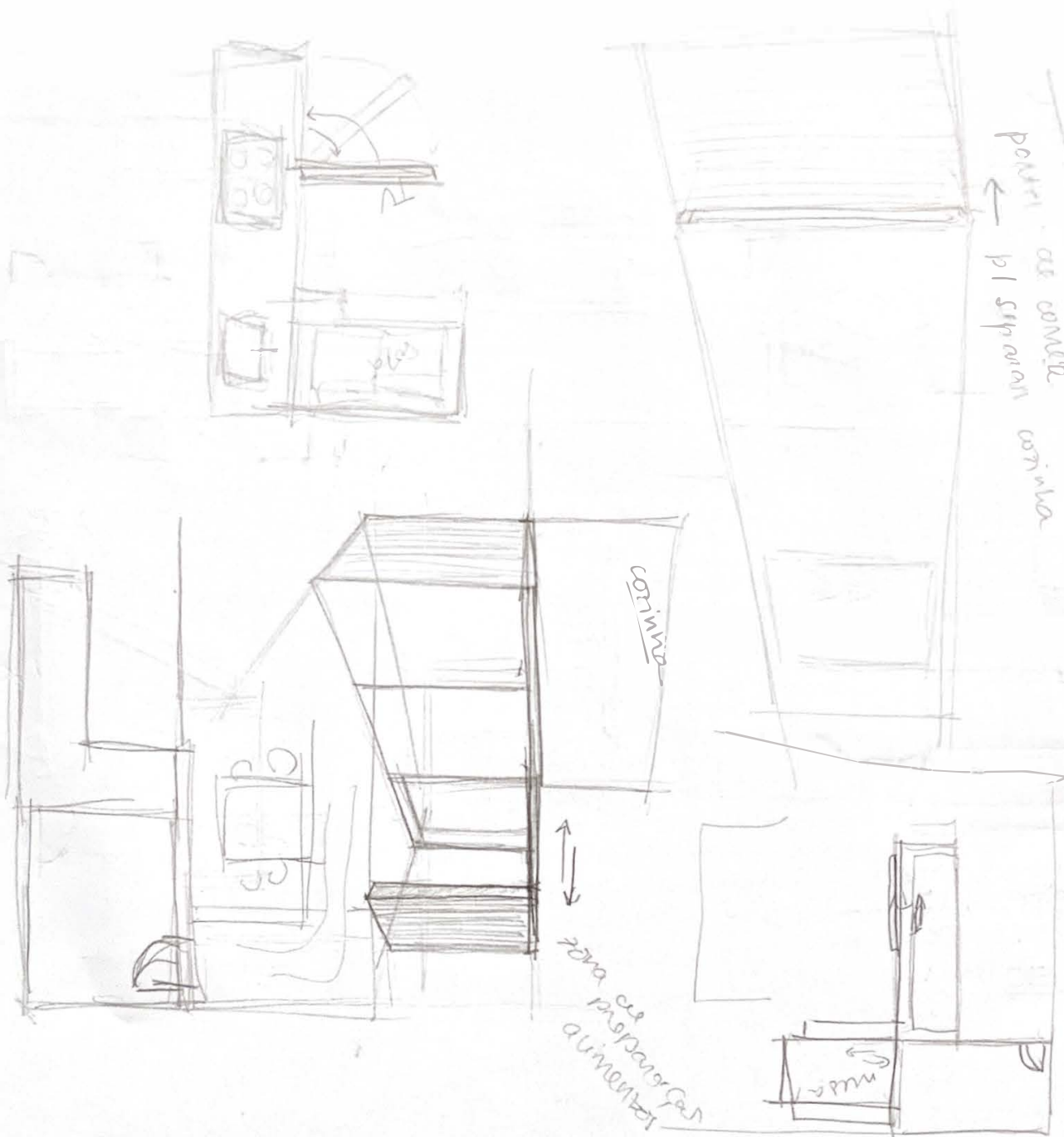


→ ponto de conexão
p/ separação cozinha

cozinha

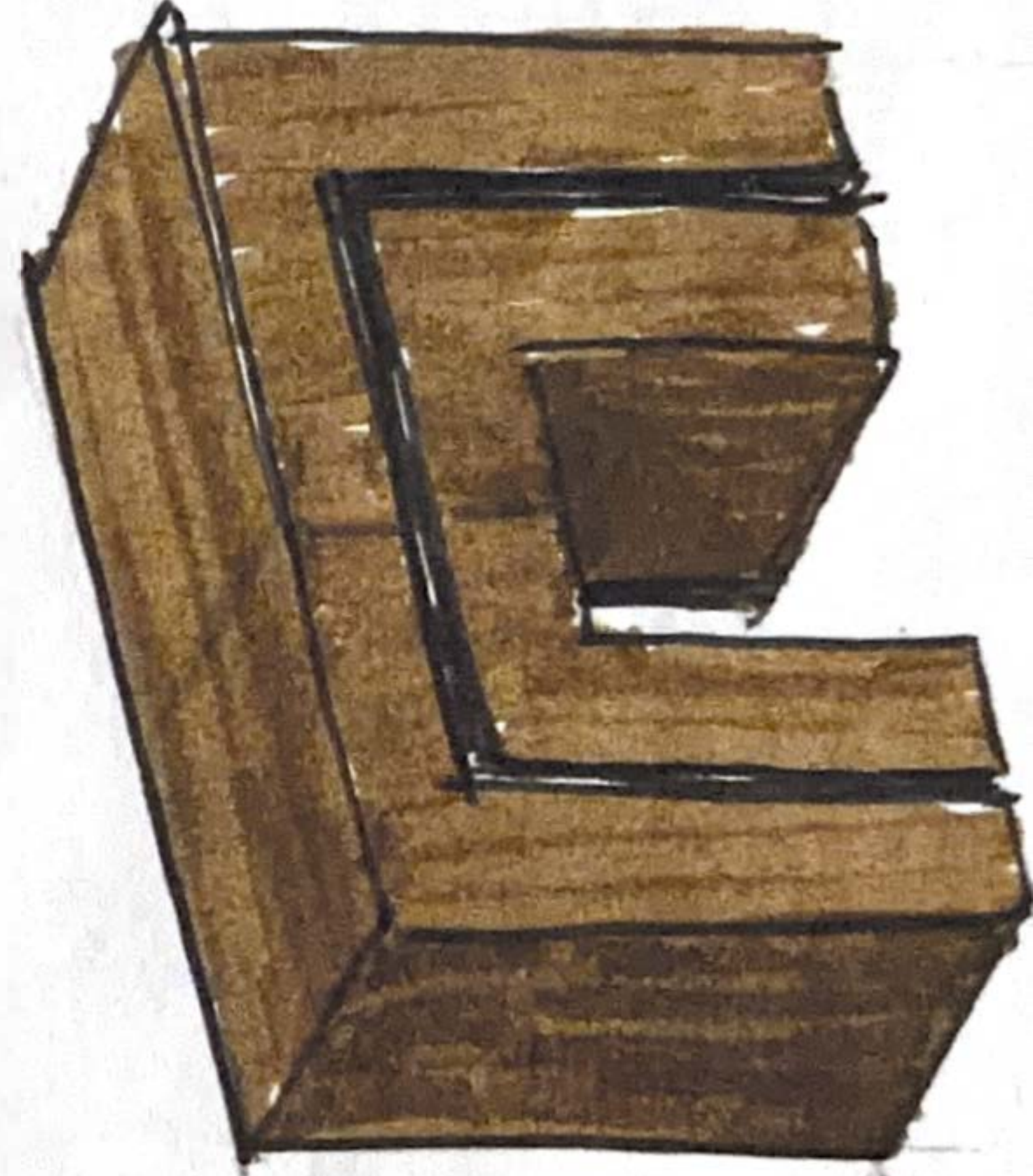
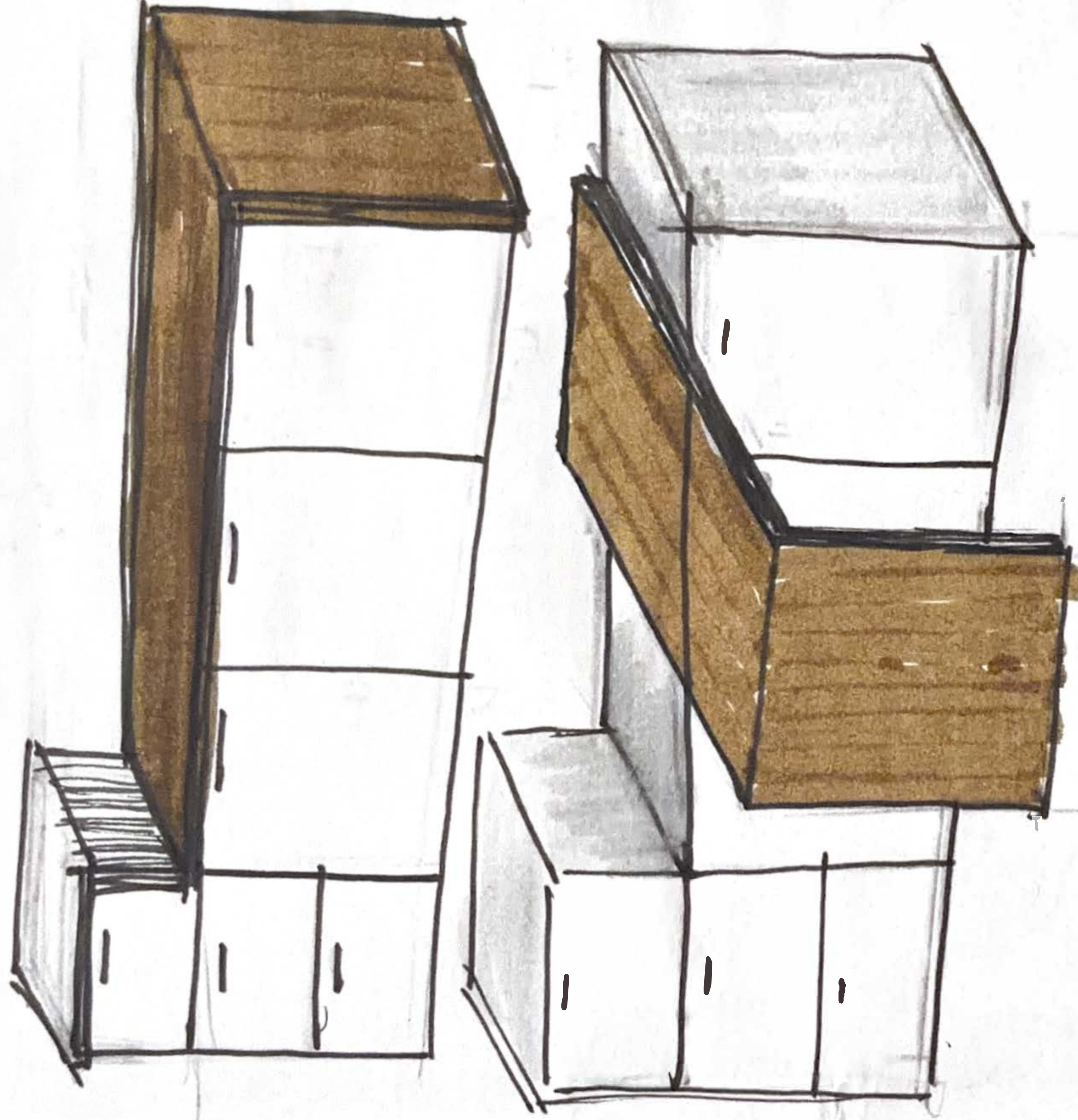
→ zona de preparação
alimentos

B



ESPACOS INTERIORES
MULTIFUNCIONAIS

continua



mesa
banco

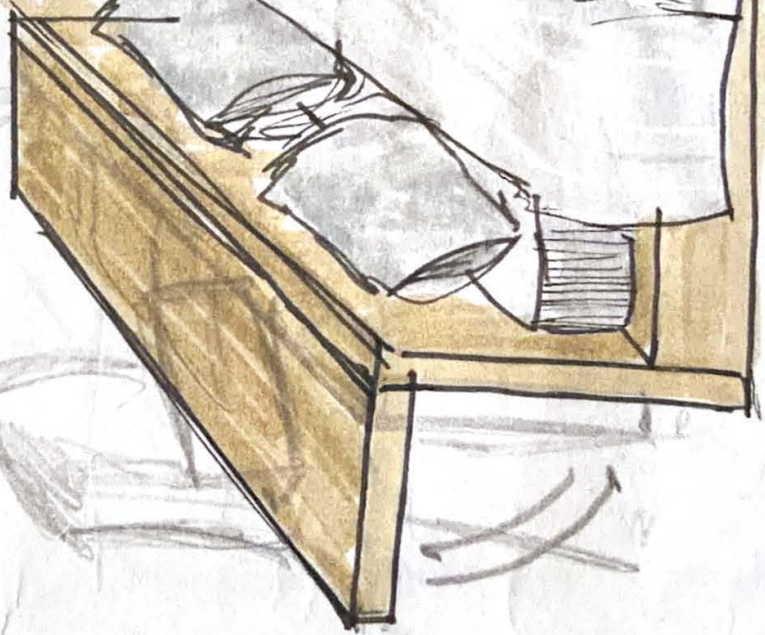
(D)

Carolina
acumulação
ideia 1 #



Portas de correr

cozinha + secretária



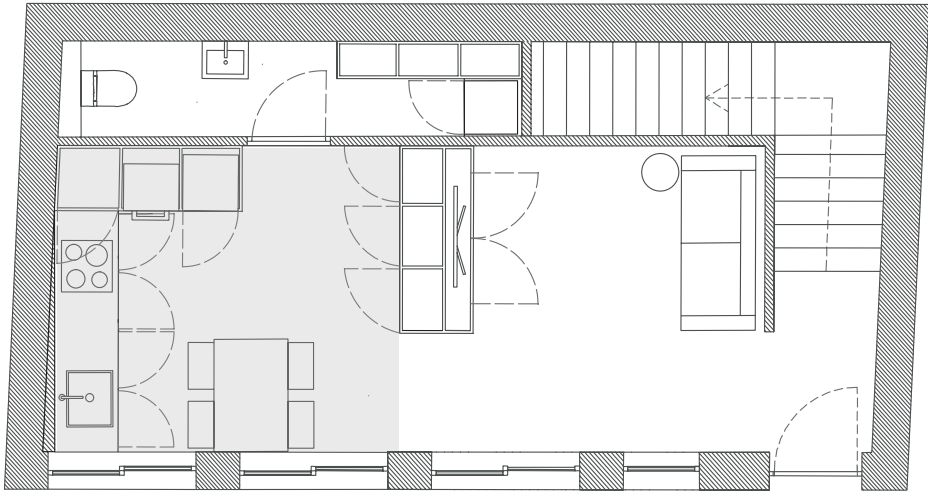
(D)

PROPOSTA 2 : PISO R/C

COZINHA

(E)

MODELAÇÃO 3D



Área cozinha: 12.46 m²



MATERIAIS

Piso cerâmico efeito madeira



Piso em azulejo efeito cimento



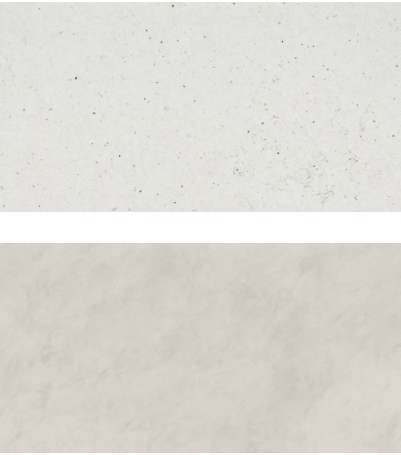
Revestimento cerâmico em azulejo



Portas, rodapés e mobília

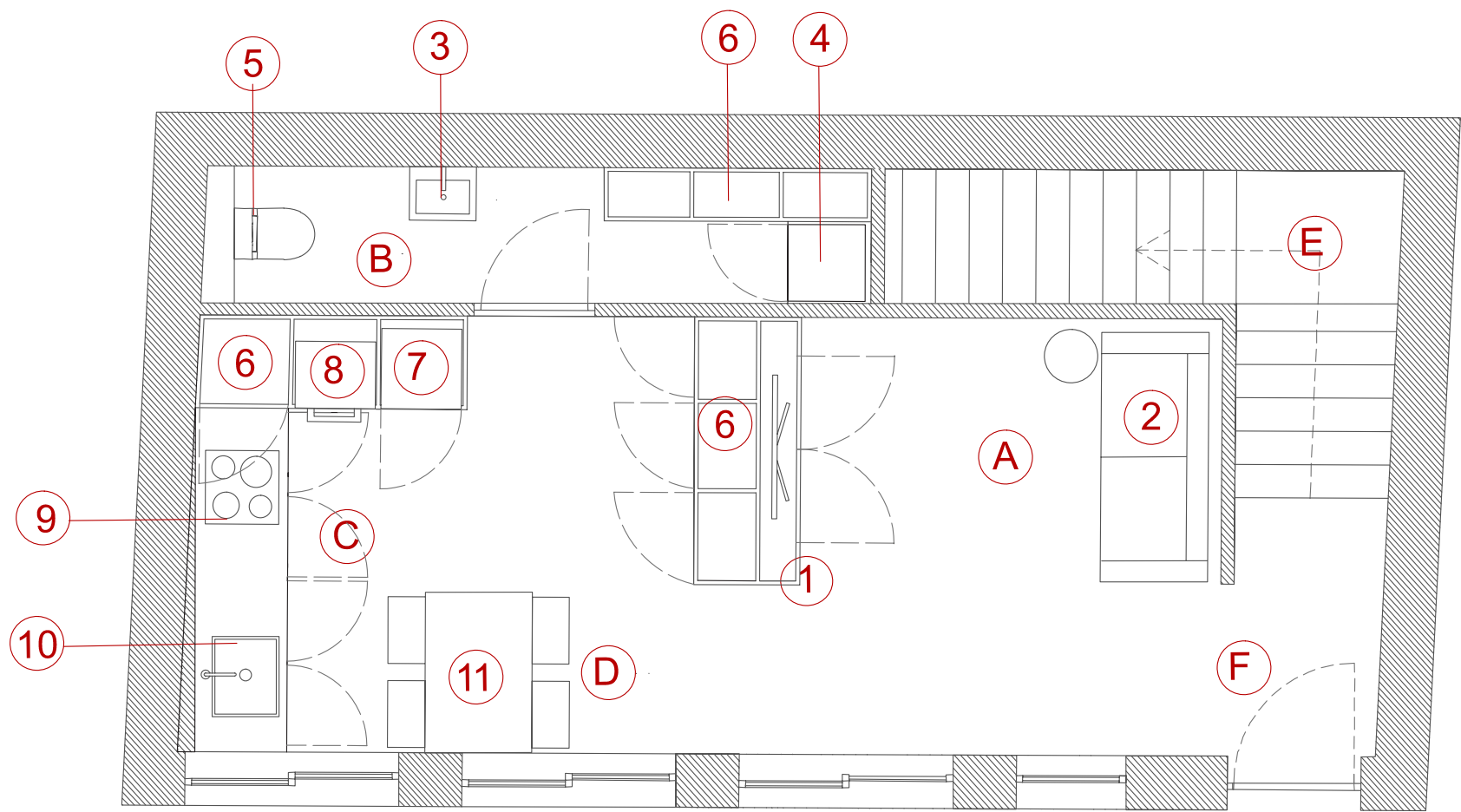


Bancada da cozinha



PROPOSTA 2 : PLANTA R/C

(E)



LEGENDA

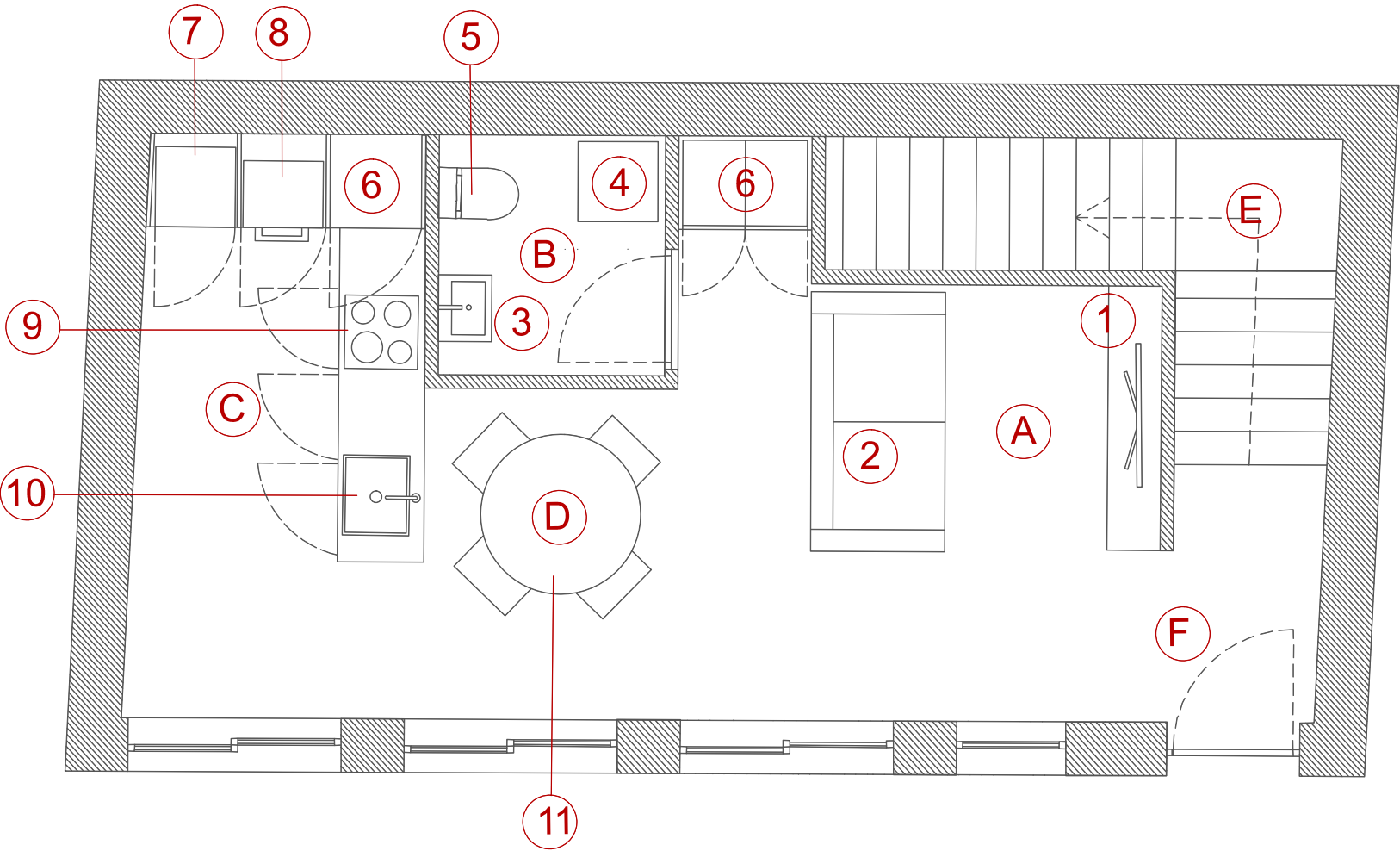
- A - Sala
- B - Wc serviço
- C - Cozinha
- D - Zona de refeição
- E - Escadas
- F - Hall de entrada

- 1 - Armário TV
- 2 - Sofá
- 3 - Lavatório wc
- 4 - Máquina L.R.
- 5 - Sanita
- 6 - Armário embutido
- 7 - Frigorífico
- 8 - Microondas + forno
- 9 - Placa fogão
- 10 - Pia cozinha
- 11 - Mesa de refeição

Localização: Lugar de Mexide, Freguesia de Meinedo, Concelho de Lousada	
02 PLANTA PISO R/C	ESCALA
Aluna: Carolina Ferreira	9 março 2024
Mestrado Design Integrado	ESTG - IPVC

PROPOSTA 1 : PLANTA R/C

(E)



LEGENDA

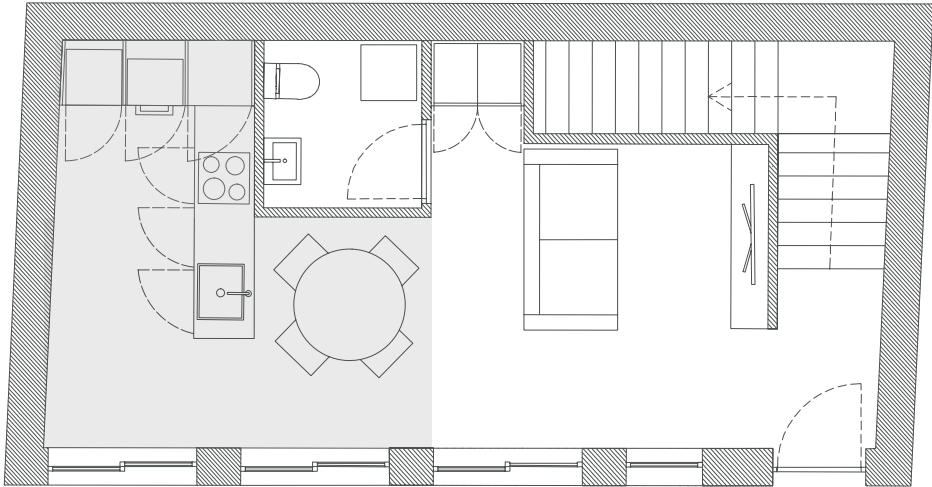
- A - Sala
 - B - Wc serviço
 - C - Cozinha
 - D - Zona de refeição
 - E - Escadas
 - F - Hall de entrada
-
- 1 - Armário TV
 - 2 - Sofá
 - 3 - Lavatório wc
 - 4 - Máquina L.R.
 - 5 - Sanita
 - 6 - Armário embutido
 - 7 - Frigorífico
 - 8 - Microondas + forno
 - 9 - Placa fogão
 - 10 - Pia cozinha
 - 11 - Mesa de refeição

Localização: Lugar de Mexide, Freguesia de Meinedo, Concelho de Lousada	
01 PLANTA PISO R/C	ESCALA
Aluna: Carolina Ferreira	9 março 2024
Mestrado Design Integrado	ESTG - IPVC

PROPOSTA 1: PISO R/C

COZINHA

(E)



Área cozinha: 14.32 m²

MODELAÇÃO 3D

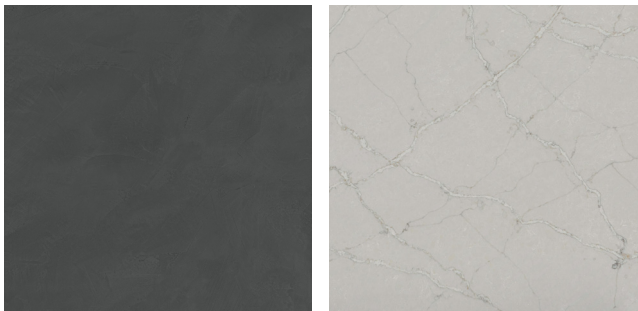


MATERIAIS

Soalho em madeira



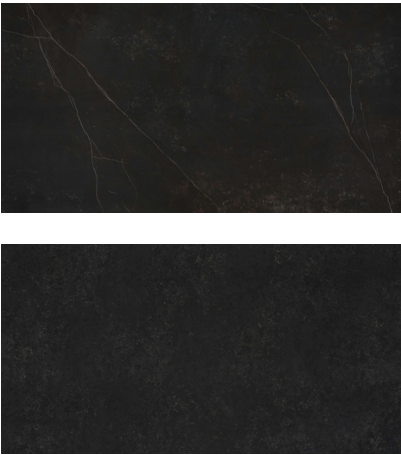
Revestimento cerâmico efeito mármore



Portas, rodapés e mobília embutida



Bancada da cozinha

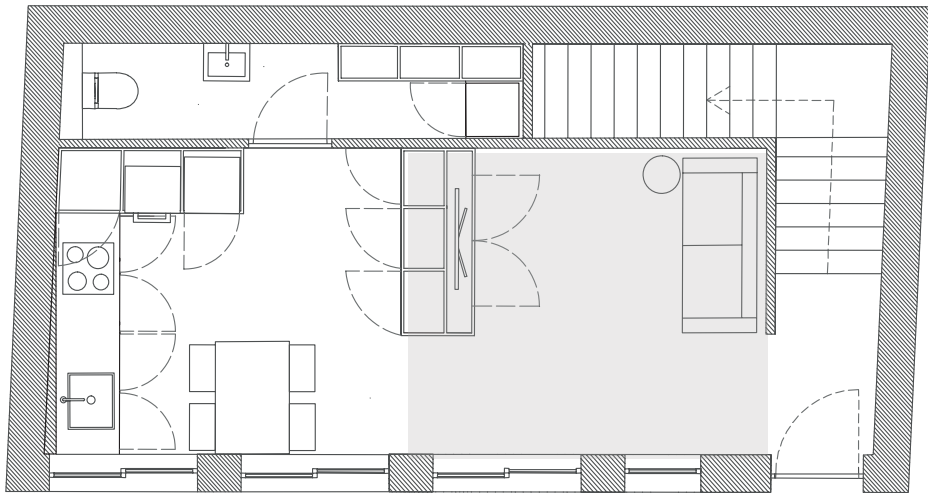


PROPOSTA 2 : PISO R/C

SALA

(E)

MODELAÇÃO 3D



Área sala: 13 m²



MATERIAIS

Piso cerâmico efeito madeira



Portas, rodapés e mobília



Revestimento paredes

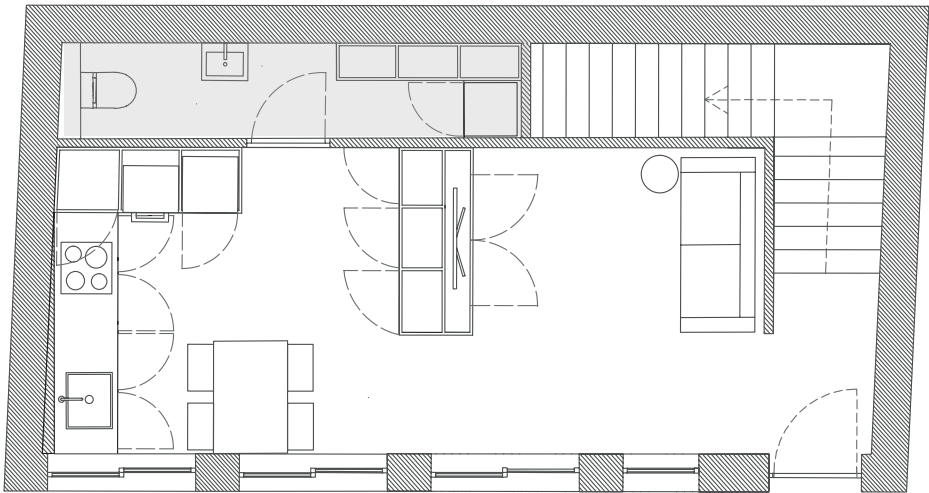


PROPOSTA 2 : PISO R/C

WC serviço

(E)

MODELAÇÃO 3D



Área wc: 5.07 m²



MATERIAIS

Pavimento cerâmico



Revestimento cerâmico



Revestimento paredes



Portas, rodapés e mobília

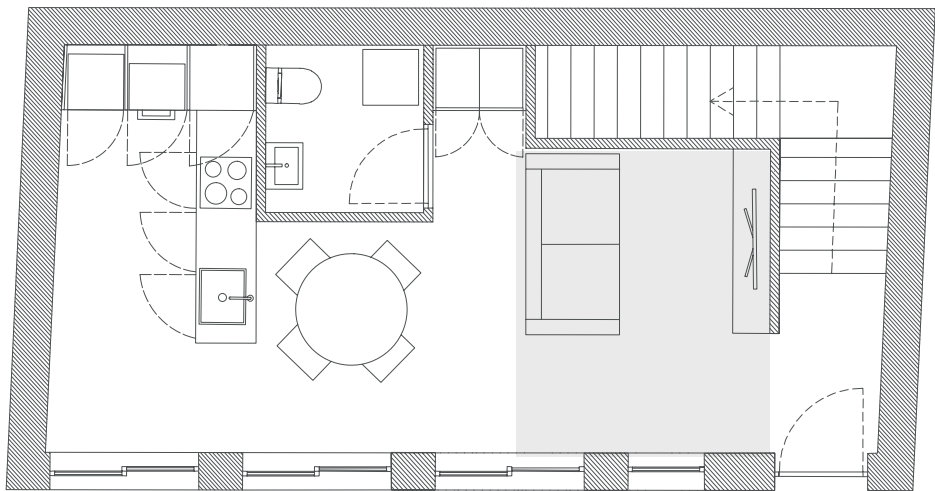


PROPOSTA 1 : PISO R/C

SALA

(E)

MODELAÇÃO 3D



Área sala: 8.64 m²



MATERIAIS

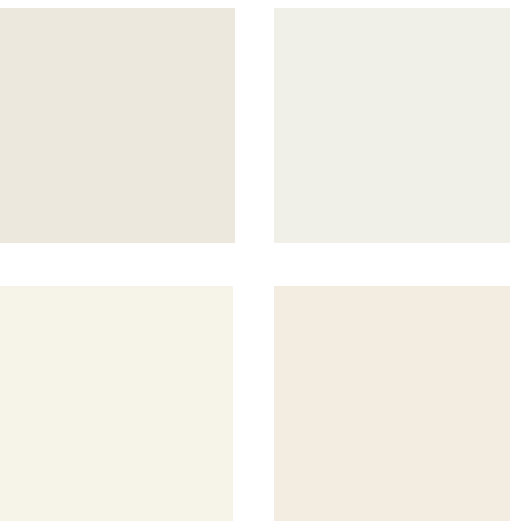
Soalho em madeira



Portas, rodapés e mobília



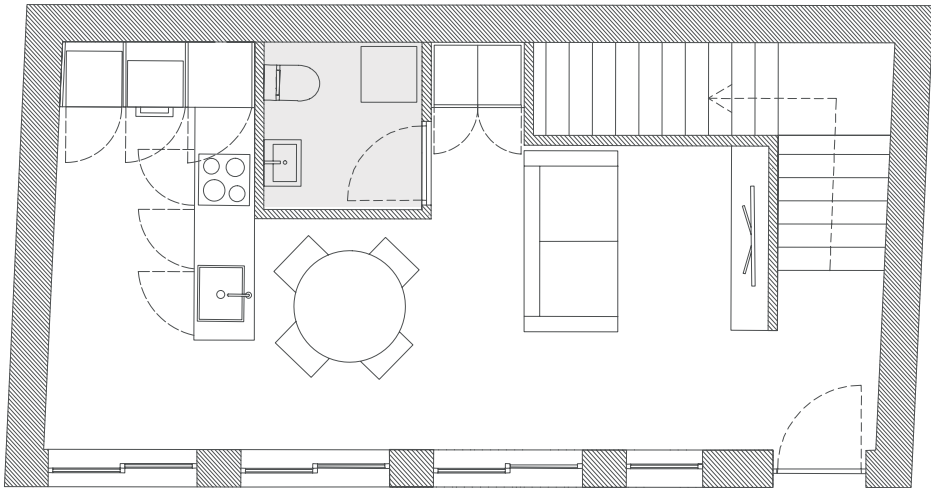
Revestimento paredes



PROPOSTA 1 : PISO R/C

WC serviço

(E)



Área wc: 3.06 m²

MODELAÇÃO 3D

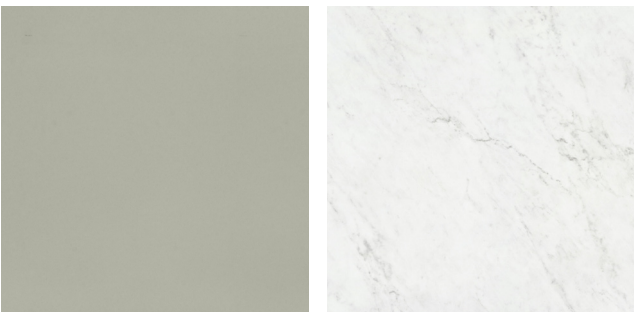


MATERIAIS

Pavimento cerâmico

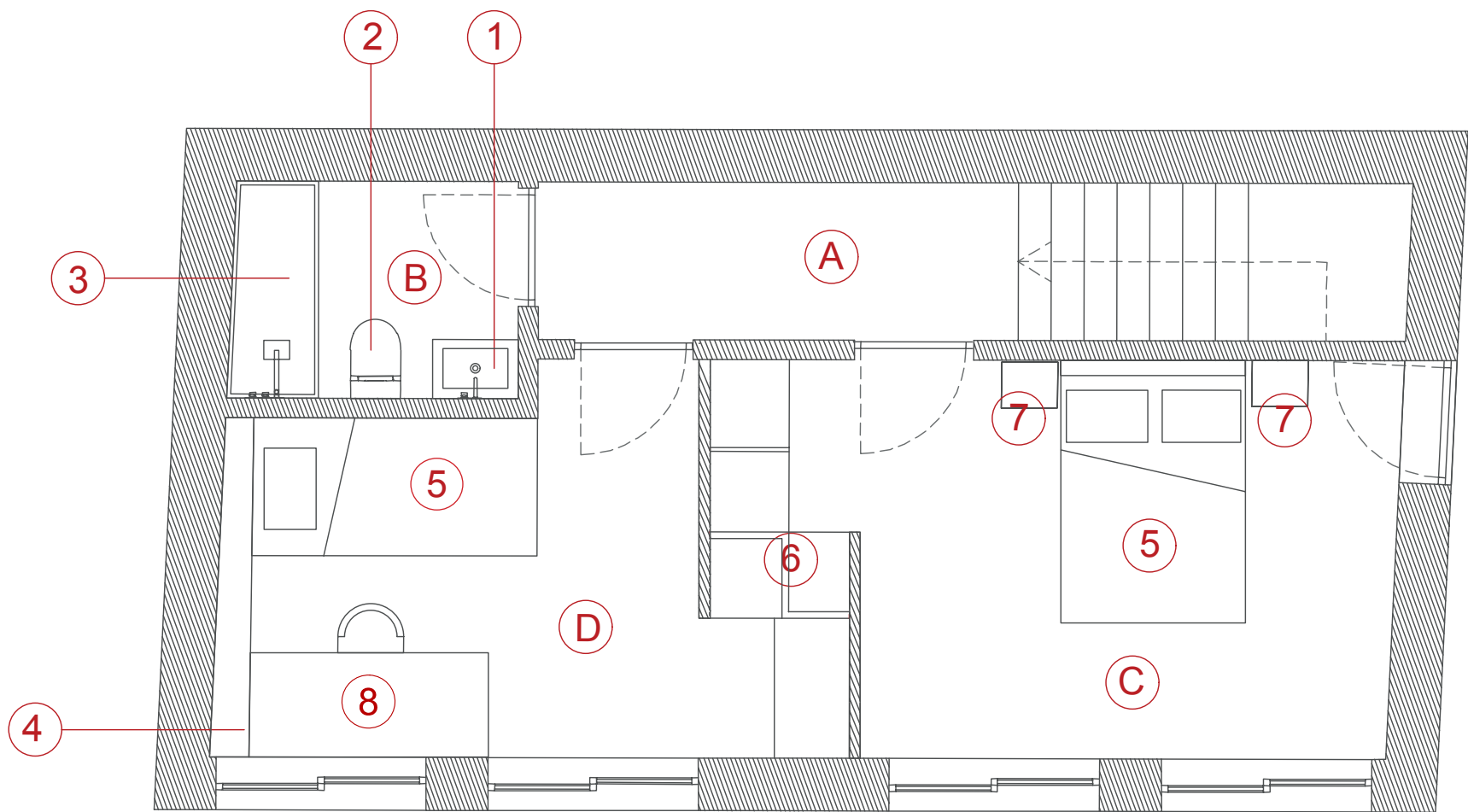


Revestimento cerâmico



Revestimento paredes

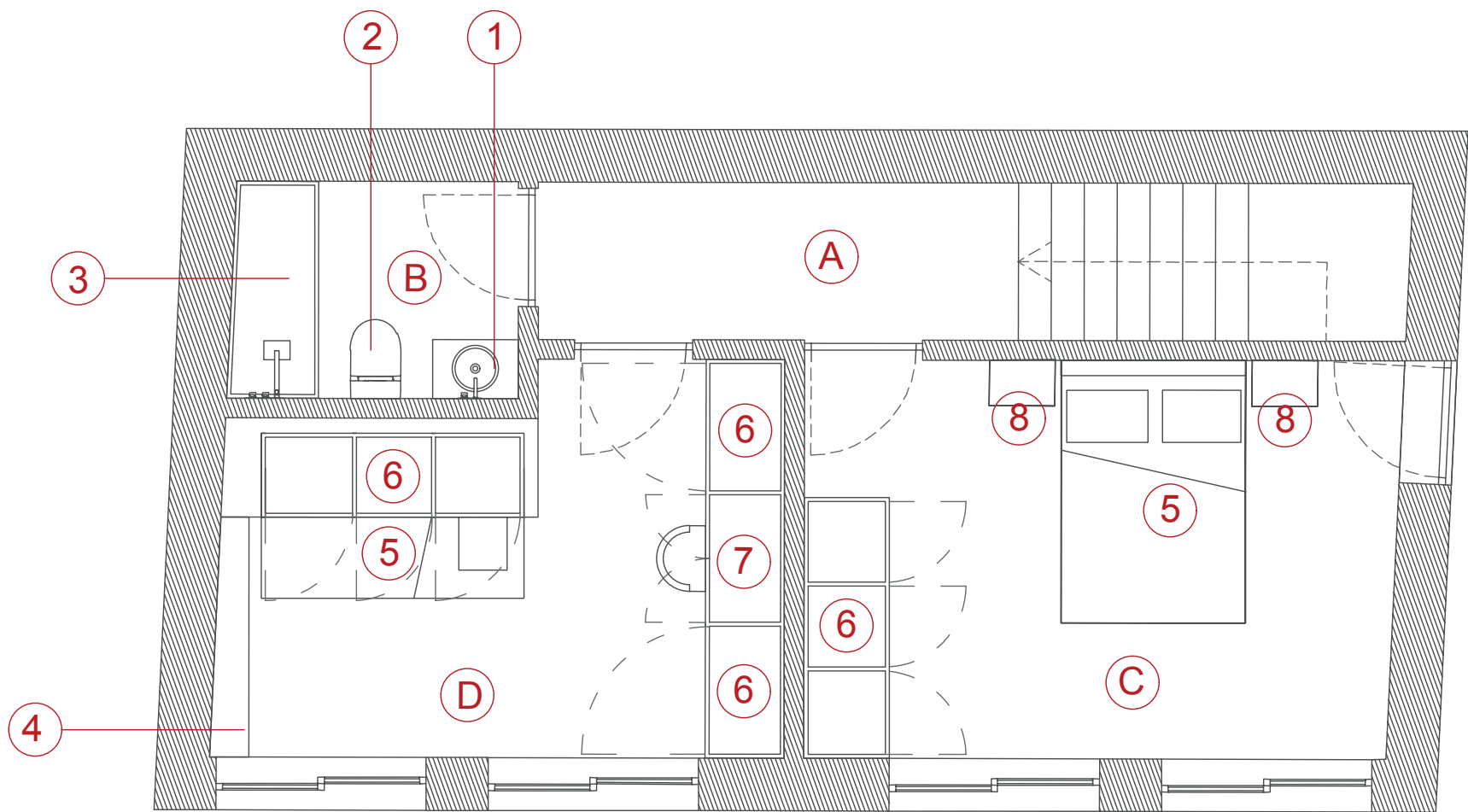




LEGENDA

- A - Hall/ corredor piso 1
 - B - Wc completa
 - C - Quarto principal
 - D - Quarto secundário
-
- 1 - Lavatório wc
 - 2 - Sanita
 - 3 - Base de chuveiro
 - 4 - Prateleira + cabeceira cama
 - 5 - Cama
 - 6 - Armário embutido
 - 7 - Mesa de cabeceira
 - 8 - Secretária

Localização: Lugar de Mexide, Freguesia de Meinedo, Concelho de Lousada	
02 PLANTA PISO 1	ESCALA
Aluna: Carolina Ferreira	9 março 2024
Mestrado Design Integrado	ESTG - IPVC



LEGENDA

- A - Hall/ corredor piso 1
- B - Wc completa
- C - Quarto principal
- D - Quarto secundário

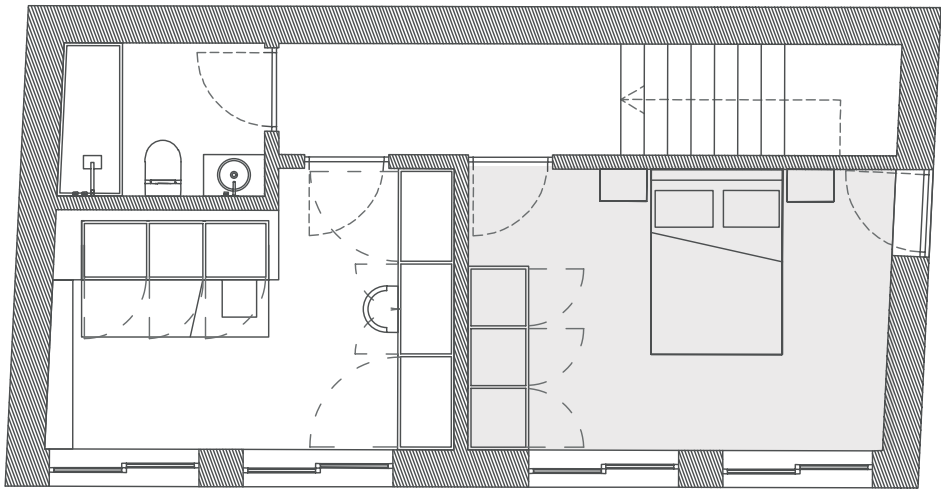
- 1 - Lavatório wc
- 2 - Sanita
- 3 - Base de chuveiro
- 4 - Prateleira
- 5 - Cama
- 6 - Armário embutido
- 7 - Secretária
- 8 - Mesa de cabeceira

Localização: Lugar de Mexide, Freguesia de Meinedo, Concelho de Lousada	
01 PLANTA PISO 1	ESCALA
Aluna: Carolina Ferreira	9 março 2024
Mestrado Design Integrado	ESTG - IPVC

PROPOSTA 1 : PISO 1

QUARTO PRINCIPAL

(E)



Área quarto principal: 13.65 m²

MODELAÇÃO 3D



MATERIAIS

Soalho em madeira



Portas, rodapés e mobília



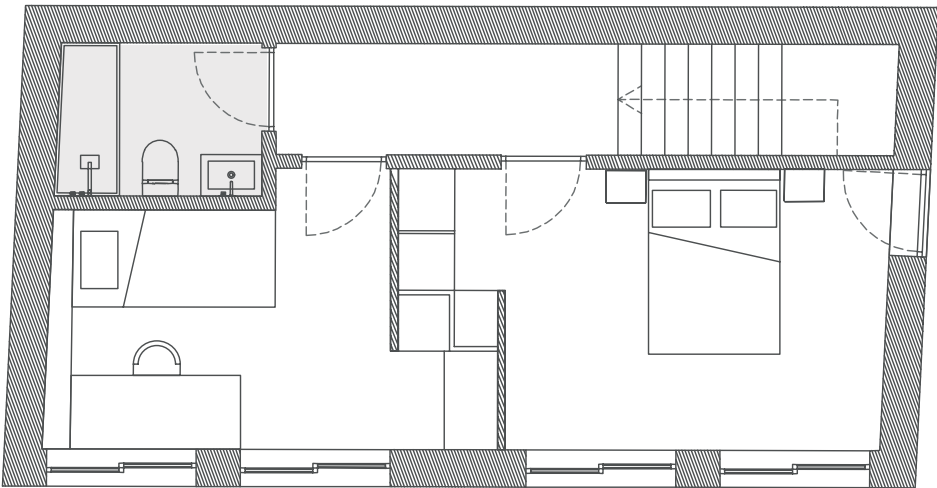
Revestimento paredes



PROPOSTA 1 e 2: PISO 1

CASA DE BANHO COMPLETA

(E)



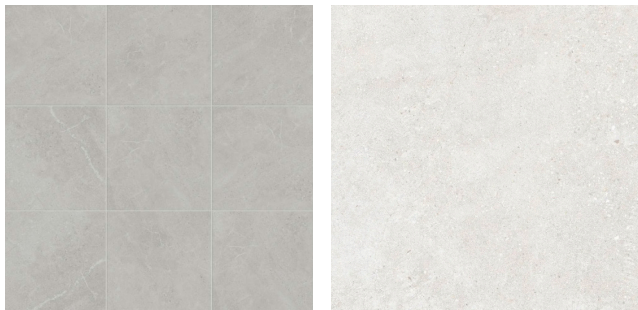
Área casa de banho: 3.61 m²

MODELAÇÃO 3D

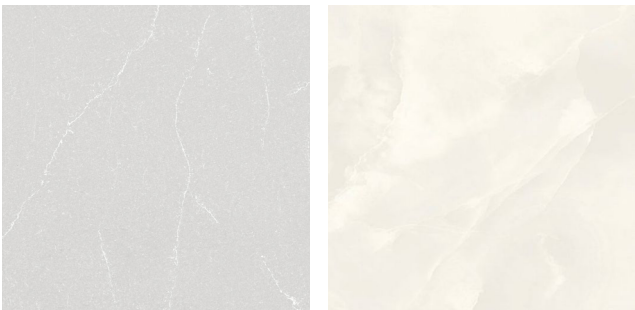


MATERIAIS

Pavimento cerâmico



Revestimento cerâmico



Revestimento paredes



Portas, rodapés e mobília

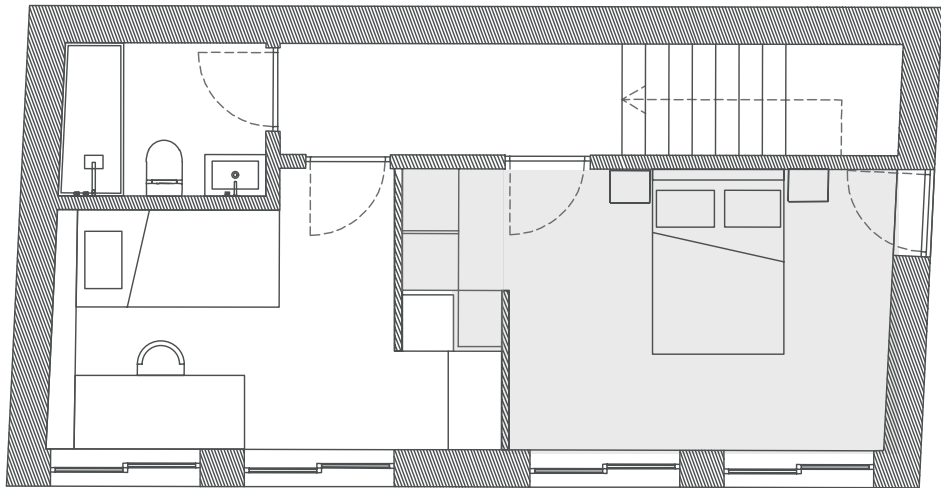


PROPOSTA 2 : PISO 1

QUARTO PRINCIPAL

(E)

MODELAÇÃO 3D



Área quarto principal: 13.85 m²



MATERIAIS

Revestimento paredes



Portas, rodapés e mobília



Soalho em madeira

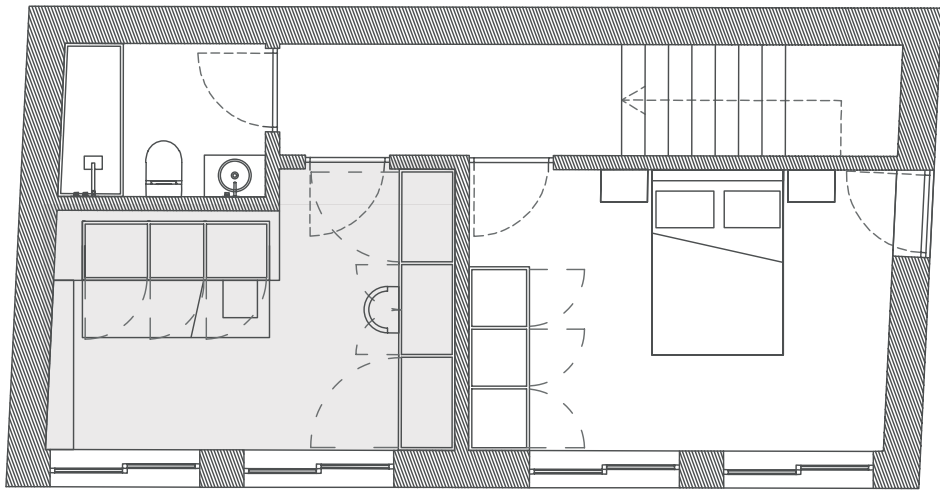


PROPOSTA 1 : PISO 1

QUARTO SECUNDÁRIO

(E)

MODELAÇÃO 3D



Área quarto secundário: 12 m²



MATERIAIS

Soalho em madeira



Portas, rodapés e mobília



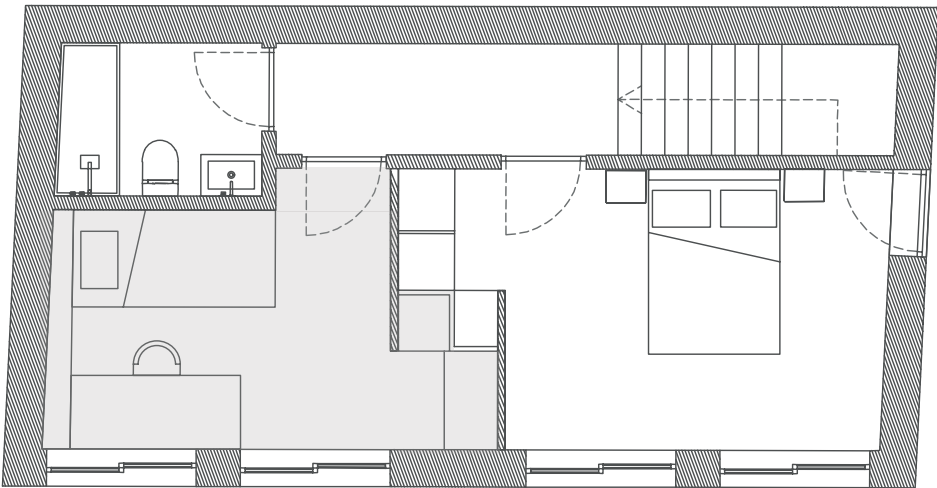
Revestimento paredes



PROPOSTA 2 : PISO 1

QUARTO SECUNDÁRIO

(E)



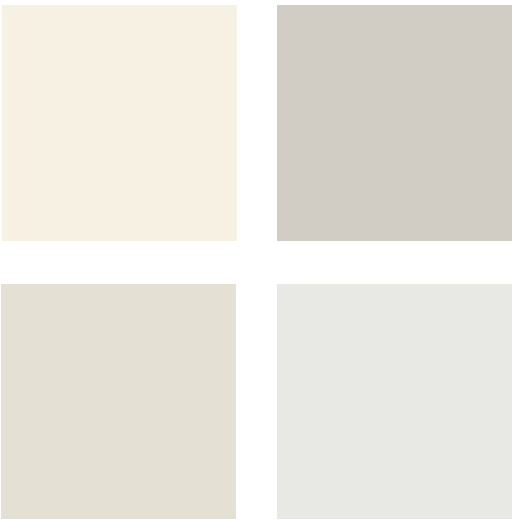
Área quarto secundário: 11.23 m²

MODELAÇÃO 3D



MATERIAIS

Revestimento paredes



Portas, rodapés e mobília



Soalho em madeira

